

UNIVERSIDADE DE LISBOA
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO



***MODALIDADES DE DIVULGAÇÃO DAS
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM CONTEXTOS DE
EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR***

Angela Maria Gomes Teles de Matos Cremon de Lemos

Volume II - APÊNDICES

(2 Volumes)

DOCTORAMENTO EM EDUCAÇÃO

Formação de Adultos

2014

UNIVERSIDADE DE LISBOA
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO



LISBOA

UNIVERSIDADE
DE LISBOA

***MODALIDADES DE DIVULGAÇÃO DAS
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM CONTEXTOS DE
EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR***

Angela Maria Gomes Teles de Matos Cremon de Lemos

Tese orientada pelo Prof. Doutor Rui Fernando Saraiva de Matos Canário
especialmente elaborada para a obtenção do grau de doutor em educação
(Formação de Adultos)

Volume II - APÊNDICES

Índice

Apêndice 1 - Instrumento de recolha de informação dos dados biográficos das equipas pedagógicas	1
Apêndice 2 - Instrumento de recolha de informação dos dados para a caracterização dos estabelecimentos educativos	7
Apêndice 3 - Caracterização dos estabelecimentos educativos.....	13
Apêndice 4 - Carta de solicitação de autorização da realização da investigação	21
Apêndice 5 - Cronologia de recolha da informação empírica.....	23
Apêndice 6 - Instrumento de anotação das notas descritivas da observação dos espaços.....	27
Apêndice 7 - Exemplo da observação dos espaços de divulgação: Identificação e descrição dos registos divulgados – Sala de atividades	31
Apêndice 8 - Exemplo da observação dos espaços de divulgação: Identificação e descrição dos registos divulgados - Espaços comuns	57
Apêndice 9 - Protocolos das entrevistas de explicitação.....	67
Apêndice 10 - Protocolos das entrevistas com caracter de maior profundidade.....	101
Apêndice 11 - Grelhas de análise de conteúdo das entrevistas.....	157
Apêndice 12 - Caracterização das equipas pedagógicas: educadoras de infância e assistentes operacionais	163
Apêndice 13 - Páginas constituintes dos <i>sites</i> dos AE A, B e C.....	175

Apêndice 1

**Instrumento de recolha de informação dos dados biográficos das
equipas pedagógicas**

Doutoramento em Educação

Angela Lemos

EDUCADORA DE INFÂNCIA

1. Estabelecimento
(identificação fictícia)

2. Sala
(identificação fictícia)

3. Nome

(fictício, escolhido pelo entrevistado)

4. Idade

Anos

5. Habilitações Académicas/Profissionais

Bacharelato

Área

Licenciatura

Área

DESE

Área

Complemento de Formação

Área

Qualificação para outras
funções

Área

Mestrado

Área

Doutoramento

Área

Outra(s)

Área (s)

a. Outras qualificações relevantes para a função educativa

b. Outra formação / habilitações certificadas

6. Tempo de serviço

a. Anos de serviço

Anos

b. Anos de serviço no estabelecimento

Anos

c. Tempo de trabalho com crianças entre os 3 e os 6 anos por sector

Público Anos

Privado sem fins lucrativos Anos

Privado lucrativo Anos

d. Outra experiência relevante com crianças

e. Funções que desempenha neste estabelecimento

7. Horários

a. Componente letiva

Período da manhã

Período da tarde

b. Componente não letiva

Sim

Não

Horas

b.1. Como é utilizada

c. Componente de apoio à família

OBSERVAÇÕES

RECOLHA DA INFORMAÇÃO

Data

-

-

2011

TÉCNICAS UTILIZADAS

Entrevista

Local

Análise documental

Tipo de documentos

Outra(s)

PESSOAL AUXILIAR

1. Estabelecimento
(identificação fictícia)

2. Sala
(identificação fictícia)

3. Nome
(fictício, escolhido pelo entrevistado)

4. Categoria Profissional

5. Idade

Anos

6. Habilitações Académicas

° Ano

a. Outras habilitações académicas

a. Formação profissional para exercer a função que desempenha

b. Outra formação / habilitações certificadas

7. Tempo de serviço

a. Anos de serviço

Anos

b. Anos de serviço no estabelecimento

Anos

c. Tempo de trabalho com crianças entre os 3 e os 6 anos por sector

Público Anos

**Privado sem fins
lucrativos** Anos

Privado lucrativo Anos

d. Outra experiencia relevante com crianças

e. Observações

RECOLHA DA INFORMAÇÃO

Data - - 2011

TÉCNICAS UTILIZADAS

Entrevista Local

Análise documental

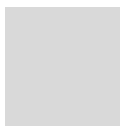
Tipo de documentos

Outra(s)

Apêndice 2

Instrumento de recolha de informação dos dados para a caracterização dos estabelecimentos educativos

CARACTERIZAÇÃO DO ESTABELECIMENTO EDUCATIVO

1. Instituição (identificação fictícia)			
2. Estabelecimento (identificação fictícia)			
a. Concelho			
b. Distrito			
3. Tipo de estabelecimento			
Público		Privado sem fins lucrativos	
Privado lucrativo			
Outro			
4. Áreas de atendimento			
Creche		Jardim-de-infância	
CATL			
Outra(s)			
5. Tipo de instalações			
Construção de raiz		Edifício adaptado	
EBI (Escola Básica Integrada)		Edifício integrado em escola do 1º ciclo	

Outra(s)

6. Únicos locatários

Sim

Não

Se não, porque

7. Condições do estabelecimento

Sala/ Gabinete de atendimento

Sala de educadoras/es - professores

Biblioteca/ludoteca/ centro de recursos

Outra(s)

	Secretaria/recepção	
	Placares de informação/ divulgação institucional	
	Sala destinada aos pais e/ou à comunidade	

8. Estado de conservação

a. Equipamento

Degradado, a precisar de ser substituído

Usado, mas em bom estado

Recente, em muito bom estado

Outro

b. Material didático

Degradado, a precisar de ser substituído

Usado, mas em bom estado

Recente, em muito bom estado

Outro

c. Placares de divulgação institucional

Sim

Não

Degradado, a precisar de ser substituído

Usado, mas em bom estado

Recente, em muito bom estado

Outro

9. Horários

a. Horário de abertura

b. Horário de encerramento

c. Componente letiva

Período da manhã

Período da tarde

d. Duração da componente não letiva

e. Componente de apoio à família

Período da manhã

Período de almoço

Período da tarde

f. Atividades extracurriculares

10. Número de crianças que frequentam o estabelecimento

Crianças (Total)

a. Crianças - Jardim-de-infância

b. Outras valências

11. Número de salas d estabelecimento

Salas (Total)

a. Salas - Jardim-de-infância

b. Capacidade máxima de cada sala de Jardim-de-infância

c. Organização dos grupos de crianças na valência de Jardim-de-infância

Grupos homogéneos

Grupos heterogéneos

d. Outras salas

12. Funcionários do estabelecimento

Total

a. Educadores de infância (por sala)

b. Pessoal auxiliar (por sala)

c. Profissionais de apoio (por sala)

d. Outro pessoal (por sala)

13. Divulgação da informação institucional

(DESCRIÇÃO - pode incluir-se fotografias e outros registos)

14. NOTAS

RECOLHA DA INFORMAÇÃO

Data - - 2011

TÉCNICAS UTILIZADAS

Entrevista

Local

Análise documental

Tipo de documentos

Outra(s)

Apêndice 3

Caracterização dos estabelecimentos educativos

Agrupamento de Escolas A	AE A
Agrupamento de Escolas B	AE B
Agrupamento de Escolas C	AE C
Estabelecimento do Agrupamento de Escolas A	EB1/JI AE A
Estabelecimento do Agrupamento de Escolas B	EB1/JI AE B
Estabelecimento do Agrupamento de Escolas C	EB1/JI AE C
Distrito - Concelho	EB1/JI AE A e B Setúbal - Setúbal EB1/JI AE C Setúbal - Moita
Rede	EB1/JI AE A, B e C Pública
Áreas de atendimento	EB1/JI AE A Jardim de Infância (2 salas); 1º Ciclo do Ensino Básico (2 salas) EB1/JI AE B Jardim de Infância (3 salas); 1º Ciclo do Ensino Básico (6 salas) EB1/JI AE C Jardim de Infância (2 salas); 1º Ciclo do Ensino Básico (7 salas)
Salas observadas	EB1/JI AE A Sala 1 Sala 2 EB1/JI AE B Sala 3 Sala 4 EB1/JI AE C Sala 5
Tipo de instalações	EB1/JI AE A e C Construção de raiz – Edifício de um piso – o espaço do JI é independente do espaço do 1º ciclo EB1/JI AE B Construção de raiz – Edifício de um piso – o espaço do JI é independente do espaço do 1º ciclo sendo que funciona dentro do mesmo edifício

Locatários	EB1/JI AE A JI Escola 1º CEB Espaço polivalente: as crianças do 1º CEB utilizam o espaço do JI na hora de almoço /refeitório e no desenvolvimento de atividades diversificadas
	EB1/JI AE B JI Escola 1º CEB Espaços comuns são partilhados pelas duas valências: Refeitório; Ginásio, Biblioteca e Espaço Exterior
	EB1/JI AE C JI Escola 1º CEB Espaços comuns são partilhados pelas duas valências: Refeitório/Ginásio, Biblioteca, Sala de Computadores e Espaço Exterior
Condições do estabelecimento	EB1/JI AE A Gabinete de atendimento/Sala de educadoras; Placares de exposição/divulgação institucional; Espaço polivalente, Refeitório (Jardim de Infância e 1º Ciclo); Cozinha; 2 Salas de atividades JI; 2 salas de 1º CEB; Recreio; WC
	EB1/JI AE B Receção/portaria; Gabinete de atendimento/Sala de educadoras (também é utilizado para o desenvolvimento de atividades de apoio); Gabinete da coordenação de estabelecimento (Placares de exposição/divulgação institucional (junto ao portão da entrada do estabelecimento); Refeitório; Ginásio, Biblioteca, Espaço Exterior; Cozinha; 3 Salas de JI; 6 salas de 1º CEB; Wc
	EB1/JI AE C Gabinete de atendimento/Sala de educadoras; Gabinete da coordenação de estabelecimento; Placares de exposição/divulgação institucional (junto ao portão da entrada do estabelecimento); Refeitório/ Ginásio, Biblioteca; Sala de Computadores; Espaço Exterior; Cozinha; 2 Salas de JI; 7 salas de 1º CEB; Wc
Estado de conservação	
. Equipamento	EB1/JI AE A Degradado, a precisar de ser substituído
	EB1/JI AE B e C Usado, mas em bom estado

. Material didático	<p>EB1/JI AE A</p> <p>Degradado, a precisar de ser substituído</p> <p>EB1/JI AE B</p> <p>Usado e Recente, mas em bom estado</p> <p>A equipa tem feito uma gestão equilibrada do material, conseguindo que o agrupamento invista nesta área</p> <p>EB1/JI AE C</p> <p>Usado, mas em bom estado</p>
. Placares de divulgação institucional	<p>EB1/JI AE A</p> <p>Usado, mas em bom estado</p> <p>Portão de entrada e Polivalente - informação institucional (regulamentos, informações gerais, ...)</p> <p>EB1/JI AE B</p> <p>Usado, mas em bom estado</p> <p>Existem dois placares:</p> <p>Sala dos professores: são divulgados todos os documentos de divulgação institucional</p> <p>Receção/portaria - informação institucional (regulamentos, preçários, informações gerais, ...)</p> <p>A divulgação institucional às famílias é feita, na generalidade, por meio de fotocópias enviadas individualmente pelas crianças</p> <p>EB1/JI AE C</p> <p>Usado, mas em bom estado</p> <p>Existem dois placares:</p> <p>Sala dos professores: são divulgados todos os documentos de divulgação institucional</p> <p>Receção/portaria - informação institucional (regulamentos, preçários, informações gerais, ...)</p>

Horários

. Hora de abertura	<p>EB1/JI AE A</p> <p>8.30 Horas</p> <p>EB1/JI AE B</p> <p>8.15 Horas</p> <p>EB1/JI AE C</p> <p>9.00 (8.00 Horas - apenas para o 1º ciclo)</p>
. Hora de encerramento	<p>EB1/JI AE A e C</p> <p>18.30 Horas</p> <p>EB1/JI AE B</p> <p>18.30 Horas (18.30 às 19.00 limpeza dos espaços)</p>

. Componente letiva	<p>EB1/JI AE A e C</p> <p>Período da manhã 9.00 Horas – 12.00 Horas Período da tarde 13.00 Horas – 15.00 Horas</p> <p>EB1/JI AE B</p> <p>Período da manhã 9.00 Horas – 12.00 Horas Período da tarde 13.30 Horas – 15.30 Horas</p>
Duração da componente não-letiva	<p>EB1/JI AE A, B e C</p> <p>2 Horas/semanais</p> <p>No JI AE B uma das educadoras está dispensada de assegurar a componente não letiva devido ao facto de exercer funções de coordenação do departamento de Pré-Escolar no agrupamento</p>
. Componente de apoio à família (CAF)	<p>EB1/JI AE A</p> <p>Período da manhã 8.30 Horas – 9.00 Horas Almoço 12.00 Horas – 13.00 Horas Período da tarde 15.00 Horas – 18.30 Horas</p> <p>EB1/JI AE B</p> <p>Período da manhã 8.15 Horas – 9.00 Horas Almoço 12.00 Horas – 13.30 Horas</p> <p>Período da tarde 15.30 Horas – 18.30 Horas</p> <p>EB1/JI AE C</p> <p>Não existe porque as crianças ficam com as famílias após as 15:30</p>
. Atividades extracurriculares	<p>EB1/JI AE A</p> <p>Atividades de enriquecimento curricular Música e Expressão motora</p>
Número de crianças que frequentam o estabelecimento / Número de sala	<p>EB1/JI AE A</p> <p>130 Crianças - 6 Grupos Jardim-de-infância – 50 Crianças – 2 Salas</p> <p>1º Ciclo do ensino básico – 80 Crianças – 2 Salas (regime duplo, 4 turmas)</p> <p>EB1/JI AE B</p> <p>335 Crianças – 15 Grupos Jardim-de-infância – 65 Crianças – 3 Salas</p> <p>1º Ciclo do ensino básico – 270 Crianças – 6 Salas a funcionar em regime duplo (12 Turmas)</p> <p>EB1/JI AE C</p> <p>400 Crianças – 16 Grupos</p> <p>Jardim-de-infância – 42 Crianças – 2 Salas</p> <p>1º Ciclo do ensino básico – 358 Crianças – 7 Salas a funcionar em regime duplo (14 Turmas)</p>

Valência de jardim-de-infância

. Capacidade máxima de cada sala	EB1/JI AE A, B e C 25 Crianças
. Organização dos grupos de crianças	EB1/JI AE A e B Grupos heterogéneos (5 e 6 anos) EB1/JI AE C Grupos heterogéneos (4, 5 e 6 anos)
. Educadores de infância	EB1/JI AE A, B e C 1 Educadora de infância por sala
. Pessoal auxiliar	EB1/JI AE A 1 Assistente Operacional por sala (no ano letivo 2010/11 estava ausente por licença de maternidade - os dados foram recolhidos apenas no início do ano letivo 2011/12 a 3.11.2011) 2 Assistentes Operacionais para a Componente de Apoio à Família EB1/JI AE B 1 Assistente Operacional por sala 3 Assistentes Operacionais CAF (componente de apoio à família) - uma está com atestado médico pelo que não se encontra a desempenhar as suas funções EB1/JI AE C 1 Assistente Operacional por sala
. Profissionais de apoio	EB1/JI AE A Professor expressão musical Professor expressão motora EB1/JI AE B 1 Docente de educação especial 1 Docente de educação especial – psicomotricidade 1 Terapeuta da fala EB1/JI AE C 2 Docentes de educação especial
. Outros profissionais	EB1/JI AE A 2 Cozinheiras EB1/JI AE B e C -----

Data de recolha da informação	<p>EB1/JI AE A 22 de Março de 2011</p> <p>EB1/JI AE B 29 de Março de 2011</p> <p>EB1/JI AE C 22 de Abril de 2011</p>
Técnica de recolha da informação	<p>EB1/JI AE A Entrevista a uma das educadoras de infância – coordenadora de departamento do Pré-Escolar (mediante o preenchimento da ficha de caracterização do estabelecimento) Local: Polivalente Observação – período da manhã Fotografias</p> <p>EB1/JI AE B Entrevista a uma das educadoras de infância – coordenadora de departamento do Pré-Escolar (mediante o preenchimento da ficha de caracterização do estabelecimento) Local: Sala CAF Observação – período da manhã Fotografias</p> <p>EB1/JI AE C Entrevista à educadora de infância que colabora no estudo Local: Sala de Atividades Observação – período da manhã e tarde Fotografias</p>
Duração	<p>EB1/JI AE A 45 min (entrevista) 1h 15 min (observação)</p> <p>EB1/JI AE B 1 h (entrevista) 1h 30 min (observação)</p> <p>EB1/JI AE C 45 min (entrevista) 1h 05 min (visita/observação)</p>

Apêndice 4

Carta de solicitação de autorização da realização da investigação

Exm^o/^a Senhor(a)

Diretor(a) do Agrupamento de Escolas

Setúbal, [redacted] de [redacted] de 2011

No âmbito da frequência do Curso de Doutoramento, na Área da Educação, Especialidade de Formação de Adultos, ministrado na Universidade de Lisboa, pelo Instituto de Educação, pretendo desenvolver uma investigação sobre os processos de divulgação das práticas pedagógicas das educadoras de infância a exercerem a sua atividade em contextos de educação pré-escolar.

O meu interesse por esta temática deve-se ao facto da minha formação inicial, como Educadora de Infância, e da minha atividade profissional, Professora Ajunta Equiparada na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal, estar intimamente ligada à Educação de Infância.

Por ter consciência que a instituição a que V. Exa. preside se pauta pelos princípios da reflexão e da análise crítica dos processos pedagógicos, venho solicitar autorização para o desenvolvimento de recolha de informação junto das educadoras de infância que exercem funções na Vossa instituição na valência de jardim-de-infância. Esta autorização não invalida, de modo algum, o consentimento por parte dessas educadoras em participar no estudo.

A recolha de dados será centrada na recolha de informação de caracterização da instituição, dos espaços onde se desenvolvem as atividades dinamizadas e do quadro de pessoal a exercer funções na valência de jardim-de-infância. Recorrerei a notas de campo e ao registo fotográfico dos espaços. É garantido o anonimato da instituição e de todo o pessoal, pelo que nos registos fotográficos não se incluirão as pessoas, podendo para tal, se assim o entender, assinar uma declaração de compromisso.

Com os melhores cumprimentos,

Angela Cremon de Lemos

Apêndice 5

Cronologia de recolha da informação empírica

		Código atribuído	CRONOLOGIA DE RECOLHA DA INFORMAÇÃO EMPÍRICA				
			Agrupamento de Escolas A		Agrupamento de Escolas B		Agrupamento de Escolas C
			SALA 1	SALA 2	SALA 3	SALA 4	SALA 5
ANO LETIVO 2010-11	Caracterização do estabelecimento	C1	22.03.2011 - 2h		29.03.2011 - 2h 30min		22.04.2011 - 1h 50min
	Dados biográficos da educadora de infância	C2	EI Anita 22.03.2011 - 30min	EI Inês 22.03.2011 - 30min	EI Sara 01.04.2011 - 30min	EI Catarina 29.03.2011 - 35min	EI Cristina 22.04.2011 - 45min
	Dados biográficos do pessoal auxiliar	C3	<u>Nota:</u> A AO estava de licença de maternidade	AO Aurora 22.03.2011 - 25min	AO Marinela 01.04.2011 - 15min	AO Bernardete 01.04.2011 - 15min	AO Isabel 22.04.2011 - 25min
	1ª Observação Espaços comuns	Obs. 1 EC	23.03.2011 1h 15min - 23 fotos		29.03.2011 1h 15min - 46 fotos		29.04.2011 20min - 12
	1ª Observação Sala de atividades	Obs. 1 Sy	28.03.2011 3h - 105 fotos	24.03.2011 3h 15min - 167 fotos	7.04.2011 3h - 81 fotos	5.04.2011 2h 45min - 96 fotos	29.04.2011 3h - 72 fotos
	Conversa de explicitação	C4	28.03.2011 - 1h 30min	24.03.2011 - 1h 15min	7.04.2011 - 1h 45min	5.04.2011 - 1h 25min	29.04.2011 - 55min
	Entrevista de explicitação	EE1	04.04.2011 - 37 min	31.03.2011 - 33 min	14.04.2011 - 33 min	12.04.2011 - 25min	04.05.2011 - 45min
	Documentação diversa da sala	----	Ao longo do ano letivo: <i>Portfólios</i> ; <i>Power Point</i> Reunião de pais; Projeto curricular de grupo	Ao longo do ano letivo: <i>Portfólios</i> ; Recados aos pais; Projeto curricular de grupo	Ao longo do ano letivo: <i>Portfólios</i> ; <i>Power Point</i> diversos; Pasta individual com os registos fotográficos das crianças para entregar aos pais; Dossier da educadora	Ao longo do ano letivo: <i>Portfólios</i> ; Livro das famílias; <i>Power Point</i> reunião final; Projeto curricular de grupo	Ao longo do ano letivo: <i>Portfólios</i> ; Projeto curricular de grupo; Power points de reuniões construídos pela educadora e pelas estagiárias do Mestrado em Educação pré-Escolar
	Documentação diversa institucional	----	Jornal escolar 4/11	Documentação Geral			----
	Conversa de explicitação dos <i>portfólios</i>	C5	25.06.2011 - 1h	25.06.2011 - 1h 10 min	27.06.2011 - 1h 25 min	27.06.2011 - 45min	28.06.2011 - 55min

		Código atribuído	CRONOLOGIA DE RECOLHA DA INFORMAÇÃO EMPÍRICA				
			Agrupamento de Escolas A		Agrupamento de Escolas B		Agrupamento de Escolas C
			SALA 1	SALA 2	SALA 3	SALA 4	SALA 5
ANO LETIVO 2011-12	2ª Observação Espaços comuns	Obs. 2 EC	3.11.2011 1h 15min - 13 fotos		10.11.2011 1h 35min - 52 fotos		22.11.2011 15min – 12 fotos
	Dados biográficos do pessoal auxiliar	C6	AO Maria 3.11.2011 - 25min	----	----	AO Filipa 10.11.2011 - 15min	----
	2ª Observação Sala de atividades	Obs. 2 Sy	7.11.2011 3h 15min - 62 fotos	9.11.2011 3h 30min - 78 fotos	14.11.2011 3h 20min - 61 fotos	16.11.2011 3h 45min - 52 fotos	22.11.2011 3h - 93 fotos
	Conversa de explicitação	C7	7.11.2011 - 50 min	9.11.2011 - 1h 05min	14.11.2011 - 1h 20min	16.11.2011 - 1h 10min	22.11.2011 - 55 min
	3ª Observação Espaços comuns	Obs. 3 EC	16.04.2012 1h 15min - 33 fotos		12.04.2012 1h 05min - 44 fotos		10.05.2012 20min – 10 fotos
	3ª Observação Sala de atividades	Obs. 3 Sy	18.04.2012 2h 45min - 79 fotos	19.04.2012 2h 15min - 98 fotos	20.04.2012 3h 45min - 61 fotos	04.05.2012 3h 20min - 76 fotos	10.05.2012 2h 10min - 53 fotos
	Conversa de explicitação	C8	27.04.2012 - 45 min	30.04.2012 - 55min	03.05.2012 - 1h 30min	08.05.2012 - 1h	15.05.2012 - 55 min
	Entrevista em profundidade	EP	6.6.2012 - 1h 07min	4.6.2012 - 1h 22min	30.5.2012 - 1h 47min	5.6.2012 - 51min	11.6.2012 - 53min
	Documentação diversa da sala	----	Ao longo do ano letivo: <i>Portfólios</i> ; <i>Power Point</i> reunião de pais; <i>Power Point</i> projeto artístico; Projeto curricular de grupo; Material recolhido e organizado por uma avó; Livro de notícias; “Livro” de histórias	Ao longo do ano letivo: <i>Portfólios</i> ; Recados para as famílias; Projeto curricular de grupo; Livro de histórias construídas pelas crianças; Livro de notícias	Ao longo do ano letivo: <i>Portfólios</i> ; Recados para as famílias; Projeto curricular de grupo; Power points das reuniões finais dos períodos letivos; Projeto Ler+	Ao longo do ano letivo: Projeto curricular de grupo; <i>Power Point</i> da Reunião final; Informação diversa; <i>Portfólios</i> ; Caderno de casa; DVD 2011-12 oferta para os pais	Ao longo do ano letivo: Projeto curricular de grupo; Ficha modelo de avaliação individual de desenvolvimento; <i>Portfólios</i> ; Carta às famílias e crianças; Documentação diversa
	Documentação diversa institucional	-----	Jornal escolar 5/12		Documentação Geral		-----
Conversa de explicitação dos <i>portfólios</i>	C9	01.07.2012 – 45 min	01.07.2012 – 1h 25 min	05.07.2012 – 1h	05.07.2012 – 30 min	07.07.2012 – 35 min	

Apêndice 6

Instrumento de anotação das notas descritivas da observação dos espaços

GUIÃO DE APOIO À OBSERVAÇÃO
ESPAÇOS DE DIVULGAÇÃO (SALA E OUTROS ESPAÇOS)

Estabelecimento
(identificação fictícia)

Sala
(identificação fictícia)

1. Grupo de Crianças

a. Número de crianças

b. Idades

3 Anos

4 Anos

5 Anos

6 Anos

c. Observações

2. Espaços utilizados e suas finalidades (incluir todos os espaços considerados como espaços de atividades e de divulgação)

3. Estado de conservação

a. Equipamento

b. Material didático

c. Material de exposição (placares)

4. Informação

a. Interior das salas (inclui notas descritivas e fotografias)

[Redacted area]

b. Exterior das salas (inclui notas descritivas e fotografias)

[Redacted area]

c. Fotografias que não constam das notas descritivas

[Redacted area]

RECOLHA DA INFORMAÇÃO EMPÍRICA

Data [Redacted] - [Redacted] - 201_

TÉCNICAS UTILIZADAS

[Redacted] Entrevista Local [Redacted]

[Redacted] Análise documental
Tipo de documentos [Redacted]

[Redacted] Outra(s)
[Redacted]

Apêndice 7

Exemplo da observação dos espaços de divulgação: Identificação e descrição dos registos divulgados – Sala de atividades

Espaços de divulgação
Agrupamento de Escolas B

SALA 3
(2ª Observação)

Sala	1
Grupos de crianças	
Número de crianças	25 Crianças
Idades	Sala 1: 5 Anos – 20 crianças (1 criança com NEE); 6 Anos – 3 crianças (a 10 de Novembro de 2011)
Estado de conservação	
... equipamento	Não houve renovação de equipamento, mantem-se o material de 2010-11
... material didático	Não houve renovação de material didático, mantem-se o material de 2010-11
... material de exposição (placares)	Não houve renovação de material de exposição, mantem-se o material de 2010-11
Espaços (inclui todos os espaços considerados como espaços de atividades e de divulgação)	
Espaços utilizados e suas finalidades	Sala de atividades Sala Polivalente Sala da Componente de Apoio à Família é utilizada também como extensão das atividades desenvolvidas na sala de atividades Biblioteca do estabelecimento
NOTAS	

Interior das salas

PAREDES		
Identificação	Descrição e finalidade	Foto(s)
Suporte de secagem de pinturas	Expositor para colocar as pinturas a secar. Encontram-se algumas produções a secar.	3
Área das ciências experimentais	<p>Placar (sem designação específica) situado na área das ciências experimentais:</p> <p>. Tabela: Seremos todos atraídos?</p> <p>A tabela tem três colunas explicitando o que as crianças pensam acerca de cada um dos processos descritos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Coluna 1: Objeto (descrição dos objetos) - Coluna 2: O que penso (explicitação do que as crianças pensam) - Coluna 3: O que verifiquei (explicitação do que as crianças observaram) <p>A tabela está preenchida com o registo da experiência e das descobertas realizadas</p> <p>Folhas de outono (sem designação específica) – estão afixadas algumas folhas de outono que estão plastificadas</p> <p>Conversa de explicitação: “Esta produção resultou da recolha de folhas no exterior do jardim-de-infância e no parque do Bonfim aquando a realização de observações e registos das árvores de folha caduca” (Ed. Sara).</p>	<p>1,2</p> <p>57</p> <p>56</p>
Regras	<p>Estão expostas as regras da sala</p> <ul style="list-style-type: none"> - Dizer sempre a verdade; - Respeitar os outros e as coisas; - Partilhar. <p>Conversa de explicitação: Estão expostas apenas três regras porque são as que as crianças elegeram, depois de as terem explicitado, como as mais importantes (EI Sara).</p>	29

Aniversários	Tabela com 12 colunas, cada uma com a identificação dos nomes dos meses. Em cada mês encontram-se as fotos das crianças que fazem anos nesse mês. No mês corrente está colocada uma mola para evidenciar o mês atual.	21
Conjuntos de meninos e meninas	Estão expostos dois conjuntos construídos com as crianças com a classificação do grupo por gênero: 9 meninos e 11 meninas	23
Quadro de presenças	Tabela de dupla entrada onde diariamente cada criança marca a sua presença com a letra P.	18
O meu par	Mapa com a identificação da constituição dos pares para os “grupos de trabalho” – estão afixadas as fotos de todas as crianças do grupo Conversa de explicitação: “As tarefas são realizadas a pares, sendo que estes são definidos a partir do mapa de presenças. Diariamente as crianças também escolhem os pares para a concretização dos seus projetos, atividades e brincadeiras”.	19
Calendário	O calendário inclui os dias do mês (incluindo sábados e domingos), o mês e o ano. Diariamente os responsáveis das tarefas marcam o dia.	20
O tempo	Mapa onde diariamente duas crianças registam o estado do tempo em cada dia da semana	20
Metro	Boneca gigante – a perna da boneca é uma fita métrica com referência até aos 140 cm	48, 49
Conjunto de crianças com 4, 5 e 6 anos	Conjunto com o número de crianças com 5 e 6 anos: 4 Anos = 2 crianças 5 Anos = 20 crianças 6 Anos = 3 crianças	22
Pinturas livres	Cordel com diferentes pinturas realizadas pelas crianças com recurso à técnica da digitinta	50,51, 52
Quadro de ardósia	As crianças utilizam este quadro para registar: desenhos, escrita, ...	
Diário de turma	Tabela com três colunas: Gostámos, Não gostámos e Queremos fazer - Existem quer produções escritas na voz das crianças do que as crianças selecionam para introduzir em cada uma das colunas, quer ilustrações (desenhos) das crianças. Encontra-se afixado um registo do adulto com a constituição de grupos para a realização de uma apresentação para a festa de apadrinhamento. As crianças selecionaram os instrumentos musicais que queriam tocar: tambor; reco-reco e clavas	24, 25, 26, 27, 28

Números até 10	<p>Painel com números até 10 (4 colunas com o números até 10, todos de forma diferente)</p> <p>Conversa de explicitação: “Este é um jogo que se coloca no chão, há cartões num saco, as crianças pisam os números que saíram ... há várias hipóteses e propostas, por exemplo, podemos trabalhar a lateralidade, os números, as sequências, sei lá.... Os sacos com os números estão pendurados junto ao jogo e as crianças jogam muitas vezes entre elas, assim, ao jogarem estão a contactar com o número e com as sequências numéricas” (Ed. Sara)</p>	35
Os trabalhos que seleccionei	<p>Painel com a colocação das produções realizadas pelas crianças do registo de uma história “Imagina que tens lápis mágicos como o personagem desta história: O ouriço e sete ratos” e dá asas à tua imaginação”- estão afixados as produções das crianças.</p> <p>Conversa de explicitação: “Até este momento as crianças ainda não selecionaram o que pretendem expor. Apenas estão expostos os primeiros trabalhos que realizaram.” (Ed. Sara)</p>	37, 38, 39, 40, 41 33
Painel de informação para os adultos	<p>Este placar contém:</p> <p>Contactos dos encarregados de educação das crianças do grupo</p> <p>Recados dos pais</p> <p>Recados para os pais</p> <p>Horário da educadora de infância</p>	43,44
Números até 20	<p>No quadro de ardósia está afixado um cartaz com a identificação dos números até 20</p>	16
Do mais velho para o mais novo	<p>Seriação de fotos das crianças do grupo, ordenados segundo o critério do mais velho para o mais novo; correspondendo a cada criança um número da sequência até 20.</p> <p>Conversa de explicitação: “este trabalho surgiu da necessidade do grupo. Em novembro quatro crianças fazem anos mas uma faz 5 anos e três fazem 6 anos e esta sequência surgiu para que as crianças compreendam o mais velho e o mais novo. Partindo da análise deste mapa, as crianças compreendem que apesar de fazerem anos todos no mesmo mês, três são mais velhas e uma é mais nova.” (Ed. Sara)</p>	17
Gráfico de barras dos animais selvagens	<p>Este gráfico foi construído a partir do registo que está no móvel associado ao projeto de intercâmbio com o 1ºano do 1CEB</p>	17
Abecedário 2	<p>Abecedário maiúsculo e minúsculo escrito pelo adulto em letra manuscrita</p>	53

MÓVEIS

Identificação	Descrição e finalidade	Foto(s)
Informações diversas	<p>Portas do móvel de material (acessível apenas aos adultos):</p> <ul style="list-style-type: none"> . Mapas diversos de preenchimento pelos adultos – mapa do leite; mapa de presenças; mapa de almoços . Lista de material necessário a trazer pelos pais (está assinalado o que cada criança já trouxe para o jardim de infância) . Lista para registar o nome das crianças cujos pais solicitaram a compra de pelo menos um chapéu . “Já comemos a fruta com casca” – desenho de uma peça de fruta e lista do nome das crianças que já comem a fruta com casca. O nome das crianças é escrito por cada uma delas. . Mapa semanal do leite – tabela com a identificação dos dias da semana onde as crianças registam o número de pacotes bebidos diariamente, mediante um desenho, símbolos, números, ... 	3, 4, 5, 6, 7, 8, 9
Abecedário 1	<p>Costas do móvel</p> <p>Abecedário de uma revista de educação de infância, escrito em letra de imprensa</p>	15
Mapa semanal do leite	<p>Tabela com a identificação dos dias da semana onde as crianças registam o número de pacotes bebidos diariamente, mediante um desenho, símbolos, números, ... esta tabela está afixada nas costas de um móvel e encontra-se dentro de uma bolsa (em formato de envelope).</p> <p>Conversa de explicitação: “O mapa semanal do leite é preenchido diariamente por um par de crianças que são os “responsáveis do dia” (Ed. Sara).</p>	13,14
Processos individuais das crianças	<p>Dossier com os processos individuais das crianças</p> <ul style="list-style-type: none"> - Contém informação das crianças, avaliações, relatórios técnicos, ficha de inscrição, <p>Conversa de explicitação: Estes processos acompanham as crianças para o 1º ano de escolaridade, desde que fiquem no nosso agrupamento de escolas. Para as crianças que vão para outros agrupamentos, o conteúdo é enviado por correio para a sede de agrupamento que recebe a criança. Nestes processos apenas constam informações confidenciais relativas às crianças, por isso são apenas manuseados pelos adultos e é também por isso que não estão ao alcance das crianças (Ed. Sara).</p>	10, 11
Portfólios	<p>Estão ao alcance das crianças para que os possam utilizar e manusear sempre que o desejem.</p> <p>Conversa de explicitação: Nesta altura do ano ainda não estão</p>	30,31, 36

	<p>bem organizados, as crianças têm colocado as suas produções e eu também tenho colocado algumas, mas ainda não tivemos tempos para os analisar e escrever (Ed. Sara)</p> <p>Estes portfólios estão aqui em cima da mesa porque ainda os estou a organizar com as crianças para apresentar aos pais na reunião individual que vou ter com eles no final do período (Ed. Sara)</p>	
Computadores	Existem dois computadores na sala e uma impressora (no momento da observação não estavam a funcionar)	34
Capas A2	Cada criança tem uma capa A2 ilustrada por si para guardar as suas produções ao longo do ano letivo.	32
Animais selvagens	<p>Em cima de um móvel encontram-se cartões com animais selvagens. Em cada cartão existem pequenos quadrados de cores diferentes. Estão também, em cima do móvel, pratos com pequenos quadrados das cores que estão nos cartões e encontram-se ainda, ao lado dos cartões, peças da área das construções com as respetivas cores.</p> <p>Conversa de explicitação: “Esta atividade decorre de um projeto de intercâmbio entre os três grupos de jardim-de-infância e as três turmas de 1º ano do 1º CEB, no âmbito da Língua Portuguesa. Partimos da exploração do livro “Cuquedo”. Durante o projeto irão sendo lançados diferentes desafios e estes animais surgiram após a história e o lançamento de um desafio. Existe uma relação entre os materiais que estão no móvel e este gráfico de barras. Ali está visível o que ontem fizeram: estiveram a contar e recorreram a peças das construções para materializarem as suas contagens e só depois é que transpuseram para o papel o que observaram e as contagens realizadas” (Ed. Sara).</p>	54
Móvel de gavetas	<p>Cada criança tem uma gaveta pessoal onde guardam os trabalhos que realizaram (terminados ou por terminar) e que ainda não arquivaram ou na Capa A2 ou nos portfólios. Nestas gavetas podem também guardar os objetos pessoais que trazem diariamente para o jardim-de-infância.</p> <p>Em cima do móvel encontram-se materiais diversos de utilização do adulto</p> <p>Algumas das gavetas são ocupadas pelos adultos com material diversificado, sendo que uma das gavetas é específica para as autorizações de passeios.</p>	45,46, 47 42

CADEIRAS		
Identificação	Descrição e finalidade	Foto(s)
Jogo das cadeiras	<p>Cada cadeira tem um número que foi atribuído no início da semana.</p> <p>Conversa de explicitação – “O jogo das cadeiras surgiu da necessidade do grupo. Algumas destas crianças fazem contagens mas não reconhecem o algarismo correspondente. Então inventámos este jogo. Cada número está repetido três vezes. No início da semana cada uma escolhe um número e ao longo da semana os números vão mudando de cadeira para que consigam identificar o seu algarismo independentemente do lugar que ocupa. Vamos fazendo também alguns jogos complementares, por exemplo: se eu te der 3 pontos, com quantos ficas? E se eu tirar 3 pontos? Esta é uma forma de trabalhar a matemática na nossa sala. Este é um jogo para os mais velhos, particularmente para as crianças que já estão connosco desde o ano passado (Ed. Sara).</p>	12

MESA (área das ciências experimentais)		
Identificação	Descrição e finalidade	Foto(s)
Material de apoio à realização das experiências	Material de apoio à realização de experiências: Balança, lupas, pipetas, ...	55

CHÃO		
Identificação	Descrição e finalidade	Foto(s)
Construção da Bandeira de Portugal	<p>Bandeira de Portugal</p> <p>Conversa de explicitação – “As crianças realizaram a construção de uma bandeira de Portugal com peças de encaixe. Foi necessário pedirem peças às outras salas para que conseguissem ter peças das cores da bandeira. Após a sua realização deixaram a construção no chão para que todas as crianças do grupo pudessem observar e para que explicitassem como realizaram a construção. Foi feita uma apresentação ao grande grupo. Estas representações são feitas</p>	59

	nos momentos de avaliação que tanto podem ocorrer ao final da manhã como ao final da tarde” (Ed. Sara).	
Construção de um castelo	As crianças reproduziram um castelo de uma caixa de peças de madeira. Conversa de explicitação – “A construção ficou no chão para que todas as crianças do grupo pudessem observar e para que explicitassem como realizaram a construção, à semelhança da bandeira de Portugal” (Ed. Sara).	58

Exterior das salas

PORTA DA SALA

Identificação	Descrição e finalidade	Foto(s)
Nome da sala	Identificação do nome da sala com o número respetivo. No vidro lateral está colocado um desenho. Conversa de explicitação – “Este desenho foi feito por uma criança e levou alguns dias a ficar pronto. Depois até foi a auxiliar que combinou com ela que poderiam recortar e colocar no vidro. Assim todos tivemos acesso à sua produção e foi muito interessante porque quase todas as crianças e adultos das outras salas comentaram este desenho” (Ed. Sara)	60, 61

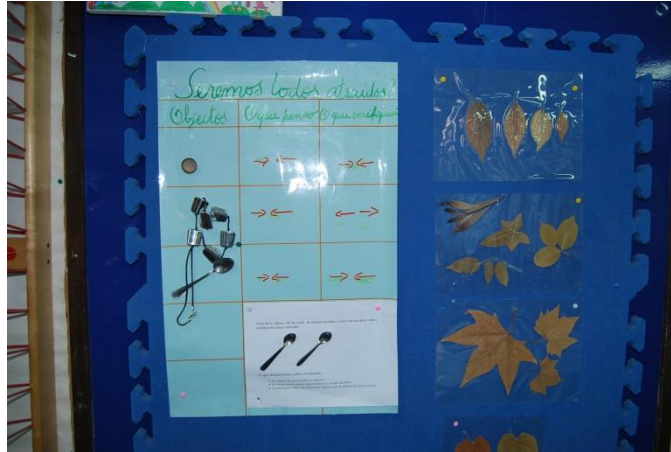
Data de recolha da informação	<i>14 de Novembro de 2011</i>
Técnica de recolha da informação	<i>Observação e registo na sala de atividades e nos espaços referidos como espaços de atividades e de partilha (sala de atividades) Fotografias Conversa de explicitação das notas registadas aquando da observação, mediante uma análise das notas - Registo escrito da explicitação.</i>
Duração	<i>Duração da observação: 3 H 20 Min Duração da conversa de explicitação: 1 H 20 Min</i>

FOTOGRAFIAS

Agrupamento de Escolas B

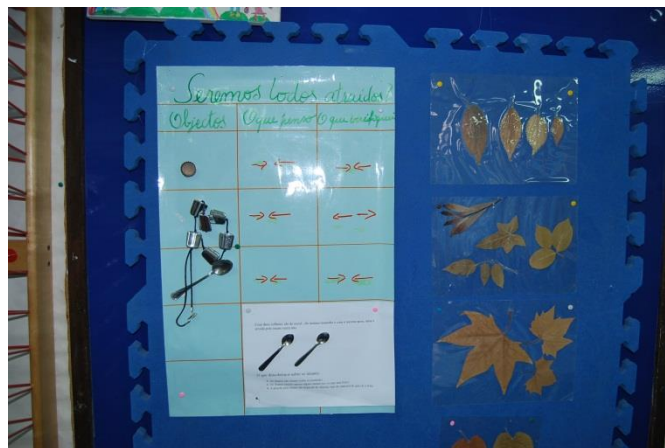
SALA 3

2ª Observação – 14.11.2011



FOTOGRAFIA 1

(Agrupamento de Escolas B – 2ª Observação - Sala 3 – 14.11.2011)



FOTOGRAFIA 2

(Agrupamento de Escolas B – 2ª Observação - Sala 3 – 14.11.2011)



FOTOGRAFIA 3

(Agrupamento de Escolas B – 2ª Observação - Sala 3 – 14.11.2011)



FOTOGRAFIA 4

(Agrupamento de Escolas B – 2ª Observação - Sala 3 – 14.11.2011)



FOTOGRAFIA 11

(Agrupamento de Escolas B – 2ª Observação - Sala 3 – 14.11.2011)



FOTOGRAFIA 12

(Agrupamento de Escolas B – 2ª Observação - Sala 3 – 14.11.2011)

Mapa do leite

segunda - feira	terça - feira	quarta - feira	quinta - feira	sexta - feira
4	4	4	2	

FOTOGRAFIA 13

(Agrupamento de Escolas B – 2ª Observação - Sala 3 – 14.11.2011)



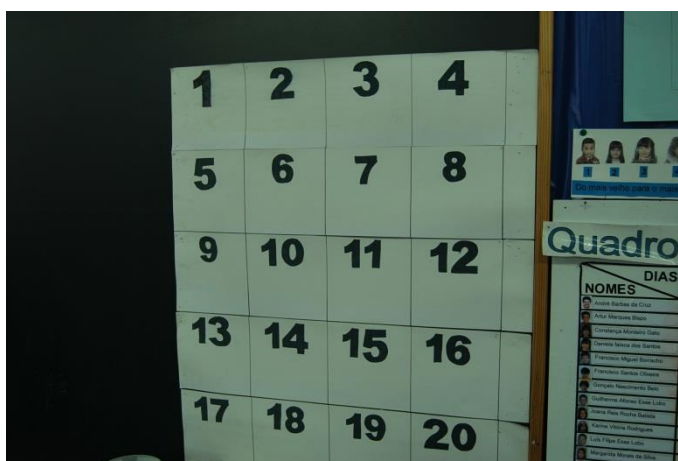
FOTOGRAFIA 14

(Agrupamento de Escolas B – 2ª Observação - Sala 3 – 14.11.2011)



FOTOGRAFIA 15

(Agrupamento de Escolas B – 2ª Observação - Sala 3 – 14.11.2011)



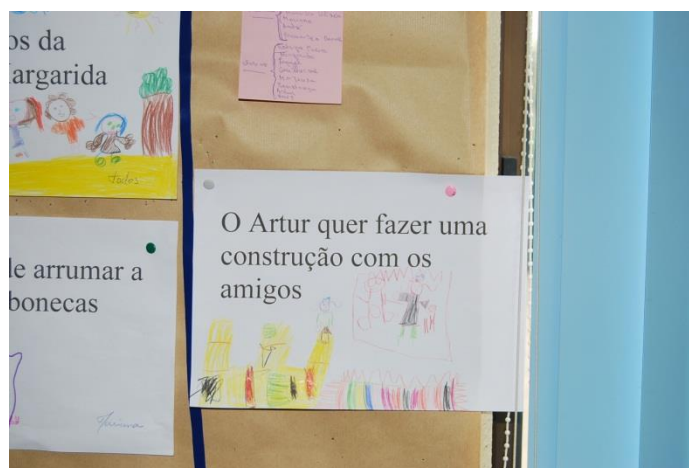
FOTOGRAFIA 16

(Agrupamento de Escolas B – 2ª Observação - Sala 3 – 14.11.2011)



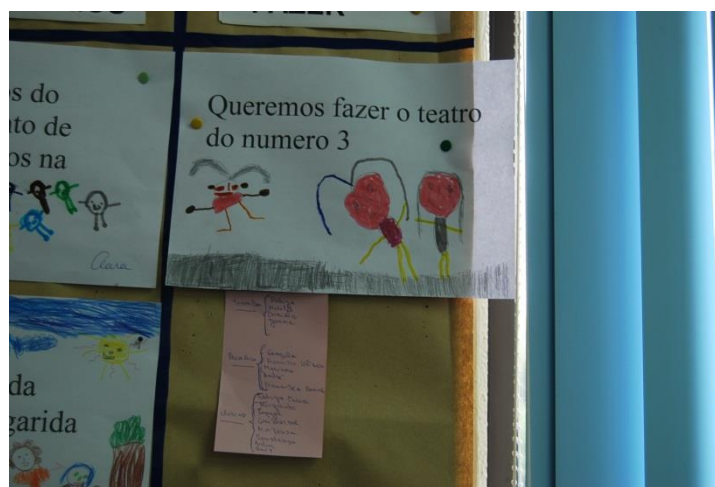
FOTOGRAFIA 20

(Agrupamento de Escolas B – 2ª Observação - Sala 3 – 14.11.2011)



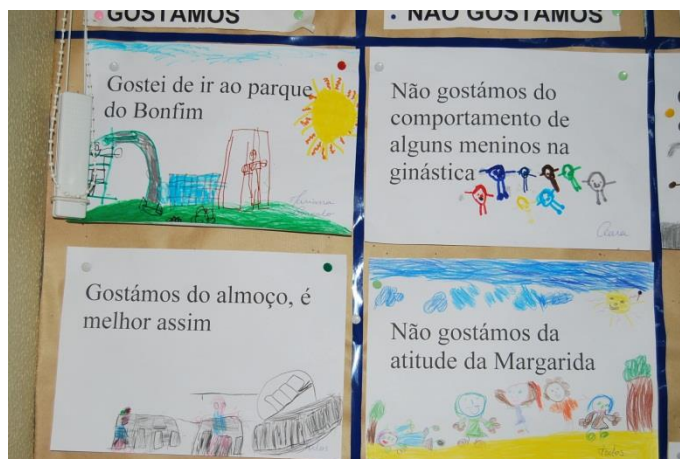
FOTOGRAFIA 25

(Agrupamento de Escolas B – 2ª Observação - Sala 3 – 14.11.2011)



FOTOGRAFIA 26

(Agrupamento de Escolas B – 2ª Observação - Sala 3 – 14.11.2011)



FOTOGRAFIA 27

(Agrupamento de Escolas B – 2ª Observação - Sala 3 – 14.11.2011)



FOTOGRAFIA 28

(Agrupamento de Escolas B – 2ª Observação - Sala 3 – 14.11.2011)



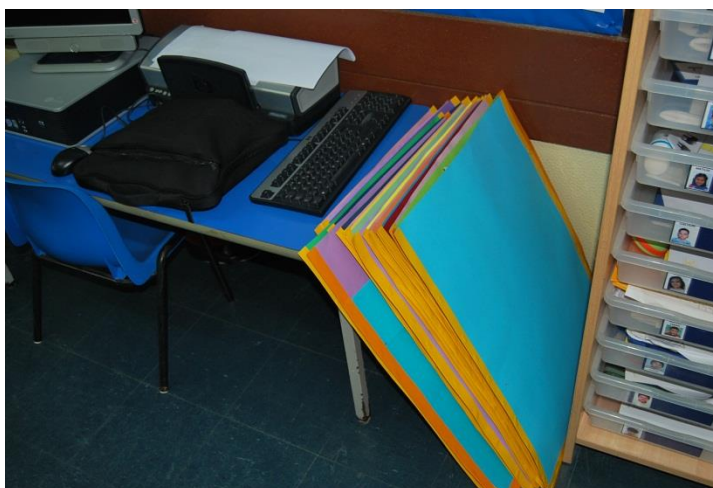
FOTOGRAFIA 29

(Agrupamento de Escolas B – 2ª Observação - Sala 3 – 14.11.2011)



FOTOGRAFIA 31

(Agrupamento de Escolas B – 2ª Observação - Sala 3 – 14.11.2011)



FOTOGRAFIA 32

(Agrupamento de Escolas B – 2ª Observação - Sala 3 – 14.11.2011)



FOTOGRAFIA 33

(Agrupamento de Escolas B – 2ª Observação - Sala 3 – 14.11.2011)



FOTOGRAFIA 34

(Agrupamento de Escolas B – 2ª Observação - Sala 3 – 14.11.2011)



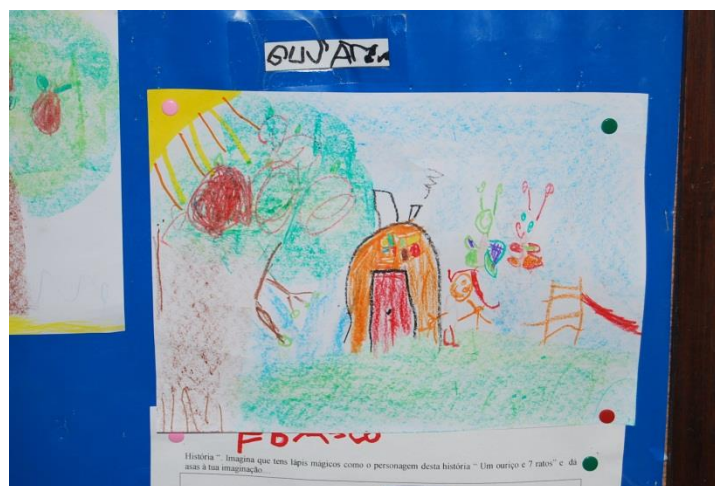
FOTOGRAFIA 35

(Agrupamento de Escolas B – 2ª Observação - Sala 3 – 14.11.2011)



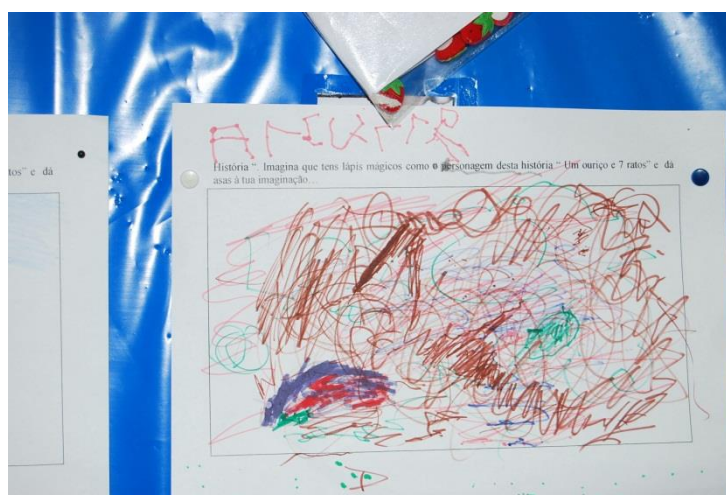
FOTOGRAFIA 36

(Agrupamento de Escolas B – 2ª Observação - Sala 3 – 14.11.2011)



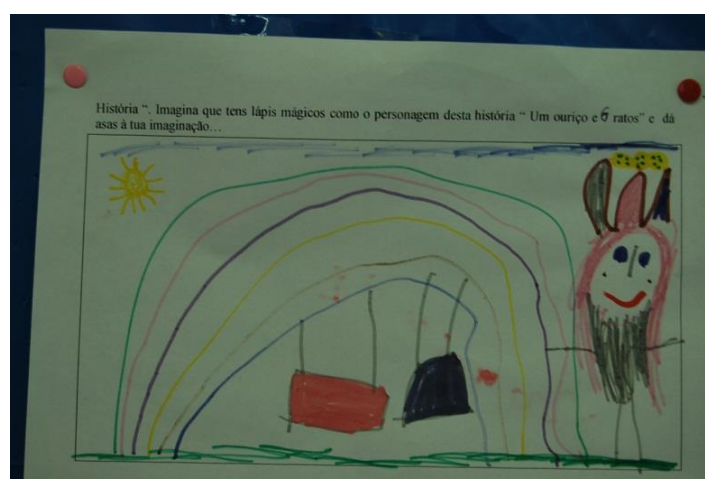
FOTOGRAFIA 37

(Agrupamento de Escolas B – 2ª Observação - Sala 3 – 14.11.2011)



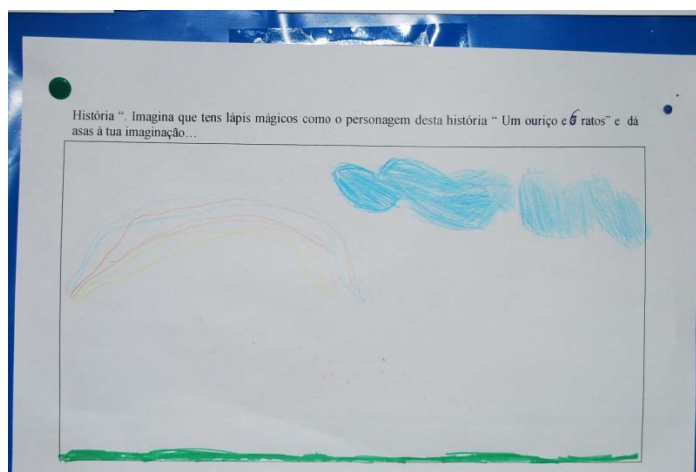
FOTOGRAFIA 38

(Agrupamento de Escolas B – 2ª Observação - Sala 3 – 14.11.2011)



FOTOGRAFIA 39

(Agrupamento de Escolas B – 2ª Observação - Sala 3 – 14.11.2011)



FOTOGRAFIA 40

(Agrupamento de Escolas B – 2ª Observação - Sala 3 – 14.11.2011)



FOTOGRAFIA 41

(Agrupamento de Escolas B – 2ª Observação - Sala 3 – 14.11.2011)



FOTOGRAFIA 42

(Agrupamento de Escolas B – 2ª Observação - Sala 3 – 14.11.2011)



FOTOGRAFIA 45

(Agrupamento de Escolas B – 2ª Observação - Sala 3 – 14.11.2011)



FOTOGRAFIA 47

(Agrupamento de Escolas B – 2ª Observação - Sala 3 – 14.11.2011)



FOTOGRAFIA 48

(Agrupamento de Escolas B – 2ª Observação - Sala 3 – 14.11.2011)



FOTOGRAFIA 49

(Agrupamento de Escolas B – 2ª Observação - Sala 3 – 14.11.2011)



FOTOGRAFIA 50

(Agrupamento de Escolas B – 2ª Observação - Sala 3 – 14.11.2011)



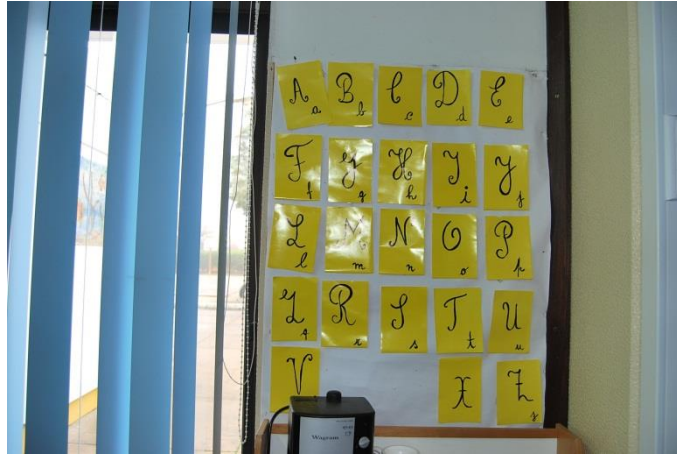
FOTOGRAFIA 51

(Agrupamento de Escolas B – 2ª Observação - Sala 3 – 14.11.2011)



FOTOGRAFIA 52

(Agrupamento de Escolas B – 2ª Observação - Sala 3 – 14.11.2011)



FOTOGRAFIA 53

(Agrupamento de Escolas B – 2ª Observação - Sala 3 – 14.11.2011)



FOTOGRAFIA 54

(Agrupamento de Escolas B – 2ª Observação - Sala 3 – 14.11.2011)



FOTOGRAFIA 55

(Agrupamento de Escolas B – 2ª Observação - Sala 3 – 14.11.2011)



FOTOGRAFIA 56

(Agrupamento de Escolas B – 2ª Observação - Sala 3 – 14.11.2011)



FOTOGRAFIA 57

(Agrupamento de Escolas B – 2ª Observação - Sala 3 – 14.11.2011)



FOTOGRAFIA 58

(Agrupamento de Escolas B – 2ª Observação - Sala 3 – 14.11.2011)



FOTOGRAFIA 59

(Agrupamento de Escolas B – 2ª Observação - Sala 3 – 14.11.2011)

Apêndice 8

Exemplo da observação dos espaços de divulgação: Identificação e descrição dos registos divulgados - Espaços comuns

Espaços de divulgação
Agrupamento de Escolas A

ESPAÇOS COMUNS (SALA POLIVALENTE- Designação dada pela equipa)

(1ª Observação)

Estabelecimento	Agrupamento de Escolas A
Estado de conservação	
... equipamento	Degradado, a precisar de ser substituído Conversa de explicitação Com exceção das mesas e cadeira, não existe equipamento adequado ao desenvolvimento das atividades da CAF
... material didático	Degradado, a precisar de ser substituído Conversa de explicitação Praticamente inexistente
... material de exposição (placares)	Usado, mas em bom estado
NOTAS	Este espaço é utilizado: . Desenvolvimento de algumas atividades de grande grupo . Desenvolvimento das atividades da componente de apoio à família (CAF) . Refeitório Conversa de explicitação . Comemorações de épocas festivas em conjunto com 1º CEB . Atividades espetaculares (duas salas de jardim de infância) . Jogos diversos . Desenvolvimento de atividades de expressão motora (Projeto da Autarquia “De pequenino...”) com as crianças do jardim-de-infância . Desenvolvimento de atividades de educação física (Atividades de enriquecimento Curricular – AEC – Responsabilidade da Autarquia “De pequenino...”) com as crianças do 1º CEB . Sempre que consideramos necessário utilizamos este espaço como uma extensão da sala de atividades

Espaços Comuns

PAREDES		
Identificação	Descrição e finalidade	FOTOGRAFIA (s)
“No prolongamento gostamos de...”	<p>Painéis das atividades desenvolvidas no âmbito das atividades do CAF</p> <p>“No prolongamento gostamos de...”</p> <p>Brincar ao Carnaval – registo fotográfico de atividades de carnaval</p> <p>Dançar – registo fotográfico de atividades de carnaval</p> <p>Dramatizar – registo fotográfico da apresentação de uma peça de teatro</p> <p>E também de... Brincar - registo de atividades das crianças mediante representação gráfica (desenho) das crianças</p>	20-23 14-16
Relógio	-----	----
Cartaz Navega em Segurança	Cartaz com regras de segurança para utilização da internet – Segura net (junto a um computador Cismar)	19-20
Calendário	Elaborado e ilustrado pelas crianças	13
Painel de informação institucional	<p>Painel contendo documentação institucional diversificada:</p> <ul style="list-style-type: none"> . plano de emergência . informação conselho geral . normas de funcionamento do CAF . centenário da república (informação sobre as comemorações) . Ementa semanal - Divulgação da ementa semanal 	4-9
Informações gerais	<p>Placar com informações das duas salas:</p> <ul style="list-style-type: none"> . Este mês fazem anos... identificação das crianças que comemoram o seu aniversário no mês corrente através do seu autorretrato (elaborado por cada uma das crianças) . Este mês acontece... listagem das atividades/acometimentos que irão decorrer ao longo do mês <p><i>Conversa de explicitação: Aqui colocamos as atividades retiradas do plano anual de atividades. Estão referenciadas essencialmente as atividades comuns como modo de divulgação às famílias das atividades a desenvolver ao longo dos meses do ano letivo (EI Inês).</i></p>	10-12
Biombos	<p>Biombos de divisão sala polivalente com o refeitório. Painéis decorativos</p> <p><i>Conversas de explicitação:</i></p> <p>Painel com pinturas - <i>Este painel gigante foi construído com as</i></p>	

	<p><i>crianças para que elas sintam este grande espaço como delas. Queremos que os biombos não sejam apenas uma divisória, foi a forma que encontramos para tornar a sala menos impessoal (EI Anita).</i></p> <p><i>Painel com coração e identificação das crianças - Este painel foi elaborado pelos adultos do equipamento (educadoras, auxiliares e equipa do CAF) para receber as crianças no início do ano letivo (EI Inês).</i></p>	
Cordel	Adereços construídos pelas crianças em diferentes projetos e que depois são expostos neste espaço comum: sol, nuvens, bandeira de Portugal, gotas de água	

PORTA DE ACESSO AO EDIFÍCIO DO JARDIM DE INFANCIA		
Identificação	Descrição e finalidade	FOTOGRAFIA (s)
Informação institucional	<p>Estão afixados nos vidros da porta diferentes documentos com informação:</p> <ul style="list-style-type: none"> . Matriculas – informações gerais para o Pré-Escolar e 1º CEB . Crítérios de admissão para o Pré-Escolar e 1º CEB . Documentos necessários para o Pré-Escolar e 1º CEB 	1-3

Data de recolha da informação	<i>23 de Março de 2011</i>
Técnica de recolha da informação	<p><i>Observação e registo na sala de atividades e nos espaços referidos como espaços de atividades e de partilha (sala de atividades)</i></p> <p><i>Fotografias</i></p> <p><i>Comentário explicativo das notas registadas aquando da observação, mediante uma análise das notas</i></p>
Duração	<p><i>Duração da observação: 50 min</i></p> <p><i>Duração da conversa de explicitação: 25 min</i></p>

FOTOGRAFIAS

Agrupamento de Escolas A - SALA POLIVALENTE

1ª Observação – 23.03.2011

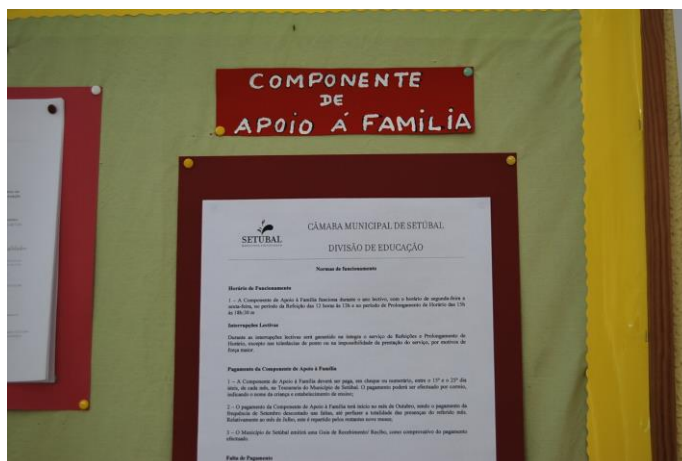
FOTOGRAFIA 3

(Agrupamento de Escolas A – 1ª Observação - Sala Polivalente – 23.03.2011)



FOTOGRAFIA 4

(Agrupamento de Escolas A – 1ª Observação - Sala Polivalente – 23.03.2011)



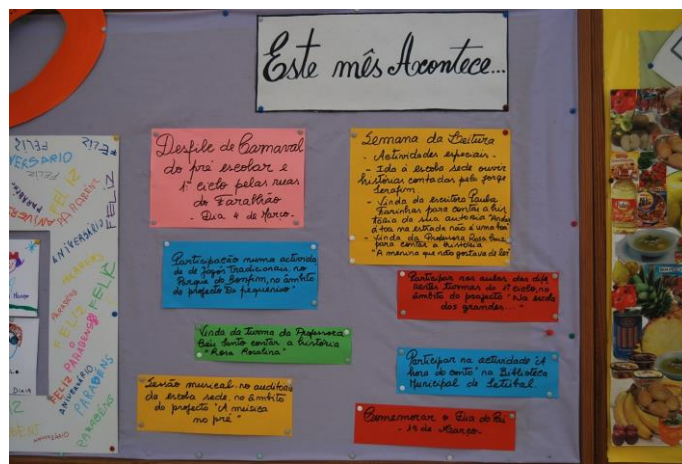
FOTOGRAFIA 5

(Agrupamento de Escolas A – 1ª Observação - Sala Polivalente – 23.03.2011)



FOTOGRAFIA 6

(Agrupamento de Escolas A – 1ª Observação - Sala Polivalente – 23.03.2011)



FOTOGRAFIA 10

(Agrupamento de Escolas A – 1ª Observação - Sala Polivalente – 23.03.2011)



FOTOGRAFIA 11

(Agrupamento de Escolas A – 1ª Observação - Sala Polivalente – 23.03.2011)



FOTOGRAFIA 12

(Agrupamento de Escolas A – 1ª Observação - Sala Polivalente – 23.03.2011)



FOTOGRAFIA 13

(Agrupamento de Escolas A – 1ª Observação - Sala Polivalente – 23.03.2011)



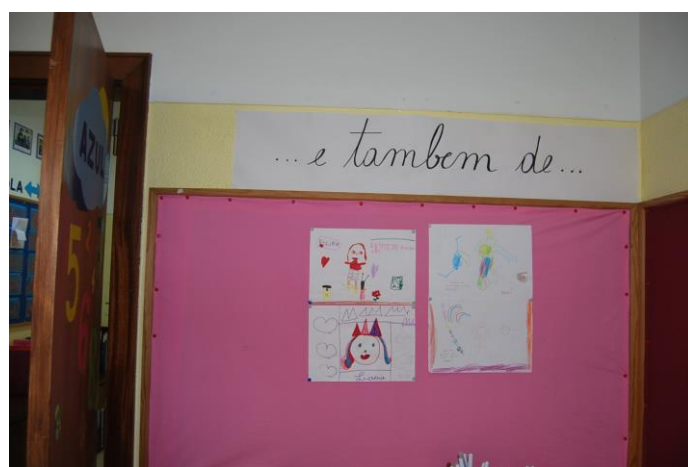
FOTOGRAFIA 14

(Agrupamento de Escolas A – 1ª Observação - Sala Polivalente – 23.03.2011)



FOTOGRAFIA 15

(Agrupamento de Escolas A – 1ª Observação - Sala Polivalente – 23.03.2011)



FOTOGRAFIA 16

(Agrupamento de Escolas A – 1ª Observação - Sala Polivalente – 23.03.2011)



FOTOGRAFIA 17

(Agrupamento de Escolas A – 1ª Observação - Sala Polivalente – 23.03.2011)



FOTOGRAFIA 18

(Agrupamento de Escolas A – 1ª Observação - Sala Polivalente – 23.03.2011)



FOTOGRAFIA 19

(Agrupamento de Escolas A – 1ª Observação - Sala Polivalente – 23.03.2011)



FOTOGRAFIA 20

(Agrupamento de Escolas A – 1ª Observação - Sala Polivalente – 23.03.2011)



FOTOGRAFIA 21

(Agrupamento de Escolas A – 1ª Observação - Sala Polivalente – 23.03.2011)



FOTOGRAFIA 22

(Agrupamento de Escolas A – 1ª Observação - Sala Polivalente – 23.03.2011)



FOTOGRAFIA 23

(Agrupamento de Escolas A – 1ª Observação - Sala Polivalente – 23.03.2011)

Apêndice 9

Protocolos das entrevistas de explicitação

Entrevista de explicitação (primeiras observações)

Duração: 37 minutos

04 de Abril de 2011

Local: EB1/JI do Agrupamento de Escolas A (sala das educadoras)

Educadora de Infância: Anita

Vamos dar início à nossa conversa onde se pretende alguma clarificação ou explicitação das notas de campo que elaborei durante a observação. Pretendo que seja uma conversa informal, onde tu sempre que necessitares me podes interromper e também podes acrescentar o que achares que deve ser acrescentado.

O que entendes por prática pedagógica?

Esta questão é difícil, porque eu sei falar da minha prática, mas explicitá-la é mais difícil, eu não estou muito habituada a falar sobre isso.

Gostava que me explicitasses quais são os princípios da tua prática pedagógica, aqueles que tu identificas como sendo os princípios da tua prática.

Portanto os meus princípios assentam sempre, ou pelo menos eu tento, que assentem sempre na negociação com as crianças o que é que vai acontecer, o que se está a passar na sala, no fundo, logo no início negociamos e explicitamos como é que vamos funcionar na sala, depois ... É assim, existem limites, existem regras mas eu tento sempre negociar com as crianças.

A igualdade de oportunidades é outro dos meus princípios, tentar que todas tenham as mesmas oportunidades respeitando cada uma como ela é.

Nos teus princípios referes-te essencialmente às crianças, mas o teu trabalho não é só com as crianças, também é com adultos. Identificas alguns princípios que definem as tuas práticas no trabalho de equipa, com pais? Como é que pensas a tua prática na relação com os adultos?

É sempre numa perspetiva de partilha, de saber o que é que cada um faz e nesse sentido tentar sempre melhorar a minha prática, porque aqui com a colega em termos da equipa é essencial porque sem trabalho de equipa não conseguimos funcionar, não só em termos de trabalho, como em termos pessoais até da nossa própria forma de estar e de ser.

No trabalho, à partida, desenvolvo o trabalho de projeto com a colega da outra sala, partilho com a colega a coordenação da componente de apoio à família, partilho o que estamos a desenvolver não só com a colega da outra sala, mas também com as auxiliares; há sempre troca de informação no sentido de estarmos em consonância: o que vai ser feito, a quem é que se dirige, como é que vamos dividir as tarefas, quem é que faz o quê, mas depois também existe a parte do ser, a minha personalidade e o meu ser influencia em muito as minhas práticas. Sobretudo desde que estou nesta instituição, (e é na que estou há mais anos), cresci muito; refiro-me às relações interpessoais baseadas na transparência de atitudes, no bom senso, na valorização das competências dos outros, sem as quais é difícil resolver e ultrapassar certas questões. Alguma reflexão sobre estas questões tem tido muita influência na minha prática, na minha forma de agir quer com as crianças, quer com os adultos. Eu entendo que as educadoras na sua profissão têm que trabalhar aprofundadamente as questões do relacionamento interpessoal; para além dos conhecimentos profissionais e do saber fazer interligando os nossos conhecimentos com as atividades que proporcionamos às crianças, para além de tudo isto temos que ser pessoas, acima de tudo temos que saber partilhar com as crianças a nossa individualidade. Ao longo dos últimos anos, acho que tenho melhorado muito esse aspeto da minha vida profissional, cada vez sou mais capaz de explicitar, de verbalizar o que estou a sentir. Eu comecei a conseguir estabelecer este

tipo de relação não apenas com as colegas, mas também com as crianças e com os pais. Eu acho mesmo que tenho vindo a crescer muito como pessoa e que isso se nota na minha prática também!

Na tua sala e no vestiário tens muita informação. Quais são os teus princípios quando divulgas? Como é que selecionas o que divulgas? Quais são os princípios, para ti, relativamente à divulgação daquilo que são as tuas práticas e o trabalho que é desenvolvido com as crianças?

Acima de tudo pretendo divulgar tudo o que se faz. Divulgo para partilhar o que é nosso. Mostrar sempre os projetos que se desenvolvem, porque logo no início do ano os pais sabem o que se vai fazer quando lhes é apresentado e explicado o plano anual de atividades, depois também lhes apresento o projeto curricular da sala e pronto os pais ficam a par dos projetos que se vão trabalhar ao longo do ano, pelo menos aqueles que são comuns e que são mais explícitos. Quando exponho na minha sala é a forma que tenho de mostrar como são desenvolvidos os projetos, de mostrar as aprendizagens. Sabes, quando as crianças estão recetivas às atividades propostas, os conteúdos são abordados e as suas aprendizagens ficam visíveis nos trabalhos que realizam. Por outro lado a exposição dos trabalhos funciona também como estratégia de consolidação de aprendizagens realizadas. Ao interagirem com o que está exposto, as crianças comentam, comparam, discutem, levantam hipóteses de resolução e, por vezes, tentam resolver questões que acham que podem melhorar. Por exemplo, o registo semanal do tempo ou das faltas, o gráfico mensal dos diferentes estados do tempo, os registos de experiências e outros trabalhos é também mais uma forma de avaliar as aprendizagens e de avaliar também as minhas práticas. E para as famílias também porque olham, leem e comentam, então já trabalharam sobre isto e sobre isto também? A intenção é de demonstrar as aprendizagens realizadas, de apresentar os projetos, mas também de nos pôr (às crianças, aos pais e a nós mesmas) a falar sobre o que fazemos e como fazemos. Às vezes, as crianças levantam questões sobre materiais que estão expostos, ou coisas que elas acham que estão mal. Portanto, há uma interação contínua delas com o que está exposto. E com os adultos acontece o mesmo, os adultos procuram saber o que ali está e apoiam-se quer nas crianças, que na equipa da sala e muitas vezes são as questões que nos colocam que nos fazem pensar se o que divulgamos naquele placar, aquela pintura ou aquela construção, reflete o trabalho realizado na sala.

Tens algum tipo de organização específica na forma como divulgas? Selecionas o que divulgas? Como selecionas? Qualquer documento, qualquer produção pode ser exposto em qualquer lugar?

Eu e a minha colega recorremos muito à porta da sala pois ela é efetivamente a porta de entrada para o nosso mundo e todos têm que passar por ela. Normalmente num dos placares que fica logo junto ao sítio onde as crianças se reúnem estão expostos instrumentos de registo diário: o calendário, o registo meteorológico, o registo semanal de faltas e do estado do tempo; no outro são expostos registos que têm a ver com a estação do ano em que estivermos e que vai sendo enriquecido com as aprendizagens que se vão realizando sobre esta temática. No placard que fica logo a seguir à porta da sala exponho o que fizemos nesse dia, quer em forma de notícia escrita partilhada por todos, quer fotográfica ou pictórica, porque os pais quando entram é logo para ali que olham e então é uma forma de dar a conhecer o que vamos fazendo. Tento que os placares estejam organizados de uma forma temática, por exemplo tenho um com as estações do ano e que vai sendo construído ao longo do ano, os outros placares são destinados aos projetos que vamos desenvolvendo e tento que os registos expostos retratem as ligações ou melhor o fio condutor de todo o trabalho que se vai desenvolvendo, de modo a que quem entra possa compreender o trabalho como um todo articulado e não como umas partes que se juntam. Tento sempre que exista uma ligação entre os conteúdos da diferente informação apresentada. Por exemplo se estamos a pesquisar os bichos-da-seda, se estamos com esse projeto, se as crianças andam a pesquisar, se está a ser significativo para elas, acabo por organizar os placares e toda a informação em torno desse projeto. Eu divulgo todos os tipos de registo que as crianças e nós fazemos, tentamos diversificar ao máximo para que todos possam ver o que aqui se faz. Divulgamos os desenhos, as pinturas, as fotografias de alguns projetos e atividades, os gráficos, os fantoches que construímos, sei lá, tentamos divulgar um pouco de tudo e tenho a preocupação de integrar a informação que trazem de casa, o que pesquisaram com os pais, com os irmãos, os materiais que trazem, como por exemplo, as folhas de amoreira; se elas as trouxeram somos capazes de fazer um registo sobre o que os bichos comem e explicitar quem foi que as trouxe e assim valorizar o trabalho de cada um. No fundo os placares não são mais que a descrição de um projeto para que todos o

possam acompanhar, discutir e também para que o possam compreender. Acho que esta é talvez a minha grande finalidade: Divulgar para ajudar a compreender!

Na tua sala observei e registei nas minhas notas de campo que existem placares vazios, sem informação alguma.

Sim, é verdade, porque quando estiveste a observar estávamos a iniciar um novo projeto e é isso que eu faço: quando se inicia um novo projeto, retiro toda a informação para começar a colocar de novo.

Então o que fazes ao material que estava exposto?

Alguns guardo-os nos *portfólios*, outros ficam naquela capa dos materiais e as crianças levam para casa, mas se elas acham que deve ir para o *portfólio* e, normalmente elas acham! Então vai para o *portfólio*! Elas acham que aquilo que de mais importante fizeram foi o que esteve exposto e que nós divulgámos na sala ou no exterior. Então, normalmente acabam por decidir guardá-los num lugar especial e esse lugar é o *portfólio*.

Algun do material que está no vestiário, vem também desses placares ou não?

Sim algum do material que divulgo no vestiário já esteve na sala. Esta é uma forma que eu encontrei de dar oportunidade às famílias que ainda não viram os materiais, de os verem e também porque as crianças gostam de os colocar ali, sentem-se valorizadas. Há pais que vão pouco à sala e são as crianças que lhes dizem, anda cá ver! E como nem sempre os pais entram, divulgar no vestiário é mais uma forma de, não explicitamente, mas implicitamente, levar os pais a verem e a olharem bem para o que fazemos. Esta é mais uma estratégia de levar os pais a verem os trabalhos que fazemos; e não só os pais, mas também todas as outras pessoas que, por vezes vão buscar as crianças ao jardim-de-infância. Mas o que está cá fora também não pode ficar sempre ali e às vezes já não sabemos onde colocar. Já discutimos este assunto em equipa e já pensámos em os colocar no placar, até por datas de modo a preencher os espaços que estão vazios e era uma forma de expor o trabalho cronologicamente, até já pensámos em expor por período e deixar no período seguinte para todos poderem ver. Tentamos organizar a informação pelo nosso espaço para que todos compreendam o que fazemos, por isso, no vestiário, a intenção é a mesma que na sala, ou seja, pretende-se dar a conhecer as aprendizagens que as crianças vão fazendo e, por vezes, há pais que nos dizem “Ah, aquilo que está lá fora está tão giro!” ou então “É tão interessante, não sabia que já faziam isto ou aquilo!” e aquele material já tinha estado exposto durante algum tempo dentro da sala. Às vezes até comentam “Não sabia que tinham ido aqui ou ali...”, por exemplo o percurso que está desenhado pelas crianças e que está no vestiário é o resultado de uma saída aqui na localidade e como os pais autorizaram estas saídas logo no início do ano, agora não temos que pedir autorização para sair, por isso, se nós não divulgarmos num espaço acessível para eles ou se as crianças não contarem em casa, os pais não sabem, então a leitura dos registos permite que todos saibam o que fazemos, onde vamos e o que descobrimos. Estas situações são muito frequentes. Os pais descobrem coisas inacreditáveis quando leem os registos. Eu acho que muitos deles redescobrem os filhos quando se confrontam com o que eles já aprenderam aqui no jardim-de-infância. Isso dá-me um prazer enorme e uma grande vontade de continuar a fazer aquilo que faço.

Gostaria que me explicitasses melhor a quem se dirige a informação que tu divulgas. Ou seja, quando divulgas, divulgas para quem?

Acho que a forma como se expõe, em termos do sentido estético, torna o espaço em que nos encontramos mais agradável e isso também é importante, porque ajuda a desenvolver essa competência a que as crianças são até bastante sensíveis; é como te digo, elas valorizam o sentido estético do espaço e da forma como divulgamos, muitas são as vezes que as oiço dizer, ao olharem para um placard ou cartaz, “Está tão bonito!”. Também porque acho que expor é uma forma de divulgar os conteúdos que se estão a trabalhar; por exemplo, o que estamos agora a trabalhar sobre os pesos e as alturas, apresentamos por ordem crescente e isso permite transmitir aos pais que estamos a trabalhar determinadas noções matemáticas. Para mim é importante que valorizem o que fazemos, ao valorizarem o nosso trabalho, também me sinto valorizada, competente com o que faço. As colegas da componente de apoio à família também gostam de entrar e ver, muitas vezes até comentam: “Ora vamos lá ver o que andam a fazer!”.

Referiste-te às colegas da componente de apoio à família, mas e a outra colega? Vocês são só duas, há partilha entre vós? Sentes curiosidade por ver o que está na outra sala? Por veres o que a outra colega divulga na sua sala?

Sim, muito curiosa, não só com o que a colega divulga, mas como o faz, e também porque me ajuda a superar dificuldades. Há pequeninas coisas que eu não sei bem como fazer e ao ver nos registos o que fizeram e como fizeram, consigo aprender a fazer de maneira diferente e consigo melhorar as minhas práticas. É por esta razão que eu acho que é muito importante observar o que divulgam na sala. Eu tenho muitas dificuldades a fazer coisas de mãos e então vou lá ... ainda hoje uma criança foi à sala da colega pedir para me virem ajudar porque eu não estava a conseguir terminar uma tarefa. Muitas vezes pergunto-lhe como é que ela está a pensar fazer e depois adapto ao que tenho que fazer e se for necessário peço mesmo para ela me fazer alguma coisa. Nós trabalhamos muito bem em equipa e acho que nos completamos. Acho que um dos motivos para o meu sucesso profissional tem sido trabalhar em equipa e desde que estou nesta jardim-de-infância com esta colega que esta questão se tem acentuado mais pois aqui trabalhamos mesmo em equipa. Pelo menos tentamos!

Nas minhas observações e depois na breve análise que fiz das notas de campo, é perceptível que existem muitas semelhanças nas vossas salas, nas vossas opções, mas é também evidente a especificidade de cada uma.

Claro, temos muita coisa em comum, mas não fazemos tudo igual. Muitas vezes pergunto como é que fizeste? E eu depois digo, vou fazer assim, ou não vou fazer assim. Porque os nossos grupos são muito diferentes, quer dizer, as crianças têm necessidades e interesses diferentes e os temas, os conteúdos, as intencionalidades podem ser as mesmas, mas depois na hora de fazer temos que fazer de maneira diferente, os caminhos que percorreremos são diferentes. Por exemplo, agora que estamos a trabalhar o corpo humano eu queria fazer um corpo em três dimensões, mas sem a auxiliar é difícil porque é necessário apoio para o desenvolvimento de algumas tarefas e eu estou sempre a ser interpolada pelas crianças: escreve isto, lê-me uma história, faz isto, faz aquilo, ... mas como tenho aqui a estagiária tem sido possível fazer outro tipo de atividades e a minha colega como tem a auxiliar, há tarefas que consegue desenvolver melhor que eu, não sei se é melhor, mas que pode fazer doutra forma porque tem apoio. Apesar de os conteúdos que abordamos não serem muito diferentes de ano para ano, como os grupos são sempre diferentes (e aqui os grupos mudam mesmo porque as crianças vão quase todos para o primeiro ciclo), eu tento inovar, tento fazer de maneira diferente, porque eu sou sempre eu. As crianças mudam mas eu mantenho-me cá, não é? Sou sempre a mesma e sinto necessidade de mudar, de fazer diferente, de me desafiar. Ao longo do meu percurso profissional tenho aprendido que se fizermos mais do mesmo, paramos, estagnamos, por isso, todos os anos faço diferente, posso trabalhar os mesmos conteúdos mas tento fazer propostas diferentes e julgo que isso se reflete na minha vida e na minha forma de ser educadora e no tipo de divulgação que vou adotando. Acho que isso é visível nos registos e na organização dos placares.

Nas minhas notas de campo e das observações que realizei, verifiquei que para além de teres placares nas paredes ao alcance do olhar dos adultos, tens também placares (os placares que estão agora vazios) ao nível das crianças. Fala-me um pouco sobre esta tua opção.

Esses placares já estavam assim quando eu cheguei à sala e eu mantive-os porque permitem que sejam as crianças a colocarem lá o material, muitas vezes são elas autonomamente que decidem o que querem expor naqueles placares. Por exemplo, enquanto trabalhámos as alturas, cada uma fez a sua medição com uma fita e essa fita é a sua fita. Quando terminam de a decorar são elas que vão ao placar colocar e afixar a sua altura, a sua fita! Foram elas que fizeram a escadinha da altura e foram elas que colocaram as fitas com os *punaises* respeitando a ordem crescente. Por vezes são elas que me dizem que um determinado placar não tem informação, ou que tem informação a mais e elas ajudam-me a gerir o espaço de exposição dos nossos materiais. Os placares permitem organizar as paredes. Como são delimitados às vezes torna-se mais fácil para as crianças organizarem a informação ali do que nas paredes em que têm o espaço todo.

Como alguns dos placares estão lá em cima e elas não chegam, pedem-me para colocar lá os materiais ou então pedem-me se podem subir para cima de uma cadeira. Às vezes eu faço mesmo de propósito e deixo os placares “vazios”, ainda que não lhes diga, que é para elas aprenderem a organizar o espaço.

Quando selecionas a informação que queres colocar na sala, tens alguns critérios que respeitas?

Quer sejam trabalhos individuais, de pequeno ou grande grupo, não deixo nenhum por divulgar, nem que tenha que ocupar mais espaço do que o previsto que foi o que aconteceu com as árvores do inverno em que foram divulgadas todas as árvores de todas as crianças. Se todas fazem, exponho de todas. Mas nem todas têm que fazer, porque só fazem aquelas crianças que querem, o que acontece muitas vezes é que todas querem fazer, ainda que façam com materiais diferentes. Este desafio surgiu de uma atividade em que tinham que ir ao exterior observar a árvore do inverno e com um lápis de carvão desenhá-la e aí todas foram, eu queria que todas fossem, mas não o disse, mas como era a primeira vez que iam utilizar a prancha para desenharem, todas quiseram experimentar. Nestas situações eu opto por expor de todas até porque se elas gostaram do que fizeram há que valorizar o trabalho de cada uma. Se o trabalho é de grupo faço sempre um registo do que fizeram e depois divulgo, esta é uma preocupação que tenho, divulgar o que é feito em grupo. Tento registar como é que fizeram e depois as crianças dizem-me o que querem que eu escreva para explicar o seu trabalho.

Com que periodicidade é que organizas a informação da tua sala?

Uns registos podem estar expostos dois ou três dias, outros podem estar dois ou três meses como é o caso da árvore do inverno. Eu tenho diferentes critérios. Por exemplo, a árvore do inverno esteve a estação toda e acaba por servir quase de decoração da sala, os outros que estão relacionados com os projetos que desenvolvemos e que as crianças comunicam ao grupo todo, podem ficar apenas dois ou três dias e depois há aqueles que duram enquanto o projeto durar e que vão sendo acrescentados conforme os trabalhos vão sendo desenvolvidos, por isso os critérios são muito variados. Acho que o importante é que os registos sejam divulgados durante o tempo que consideramos, eu e as crianças, que faz sentido. Depois guardamos ou mudamos de local como já expliquei à pouco.

Para além dos suportes que eu pude observar na tua sala, existem outros meios de divulgação que utilizas para explicitares as tuas práticas? Ou recorres apenas à divulgação nos espaços físicos, a sala, o vestiário...? Importaste de me falar um pouco acerca deles?

Há outras formas de comunicar, o jornal do agrupamento, por exemplo, nós temos um jornal e às vezes no agrupamento até nos dizem que não podemos publicar tudo, mas nós achamos sempre que é importante pois é uma forma de divulgar o que vamos fazendo, é uma forma até dos outros colegas, por exemplo, é uma forma dos professores saberem o que estamos a desenvolver e de nós sabermos o que eles andam a fazer e claro é um excelente meio de comunicação com as famílias e não só com os pais que diariamente nos visitam porque as crianças gostam de mostrar o que fazem no jardim-de-infância a toda a comunidade.

A informação do jornal é selecionada por nós (adultos) mas normalmente antes de enviarmos para a sede mostramos às crianças que é para elas saberem o que vai sair. Por exemplo num jornal do ano passado, e que nós temos um exemplar na nossa sala, é muito interessante ver o que lá está, porque temos lá os registos fotográficos do projeto do corpo humano do ano passado e eles gostam de comentar e até de comparar com o que estão a desenvolver agora. Outra forma que temos de comunicar as nossas práticas é através das reuniões de pais, da solicitação aos pais dos projetos e dos pedidos de colaboração para esses mesmos projetos, acho que é também uma forma que temos de divulgar. Eu gosto de mostrar aos pais aquilo que nós fazemos e a melhor forma que encontrei até hoje é convidá-los a entrar e a estar connosco na sala, mas sabes que isso nem sempre é possível pois os pais trabalham, então faço questão de construir para cada reunião um *power point* para que os pais possam ver e é muito interessante ouvir os comentários nas reuniões. Muitas vezes eles dizem que os filhos já tinham falado sobre determinada foto, mas só depois de verem é que compreendem o que a criança disse. Também fazemos pedidos de colaboração junto da comunidade mais próxima, por exemplo de cedência de espaços, também pedimos produtos, por exemplo, caixas de papelão, esferovite, sei lá, quando vamos à comunidade pedir estas coisas, explicamos o que andamos a fazer e dessa forma divulgamos o nosso trabalho, não achas? Esta é outra forma de divulgar as nossas práticas, é trabalhar em estreita relação com a comunidade.

Aqui no jardim-de-infância, em relação à comunidade, eu acho que a nossa forma de divulgar é quando saímos, quando fazemos as festas fora deste espaço como fazemos e sempre que saímos à rua

acaba por ser uma forma de divulgação daquilo que se faz. Em relação às festas refiro-me à festa de Natal e de fim de ano e que fazemos sempre pequenas apresentações baseadas nos projetos que fomos desenvolvendo, por exemplo, no natal fizemos os soldados de antigamente porque estivemos a comemorar o centenário da república, cantamos uma canção, também houve representação, portanto, nas festas divulgamos o que se fez. No carnaval o tema das fantasias também tem a ver com os temas que estamos a trabalhar e como estávamos a trabalhar sobre o ciclo da água, elas foram assim, gotas de água, sol, nuvens, etc. Nos santos populares também participamos nas atividades da comunidade porque integramos e participamos nas marchas dos santos populares e no final do ano apresentamos um resumo das atividades que foram desenvolvidas e também de todos os projetos. Uma vez mais volto a referir que as reuniões de pais são fundamentais na divulgação e explicitação do nosso trabalho.

Outro meio de divulgação que me parece fundamental referir é o computador pois é através dele que escrevemos quase tudo o que se expõe na sala e elas cada vez são mais competentes nessa área, aliás são mais competentes que eu e ajudam-me muito. Eu escrevo e elas copiam e é também uma forma de desenvolver alguns dos conceitos de literacia delas. Só é pena que a internet esteja quase sempre “fora de serviço” porque nos impede de pesquisar e de aceder a outro tipo de conhecimento que não apenas o que vem nos livros. Se tivéssemos mais vezes net, conseguimos mais facilmente partilhar e divulgar as nossas experiências.

Existem alguns tipos de registo que sejam mais da responsabilidade dos adultos? Eu observei que existem muitos escritos na voz das crianças, mas também existem registos escritos por elas. Quais são os teus critérios?

Que engraçado ... Acho que nunca tinha pensado sobre isso. Eu normalmente escrevo o que elas dizem. Isso é já um hábito... faz parte da nossa vida aqui no jardim-de-infância, por vezes sou eu que decido que título dar a determinada exposição, outras vezes são elas que dizem “, escreve isto”, ou “, escreve aquilo”, mas normalmente espero que sejam elas a dizer e, agora que estou a pensar, este ano acho que sou mais eu quem escreve, escrevo na voz delas mas sou eu que escrevo, o ano passado eram elas que escreviam mais, elas próprias, porque tínhamos um diário, este ano já não temos porque eu acho que não resultou muito bem, ou então fui eu que não soube dar a volta e não gostei muito da forma como o dinamizei, por isso este ano já não repeti. Ao fim do dia elas escreviam o que gostaram e o que não gostaram de fazer, mas depois começaram a querer registar quase só os conflitos e a utilizar o diário para registar o nome das crianças que elas achavam que tinham feito alguma coisa mal e eu comecei a não saber muito bem como lidar com aquela situação! Mas gostava de voltar a experimentar! E aí eram elas que registavam. Escreviam o que queriam e depois eu escrevia por baixo o que elas tinham dito. Mas este ano tenho sido muito mais eu a escrever na voz delas, mas sou eu a escrever porque elas falam muito. Às vezes escrevem e depois pedem-me para agrafar e perguntam-me mas consegues ler? E está escrito? E eu digo que sim, que ali está a história que elas escreveram e depois eu tenho que traduzir porque na maioria das vezes elas querem que eu escreva, ao lado da escrita delas, o que escreveram. Mas efetivamente agora que penso nisso, acho que o ano passado escrevíamos mais. Provavelmente também tem a ver com o facto de eu não ter auxiliar e para mim é muito mais difícil conseguir chegar a todas, apoiar todas, dar-lhes a devida atenção. Mas não sei muito bem! Elas escrevem, mas escrevem livremente e depois veem-me pedir para escrever e eu até escrevo. Por isso, não sei muito bem, talvez tenha mesmo a ver com a dinâmica deste grupo. Claro que há determinado tipo de registos que são mais da minha responsabilidade, mas geralmente, são escritos com a colaboração do grupo, no sentido de lhes ir mostrando que há regras para que a comunicação escrita seja possível.

Acho que já respondeste às minhas questões, foi uma boa conversa. Eu agora vou transcrever e depois eu devolvo para que tenhas a oportunidade de ver se te revês no que disseste e se pretendes fazer algumas alterações.

Muito obrigada!

Obrigada eu!

Entrevista de explicitação (primeiras observações)

Duração: 25 minutos

12 de Abril de 2011

Local: EB1/JI do Agrupamento de Escolas B (sala das educadoras)

Educadora de Infância: Catarina

O que eu tenho comigo é um guião muito genérico e o que eu pretendo é tentar esclarecer alguma da informação que eu recolhi e que nas minhas notas de campo não foi possível recolher. Depois transcrevo a nossa conversa e devolvo-ta para que possas ler e alterares algo, corrigires ou comentares se assim o entenderes.

Está bem!

Vamos, então, dar início à nossa conversa!

Consegues-me identificar os princípios pelos quais reges a tua prática pedagógica?

Eu tenho os meus princípios mas acho que muitas vezes eles estão presentes de uma forma inconsciente, quer dizer eles fazem parte de mim enquanto pessoa e enquanto educadora. No fundo poderia dizer-te que os meus princípios educativos e pedagógicos, são os alicerces das minhas práticas. Como é que eu te vou explicar os meus princípios pedagógicos?

Na tua prática quando estás a planificar, quando estás a pensar no que vais fazer e mesmo quando estás a fazer, quais são os teus princípios?

Eu tenho sempre em atenção as orientações curriculares e tento respeitá-las, mas *não* estou muito preocupada se a criança sabe escrever e se sabe contar. O que acho mais importante é a formação cívica. Tento gerir os comportamentos a nível do ambiente de sala, eu sou um bocadinho exigente nas regras na sala, acho que elas têm que saber comportar-se e saber respeitar o outro, acho que isso é o mais importante, pelo menos para mim é! Saber escutar o outro, eu acho que na nossa sociedade se está a perder muito esta questão. As pessoas não se respeitam. E eu acho que isso é a base da educação. Se não há o respeito pelo outro não há educação e às vezes penso se não serei muito exigente com os grupos. Eu também tenho tido grupos muito complicados, fora da cidade de Setúbal, crianças que saltavam pela janela, crianças muito agressivas, grupos mesmo muito, muito complicados e às vezes penso que isso vem muita da educação que se tem em casa, do tipo de família e às vezes não sei se não serei um bocado exigente com os grupos nas regras, o respeitar os outros, o saber ouvir, o saber pôr o dedo no ar. Eu acho que isso se está a perder muito, elas não se conseguem respeitar e neste grupo elas não se sabem respeitar e ultrapassam-se umas às outras, falam por cima umas das outras, elas são muito agressivas e eu tento abordar essas questões no meu projeto. No fundo preocupo-me em trabalhar as questões da cidadania e essa é uma vertente muito forte no meu projeto.

Tento trabalhar esses valores desenvolvendo trabalho a nível de regras, por isso a conversa está muito patente no meu grupo, tento ajudá-las a saber ouvirem e a questionarem-se. Não sou eu que imponho as regras na sala, eu levo-as a questionarem tudo o que fazem na sala e são elas que se autocriticam e são elas que se criticam umas às outras e são elas que estabelecem as regras na sala. Eu para mim acho que isto é o princípio que norteia todo o meu trabalho de educadora. E depois vem o resto. Todo o trabalho que o agrupamento pede, todos os projetos que estão implícitos no nosso agrupamento e na nossa escola.

Para além das questões da cidadania, existem outras áreas...

Sim, o conhecimento do mundo, a linguagem oral, a matemática,... Estão todas interligadas, não posso trabalhar a linguagem oral sem trabalhar todas as outras áreas, nem posso trabalhar a matemática sem trabalhar as outras áreas. Eu quando planifico uma atividade, englobo todas as áreas, por exemplo, agora no projeto da chocadeira foi isso que fiz. Não abordámos apenas a área da matemática, não! Abordámos o conhecimento do mundo, a linguagem oral e a escrita, a matemática, a arte, enfim,

interligamos as diferentes áreas de conteúdo e quando divulgo organizo com essa intenção. Espero que quem lê perceba isso mesmo, perceba que todas as áreas estão presentes.

Aquilo que tu divulgas, o que divulgas? Divulgas porquê?

Eu divulgo para os pais terem conhecimento de todo o trabalho que é feito na sala e não só! Considero que divulgar é dar a conhecer a todos os que por aqui passam aquilo que fazemos e que aprendemos. Preocupo-me muito com as crianças, porque ao divulgar valorizo os seus saberes, normalmente até são elas que dizem: “porque é que não colocas para as crianças das outras salas verem o trabalho que nós fizemos?”. São elas que me pedem. Muitas vezes vão comunicar às outras salas o que se faz.

E comunicam como?

Vão em pequenos grupos, porque estão habituadas a comunicar em pequenos grupos. É uma regra da sala. Escolhemos quatro ou cinco crianças e qual o dia em que iremos comunicar, depois alguém vai à sala perguntar se poderá ser naquele dia e àquela hora e no dia combinado elas vão comunicar. Levam um cartaz, levam o trabalho e comunicam oralmente o que fizeram, como fizeram e o que aprenderam.

Esses trabalhos que elas fazem...

Ficam sempre expostos.

Quem é que seleciona informação a divulgar?

São quase sempre as crianças que tiram e colocam os cartazes e os outros trabalhos. Por exemplo, fizemos o trabalho sobre os dinossauros, como é que viveram, as suas características... elas é que decidiram o que iriam pôr nos cartazes, como e onde é que os queriam colocar.

Para além dos placares, tens mais informações na sala.

Tenho muitos projetos e pequenos trabalhos que vamos desenvolvendo, uns sou eu que seleciono, outros são elas que decidem.

Definiste alguns critérios para a divulgação?

Todos os meses os trabalhos de todas as crianças ficam no placar, tenho o cuidado de ter trabalhos de todas as crianças para os pais verem os trabalhos de todas as crianças e para que nenhum pai diga que o seu filho não tem nada exposto. Os pais entram na sala, quer dizer, os pais vão entrando na sala, não quer dizer que sejam todos, porque eu tenho pais que não entram na sala e eu acho que alguns pais não entram na sala porque veem estas salas como salas do primeiro ciclo, eu acho que aqui nesta instituição existe essa leitura do pré-escolar, no último local onde trabalhei não era assim, eu noto uma grande diferença das escolas do campo para as da cidade, lá os pais entravam muito mais na sala, observavam e viam muito mais os trabalhos do que as daqui.

Encontraste alguma estratégia para os trazer à sala?

Escrever e trocar informação é uma forma de colaboração com as famílias, mas existem outras formas, por exemplo, eu pergunto se querem vir à sala, se não querem. Podem vir contar uma história, podem cantar uma canção, desenvolver uma atividade, contar uma novidade, podem fazer o que quiserem. Eu tenho o cuidado de propor atividades diferentes em função das características das crianças e das famílias.

Tenho um caderno que vai para casa. Eu tento que vá todas as semanas, normalmente com propostas de atividades conjuntas com os pais e os filhos e é engraçado só tenho uma família que normalmente não faz, de resto todas as famílias fazem com os filhos.

Em casa, os pais ou os filhos registam e depois elas apresentam ao grande grupo o que fizeram e como fizeram. Esta é uma forma de colaboração com as famílias e depois eu pergunto se querem vir à sala, se não querem. Podem vir contar uma história, podem cantar uma canção, podem fazer o que quiserem. Eu tenho também o cuidado de propor atividades diferentes em função das características das crianças.

Para além desse caderno existe mais algum instrumento de comunicação?

Tenho os *portfólios* que estão organizados pelas áreas de conteúdo das OCEPE e acrescentei mais uma área que inclui os projetos da nossa escola.

Este ano estou a demorar mais tempo a conseguir organizar os portfólios, normalmente quando cá estão as estagiárias, aproveito para me organizar com as crianças. Cada um está dividido pelas áreas e depois elas selecionam os trabalhos que querem pôr, há uma parte com fotografias e nessa parte elas vão selecionar as fotografias que lhes despertaram mais interesse e vamos imprimir e colocar com legendas e depois em cada trabalho fazemos o mesmo. É tudo feito com a criança. E os projetos funcionam do mesmo modo.

Quem são as pessoas que costumam ler o que está exposto?

Eu acho que todos lemos o que se divulga e quando digo todos refiro-me às crianças, às colegas, às famílias, a todas as pessoas que por aqui passam todos os dias. Eu gosto de parar um pouco e ver o que as colegas divulgam, gosto de saber o que se faz e como fazem e acho que isso também acontece com elas. Também é frequente ver os pais a lerem o que as outras salas divulgam, às vezes até comentam. Eu vejo-os muitas vezes a lerem o que está nos placares, por vezes até estão com a criança que fez aquele trabalho e estão a analisá-lo e a discuti-lo. Acho que isto acontece com alguma frequência!

Tens critérios para gerir os espaços de divulgação?

Eu tento mudar tudo o que é feito na sala pelo menos de quinze em quinze dias ou de mês a mês. Porque eu não quero que a sala se torne maçuda, eu quero que ela revele a dinâmica de todo o trabalho que desenvolvemos e isso eu consigo se o espaço respeitar as regras de organização que combinámos e se os materiais forem sendo renovados com frequência. Mas há materiais que se vão mantendo porque fazem parte de um projeto. Eu tenho diferentes critérios em função dos trabalhos que vamos desenvolvendo, por exemplo, ainda ali estão materiais do natal porque são de determinados projetos que desenvolvemos e que os vivemos intensamente e então ainda o mantemos na sala. Está também um jogo que foi feito pela anterior estagiária e que também mantemos porque é um livro sobre os direitos das crianças e que foi trabalhado durante um período de quase três meses e decidimos mantê-lo na sala porque deu origem a um jogo da glória e elas podem voltar a jogá-lo. Também é muito importante mantê-lo na sala porque foi construído com o apoio dos pais. Sabes que, para além da sala, eu também divulgo no *hall* de entrada do jardim-de-infância. Nesse espaço existem dois placares para cada sala e existe também um livro que tem trabalho desenvolvido com e para as famílias e que quando está na sala as crianças gostam muito de consultar e ler.

Tens critérios diferentes na seleção da informação que divulgas na sala e no hall de entrada?

Eu no hall de entrada tento que todos os meses estejam trabalhos de todas as crianças e noto que aqui os pais leem muito e depois quando vão levar os filhos à sala comentam o que leram no hall: “Está tão giro.”, “Gostei tanto deste trabalho!”. Eles comentam imenso. Quando organizo esta informação tento respeitar todas as áreas, tento organizar por grupos – o grupo da matemática, o grupo da linguagem, o grupo das ciências. Tento sempre abordar todas as áreas trabalhadas. Existe também um placar no *hall* de entrada que é muito importante nesta relação com as famílias que é o placar dos recados. Como nem sempre conseguimos estar presencialmente com os pais, este é um meio de lhes fazer chegar algumas informações, principalmente as institucionais. Também podem ser eles a colocar lá informação, mas isso quase nunca acontece.

De quem é a responsabilidade da organização deste espaço?

Sou eu que organizo o espaço, normalmente estou muito sozinha porque a minha auxiliar é muito solicitada para dar apoio na escola e eu estou muito sozinha. Neste momento conto muito com a ajuda da estagiária da ESE. Eu gostava que a auxiliar tratasse desta organização e eu sei que ela até é capaz, mas está quase sempre fora, porque como trabalhamos em equipa esta tarefa podia ser das duas, mas não consigo!

Quando seleccionas os materiais para divulgares, como o fazes?

Na sala, normalmente, divulgamos os trabalhos em grande grupo de forma oral, as crianças e eu falamos sobre o que se esteve a fazer. Quando elas terminam os trabalhos, avaliam-nos e depois querem saber quais são os trabalhos que vão para o placar e é nesse momento que decidimos. Às vezes eu acho que elas até são mais críticas do que eu. Muitas vezes tenho que desconstruir com elas o que é mais bonito ou menos bonito porque elas não querem expor os trabalhos das crianças com mais dificuldades ou das crianças mais pequenas e eu tento explicar-lhes que devemos expor os trabalhos de todos e tento que elas compreendam que há crianças mais novas e crianças com mais dificuldades e elas já sabem que colocamos de todas, mas normalmente não querem. Mesmo as próprias crianças têm tendência a escolher os trabalhos das outras crianças e eu acho que esta análise faz parte do seu crescimento. Portanto, antes de divulgar, discutimos o que queremos que os outros vejam e é com base nessa discussão que decidimos o que vamos divulgar e de quem são os trabalhos a divulgar.

Para além dos suportes que eu pude observar, e tu já falaste do caderninho, do portfólio, existem suportes de divulgação e de apresentação do teu trabalho?

Temos o *blogue*. E eu sei que é visto pelos pais e pelas crianças porque eles falam muito do *blogue* e por vezes até comentam connosco. As próprias crianças gostam de ver os seus trabalhos ali divulgados. Sentem-se importantes porque é uma coisa que toda a gente pode ver.

Quais são os teus critérios na publicação da informação do blogue?

Normalmente combino com a colega da sala três e tentamos colocar os projetos comuns, tentamos não evidenciar mais uma ou outra sala. Aí somos as duas que combinamos o que lá colocamos. Se estamos a trabalhar num projeto comum, selecionamos as duas o que queremos lá colocar, se estamos a trabalhar a semana da leitura somos nós que selecionamos o que queremos pôr para não haver uma repetição e para tentar equilibrar a informação que é prestada.

E a colega da outra sala não participa?

Sabes, tem sido difícil porque como naquela sala a colega é contratada, nunca está a mesma e assim decidimos que o blogue seria dinamizado só por nós as duas, se a outra colega quer colocar lá informação, pede-nos e nós publicamos a informação que ela nos dá.

Quando divulgas tentas organizar o espaço por áreas, ou qualquer espaço é passível de divulgação?

Eu quando divulgo tento organizar o espaço por áreas, por exemplo, na área das ciências divulgamos tudo o está relacionado com a área das ciências porque assim quando quiserem saber o que andamos a investigar sabem onde procurar. Deveriam ser as crianças a colocar lá a informação, mas os placares estão muito altos, só na área das pinturas é que são elas que colocam os materiais porque esse placar está mais baixo.

Nas minhas notas de campo constatei que não tens nomes nas áreas. Porquê?

Não, não tenho, é verdade. As crianças vêm de diferentes jardins-de-infância e já sabem os nomes das áreas e não achei necessário identificar, nem tão pouco limitar o número de crianças por área porque elas já têm essas regras mais ou menos interiorizadas. Só na área da casa é que eu tenho a área do faz de conta que de vez em quando é transformada noutra área. Gostava ainda de dizer que, na pintura, existe uma corda que serve para secagem das pinturas, mas também serve para divulgar as pinturas e aí são as crianças que colocam as suas pinturas e que gerem esse espaço. A corda estava muito alta e eu tive o cuidado de colocar a corda ao nível delas, para que a usem autonomamente.

Quando divulgas, o que tentas transmitir?

Eu tenho a preocupação de escrever todos os passos até ao produto final, acho que o principal é o produto final, mas tento expor todos os passos do processo – a pesquisa, o que fizemos e como se chegou ao final. Por exemplo quando apresentámos o projeto dos dinossauros, explicitámos: O que fizemos, o que queríamos fazer, as perguntas que fizemos, o que pesquisámos, as fotocópias que tirámos, eu descrevo todo o processo sobre o que fizemos, depois decidimos como vamos apresentar e organizar os vários trabalhos que os grupos fizeram e só depois é que divulgamos.

Eu tenho alguns critérios porque quando divulgamos temos o cuidado de organizar a informação de modo a que todos compreendam o que estamos a divulgar, mas às vezes não é fácil porque acontecem muitas coisas ao mesmo tempo. Na maior parte das vezes organizamos tudo em função das temáticas que estamos a trabalhar. Outro critério que acho importante é divulgar as áreas de conteúdo, todas as áreas e mostrar que as trabalhamos todas, ainda que umas mais que as outras. Quer dizer, não sei se trabalhamos mais umas que outras, mas conseguimos divulgar mais umas que outras, isso sem dúvida.

Tens também uma área grande com instrumentos reguladores das atividades. Importas-te de falar sobre eles?

Sabes, eu recorro aos mapas efetivamente como reguladores não só das atividades, mas da pedagógica porque é a minha forma de organizar o grupo e às vezes já não é necessário dizer nada porque elas já se organizam. Utilizo muito o mapa dos aniversários, das tarefas, do tempo, dos dias da semana e elas já se organizam perfeitamente sozinhas. Esse é o meu método de trabalho e aí está muito pensamento matemático implícito. É a minha maneira de trabalhar porque eu acho que organiza muito o grupo. Considero também que é uma forma de dar informação ao grupo e a até a quem entra na nossa sala. Eu acho que este grupo relativamente aos dias da semana, tarefas de contagem, a esse nível é um grupo que já integrou muito bem toda esta informação, mesmo a nível do trabalho com tabelas de duas entradas as crianças já têm muita facilidade, já conseguem trabalhar autonomamente.

Existe alguma informação institucional?

Existe uma pequena brochura com regras que temos que entregar todos os anos aos pais e depois existem informações afixadas sobre o funcionamento da escola. Ao longo do ano sempre que é necessário enviar informações no âmbito do trabalho de sala enviamos a informação aos pais sem termos que solicitar autorização ao agrupamento. Se for por exemplo, mudanças nos horários tem que ser o agrupamento a enviar a informação.

Muito obrigada pela tua colaboração. Assim que transcrever esta nossa conversa devolve-te o protocolo para que o possas ler e comentar.

Entrevista de explicitação (primeiras observações)

Duração: 45 minutos

04 de Maio de 2011

Local: EB1/JI do Agrupamento de Escolas C (sala 5)

Educadora de Infância: Cristina

Vamos dar início à nossa conversa. A primeira questão que eu gostaria de te colocar é: Quais são os princípios que consideras nas tuas práticas pedagógicas?

Ao longo da minha vida tenho alterado a minha forma de ser educadora mas os meus princípios globalmente têm-se mantido. As práticas sim, essas vão-se alterando por várias razões. Queres ver? Por exemplo as crianças e a sua cultura têm uma grande influência na minha prática, as formações que vou fazendo, a legislação, sei lá... Acho que os meus princípios não têm mudado muito, o que tem mudado é a minha forma de entender a educação de infância e conseqüentemente a minha forma de ser educadora.

Eu preocupo-me bastante com a pessoa que elas são ou poderão vir a ser, tenho vindo a tomar consciência disso ultimamente, o que me remete para a formação pessoal e social e acho que nesta fase é que as crianças têm mesmo que tomar o gosto por si próprias, acreditarem que são capazes, darem ideias... portanto, um dos grandes princípios que eu tenho é apoiar o desenvolvimento da pessoa que elas são.

Outro princípio é também tentar que elas tenham consciência que não vivem sozinhas, têm que aprender a partilhar, a ouvir o outro, a ter paciência com o outro, porque às vezes está triste, às vezes está mal disposto, porque há crianças diferentes e que nós temos também, de algum modo, ter diferentes formas de lidar com elas e aqui na sala também temos isso e é muito engraçado porque a determinada altura as crianças começam efetivamente a perceber que em determinadas alturas eu, ao grupo todo não deixo fazer e àquela se calhar eu relevo um bocadinho, falo de uma criança com necessidades educativas especiais, e elas próprias também já percebem isso e já aceitam essa maneira de fazer e também o fazem, tendo uma postura de tolerância. Portanto, preocupo-me com a pessoa delas, o saber estar com os outros, ver o outro, aceitá-lo e respeitá-lo. No fundo a questão é saber viver em democracia, saber viver com os outros!

Uma outra grande questão que eu acho que é transversal a estas duas últimas é proporcionar-lhes o maior número de experiências ... sejam elas de que áreas forem, é tentar que elas vivam ao máximo novas experiências, porque este grupo tem algumas limitações em termos familiares. Digo limitações porque não são pessoas com grandes posses financeiras, que possam sair daqui, portanto, eu não tenho aqui crianças que estejam muito habituadas a sair e que tenham acesso a diferentes experiências. Tento que através do jogo e da brincadeira elas contactem com experiências muito diversificadas e essencialmente com experiências que em casa, em princípio, não vão ter.

Nos espaços de divulgação, tens as paredes repletas de materiais... Recorres a alguns princípios para a colocação de material como meio de divulgação das tuas práticas? Como organizas a informação?

Eu considero que a sala é um espaço que é de todos e quando eu digo que é de todos, refiro-me às crianças e aos adultos. O espaço é de todos, deve acolher todos da mesma forma, todos se devem sentir bem aqui e todos devem compreender o que aqui se passa. Por exemplo eu tenho aqui materiais, como o mapa dos aniversários, que foi feito pela minha antiga auxiliar. E porquê? Se calhar eu nunca o faria assim, mas esta pessoa, foi uma pessoa que esteve comigo dois anos, que adorava tudo o que era trabalho relacionado com artes plásticas e eu acho que a sala também era dela e dei-lhe sempre um bocadinho essa liberdade. Como já percebeste, eu tento que todos participem, que todos tenham um bocadinho de si cá dentro e a auxiliar é uma parte muito importante da vida aqui no jardim-de-infância, por isso eu tento dar-lhe responsabilidade e tento valorizar ao máximo aquilo que ela faz e o que ela

me pede para fazer. Como sala é de todos, é minha também... portanto na sala também existem coisas pessoais que eu acho que posso partilhar com todos: com os pais, com as auxiliares. Com quem as quiser ler. Este ano tenho um cantinho muito subtil onde coloco as minhas coisas pessoais que de algum modo me ajudam a levar o dia-a-dia com mais tranquilidade. Esta é uma opção de à relativamente poucos anos, não surgiu na minha prática de início, eu própria tenho necessidade de ler, nós por vezes temos dias que necessitamos, porque se calhar vimos irritadas com alguma coisa, todos nós temos, não é? E o ter ali uma frase às vezes ajuda! Já houve um ano que cheguei a ter um espaço maior, em que era mais evidenciado. Até me lembro de ter tido uma frase que referia algo muito importante, porque é uma coisa que acredito e que é uma frase da madre Teresa de Calcutá que diz qualquer coisa deste género "não deixes sair ninguém do pé de ti sem um sorriso", portanto a ideia é que quando saiam de ao pé de nós, no mínimo, que saiam melhores e é isso que eu procuro quando em determinados dias me sinto insegura com o trabalho que desenvolvo, ou quando estou menos feliz. No "meu" espaço procuro algo que me conforte, algo que me anime e que me faça continuar em frente, porque eu acho que não têm que ser as crianças a fazer isso.

O que me observei quando estive a fazer os registos é que são pensamentos...

Sim, sim! Às vezes sinto necessidade de algo que não sei bem explicar. Algo que me ajude a levar o dia. Por isso, tenho na sala pequenos pensamentos que são um aconchego para mim e para os outros, mas essencialmente para os adultos que aqui passam grande parte do dia!

Foram negociados com eles?

Não, não! Sou eu que coloco naquele espaço e por isso aquele espaço é uma parte da sala direcionada para os adultos e não para as crianças. Como já disse, é um espaço muito meu, mas as auxiliares e alguns pais também acabam por ir ler de vez em quando. É um espaço que é nosso! Dos adultos! Também acho que é importante para nós, até porque fazemos parte do grupo e muitas vezes parece que nos esquecemos disso.

Depois tento sempre divulgar as produções que eu acho que são mais importantes, mais significativas, mais relevantes ... por exemplo aqui tenho as produções relacionadas com o pai. Apesar de ter um placar mais direcionado para as famílias, elas nem sempre vêm à sala. Nós temos que as chamar a entrar. A configuração desta escola também não facilita a entrada na sala. De manhã algumas pessoas até entram, mas não existe muita visibilidade para dentro da sala, ou as pessoas entram de facto para dentro da sala e conseguem observar o que cá se encontra, ou pedimos às crianças e são elas que as convidam a entrar e as coisas acabam por funcionar dessa maneira. Existe ainda outro problema, que é os placares que estão fora da sala. Existem ali uns dois ou três, mas são poucas as pessoas que por ali passam e por isso são poucas as que leem o que ali se divulga. É por isso que, neste jardim-de-infância, divulgo pouco fora da sala. O que eu tento fazer é criar tempos em que os adultos necessitem mesmo de entrar dentro da sala. De um modo muito especial as famílias. Eu não sei se as pessoas se apercebem do que divulgamos, porque nesta andança do dia-a-dia, no leva e traz das manhãs e tardes, muitas vezes não entram, não veem, não leem. Se tiverem situações em que estão aqui connosco então sim, observam, leem, colocam questões a mim e às crianças e é isso que eu tento fazer, tento trazê-los para dentro da sala.

Mas tu disseste que a sala é um espaço de todos, mas quando divulgas... E ainda agora referiste os pais ... aquilo que divulgas é especialmente a pensar nos pais... o teu público-alvo são as famílias ou...

Não! Eu preocupo-me em divulgar para as famílias mas não só, também é muito para nós que estamos cá dentro, no fundo tudo o que é divulgado tem um significado... Divulgo para os outros, mas em primeiro lugar isto é para mim porque eu gosto de ver o que elas fazem, o que nós fazemos. Uma coisa que me dá muito prazer é organizar os placares, se calhar às vezes não está da melhor forma, porque nem sempre consigo... mas é algo que me dá prazer e que tenho preocupação quando estou a fazer e acho que tem a ver até com a minha formação inicial. Estou a referir-me às questões estéticas, mas também à importância da passagem de informação... sei lá às vezes são pequenos detalhes que evidenciam a informação que queremos passar, porque não é só colocar ali os desenhos e não colocar mais nada, por exemplo do dia do pai até podia ter colocado só os desenhos, mas achei que tinha que os enquadrar no trabalho da sala e então coloquei algumas legendas "Dia do Pai" e "Pai",

para fazer as ligações. Esta é uma das funções que desempenho com maior prazer. É importante fazer a ligação entre os placares e a escrita revela-se muito eficaz porque permite compreender melhor, pelo menos permite compreender mais rápido, no fundo, permite fazer a ligação entre o que as crianças aprendem e como aprendem. E para mim é muito importante, eu posso demonstrar aquilo que elas sabem e para elas também é de extrema importância pois é a forma como mostram aos outros e a si mesmas todas as suas aprendizagens... o que sabem e que antes não sabiam. A divulgação, para mim é uma forma de ver como elas e eu crescemos em conjunto. Eu aprendo muito com aquilo que fazemos e com o que divulgamos porque quando olhamos para o que fizemos, compreendemos que fazemos muito e que estamos sempre a aprender. Por isso considero que observar as nossas experiências através do que divulgamos permite-me crescer, a mim e a elas. Por isso é que eu também gosto de divulgar para o exterior, reparaste nas minhas janelas? Eu aproveito tudo e as janelas não são exceção, por isso, e como as famílias ficam muitas vezes lá à espera, aproveito para divulgar o que fazemos e enquanto esperam têm a oportunidade de ver e de conversar sobre o que lá está.

Às vezes o que coloco são umas graças que elas fizeram, uns desenhos, umas palavras, sei lá... uma fotografia, podem ser muitas coisas, por exemplo até posso colocar "máquina fotográfica", ou "desenho", para que as coisas façam algum sentido, o que eu quero dizer é quando divulgo o que quer que seja... o que eu quero é que os outros possam entender o que nós fazemos, porque para mim e para as minhas colegas que estamos habituadas a este tipo de trabalho e de registo, nós conseguimos entender, agora os pais que acabam por estar de fora é preciso explicar-lhes um bocadinho o que se passa, e é isso que eu pretendo, é explicar o que nós aprendemos aqui ... quero que todos entendam como as aprendizagens se processam... quero mostrar o processo e não apenas os produtos que é o que é mais visível. Eu quero que o que divulgo, espelhe o que nós vamos fazendo e quando digo nós refiro-me às crianças e a nós adultos, porque nós também fazemos muitas coisas e essas coisas para nós são importantes.

Tens na tua prática alguma periodicidade para organizares a informação? Como é que fazes a gestão da informação que colocas nos placares?

Não... eu vou colocando os materiais que eu acho que são mesmo relevantes, por exemplo, todo este material vai sair deste placar. Já tenho aqui os desenhos relacionados com a mãe e portanto vou mudar. Não tenho uma rotina preestabelecida, um tempo determinado, não! Como falámos há pouco, os registos permanecem enquanto tem sentido para mim, para o grupo e até para os pais, eles permanecem enquanto percebemos que ainda nem todos os leram. Altero quando acho que tenho informação pertinente e relevante para dar conta do processo. Por vezes, tenho informação que está um mês exposta e outra que pode estar só uma semana. A divulgação dura enquanto faz sentido para mim, mas principalmente, para o grupo ou para alguma criança em especial. Se de repente, acontece uma atividade que não estava prevista, mas se foi significativa para o grupo eu posso retirar a informação que coloquei ontem, mas normalmente o que faço é procurar a informação que está há mais tempo.

Quem é que assume a responsabilidade de gerir os placares?

Normalmente essa responsabilidade é minha, faço dela uma parte integrante das minhas atividades. É uma função pedagógica que eu assumo. Às vezes o que acontece é que as crianças acabam por me ajudar. Já aconteceu em determinadas alturas serem elas próprias a gerir os placares, serem elas a colocar os desenhos. Por exemplo, aquele placar que ali está eu não me apercebi que ela o estava a construir e como vêes ele foi construído com o apoio da auxiliar... elas têm margem de manobra para podem colocar e retirar o que entendem, sempre com alguns limites e sempre respeitando os trabalhos dos outros, por isso é que muitas vezes me acontece que um placar que ontem parecia que estava muito organizado, de repente, está tudo baralhado mas não interessa, está ali porque faz sentido e porque tem a ver com o que se está a passar na sala. E volto a dizer-te eu aprendo muito com a experiência tenho vindo a compreender-me melhor enquanto educadora quando me confronto com as nossas atitudes, com a autonomia que as crianças conseguem, sim porque as crianças têm um papel fundamental em toda a minha experiência profissional. A experiência com diferentes grupos ao longo da minha vida profissional tem-me ensinado muito... claro que isto não acontece com todos os grupos, nem com todas as crianças, mas o que eu sou enquanto educadora está muito

relacionado com este espaço de construção mútua em que todos nós assumimos uns papéis diferenciados mas que se complementam.

Um apontamento que me parece interessante e que se destaca das outras salas em que tenho realizado observações, são os móveis que tens na tua sala.

Referes-te ao que está pendurado no teto, não é? Eu aproveito todo o espaço e o teto é mais uma forma que encontrei de divulgar as nossas coisas. Alguns são as crianças que me pedem para pendurar. Por exemplo aquele já ali está desde o ano passado, foi feito pelas crianças a partir de uma história que eram os bonequinhos das preocupações. Acho que os móveis são uma forma de aconchego, são um bocadinho o aconchego da sala. É aquilo que eu dizia, eu na minha casa gosto de ter coisas minhas e os móveis funcionam como um bocadinho nosso, um bocadinho daquilo que nós queremos manter e fazer perdurar no tempo. Por exemplo, este é do Natal e eu tenho sempre esse cuidado, deixo sempre algo do Natal, nunca sai tudo do Natal porque é uma época que vivemos com muita intensidade e há sempre pequenos apontamentos que vão ficando e que de alguma forma são trabalhos e que depois vamos desenvolvendo ao longo do ano e que nos caracterizam, por exemplo este (e aponta para um dos móveis) está relacionado com um projeto que desenvolvemos sobre animais, são coisas que nós vamos construindo, por isso, são nossas, e fazem parte de nós, do que aprendemos e do que descobrimos. Aquele foram elas que construíram e que me pediram para colocar, aqueles são as figuras delas... são os seus autorretratos.

Se observares bem os nossos *móveis* estão relacionados com as áreas que exploramos. O que ali está pendurado não é apenas para decoração, eu tenho como objetivo que ao olharem, ao observarem o que ali está pendurado as pessoas tomem contacto e percebam algumas das aprendizagens que o grupo vai realizando. Por exemplo, a capacidade de inventar, que eu exploro muito e às vezes acho que deixo as auxiliares um bocadinho malucas com o isto porque depois é muito material de desperdício... mas a pouco e pouco vai “entrando” no nosso ritmo e no delas também.

Na tua sala quem consideras que são as pessoas que se interessam, que observam, que leem o que está nas paredes?

Boa pergunta... é assim... eu interesse-me, eu interesse-me! E não é só na minha sala porque quando vou a outra sala gosto de observar e aprender com os outros! Eu acho que a forma como divulgamos tem muito a ver com cada pessoa e com o espaço que cada um tem e eu interesse-me muito por ter a minha sala preenchida com muita cor e com muitos saberes. Alguns pais também se interessam, não digo que sejam todos ... mas alguns interessam-se, algumas pessoas interessam-se mesmo e gostam de observar, perdem tempo... que dizer não perdem tempo, mas ocupam um pouco do seu tempo a ver o que nós temos na sala. Sabes! Eu interesse-me e saber que os outros também se interessam faz-me sentir que o trabalho vale a pena, faz-me sentir que os outros dão valor ao que aqui se faz. Ainda hoje achei interessante porque fui dar com um pai a ler um dos nossos placares e via-se na expressão dele que estava mesmo interessado no que estava a ler. Também é frequente encontrar as cozinheiras e o pessoal da limpeza a ler os placares. Por vezes estão a realizar as suas tarefas e de repente param para ler o que está escrito do que as crianças tinham dito sobre uma determinada atividade. Acho que, de alguma forma, todos nós nos interessamos, todos lemos e as crianças também. Sim as crianças também leem! Eu acho que temos que ter algum cuidado, também não podemos ter uma grande sobrecarga de informação porque depois há coisas que, por exemplo agora de momento olhei para isto e não sei se não tenho aqui demasiada informação! A organização daquilo que expomos é muito importante. Mas ... tem também a ver com a altura em que estamos, há períodos do ano em que sentimos mais necessidade de expor, de divulgar o que vamos fazendo e os outros também procuram mais nessas alturas. Eu tenho o cuidado de organizar as produções das crianças e os meus comentários sempre a pensar nos outros, naqueles que se interessam pelo que fazemos. Por exemplo, no dia do pai como é este o caso. Mas as crianças leem e leem mesmo, elas interessam-se pelo que se anda a fazer, leem tudo, até a informação que eu aqui tenho e que é mais direcionada para as famílias elas veem ver e se não conseguem ler, pedem ajuda. Isto é uma coisa que eu normalmente tenho (e aponta para um placar com frases/pensamentos direcionados para os adultos). Noutros anos já tive noutras partes da sala, mas tenho sempre todos os anos, faço questão de ter um espaço só para os adultos.

Para além deste suporte existe algum outro suporte de comunicação com os outros? Refiro-me às famílias, ao pessoal docente e não docente, às crianças.

Temos, mas a construção do blogue até foi feito pela auxiliar. Nós começámos, mas também temos que ser um pouquinho espicaçadas e portanto houve no início, de facto, algum feedback e nós entusiasmámo-nos, porque as famílias colaboravam e nós sentíamos que tínhamos que corresponder, mas depois o entusiasmo quebrou e nós também quebrámos um pouco, mas pronto acho que é muito importante e sobretudo para as crianças que comentam “Nós estivemos a ver lá em casa”, “Eu estive a ver com os meus pais o que fizemos” e, mesmo com todas as dificuldades que sentimos, isso faz-nos continuar.

Portanto, basicamente divulgamos nas paredes, no teto, nas mesas, no chão, nos móveis e em tudo o que tu vês em teu redor e depois temos o blogue, mas que é pouco utilizado. Depois o agrupamento também tem um site institucional com as informações gerais, mas também existe uma parte dedicada ao trabalho que fazemos, tem uma parte para nós! Também existe o moodle mas eu não tenho utilizado porque não domino muito essas técnicas e para chegar lá necessito de apoio... mas efetivamente este é mais um meio de divulgação, só que eu não o utilizo!

Quando decides divulgar os materiais, qual é a mensagem que pretendes transmitir?

Em primeiro lugar pretendo transmitir o que estamos aqui a fazer, o que é que fizemos. Momentos bons que passamos aqui. Sei lá, por exemplo aquele placar acerca do pai foi construído e escrito pelos pais, tenho que o tirar dali. Mas porque o placar foi construído com os pais e as crianças, até tenho pena do tirar porque eu acho que faz parte da sala, quando eu há pouco referia que o que está na sala é para mim, quero dizer é também para mim, quando eu olho para o tudo o que divulgamos, olho para o espaço que nos rodeia e o que vejo traz-me recordações, faz-me reviver coisas que vivemos aqui dentro da sala e isso, para além de se saber bem, faz-me sentir bem, faz-me sentir, é isso mesmo faz-me SENTIR. Portanto eu acho que acima de tudo tento divulgar os momentos que vivemos aqui. Pretendo contar o que fazemos, mostrar e deixar aqui uma parte de nós. Também podemos colocar coisas que vêm de fora, por exemplo, estes desenhos aqui que eles fizeram em casa, mas que estão relacionados com o trabalho que nós fazemos aqui neste espaço, nós e as crianças. Nós (os adultos e as crianças) queremos contar aos outros o que fazemos e o que sentimos e como o espaço é nosso, partilhamos o que cada um faz e da forma que cada um acha que é melhor! É uma forma que temos de participar, no fundo a sala funciona como um espelho, um espelho do nosso trabalho, das nossas relações, das nossas recordações e dos nossos bons momentos!

Quando eu estava a escrever as minhas notas de campo verifiquei que tens ali uns *portfólios*. Podes falar-me um pouco deles?

Olha eu organizo os *portfólios* sozinha. Eu escolho alguns trabalhos que considero mais relevantes. Algumas das crianças quando se aperceberam que era eu que escolhia, acabaram por se sentar ao pé de mim e deram-me uma ajuda. Eu quero que elas também passem a colaborar neste trabalho. Mas cada uma delas tem uma capa onde colocam todos os trabalhos que realizaram e no *portfólio* o meu objetivo é que surjam os trabalhos mais significativos e que deem conta da evolução das crianças e do seu processo de desenvolvimento e de crescimento. Este documento funciona como um álbum de recordações mas também como um documento de avaliação. No final do ano as crianças levam-nos para casa, mas funciona muito como instrumento de avaliação, até porque quando eu estou a construir as fichas de avaliação individuais no final do período se tenho dúvidas sou capaz de lá ir ver para consultar tentar perceber as minhas dúvidas, esclarecer algumas questões. Quando os estou a construir por vezes apercebo-me que nem todos os trabalhos têm nome ou data e aí muitas vezes me questiono se elas necessitam de mais apoio do que aquele que eu dou. Considero que as datas são importantes porque o que fazem em setembro é com toda a certeza diferente do que fazem em janeiro ou em fevereiro, este é talvez o meu único critério quando estou a construir os *portfólios*. Para além disto, logo no início do ano explico aos pais e às crianças o que é o portfólio e no fim do ano, quando ele vai para casa, tenho um cuidado que é elaborar um texto enquadrador onde escrevo sobre as crianças do grupo e as coisas que fizemos e que aprendemos. No fundo preocupo-me em referir sucintamente as aprendizagens que em conjunto realizámos.

Obrigada pela tua colaboração!

Entrevista de explicitação (primeiras observações)

Duração: 33 minutos

31 de Março de 2011

Local: EB1/JI do Agrupamento de Escolas A (sala das educadoras)

Educadora de Infância: Inês

Vamos dar início à nossa conversa, vou gravá-la e depois devolvo-te o texto para que possas alterar e ou justificar alguma a informação.

Tudo bem, estás à vontade.

Gostava que me falasses dos princípios que regem a tua prática pedagógica.

Isso engloba tudo, não é? Essencialmente os meus princípios cruzam-se com aquilo em que eu acredito que deve ser a prática pedagógica e com a minha filosofia educativa e com o facto de acreditar que as crianças aprendem de uma forma ativa, aprendem umas com as outras, aprendem fazendo e aprendem essencialmente pensando sobre as coisas sempre com a ajuda dos adultos, digo sempre porque na sala, de forma direta ou indireta os adultos apoiam sempre as crianças. É assim que eu acho que as crianças aprendem, é por isso que, quando estou com elas, tento organizar todo o trabalho e toda a minha intervenção nesse sentido.

Dou muita importância à relação, acredito muito que as crianças aprendem de uma forma social em relações de qualidade que estabelecem umas com as outras, aprendem como eu disse fazendo e pensando sobre o que fazem. Ao criar condições para que as relações sejam diversificadas, considero que crio condições para que as crianças aprendam a lidar com o previsto mas acima de tudo com o imprevisto. Se as relações forem autênticas elas conseguem posicionar-se face ao outro e decidir o que fazer em determinada situação. Este é um princípio que guia a minha ação, e que eu faço questão de explicitar aos pais pois considero que ao promover o desenvolvimento de relações sociais saudáveis como o respeito, a solidariedade, a responsabilidade, a participação estou a ajudar a desenvolver a formação pessoal e social de cada um e do grupo em geral. E é na articulação de todos os meus princípios que eu construo a minha prática e que depois penso sobre ela e que defino o meu projeto curricular com as crianças, portanto tenho isso tudo por base e depois cruzo também com as coisas que eu vou aprendendo e sabendo o que anda a ser produzido pelo mundo fora, as novas teorias educativas, o que se vai investigando e publicando, tento portanto estar a par das novas informações e depois vou cruzando com aquilo que é mais institucional, com o projeto educativo do agrupamento que também se deve cruzar com o meu, depois também com o da colega que trabalha aqui comigo e com quem desenvolvo muito trabalho em parceria e portanto pretendemos sempre cruzar as nossas práticas. Felizmente como temos uma filosofia educativa que eu penso que é muito comum, como partilhámos dos mesmos princípios é fácil articular, portanto a minha prática acaba por se basear nestes princípios todos.

A experiência tem-me ensinado que nunca é possível repetir as mesmas estratégias de ano para ano. Mesmo quando algumas crianças se mantêm no grupo. É através da análise da minha experiência, que eu vou percebendo como devo agir, como devo ser. O que quero dizer é que a minha experiência é o meu porto seguro. No meio das minhas inseguranças e na expectativa de ser cada vez melhor educadora, é na minha experiência que eu me baseio para mudar ou para manter o que quer que seja. Ela é a melhor conselheira.

Correndo o risco de me repetir, a minha intencionalidade máxima é partilhar, ou melhor é explicitar o que as crianças fazem no jardim-de-infância. Faço-o para as crianças e para quem entra na sala: as famílias, as colegas, as crianças de outras salas, para todas as pessoas. Considero que é importante que tenha sentido para as crianças. Tento que sejam elas próprias a colocar e a decidir o que querem colocar nas paredes, nos *portfólios*, ... tento sempre que as crianças explicitem o que querem expor. Tento também que se respeitem alguns critérios das crianças, nomeadamente, que tenha

sido importante para elas, que tenham aprendido alguma coisa, que seja significativo das aprendizagens, que explicitem porque é que é que querem expor.

Eu pretendo dar informação, quero muito mostrar o que se faz. Tento que não exista demasiada informação para que a sala não esteja demasiado cheia. Este processo dá muito trabalho porque estou constantemente a selecionar e constantemente a repor o que está na sala, faço-o quase diariamente.

Sou muito sensível à estética. Eu deixo colocar onde e como elas querem, mas depois refletimos em conjunto sobre o processo e sobre o modo como escolheram o espaço. Por exemplo, uma das crianças trouxe uma bandeira de Portugal que fez em casa e quis colocá-la na sala. A criança discutiu comigo a forma de a colocar: decidimos onde e como a expor na sala e depois ela explicou ao grupo a nossa decisão. Tento que as paredes da sala e do exterior também sejam o reflexo do nosso trabalho, do nosso espaço. Depois também aproveitamos tudo o que nos rodeia para divulgar o que fazemos. Como observaste até divulgamos nos móveis e não me refiro apenas ao que colamos nos móveis, também aproveitamos para divulgar em cima deles.

E ao nível do que divulgas, quais são os princípios em que te baseias quando organizas o espaço, não o espaço em termos de atividades, mas o espaço de divulgação.

Então, tento que o espaço seja um meio de comunicar e de apresentar o que as crianças estão a fazer, tento que transmita aquilo que nós estamos a aprender. Divulgo não só com as famílias, mas para as famílias também. Divulgo para a comunidade que gosta de saber o que se passa aqui dentro. Por vezes a comunidade participa, mas a maioria das vezes, assiste apenas ao que fazemos. Divulgo também para as próprias crianças e até para meu autocontrole, o que eu tenho exposto também acaba por servir um bocadinho de controlo e de avaliação do que vamos fazendo. Às vezes dou por mim a olhar para o que temos exposto, não só nos placares mas também pela sala e no modo como a sala está disposta e tento compreender se reflete ou não aquilo que eu pretendo, se reflete ou não o que se vai fazendo, no fundo são as minhas práticas. Às vezes dou comigo a fazer isso, quase sempre de uma forma inconsciente. Por vezes, dou comigo a mudar a forma como os materiais estão expostos e depois quando paro um bocadinho para pensar, percebo que de facto mudei porque percebi que os registos divulgados não estavam a transmitir o que explorámos e tento encontrar outra forma de transmitir, outra forma de comunicar, portanto, pretendo que o que está exposto nas paredes, nos placares e no espaço da sala seja útil para todos e que seja um meio de explicitar o que nós fazemos e que vamos aprendendo e que estamos a aprender e a desenvolver na sala. No fundo, eu avalio continuamente a forma como nós divulgamos o que fazemos e o que queremos fazer. Umas vezes avalio sozinha, outras avalio com as crianças ou com a auxiliar e, por vezes, até os pais participam na avaliação do que temos exposto. Essencialmente é isso.

Quando divulgas o que é que pretendes transmitir?

Pretendo divulgar aquilo que as crianças estão a aprender, aquilo que nós estamos a fazer, as nossas práticas, pretendo mostrar o que está a acontecer no jardim-de-infância, os projetos, os interesses das crianças, as dificuldades, a sua evolução, pretendo que o nosso trabalho seja visto. Pretendo que olhem à volta e vejam o que fizemos durante um dia, uma semana, um mês, Pretendo que quem olha possa compreender o que todos fazemos aqui no jardim-de-infância.

Essencialmente o trabalho das crianças ou também tens alguns cuidados em apresentar aquilo que são as tuas propostas, os teus objetivos enquanto educadora?

Penso que na minha sala está explícito o que as crianças fazem, mas também o que fazem os adultos, pelo menos tento que ambos estejam explícitos no que divulgo: o trabalho delas, os produtos delas e depois também ... eu penso que o modo como eu organizo a informação acaba por ter implícita a minha intenção, penso que acaba por estar porque os trabalhos das crianças, as produções não estão expostas de forma desorganizada e anárquica, estão organizadas e essa organização, penso eu, é já o reflexo daquilo que pretendo divulgar. Tento dar conta do processo, dar visibilidade não apenas ao que fazemos mas como fazemos e o que aprendemos. Tento não colocar só os produtos, por exemplo aquilo que agora estamos a trabalhar e que tem a ver com os pesos e as alturas, está muito relacionado com a matemática, mas também com outras áreas de conteúdo. Estivemos a trabalhar sobre estes conceitos, estas noções, neste momento estamos numa fase em que estamos a sistematizar: como é que fizemos, como é que aprendemos e construímos um placar que é o reflexo do que fomos

fazendo ao longo de algumas semanas, não é só de agora! Entendo que isso é já o modo como nós fizemos, como é que fizemos para aprender sobre o peso, no dia em que fizeste as observações nós estávamos a medir. As crianças usavam uma fita como medida, mas agora já estamos na fase que eu chamo de sistematização... fotografámos o que fizemos e agora estamos a organizar os registos para divulgar, no fundo estamos a organizar os registos para mostrar a todos como é que decorrem as aprendizagens. Organizo por tema, por projeto, por área de conteúdo, mas quando divulgo tento sempre aglomerar a informação para que seja mais fácil ler e compreender.

Consideras que esse é um processo intencional?

Claro, claro que sim! Todo o processo de divulgar o que fazemos é feito de forma intencional, mas não consigo que aconteça em todos os projetos. Não existe em todos a mesma preocupação de sistematizar a informação. Acabo por selecionar apenas alguns. Se me perguntarem porque é que seleciono alguns, não é muito fácil responder, ou melhor eu sei porque é que seleciono alguns. Porque penso que são aqueles que foram significativos para as crianças e que se cruzaram com outras aprendizagens e em que as áreas de conteúdo estiveram ali entrelaçadas e foram realmente significativos em termos de aprendizagens para as crianças e são esses que sem dúvida eu seleciono. Portanto, divulgo os projetos que envolveram aprendizagens significativas.

Esses projetos são selecionados por ti, ou a seleção pode também partir das crianças?

Eu acho que acaba por partir também delas porque elas próprias estão envolvidas neste processo e acabam por fazer dar a entender e por me fazer chegar a importância que os projetos tiveram para elas. Elas assumem muito bem o papel de chamar a atenção para que aquele projeto, aquela área, aquela ação passe realmente a ter um papel importante na sala e é assim que eu consigo entender a participação delas na divulgação da informação, como deves entender nem sempre consigo absorver tudo o que se passa na sala e alguns aspetos, alguns pormenores podem escapar e são elas que me chamam a atenção e eu entendo que se para elas foi importante, então temos que divulgar, temos que apresentar aos outros e refiro-me às outras crianças, mas também aos pais e a mim própria. No fundo com aquilo que eu e as crianças apresentamos e expomos, permitimos que a sala transmita as nossas experiências, as nossas vivências, conseguimos ler as práticas através dos seus olhos e dos seus sentidos, ou seja, conseguimos compreender o que elas mais valorizam no jardim-de-infância.

Ao selecionares, tudo pode ser divulgado? Tens critérios para decidir o que divulgas? E para além desses critérios quem pode decidir, tens critérios? Como decides, como geres isso no quotidiano da tua sala?

Na sala todos podemos decidir o que se divulga e o que não se divulga, o que se mostra e que o queremos guardar, se bem que penso que muitas vezes acabo por ser eu a ter que fazer alguma reflexão conjunta com as crianças porque acho que nem tudo é para divulgar expondo na sala, por isso o que eu faço é conversar com elas quando percebo que não estamos a ter critérios na exposição porque, por vezes, querem pôr tudo. Então converso com elas e partilho a responsabilidade de dizerem porque é que acham que é importante divulgar aqueles trabalhos na sala ou noutra espaço qualquer que se defina.

Então os critérios podem ser definidos por ti e também pelas crianças?

Os critérios do que se divulga e do que não se divulga são negociados entre mim e as crianças, mas de uma forma geral esta questão não se coloca porque os trabalhos que estamos a desenvolver... é assim, os projetos acontecem em simultâneo, é assim que nós trabalhamos, estamos com várias atividades ao mesmo tempo, vários projetos, várias hipóteses para trabalhar ao mesmo tempo com crianças diferentes, elas aprendem através de uma aprendizagem ativa, em que escolhem e em que aprendem ativamente com as diferentes interações que estabelecem! E portanto temos variados interesses e são os produtos dos diferentes projetos e das diferentes atividades que vão preenchendo os espaços de acordo com o que se vai realizando, em cada parede, em cada mesa, em cada canto é possível divulgar as diferentes atividades e projetos que todos vamos realizando, isso por um lado, e depois há uma série de atividades que não são propriamente no âmbito de projetos em que estamos envolvidos mas que fazem parte de atividades que elas vão escolhendo por iniciativa própria e que não fazem parte de nenhum projeto e que podem também ser perfeitamente divulgados por elas e essas não têm praticamente a minha intervenção, se elas fizeram uma pintura, uma escultura, um texto, sei lá

qualquer coisa que não está relacionada com nenhum dos projetos, e isso acontece todos os dias, mas se querem expor, podem expor, têm autonomia e liberdade para gerir os espaços de divulgação. Claro que respeitando as regras de organização da sala.

Portanto, têm espaços próprios, se a criança acabou de fazer a pintura e quiser divulgar, pode fazê-lo em qualquer lugar?

Não! Quer dizer logo no início do ano definimos como e onde podemos expor, em colaboração com o grupo decidimos onde podemos colocar os nossos trabalhos. A organização de todo o espaço é negociado por nós e aqui inclui-se o espaço de exposição dos materiais, por exemplo em relação às pinturas temos ali um placar na zona da arte e aquele é um placar onde podemos pôr e tirar de acordo com o que queremos divulgar. E é nesse placar que elas põem lá aqueles trabalhos que acham que são os mais importantes e que querem lá pôr. Existem alturas em que as crianças não retiram e não renovam os materiais expostos e, então intencionalmente, chamo a atenção para aquele espaço, dizendo por exemplo: “olhem lá para aquele espaço, vocês têm feito tantas coisas e não têm exposto nada, porquê? Acham que não é importante expor? Acham que não devemos mudar?”. Às vezes basta falar sobre o espaço que elas tomam a iniciativa de mudar, outras vezes, querem mudar todos os dias porque acham que todos os dias fazem coisas importantes, mas eu penso que com elas é mesmo assim. O meu trabalho é ajudá-las a refletir sobre isso, ajudá-las a gerir melhor e a compreender como devemos fazer, pensar em critérios e recorrer a eles para organizar e dinamizar o espaço que temos. Mas eu não tenho critérios rígidos, eu acho que se pode mudar em função do que queremos mostrar, temos é que discutir e avaliar, caso a caso, que regras e que critérios querem utilizar naquela situação.

Então, uma pintura não pode ser exposta por exemplo na área das construções, ou na área da casa?

Sim, se as crianças quiserem e se fizer sentido, qualquer pintura, ou mesmo outro tipo de produção, pode perfeitamente ser exposta em áreas que não as habituais. Estou a lembrar-me por exemplo, e elas fazem isso com essa intenção, andámos há pouco tempo a trabalhar numa espécie de ficheiro com fotografias de obras de arte e andaram ali muito envolvidas a serem artistas e a colocar nas paredes as suas obras de arte e realmente isso passou não só ao espaço da área da arte, mas está espalhado, até na área da casa porque elas disseram também podemos pôr ali, porque é um quadro e claro que podemos pôr a enfeitar a casa e colocaram no espaço da sala da área da casa. Portanto, podem divulgar em qualquer espaço da sala desde que tenha sentido, tenha lógica e que seja negociado com os adultos e mesmo entre elas.

Tens na tua prática alguns critérios para o tempo em que os materiais podem estar expostos? Como é que fazes a renovação dos materiais?

O tempo é muito variável. Tento sempre que esteja atualizado, que o que esteja exposto seja o reflexo do que se está a viver, faz-me muita confusão, não consigo ter uma coisa exposta durante muito tempo ... porque nós estamos sempre a olhar para lá! As coisas que nós temos nas paredes têm que ser reflexo do que nós estamos a viver na altura, do que tem sentido para nós e portanto é renovado com muita frequência, de acordo com o tempo em que nós estamos a desenvolver um projeto, uma atividade, não tenho um tempo pré definido. Não tenho um tempo específico, pré determinado, não faço isso semanalmente, ou quinzenalmente, ou mensalmente... renovo em função do trabalho que vamos desenvolvendo. Há um espaço específico da sala onde tenho os projetos e que se chama mesmo “Os projetos” e aí deixo a informação desde o princípio do ano até ao fim. Esta minha opção é intencional porque me permite dar conta dos projetos que fomos desenvolvendo e das aprendizagens que as crianças e eu fomos fazendo ao longo de todo o ano.

Quando retiras o material, o que lhe fazes?

As produções de cada criança vão para as suas capas, as produções que são do grupo e que são gerais, a maior parte das vezes eu arranjo um sistema de as fotografar e faço um resumo, depois componho como se fosse uma história e coloco naquela área dos projetos. Há outros que também fotografo e que utilizo ainda durante algum tempo, retiro da sala e coloco no vestiário. Esta foi uma estratégia que combinei com a outra colega porque achamos que é outra maneira também interessante de divulgar o que se vai passando no jardim-de-infância. No vestiário, normalmente, coloco materiais que já estiveram na sala, mas são materiais que consideramos que podem ainda prolongar a sua

exposição e passear pelo jardim-de-infância. Assim, as famílias que não tiveram oportunidade de ver o que fizemos e de conversar sobre isso possam ter mais oportunidades. É interessante ver que as crianças, quando estão no vestiário a pôr e a tirar bibe, observam os materiais e lembram-se daquilo por que já passaram, lembram-se do que aprenderam e falam sobre isso. Esta é outra estratégia que aqui no jardim-de-infância utilizamos para divulgar ainda mais as nossas práticas, tentamos chegar um pouco mais longe, tentamos chegar aqueles que, por alguma razão, ainda não tinham tido oportunidade de ver, de observar e de comentar aqueles materiais e aquelas aprendizagens e as crianças ajudam-nos nessa tarefa.

Logo no início, já falaste um pouco sobre este assunto, mas eu gostava que explicitasses melhor a quem se dirige a informação que está nas paredes e na sala. A quem é que se dirige a divulgação?

Eu acho que se dirige a todos, todos estão implicados: as crianças, eu, as famílias, a comunidade. Acho que divulgamos para todos! Divulgamos para quem entra na escola. Eu tenho essa preocupação! Os familiares entram todos os dias na nossa sala nos momentos de entrada e de saída das crianças porque essa é uma preocupação minha, é uma intencionalidade muito marcada na minha sala e aqui no jardim-de-infância! Tenho como intenção fazer os pais, os avós, seja lá quem vem... qualquer um tem sempre que entrar na sala, convido-os a entrar na sala naturalmente para que observem o que se passa e observarem aquilo que expomos, esta é uma forma de o fazer. E é interessante que um dos materiais que divulgamos e que é motivador para as famílias observarem é o facto de logo à entrada da sala termos o registo do diário com a novidade do dia, em que normalmente as crianças relembrem alguma coisa que aconteceu e que está exposta em algum sítio da sala e isso convida as pessoas a irem ver e as crianças convidam-nos muito, muitas vezes dizem: “anda ver, anda ver!” E portanto de uma forma geral as famílias entram na sala e veem o que lá está exposto.

Elas são um dos interlocutores privilegiados na tua divulgação?

Sim, são, sem dúvida, as famílias são! Eu preocupo-me muito com elas pois são minhas parceiras na educação das crianças e eu tenho a preocupação de lhes dizer, e eu ao divulgar considero que de alguma forma lhes estou a dizer o que os filhos aprendem, como aprendem, com quem aprendem e acima de tudo, com o que divulgamos na sala consigo dizer-lhes o que as crianças já aprenderam e o que já conseguem fazer. Muitas vezes os pais ficam espantados! E as crianças também. Preocupo-me muito em criar condições para que possam ver, mas ver mesmo, o quanto as crianças já sabem e o quanto aprendemos todos juntos. Quando eu digo que os pais são privilegiados não sei se é bem assim, porque somos todos privilegiados, ainda que em dimensões diferentes, com reflexões diferentes, mas são todos privilegiados e se calhar mais do que ninguém são as próprias crianças e nós que estamos lá todos os dias que somos os principais leitores. Acima de tudo parece-me que somos nós, os adultos da sala e da sala ao lado e também as crianças que mais observamos o que divulgamos. Somos nós que mais refletimos sobre o que divulgamos, muitas vezes damos por nós a discutir com as crianças o que fizeram e por vezes até vamos chamar as colegas da sala ao lado para que elas possam partilhar aqueles momentos connosco e que possam ver o quanto elas são competentes!

Existem alguns cuidados a ter na divulgação? Quando eu digo cuidados, quero perguntar se te preocupas com a diversidade de atividades, a diversidade de crianças, a diversidade de áreas de conteúdos.

Tenho em atenção os dois aspetos, não sei se valorizo mais um do que outro. Às vezes nem todas as atividades são as mais evidentes quanto às áreas de conteúdo, mas eu tenho a preocupação de divulgar a aprendizagem das diferentes áreas, diferentes aspetos e até mesmo diferentes crianças, sabes, eu também não tenho como prática ter exposto o trabalho individual de cada criança, não é isso que me preocupa muito, tenho essa preocupação pontualmente, como vai ser o dia da mãe e o que está a acontecer é que as crianças estão a conversar sobre coisas importantes relacionadas com as mães e conversámos com elas, isso foi conversado com elas, se achavam importante divulgar no placar porque são coisas que elas me disseram a mim pessoalmente e que são pessoais e elas podem não querer que os outros leiam. Eu tive a preocupação de lhes perguntar se queriam expor ali ou se queriam guardar já no *portfólio* e ser uma coisa só delas e da família e todas quiserem divulgar. Nestas situações eu acho que é importante dar visibilidade a todas as crianças, porque os pais gostam de ler o que as crianças dizem dos pais e gostam de ver o autorretrato que as crianças fizeram da mãe ou do pai e portanto são alturas

especiais que eu gosto de respeitar, mas não é minha intenção que os trabalhos que vão fazendo individualmente sejam todos expostos. Como existem sempre vários trabalhos a decorrer ao mesmo tempo, há sempre trabalhos de todas as crianças na sala expostos e em diferentes áreas. Há sempre coisas de cada uma. Não tem que ser tudo da mesma atividade ou do mesmo projeto, tento diversificar.

Tens falado muito das crianças e de ti, mas na tua sala, enquanto estava a elaborar as minhas notas de campo percebi que existe uma relação forte com a auxiliar, é evidente o trabalho de equipa com a auxiliar. Ela tem também possibilidade de gerir a informação, pode também ser autora, ou essa é uma competência tua?

Claro, a auxiliar pode perfeitamente gerir aquilo que divulgamos, se achar que é importante naquele momento tirar ou pôr algum material, ela pode fazê-lo, mas ela acaba sempre por perguntar, nem é propriamente perguntar, acaba por me informar: “Vou tirar! Pode ser? Acha bem?”. Mas acho que tem mais a ver com uma relação de respeito e até mesmo de poder, porque como eu é que sou a educadora da sala ela acha que me deve perguntar, que me deve informar. Mas ela tem autonomia para colocar e retirar os registos numa relação de parceria em que eu a considero e a trato como uma parceira no dia-a-dia da sala e das atividades que vamos desenvolvendo.

Para além dos suportes que eu pude observar, dos mapas, dos registos, dos desenhos e pinturas, das construções, ... há outro tipo de suporte de comunicação com as famílias e com outros intervenientes?

Tenho, tenho as bolsas individuais que é uma forma de comunicação e de relação com as famílias e depois tenho as capas com os trabalhos que se vão desenvolvendo, os *portfólios*... temos também um blogue que divulgámos aos pais, mas neste contexto ainda nem todos os pais têm acesso à internet e nem todos têm internet em casa mas é nossa intenção que este blogue seja essencialmente um espaço de divulgação de trabalho de projetos, mas penso que ainda não tem expressão é uma coisa ainda muito embrionária, eu pessoalmente tenho apenas três pais com quem falei, não sei se a minha colega já falou com os pais, mas... Estás a ver ... até porque eu ainda me sinto muito insegura nesta área, ainda preciso de trabalhar para poder implementar esta forma de comunicação. Sim porque será sempre mais uma forma de comunicar e não a forma de comunicar. Eu continuo a considerar de extrema importância que os pais venham à sala, por isso é que as minhas portas estão sempre abertas e digo literalmente abertas porque eu quero que eles entrem, quero que todos os parceiros entrem na nossa instituição e as novas tecnologias deixam-nos entrar virtualmente, portanto considero as TIC como mais uma forma diferente, mas importante de divulgar o que fazemos. Também existe o *site* do nosso agrupamento onde vão sendo publicadas as notícias mas importantes de todas as escolas e jardins-de-infância. É lá que também podemos buscar muitos dos impressos quando necessitamos deles.

Penso que já falamos sobre isto, mas não faz mal reforçar. Qual é a tua intenção quando divulgas as tuas práticas?

Eu pretendo dar a conhecer o trabalho que estivemos a fazer, portanto, pretendo dar a conhecer aquilo que as crianças estão a aprender e consigo isso quando mostramos o que fazemos todos os dias e depois também tem muita a finalidade, penso que isso é mesmo verdade, das próprias crianças perceberem aquilo que estão a fazer, as crianças revêem-se naquilo, é quase uma avaliação, uma reflexão sobre o que fizeram, não é só dar a conhecer e depois também porque como já referi considero que o que está exposto funciona como um regulador da minha prática, para compreender o que já fiz, o que posso fazer, o que tenho ou devo melhorar, é também um regulador para mim e acho que também para os pais e até institucionalmente serve para irmos analisando o projeto curricular de turma na tentativa de saber o que já fizemos e o que podemos ainda fazer.

O que é que pretendes quando constróis os *portfólios* das crianças? Fala-me um pouco do processo de construção dos *portfólios*.

Os *portfólios* são talvez a minha grande pedra no sapato. Eu ainda estou longe de ter encontrado a maneira mais eficaz, pelo menos do meu ponto de vista, de funcionar com *portfólios*. Para mim um *portfólio* faz sentido quando é co construído por mim e pela criança, é um instrumento de avaliação e de

autoavaliação, portanto tem que ter sempre uma componente de participação ativa das crianças, para mim isso é fundamental, não faz sentido de outra forma. Depois nesse sentido é também para divulgar o trabalho que fazem, porque não é só para mim e para a criança é também para ser visto pela família e por outras pessoas e portanto é um instrumento de divulgação do trabalho desenvolvido. Mas no momento em que é utilizado pela criança e por mim é um instrumento de avaliação do trabalho que estamos a fazer. Este processo dá-me uma perspectiva do desenvolvimento da criança, das dificuldades, das áreas fortes e das áreas fracas e nesse sentido é essencialmente um elemento de avaliação. Para a criança é também um instrumento de avaliação dos sucessos e das dificuldades dela, do que já conseguiu fazer, do que não conseguiu, da evolução que foi fazendo. Mas depois decidir como organizar isso tudo e como selecionar não é fácil, principalmente se o queremos fazer de uma forma eficaz, porque na prática operacionalizar isto não é fácil, estou à procura de várias maneiras, esta que eu encontrei este ano ainda não me satisfaz. Os portfólios este ano estão organizados em duas grandes partes, uma parte que é só de escolha livre da criança, portanto as crianças escolhem livremente os produtos que querem colocar no portfólio, por escolha livre delas e quando o fazem têm que explicitar porquê e isso é registado, logo a criança tem que refletir porque é que seleciona aquele trabalho, porque é que ele é importante para ela e portanto essa é uma parte do portfólio da responsabilidade delas e que é muito importante para mim, tem-me dado muitos feedbacks e muitas informações acerca do que é importante para a criança e que eu desconhecia, tenho feito muitas descobertas sobre elas, pelo facto de lhes proporcionar a escolha de um produto e depois terem que dizer o porquê e eu registo isso. Depois tem outra parte que são então os produtos delas que eu seleciono e aí tenho a preocupação de os dividir por áreas de conteúdo. Acho que o faço desta forma devido a esta dinâmica de dar a conhecer como é que se organiza o trabalho no jardim-de-infância e também um pouco para eu perceber a nível do desenvolvimento destas diferentes áreas, porque me ajuda a perceber quais são os domínios, as áreas e subáreas que são mais trabalhadas, menos trabalhadas, com mais dificuldades, com mais sucessos, também me ajuda a compreender o desenvolvimento das crianças e o caminho que devo traçar com cada uma delas e com o grupo em geral. O material selecionado pode ser material que esteve exposto nas paredes mas muitos dos produtos que seleciono são realizados em pequenos grupos e que não estiveram nas paredes, porque cada uma quando os termina, guarda-os na sua gaveta. Como são de grupo, eu remeto para as crianças a responsabilidade de decidirem quem é que fica com aquele produto, onde é que se guarda, uma vez que não é individual e muitas vezes, depois de elas terem negociado quem é que ficava com ele, antes de ir para um portfólio vai a casa de cada uma, e depois volta e finalmente negociam quem é que fica com ele... portanto há alguns produtos nos portfólios que são de pequenos grupos, outros são individuais e como já disse nem todos estiveram expostos nas paredes.

Nos registos que eu observei existe muito escrita tua. Fala-me sobre esses escritos.

Os meus escritos resultam essencialmente das explicitações dos registos das crianças, isto passa-se porque é sempre tudo muito conversado com elas, então elas quando fazem alguma atividade conversamos acerca dela. Eu tenho essa preocupação, por isso pergunto sempre se querem conversar acerca daquilo que fizeram, com a intenção das crianças perceberem que é importante conversarem acerca do que se fez e como se fez e portanto falam acerca do que fizeram e normalmente eu pergunto se querem que eu escreva e o que querem que eu escreva, como e onde é que querem que eu escreva, passa sempre muito por aí. E agora uma coisa muito curiosa no meu percurso profissional é que durante muito tempo na minha prática eu achei que não devia escrever no desenho das crianças porque achava que era invadir o espaço delas e então habituei-me a escrever por trás, mas sabes que as crianças foram-me dizendo: “Não! Escreve aqui! Escreve ao pé das minhas coisas!” A pouco e pouco, eu fui percebendo que se calhar não tinha que estar preocupada em invadir as produções delas porque elas próprias me pediam, comecei a perceber que elas acham que o que eu escrevo faz parte do seu trabalho. Por exemplo nos *portfólios* eu não escrevo nos trabalhos delas porque é a posteriori, eu escrevo quando é no ato da produção, quando estou com elas. No *portfólio* eu escrevo em pequenos

post-it porque é a explicação que elas me dão das suas escolhas e portanto o papel amarelo (como eles dizem) é como um anexo, não é a explicitação no momento, é a justificação de uma opção que tiveram que tomar. De facto eu escrevo muito e utilizo a escrita com funções diferentes, nas produções delas é a explicitação do que fizeram, nos placares é a explicitação dos processos para que toda a gente consiga compreender, mas acima de tudo, o escrever muito tem a ver com a necessidade que eu tenho de, em todos os momentos, dar voz às crianças porque acredito que se aprende na ação, construindo em conjunto e para divulgar a minha filosofia educativa eu recorro à voz das crianças através dos meus escritos, no fundo eu escrevo a ação pela voz das crianças e claro pela minha também, porque eu também dou a minha contribuição, eu também estou lá, naquilo que vivemos e por fim naquilo escrevo!

Deixa-me fazer-te mais uma pergunta. Na sala polivalente não existem muitas produções das crianças, queres dizer-me porquê?

Os pais já sabem que os trabalhos que as crianças fazem durante a CAF e que ocorre no espaço do polivalente são expostos neste espaço. Nós não quisemos ocupar este espaço do polivalente, esta opção foi intencional, quisemos dedicar este espaço para evidenciar o trabalho que é feito durante o período da CAF, explicitar o que se passa neste espaço do polivalente foi por isso que não observaste produções desenvolvidas por nós neste espaço e também porque não sentimos necessidade uma vez que temos em cada uma das salas um espaço razoável de exposição e porque assim os pais entram nas nossas salas e também porque as crianças que estão nas salas nem todas estão na Componente de Apoio à Família e este espaço do polivalente também é utilizado para outras atividades. O critério foi tentar ter no espaço polivalente registos das atividades que se passam no polivalente, não tem sido fácil porque as pessoas que trabalham neste espaço e que estão com as crianças não têm formação específica e não tem sido fácil. Essencialmente pretende-se que este seja um espaço de divulgação do que se passa aqui de uma forma adequada, correta, positiva e acima de tudo de explicitação do trabalho desenvolvido. Também para dar visibilidade ao trabalho da CAF e na realidade assim também responsabilizamos as pessoas que desenvolvem essas atividades. Facilita também na explicitação do que o que se passa neste tempo não tem nada a ver com o que se passa na sala, não é um espaço de continuidade, são motivações diferentes, atividades diferentes e nós queremos manter essa diferença, esta é também uma forma de dar a conhecer, de divulgar, o que se faz durante o tempo da CAF. Neste espaço as crianças fazem outras atividades, com intencionalidades diferenciadas e o espaço polivalente permite divulgar a diversidade e permite que as famílias compreendam que são tempos diferentes.

Muito obrigada!

Entrevista de explicitação (primeiras observações)

Duração: 33 minutos

14 de Abril de 2011

Local: EB1/JI do Agrupamento de Escolas B (sala das educadoras)

Educadora de Infância: Sara

Importaste que grave a nossa conversa?

Claro que não!

Depois devolvo-te a informação e à semelhança das observações, poderás fazer alterações, correções, justificações, o que entenderes que deves mudar e acrescentar.

Está bem.

Vamos então dar início à nossa conversa.

Quando divulgas qual é a tua finalidade?

Dentro da sala de atividades a minha grande finalidade é valorizar aquilo que as crianças fazem e aquilo que nós fazemos. Eu acho que todos nós gostamos que nos valorizem. A mim sabe-me bem! É importante que compreendam a importância do jardim-de-infância e do nosso papel em toda a dinâmica. Sinto-me muito bem quando os outros falam do trabalho que desenvolvemos aqui na sala. Por exemplo, as colegas do primeiro ciclo e os pais também costumam vir à sala ver o que fazemos e eu sinto-me muito orgulhosa quando falam sobre o nosso trabalho e comentam aquilo que está exposto. Às vezes até querem saber mais e nós, eu, a auxiliar ou as crianças, explicamos o que fizemos. É muito bom e muito importante que compreendam a importância do jardim-de-infância e até do nosso papel.

Eu tenho um placar para aquilo que é pessoal, o que é de cada um, mas também tenho os placares onde divulgo tudo que é coletivo, que trabalhamos em grandes grupos e em pequenos grupos, mas sobretudo além de valorizar o que é delas, que é feito por elas, também pelos outros objetivos todos, se as crianças virem que é um trabalho que tem um texto, que tem o que dizem é extremamente importante, se tem números também é muito importante, portanto quando divulgo estou a pensar nas crianças, em primeiro lugar. A informação que está na sala é essencialmente dirigida às crianças, os pais também entram, mas não estão lá tanto tempo, a sala é muito mais vocacionada para as crianças, mas também para os pais que entram. Ainda recentemente tivemos o dia das famílias, vi que os pais, as famílias deram uma atenção muito especial aos placares da sala, a tudo o que estava exposto, até os vi a consultar o diário de turma e a observar se estavam lá escritos acerca dos filhos e também a questionar os filhos sobre isto. Se bem que neste espaço as famílias não estão tanto tempo. Claro que nos corredores da parte de fora, no hall de entrada, então aí sim, exponho para as famílias se apropriarem do que nós estamos a desenvolver. Ainda que não consiga ter os placares todos atualizados. Outra das minhas finalidades é avaliar tudo o que fazemos. Com aquilo que divulgo procuro que, de algum modo, todos possam participar na avaliação das nossas práticas, quando digo nossas, refiro-me aos adultos e às crianças. Resumindo, quando divulgo pretendo avaliar tudo o que se faz no jardim-de-infância.

Relativamente à atualização dos placares, tens algum critério para decidires quando é que tiras determinada informação e colocas outra?

No hall de entrada centro-me em vários e diversificados critérios mas o principal é dar visibilidade a todas as áreas de conteúdo, pretendo que todas as áreas de conteúdo das orientações curriculares tenham um espaço próprio e pretendo ainda que quem entra na nossa escola compreenda que todas as áreas são importantes e isto é tão importante transmitir às crianças como aos adultos. Há alturas em que os placares estão mais preenchidos com umas áreas do que com outras, mas isso prende-se com os projetos que vamos desenvolvendo, por exemplo, quando trabalhamos sobre os pintores, os placares

abordavam essencialmente a área da expressão plástica com as diferentes técnicas. De um modo geral pretendo que seja mais por áreas e que os pais compreendam que estamos a trabalhar várias áreas de conteúdo e não só uma. Às vezes é uma gestão difícil, partilho com as crianças, pergunto-lhes “Acham que este trabalho devia estar lá fora?” ou “Já devemos tirar este trabalho ou não?”. Às vezes também peço às crianças para me ajudarem, faço isso como mais uma forma delas aprenderem a selecionar, a seriar e a organizar a informação.

E dentro da sala, que critérios é que utilizas?

Depende, por exemplo se for um trabalho recente, que eu ache que é necessário estar exposto, como por exemplo um cartaz das experiências, um registo de uma história, se acho importante que fique ao alcance das crianças para que consigam interiorizar e se apropriarem do que trabalhamos, deixo na sala, só depois divulgo cá para fora.

Então tudo o que divulgas na sala depois vem para o *hall* de entrada do jardim-de-infância?

Normalmente sim. Mas nem tudo, porque depois faço uma seleção do que me é possível divulgar cá fora, mas primeiro divulgo na sala e depois passa cá para fora.

Quando divulgas na sala discusses com as crianças, discusses com a auxiliar? É uma decisão tua? Como fazes a seleção do que apresentas?

Muitas das minhas decisões são partilhadas com as crianças mas alguns critérios de escolha dos materiais a divulgar são propostos por mim, por exemplo, as pinturas que nós fizemos e que estão ali expostas, discutimos um critério “meu” para as divulgar que foi expor as pinturas das crianças que raramente pintam e então disse-lhes que gostaria muito que as pinturas dessas crianças fossem divulgadas porque só havia desenhos delas nos placares. O grupo aceitou, por isso, aquele placar foi organizado por uma proposta minha para incentivar as crianças que raramente pintam a pintar.

Também solicito a opinião delas, discuto e analiso com elas como devemos fazer ..., a informação daqueles placares já está ali há algum tempo e agora temos muitos materiais novos e vamos ter que repensar aquele espaço e o que queremos divulgar ali e normalmente elas dão sugestões e têm muitas ideias e é muito interessante perceber as justificações que utilizam para organizar o espaço e para decidir o que se coloca nos placares.

E tens critérios... desculpa, podemos voltar um pouco atrás? E com a auxiliar, há essa discussão?

Há sim, até porque tudo o que é divulgado tem que ter critérios de estética, nós temos algum cuidado com o que se expõe e se nós achamos que o trabalho ainda não está terminado, voltamos a pedir à criança que o fez, que veja como é que pode melhorar o seu trabalho para que seja exposto. Normalmente a auxiliar gosta muito de se dedicar aos placares, ela muitas vezes refere que um determinado trabalho de uma criança está tão bom que é uma pena não ser exposto, ou que aquela criança fez uma coisa neste trabalho que nunca tinha feito e que é interessante e então devemos divulgar, ela gosta muito de dar sugestões e normalmente justifica-as. Eu tento dar-lhe espaço de intervenção porque a sala também é dela.

Nas minhas notas de campo observei que divulgas trabalhos individuais e de grupo. Tem a ver com a tua dinâmica da sala?

Tem a ver com várias razões, por exemplo alguns trabalhos individuais, elas nunca têm o nome pela frente, porque eu não gosto mesmo de escrever, os apontamentos que tenho que fazer, o que seria o ideal seria fazer num post-it, mas não tenho tempo e então faço por trás uma observação nem que seja a lápis e peço-lhes sempre que a data e o nome sejam escritos atrás porque como alguns trabalhos vão ser expostos e divulgados, não gosto que tenham o nome. Elas sabem quais são os delas.

Também divulgo os trabalhos de pequeno grupo como é exemplo o trabalho dos girinos. Esse é um exemplo de trabalho de pequeno grupo. Mas há também trabalhos individuais que eu faço questão de divulgar, por exemplo quando uma criança tem uma nova conquista, por exemplo quando começa a escrever, ou quando começa a desenhar com um traço mais preciso... eu tento mostrar o processo de desenvolvimento das crianças, tento mostrar como as crianças aprendem, tento mostrar os processos

mais simples e mais complexos pelos quais elas passam. Uma das minhas prioridades é ajudar, a quem passa por aqui, a descobrir o que as crianças já conseguem fazer, o que já sabem e como aprenderam a fazer e a saber.

Tenho também um placar que é só delas. Ali são as crianças que selecionam o que querem expor, é um espaço só delas, no entanto por vezes sinto necessidade de lhes pedir que não os coloquem apenas dentro da sala, naquele placar e então peço-lhes que os exponham lá fora e quando elas aceitam os trabalhos vêm cá para fora. As crianças sabem que tipo de trabalhos divulgamos no hall e sabem também que esse é um espaço muito visitado pelas famílias e que as famílias gostam muito de os observar, por isso para elas é um privilégio os trabalhos serem expostos naquele que é o espaço de todas as salas do jardim-de-infância.

Fala-me um pouco desse placar delas.

Ah! É um placar que não é muito fácil para elas porque a cortiça é dura e elas ao colocarem os punaises têm alguma dificuldade, mas também penso que não podem ter acesso só ao teclado fácil do computador. Então, naquele placar existem os nomes de cada criança, para que possam divulgar especialmente os textos que quiseram dizer e escrever e na parte de baixo podem divulgar os seus desenhos livres. Há medida que fazem os trabalhos sempre querem mudá-los, podem fazê-lo porque aquele espaço é delas, a gestão desse seu espaço é de cada uma. Normalmente eu não interfiro a não ser que me peçam ou que eu veja que há muito tempo que não são mudados os trabalhos de uma determinada criança por exemplo. Elas gostam muito de expor textos.

E é um texto individual?

Normalmente os textos que elas colocam no placar delas são textos individuais e abordam temas diversos. Podem falar sobre o fim de semana, está ali um que é de uma criança que foi de férias e que pediu à mãe para fazer a reportagem e a mãe teve muito trabalho a fazê-lo e ela disse: “Eu não quis fazer um texto, quis fazer com a minha família este trabalho e explicar aos meus amigos onde fui” e depois foi tudo comunicado por ela ao grande grupo com recurso ao cartaz que elaborou em família. E quando o trouxe para a sala decidimos logo que era ali que ia ficar exposto e ali está, temos que o tirar mas até temos pena porque é um trabalho feito em família e é muito importante.

Por norma, quem são os autores dos trabalhos que divulgas?

Nas paredes da sala preocupo-me em divulgar essencialmente trabalhos das crianças, quer sejam trabalhos em grupo, trabalhos a pares, elaborados aqui no jardim-de-infância ou elaborados em casa. O chão da sala é também muitas vezes um recurso para divulgar as construções que realizam. Guardar ali é uma forma de divulgar aos outros.

O ano passado tive um placar só para trabalhos elaborados em casa, um placar para as famílias explorarem, mas depois não era devidamente atualizado e como nós precisámos daquele espaço, decidimos dar-lhe uma outra utilização. Mas os pais sabem que podem colaborar na divulgação, os pais sempre que querem podem fazê-lo e nós estimulamos essas atitudes desenvolvendo atividades em que os convidamos a participar e em que muitas vezes os registos são construídos por eles.

Quando te referes a pais, são essencialmente pais os familiares com quem tu contactas ou contactas mais com outros familiares, avós tios, ...

Sim, são essencialmente pais e avós.

Para além das crianças, quem é que costuma ler a informação que divulgas?

Quando divulgo, divulgo essencialmente para as crianças e para nós que estamos na sala, divulgo para todos termos consciência do que fazemos ao longo dos dias. Nem todas as crianças acompanham todos os trabalhos. Depois preocupo-me em divulgar às famílias e a todas as colegas que comigo trabalham, falo das colegas educadoras, mas também das colegas do primeiro ciclo. Ainda hoje, deves ter notado, passaram imensas pessoas por aqui, também por ser um dia especial em que os pintos da chocadeira estavam a nascer. Mas vêm cá muitas vezes, principalmente em épocas especiais, na páscoa, no natal, nós fazemos também o presépio com as famílias no natal... há alturas em que elas já sabem que fazemos coisas diferentes e gostam muito de as ver e de conversar sobre elas.

Existe um bom trabalho de colaboração, mais com umas turmas do que com outras. Nós temos um projeto de intercâmbio que engloba as turmas de primeiro ano e agora estamos a apostar num trabalho mais direto com as turmas de quarto ano, não envolvendo tanto as crianças que, pela idade, já estão muito distantes do pré-escolar, mas pelos docentes que provavelmente para o ano vão ter turmas de primeiro ano, é essa a aposta. Normalmente entregamos ao docente que vai trabalhar com um primeiro ano um *dossier* com informação descritiva de cada uma das crianças com quem ele vai trabalhar, mas mais importante que isso é eles compreenderem como é que trabalhamos com as crianças, a forma como elas estão aqui no pré-escolar, achamos que isso é um passo fundamental para que estes cortes da transição não sejam tão duros como têm sido ... apesar de existir este projeto com alguns anos de articulação com outros docentes, efetivamente temos verificado um certo corte e nós pensamos que ele pode ser atenuado se os docentes souberem como se trabalha ou se se aperceberem da forma como nós trabalhamos com as crianças no jardim-de-infância e para isso é muito importante que leiam o que se divulga.

Para além destes intercâmbios também temos projetos comuns. Temos um projeto que abarca toda a escola e dentro do possível tentamos sempre abrir as nossas portas, convidamo-los com frequência a virem cá. Mas acreditamos cada vez mais que é importante que saibam o que se faz dentro das salas do jardim-de-infância e para isso é necessário cá estar. É necessário vir cá, ficar e olhar para compreenderem que enquanto se brinca se aprende e aprende-se muito! Por isso considero que para os outros saberem o que se passa é fundamental divulgar.

Para além dos suportes de divulgação que é possível observar na tua sala, utilizas outros suportes? Importaste de os referir?

Temos agora um blogue, felizmente aprendemos a fazer um blogue, ainda com uma tecnologia muito rudimentar, mas.... Começamos o blogue logo no início do ano e falámos com os pais e pedimos logo autorização, claro que, referindo que nunca divulgaríamos a imagem da cara das crianças mas apenas os seus trabalhos. Quisemos que fosse um blogue mesmo do jardim-de-infância, passámos o endereço do blogue a todos os pais e portanto é outra forma, que ainda não é suficiente, mas é outra forma de divulgar um pouco mais o que aqui se passa, depois temos os contactos informais que fazemos e nos quais os pais nos questionam e nós estamos sempre prontas para os esclarecer e ajudar.

Apostamos muito nos contactos informais, porque é nos contactos informais que nós passamos parte da informação. Muitas vezes os pais vêm-nos dizer: “Olhe, vocês estão a trabalhar neste assunto?” ou “Ela foi-me falar sobre isto ou aquilo”, por isso considero o testemunho das crianças como outra forma de divulgar o nosso trabalho.

As crianças levam trabalho de pesquisa para casa, como agora, pesquisaram sobre quanto tempo leva a galinha a chocar os ovos. Ao pedir aos pais que colaborem, divulgamos o que estamos a fazer e assim eles podem participar e participam mesmo! É outra forma de divulgar em casa o que aqui se faz.

Quando divulgas, e já percebi que tentas organizar a informação por áreas, na sala nem por isso...

Nem sempre isso se consegue, eu gostava de organizar tudo o que se faz e tudo o que se divulga por áreas de conteúdo, mas na sala nem sempre consigo porque o espaço não o permite.

Achas que através daquilo que divulgas dás a conhecer aos pais aquilo que se passa no jardim-de-infância? Não, não se consegue... eu tenho a perceção de que não consigo, tento ... alguma coisa penso que sim, porque os pais dão-me um feedback positivo do que vêm nos placares, eu acho que eles conseguem conhecer um pouco o que se faz, mas na realidade acho que ainda não consegui que a informação passe de uma forma muito aprofundada como eu gostaria que acontecesse. Penso que a divulgação que nós fazemos nos placares não é suficiente para divulgar toda a complexidade do trabalho desenvolvido.

Hoje falaste-me dos *portfólios*. Como é que os organizas e porque é que os criaste?

O *portfólio* tem duas vertentes que eu tento conjugar. Uma é que diga alguma coisa à criança, que dê conta dos trabalhos, dos vários projetos e que dê informação aos pais que espelhe a evolução daquela criança ao longo do ano letivo, em várias áreas, mas também quero que seja algo pessoal para a criança, pretendo que a criança olhe para ali e veja e reveja os momentos que viveu no jardim-de-

infância. Por exemplo, o ano passado eu tirava muitas fotos e ilustrava os projetos com as fotos e no final do ano, eu reparei que as crianças comentavam muito o nascimento dos pintinhos e todos me pediam fotos dos pintinhos, por isso eu coloquei fotos do nascimento dos pintinhos em todos os *portfólios*. E quando folheiam os *portfólios* ouço-as muitas vezes a comentar: “Ah! Eu gostei muito de fazer isto!”, “Eu fiz isto, isto e mais isto!”. A outra vertente a que me referia são as famílias. Mas volto a reforçar, o *portfólio* que tem que ser pessoal, não pode ser feito só para os pais, acima de tudo tem que fazer sentido para as crianças. A informação que eu coloco no *portfólio* é selecionada por mim e pelas crianças e depois existe outra informação que sou apenas eu que seleciono e que é aquela que eu considero que tenho que demonstrar porque espelha um percurso. Eu explico-lhes isso mesmo, que alguns trabalhos têm que lá estar porque mostram o quanto eles aprenderam e as crianças aceitam e compreendem que no final do ano é importante que lá estejam.

E o que fazes aos *portfólios* no final do ano letivo?

No final do ano o *portfólio* vai para casa, mas ao longo do ano as crianças podem vê-lo, podem escolher. Elas podem pôr e tirar o que quiserem, podem consultá-lo e perceber o seu percurso, neste sentido é um documento também de avaliação

Obrigada pela nossa conversa. O meu objetivo é muito de explicitação das observações, posteriormente gostaria de vos fazer uma entrevista mais em profundidade. Gostaria ainda de te colocar mais uma questão. Quais são os princípios da tua prática pedagógica?

O respeito pela criança, pela sua individualidade, é um dos princípios que eu tento ter sempre presente, esse é para mim, às vezes o mais difícil. Outro princípio que defendo é que o jardim-de-infância seja um espaço também da criança e das famílias, que este espaço seja sentido também como um espaço onde as famílias podem estar, podem partilhar, podem participar, podem colaborar e devem! Essencialmente são esses os grandes princípios, pelo menos aqueles que me preocupam mais no dia-a-dia. O respeito por cada um, pela sua individualidade, pelo seu ritmo, pelos seus interesses, pelas suas necessidades, a resposta às suas ansiedades, por vezes tenho algumas angústias quando vejo que não estou a conseguir dar uma resposta a uma criança e aqui nós só temos um ano, isto para nós é extremamente difícil porque a maioria das crianças entra aqui no nosso jardim-de-infância já com os cinco anos. Respeitar os ritmos, respeitar os interesses de cada uma tendo em conta o que é necessário fazer com aquela criança, às vezes temos a tendência de tentar acelerar um bocadinho as coisas. Estas crianças e os pais destas crianças têm também expectativas, interesses, a maioria destas crianças, independentemente de virem de casa ou de outras instituições, normalmente, instituições particulares de solidariedade social, o que nos dizem é que vêm para aprender a ler e a escrever.

Como respondes às expectativas dos pais?

Eu tento tranquilizar os pais e tento explicar que o trabalho que desenvolvemos no jardim-de-infância prepara as crianças para o ciclo seguinte porque estamos a trabalhar competências que depois as vão ajudar no primeiro ano, mas trabalhamos essas competências de uma forma diferente. Tento explicar-lhes que elas aprendem ativamente com as experiências diversificadas que lhe são proporcionadas num ambiente em que a participação e a democracia são valores sempre presentes. Elas aprendem de uma forma muito lúdica. Nas reuniões de pais trabalhamos muito estas questões, tentamos transmitir o trabalho que fazemos para que compreendam que nem tudo é visível, porque muitas competências que são trabalhadas os pais não as vêem, por exemplo, se estamos a fazer um jogo em que trabalhamos a fonologia, só quem entra e nos observa consegue entender o que se está a trabalhar e como é que se está a trabalhar. Os pais vão percebendo pelo desenvolvimento das crianças e pelo que divulgamos e aí as reuniões são fundamentais. Temos sentido que os pais percebem e valorizam o nosso trabalho, não tanto como eu gostaria, mas eles vão compreendendo que a brincar também se aprende e aprende-se muito mesmo. Procuo nas reuniões de pais dar conta do trabalho que fazemos, por exemplo se os pais vêem as crianças a tocar ficam muito felizes, mas não compreendem que se trata de trabalhar batimentos, ritmos, a atenção, a concentração, entre outros objetivos ... e somos nós que temos a obrigação de lhes transmitir essas informações.

Muito obrigada!

Acho que podemos ficar por aqui.

Foi um prazer e estas conversas têm sido muito importantes para mim porque algumas das coisas que aqui falamos eu já tinha pensado nelas, mas acho que nunca as tinha verbalizado da forma como verbalizo contigo. Acho que também tem a ver com as questões que me colocas.

Apêndice 10

Protocolos das entrevistas com caracter de maior profundidade

Entrevista com carácter de maior profundidade

Duração: 1h 07 min

6 de junho de 2012

Local: EB1/JI do Agrupamento de Escolas A (sala das educadoras)

Educadora de Infância: Anita

Vamos dar início à nossa conversa, és capaz de sentir que algumas perguntas são uma repetição de muitas questões que ao longo deste dois anos temos vindo a discutir, assim o objetivo é clarificar a informação recolhida até ao momento. Esta nova informação apenas vem reforçar e clarificar toda a informação, o objetivo não é comparar.

A primeira questão que eu gostava de clarificar é perceber quais são os teus princípios pedagógicos quando divulgas a informação.

O primeiro e grande princípio é valorizar o trabalho das crianças de modo a que se sintam valorizadas, divulgo sempre os trabalhos individuais e também os coletivos porque acho que valoriza as crianças e as suas aprendizagens e também porque é uma forma de explicitar o que estou a desenvolver na sala e em termos pedagógicos divulgamos, eu e as crianças, o nosso dia-a-dia. As crianças participam e apoiam na organização da divulgação. Muitas vezes me procuram a perguntar onde e como vamos expor determinados materiais. É por isso uma forma de divulgar o que fazemos e muitas vezes são as crianças que levam os pais e os familiares a ler e são elas que comentam o que está exposto. São elas que explicitam o que fazemos tornando-se nas principais responsáveis pela divulgação na nossa sala. Para além de se sentirem valorizadas também sentem que têm um papel importante na organização da divulgação do que fazemos.

Falaste agora nas crianças e nos pais. A tua preocupação no processo de divulgação é com o público? A quem se dirige a informação divulgada?

Eu não divulgo só para as crianças e para os pais, as crianças e os pais são muito importantes, mas o resto da equipa também é muito importante. A auxiliar que está comigo na sala, para além de ir acompanhando todo o processo, é uma assídua observadora e todas as pessoas que vêm aqui ao jardim-de-infância, por exemplo, o professor de motricidade vai muitas vezes à minha sala ver as paredes para saber o que se está a trabalhar e depois articula alguns desses conteúdos nas sessões que faz com as crianças.

Quando expões que mensagem pretendes transmitir? O que pretendes divulgar?

Eu tento sempre mostrar o processo daquilo que exponho, há sempre um início... por isso, tento divulgar a forma como cada projeto começa, normalmente há sempre uma criança ou um grupo e eu tento transmitir em registos escritos o que é que se fez, como se fez e porquê e depois divulgo também aquilo que se fez, que é o produto final, por isso é que os registos escritos são tão importantes, eles acompanham os registos das crianças, qualquer que seja o tipo de registo. Portanto eu acho que quem lê aquilo que se divulga consegue compreender o que se trabalha na sala com as crianças. Descrevo como é que foi, como é que lá chegaram e como é que conseguiram lá chegar, por isso é que não me interessa divulgar apenas o produto acabado.

Da forma como estás a explicitar, depreendo que existem registos que vão sendo construídos ao longo do tempo, ou seja, eu hoje posso entrar na tua sala e observar um registo já completo...

Exatamente

Mas também podemos entrar e não compreender o que está divulgado. Fazes sempre desta forma?

Não, por norma, eu faço tudo ao longo do tempo, conforme as situações vão acontecendo e os processos se vão desenvolvendo, eu vou expondo. Não é só no final, não!

Nas minhas observações constatei que na tua sala existem diferentes tipos de registos, que tens a preocupação de ir diversificando. Essa preocupação é implícita ou tens alguma intenção quando expõe diferentes tipos de registos?

O objetivo é divulgar os vários projetos que estão a decorrer ao mesmo tempo na sala, divulgando diferentes registos porque produzimos diferentes documentos, diferentes produtos. A realidade é que na minha sala, ao mesmo tempo, podemos divulgar registos escritos pelas crianças e registos escritos pelos adultos, podem ser da área da matemática e da área da linguagem, mas também podem ser pinturas, desenhos, construções em três dimensões, sei lá, normalmente temos diferentes grupos a realizar diferentes tarefas e a produzirem diferentes tipos de registos. O nosso trabalho de educadora é muito difícil. Temos que gerir tudo ao mesmo tempo, conseguir apoiar cada criança, todos os grupos, pensar no que estamos a fazer e no que vamos fazer a seguir, respeitar as famílias e as suas necessidades, construir espaços de partilha com a auxiliar e ... claro que a auxiliar ajuda, mas recai muito em cima de nós o apoio mais específico a cada criança.

Eu acho que os trabalhos devem estar expostos, na altura em que se vão desenvolvendo porque é assim que eu consigo mostrar o processo, quer a quem vem de fora, quer às crianças do grupo, porque como acabei de explicar as crianças estão organizadas em diferentes grupos, por isso nem sempre sabem o que as outras estão a fazer e ao divulgar o que se vai fazendo vamos dando conta do que se está a fazer e todos ficamos a saber e a conhecer o trabalho de cada um. Às vezes é difícil apoiar todos os projetos ao mesmo tempo e por vezes são as próprias crianças que gerem este processo. No dia seguinte vão ao placar ver o que se fez e dão-lhe continuidade – por exemplo, na área das artes estivemos a fazer pintura ao som de algumas músicas e as produções das crianças foram ficando expostas, são mesmo elas que decidem onde colocar as pinturas depois delas secarem, o mesmo acontece com os fantoches, como sabes este ano decidimos dar destaque à arte e os fantoches assumiram um lugar de relevo no espaço do palco e as crianças, muitas vezes ligadas aos trabalhos que estamos a desenvolver, decidem fazer fantoches e fazem-no, na maior parte das vezes, sem o apoio dos adultos e depois vão também surgindo outras atividades e momentos ligados aos diferentes projetos.

Todos estes projetos, todos estes produtos são expostos e eu gosto de lhes dar um lugar de destaque porque foram significativos para as crianças, mesmo quando elas possam não ter muita consciência, mas no momento da reflexão e da avaliação do dia, elas verbalizam e nós compreendemos os que foram mais significativos e que os que foram menos para cada uma. Eu tento que em todos os projetos seja visível o que elas aprenderam, tento valorizar cada uma nas suas competências.

Quando divulgas qual é a finalidade dessa divulgação?

Eu quando divulgo, divulgo essencialmente para as crianças, mas também me preocupo em transmitir às famílias o que se passa na sala porque como elas não estão na sala, esta é uma forma de saberem e de acompanharem o que se vai fazendo.

Gostaria que definisses o que entendes por prática pedagógica.

Prática pedagógica é a nossa ação, a forma como agimos relativamente às crianças e a todo o espaço educativo, a todos os pais, a toda a equipa... claro que quando me refiro a ação me refiro a todas as nossas intencionalidades, digo nossas porque a minha ação não pode estar desligada da ação da equipa e aqui no jardim-de-infância o trabalho de equipa é uma componente muito forte. É um dos meus grandes princípios e acho que é por isso que as minhas práticas são cada vez mais consistentes, o que quero dizer é que aprendo muito com a equipa e planeamos e avaliamos muito em equipa o que nos permite aferir a nossa ação, logo, permite-me aferir as minhas práticas pedagógicas. Acho que aquilo que divulgamos também é fruto das nossas práticas e até mesmo do trabalho em equipa porque muitas vezes vou à sala da colega para ver como fizeram determinado trabalho e isso eu sei acima de tudo pelo que ela divulga.

Aquilo que divulgamos espelha as nossas práticas, o que escolhemos para divulgar define a importância que damos ao que foi trabalhado e construído naquela atividade, naquele projeto, por isso, a maior parte das vezes, nós desenvolvemos as mesmas atividades, mas o resultado final é diferente, as

aprendizagens que selecionamos também são diferentes, claro que é porque as crianças são diferentes e realizam aprendizagens diferentes, mas também é porque somos educadoras com sensibilidades diferentes e que, a cada momento, valorizamos aprendizagens diferentes, por isso os registos também são diferentes.

É por isso que gosto de ir à sala da colega ver o que é divulgado, para compreender e muitas vezes, depois das crianças saírem, quando temos tempo para nós, falamos e discutimos sobre isso e muitas vezes contamos uma à outra pequenos episódios que aconteceram na sala. Falamos de tudo, das nossas dúvidas e angústias mas também das nossas conquistas e aprendizagens.

Outra coisa que também interessa, talvez possa estar a fugir um pouco à tua pergunta, mas...

Não faz mal, continua!

Estava a pensar que para mim é muito importante ouvir os outros, saber o que pensam de mim, do meu trabalho! Sinto muita necessidade de saber se estou no bom caminho, de saber o que estou a fazer bem e o que estou a fazer mal, ou menos bem. No meu, no nosso trabalho é importante termos o feedback do que andamos a fazer e, nesse sentido, eu gosto que o meu trabalho seja valorizado. Quando os outros olham para a nossa sala, para os nossos registos e falam acerca deles, sinto que estão a valorizar quer as crianças, quer a mim mesma. Acho que compreendem que o papel da educadora é muito importante no jardim-de-infância e que é através das nossas intencionalidades que as brincadeiras, os projetos, as atividades mais simples, tomam forma e se tornam propulsoras de verdadeiras aprendizagens.

Apesar de já ter falado um pouco sobre o processo de seleção dos registos, importas-te de explicitar quem é que seleciona os registos?

Normalmente sou eu, mas quase sempre com o apoio de alguém, das crianças ou da auxiliar, mas a maior parte das vezes a gestão dos placares é da minha responsabilidade. Normalmente falo com todos antes e depois é que divulgo, raramente decido sozinha, mas às vezes também acontece. Mesmo quando organizo a exposição fora do meu horário letivo, antes tento sempre falar com as crianças. Por exemplo agora quando estivemos a trabalhar sobre os dinossauros, eu perguntei-lhes se achavam bem fazermos um placar só com os trabalhos sobre os dinossauros e elas acharam que sim. Então, disponibilizei um espaço da sala para o efeito e organizei-o. Fizemos uma paisagem com um painel gigante e cada criança colocou lá os seus trabalhos. Toda a parte da organização é minha, mas normalmente organizo placares onde seja possível serem elas a gerir o espaço em função do que vão construindo e é quase sempre assim, por isso, apesar de eu dizer que sou eu que exponho, não é bem verdade, porque sou eu em conjunto com as crianças e a auxiliar. Também assim é que faz sentido não é?

Importas-te de explicitar a quem se destinam os registos que divulgas na tua sala?

Na sala os registos que divulgamos são sobretudo para as crianças. Fora da sala, eu recorro muito ao vestiário porque todos os dias é utilizado e visitado por quem chega e quem leva a criança, e aí os registos dedicam-se mais às famílias. Eu própria faço muito mais registos descritivos das atividades para colocar no vestiário do que na sala, porque as crianças já sabem, agora as famílias, ainda não sabem, quer dizer já sabem mas apenas pelas conversas que vão estabelecendo comigo e com as crianças! A maioria das crianças fala em casa do que se faz na sala, mas eu gosto de explicitar porque é que aquele registo apareceu, porque é que está ali, o que se fez, o que se aprendeu, No fundo, eu quando divulgo quero mostrar que as crianças aprendem, e que aprendem muito! Para que se compreenda como é que elas aprendem, tenho a preocupação de explicar os processos vividos por todos.

Aquilo que eu coloco no vestiário passa muitas vezes da sala para aquele espaço, sempre na perspetiva de divulgar melhor o trabalho que fazemos, ou seja, se eu vejo que foi muito significativo para algumas crianças ou para todo o grupo, então acho que devemos divulgar melhor e antes de os guardarmos colocamo-los no vestiário. Outras vezes... o último trabalho a ser ali divulgado que era sobre as famílias nem sequer chegou a estar na sala, falei com as crianças e decidimos colocar logo no vestiário porque queríamos mesmo que todas as famílias o vissem.

Na tua sala são visíveis os trabalhos relacionados com as áreas de conteúdo das OCEPE e com as novas brochuras para a educação pré-escolar. Qual a importância destes documentos na tua prática?

Desde que as brochuras surgiram, tenho feito delas um instrumento quase diário nas minhas práticas porque são documentos muito bem fundamentados e há muita coisa que eu fazia implicitamente, quase instintivamente... é verdade! Ao fim destes anos todos, acho que fazia sem pensar muito! E nós em equipa temos trabalhado muito centradas nas brochuras, sempre como um guia, sempre como um instrumento que nos apoia e nos dá pistas para definir os nossos objetivos, as nossas intencionalidades enfim, guia a nossa ação. Este ano dedicámo-nos mais às artes porque foi a última brochura a sair. Tentámos, de uma forma que fizesse sentido para as crianças, abordar a arte e eu acho que a brochura é mesmo isso, tenta ligar todas as sensibilidades da arte, ajuda-nos a redescobrir a arte e as potencialidades da arte para trabalhar todas as outras áreas de conteúdo. A formação que eu tive sobre as brochuras da matemática e da língua portuguesa ajudaram-me muito porque eu acho que estagnei um pouco depois da minha formação inicial, e já lá vai algum tempo! As brochuras ajudaram-me imenso, fizeram-me descobrir caminhos diferentes e formas diferentes de chegar às aprendizagens e de desenvolver competências de uma forma mais rigorosa.

Podemos falar agora um pouco sobre o *portfólio*?

Claro, o *portfólio* para mim pretende ser um instrumento de avaliação onde eu posso ver o percurso da criança desde que entrou no jardim-de-infância mas de uma maneira muito geral, claro! Para mim a avaliação diária é muito mais importante porque consigo avaliar com muito mais rigor, ou pelo menos faz mais sentido para mim, mas não há dúvida que o *portfólio* espelha o percurso das crianças por área de conteúdo. É também uma forma das crianças visualizarem e avaliarem os seus progressos, elas gostam de ler e discutir o que já fizeram. Este é um instrumento que é construído por mim e por elas, sou eu que decido muitas questões, mas elas colaboram comigo em toda a construção do *portfólio*. Tento que seja um processo participativo, mas nem sempre consigo porque nem sempre consigo organizar o tempo para a seleção do que elas lá querem colocar. Nem sempre conseguimos dar conta de tudo, mas de qualquer modo eu acho que o *portfólio* ajuda a perceber os progressos e as crianças muitas vezes procuram o *portfólio* e é muito interessante porque elas fazem a sua autoanálise e comentam: “Ah! Aqui já sei, aqui foi quando aprendi isto ou aquilo”, ou “Ah, aqui ainda não sabia fazer isto ou aquilo!”. Este processo ajuda-as a terem consciência do seu desenvolvimento, do seu progresso e também das suas dificuldades e até mesmos dos seus fracassos, ainda que estes sejam aqueles menos visíveis, talvez porque tenhamos a tendência, eu e elas, de selecionar sobretudo as conquistas pela positiva, não sei muito bem, mas acho que é isso que acontece.

Tu dizes que o *portfólio* dá conta do percurso no jardim-de-infância. Se as crianças permanecerem mais do que um ano no jardim, o *portfólio* acompanha-as, ou este é um instrumento anual?

Eu quase nunca tenho essa situação porque as crianças permanecem no jardim só um ano, mas quando as crianças permanecem por mais um ano no jardim os pais gostam de levar o *portfólio* para casa e o que faço normalmente é pedir que voltem a trazer no início do outro ano letivo para podermos dar continuidade, mas muitas vezes não volta e quando é assim eu não me importo e recomeço.

O meu grande objetivo ao construir os *portfólios* é divulgar aos pais o que se fez ao longo do ano, mas acima de tudo, tentar dar forma às aprendizagens das crianças porque algumas, muitas das atividades que desenvolvemos apenas são visíveis no *portfólio* e eu quero muito que os pais as vejam e tenho conhecimento delas, por isso é que também escrevo, não coloco apenas os trabalhos das crianças.

Eu acho que, para além das aprendizagens, também é possível os pais compreenderem o que fomos fazendo, os projetos que fomos desenvolvendo, de alguma maneira, estão lá. Parece-me que o que não é muito visível é a mudança de estratégias que vamos tendo ao longo do ano, ou seja, o *portfólio* mostra os trabalhos finais, é como os arquitetos, as plantas apenas mostram as telas finais e até à sua conclusão existiram muitas outras mas que não se vêem no final.

Podemos falar um pouco sobre o processo de divulgação da informação institucional? Como é que é divulgada? Quem são os intervenientes?

Nós temos muita autonomia na relação com os pais. Na entrada do estabelecimento existe um placar com toda a informação institucional, mas tudo o que é enviado diretamente para os pais a responsabilidade é toda nossa. A nossa realidade é que mais de 50% das crianças frequentam a componente de apoio à família e isso dificulta muito a nossa relação porque nem sempre estamos com as famílias, aquelas com quem contacto, as conversas informais são uma constante e é através delas que estabeleço a maior parte da minha relação. Por norma as pessoas entram muito na sala para saber o que andamos a fazer, elas gostam de saber e nós gostamos de lhes mostrar e de conversar com elas acerca do que fazemos, temos as famílias com alguns pais e avós mas temos muitos tios e primos e também temos alguns vizinhos. Com estes familiares mantenho uma relação muito próxima, muitas vezes questionam acerca do que é divulgado, geralmente fazem perguntas sobre o que foi divulgado no próprio dia. No início do ano muitas vezes perguntam o que é e eu estimulo muito as famílias a entrarem e a observarem o que é divulgado pois considero que essa é uma das formas mais poderosas de transmitirmos aos outros o que se passa durante o período de tempo em que as crianças estão no jardim-de-infância. Obviamente que convidá-los constantemente a entrarem é uma postura que eu cultivo e que toda a equipa cultiva por isso é que dedico muito tempo a estar com as famílias e é também por essa razão que tento que quando chegam eu tenha disponibilidade para estar com elas, para que não sintam que são um estorvo ou que estão ali a mais. Claro que tem que existir bom senso, há momentos próprios que dedicamos a esta relação, ao longo do dia temos que saber gerir diferentes momentos e o estabelecimento de uma relação com as famílias é fundamental, temos que explicitar as regras e fazer com que elas passem a fazer parte integrante das nossas rotinas. Temos que fazer com que este seja um momento pedagógico pois as famílias entram na sala para enriquecer o nosso trabalho, para saber o que se passa, para apoiar as crianças e não para deitar conversa fora. Às vezes faz falta, mas não é neste contexto, por isso, eu tenho que gerir estes tempos para que, efetivamente, sejam momentos pedagógicos e acho que são mesmo uma forma de divulgação das práticas. Ao longo da minha experiência profissional tenho investido muito numa relação significativa com os pais e esta minha postura, que se tem vindo a alterar ao longo dos anos, de incentivar a que permaneçam na sala, tem-me ensinado muito porque partilho as aprendizagens das crianças com as famílias e elas partilham comigo as aprendizagens e as conquistas das crianças fora do jardim-de-infância. Este ano tenho tido pais e avós a participarem nos projetos da sala de forma muito gratificante

Para além dos registos escritos e artísticos que podemos observar na sala, existem outras formas de divulgar as práticas

Fazemos a divulgação através do jornal do agrupamento – tentamos selecionar os projetos que envolveram as duas salas e em que todas as crianças participaram e que tenha sido significativo. Também temos o blogue do jardim-de-infância onde também vão aparecendo os trabalhos que as crianças fazem e onde este ano incluímos algumas gravações de recontos, portanto, divulgamos através do jornal, do blogue, das nossas reuniões de avaliação onde estão as colegas de todas as salas de jardim-de-infância do agrupamento, os colegas da biblioteca, os colegas das AEC's e outros colegas de apoio. Outra forma de divulgar o nosso trabalho é também quando saímos com as crianças para a rua pois temos a intenção de divulgar o que fazemos, por exemplo na festa final de ano que é organizada num espaço da comunidade temos mesmo essa intenção, queremos divulgar tudo o que fomos fazendo ao longo do ano letivo, queremos que o espetáculo reflita as aprendizagens que as crianças foram fazendo, no carnaval o desfile também é uma forma de divulgar, agora nas marchas também! A comunidade assim fica a conhecer o que fomos construindo e o que fomos fazendo.

Achas que o que divulgas reflete todos os momentos da rotina?

Às famílias acho que sim, quer dizer divulgar não sei, mas as famílias conhecem-na, pelo menos alguns... quer dizer os pais têm conhecimento da nossa rotina na primeira reunião de pais porque nessa reunião eu apresento a rotina. Depois nas outras torna-se mais explícita porque apresento os trabalhos que as crianças fizeram e aí é mais fácil as famílias perceberem os diferentes momentos da rotina. No dia-a-dia acho que não consigo divulgar os diferentes momentos, quer dizer, quando entram na sala conseguem perceber, por exemplo, se estamos no tapete compreendem que aquele é um momento de avaliação ou de conto de uma história, mas é só assim que se apercebem! Muitas vezes também temos atividades ao longo do dia e os pais participam e aí também compreendem que temos uma rotina, ainda que nesses dias as rotinas se alterem. Essas atividades surgem quase sempre em conjunto com a outra sala e exige uma organização prévia porque a nossa organização interna tem que

ser respeitada, já me aconteceu convidar alguns pais a virem à sala sem que todos possam participar, mas são casos muito esporádicos, sei lá, por exemplo para falar de uma determinada profissão. Os pais não vêm sem termos nada combinado, quer dizer, há sempre um aviso prévio, mesmo se a ideia parte de um pai.

Importas-te de me falar um pouco acerca da periodicidade com que divulga na sua sala?

Eu não tenho uma periodicidade predefinida, a divulgação acontece conforme os projetos vão decorrendo. Como já falámos, eu vou renovando a informação na sala e por vezes coloco o que retiro da sala no vestiário, se são trabalhos individuais há coisas que levam logo para casa, por exemplo, construções, trabalhos que se podem estragar, ... esses levam logo para casa, outros trabalhos de pequeno grupo, cartazes e assim ficam para decorar a sala grande, para colocar na festa de fim de ano, muitas vezes os trabalhos de pequeno grupo vão para as capas individuais ou para os *portfólios*, às vezes se é um cartaz, recorto o registo de cada uma e coloco no *portfólio*. Guardo muitos dos trabalhos depois de serem retirados da sala e mais tarde integro-os em trabalhos globais, por exemplo, na exposição final ou no espetáculo de finalistas.

Consideras que o espaço arquitetónico influencia os seus modos de divulgação?

Eu acho que sim...

Se calhar se tivesse uns placares maiores nas paredes, se eu tivesse paredes maiores teria mais possibilidade de exposição. Por vezes torna-se difícil divulgar tudo o que queremos. Eu acho que os espaços condicionam sempre a nossa atividade, em termos da divulgação, este espaço condiciona um pouco, se calhar a nossa atitude é que condiciona mais... eu às vezes preocupo-me demais com a divulgação e acho que se aproveitasse bem todos os recursos, se calhar era mais fácil, quer dizer eu aproveitei-os bem, mas se calhar podia recorrer mais às crianças e às famílias e não tanto às paredes.

Podemos retomar novamente... quando seleccionas os registos, já referiste que seleccionas com as crianças e com a equipa, mas há algum tipo de registos que sejam analisados com as famílias?

Como eu já disse, há muita partilha com as famílias a partir dos registos divulgados. Eu tento ter trabalhos de todas as crianças e depois discuto e analiso com as famílias o que produzimos e o que divulgámos. Nem todas as crianças fazem os mesmos trabalhos, mas tento que em cada projeto existam registos de todas as crianças, é muito raro existir um projeto onde todas intervêm por isso tento que na sala existam registos de todas as crianças para que quem entra no nosso espaço possa observar o que vamos fazendo e se possa aperceber dos diferentes projetos em curso. Há diferentes grupos neste grupo, o grupo das crianças com NEE, o grupo dos mais novinhos e isso acaba por influenciar o tipo de projetos em que intervêm, logo influencia o tipo de produções que realizam. Mas por vezes há projetos em que todos participam, todos querem participar e quando assim é, tento que todos sejam integrados nos registos que divulgo. Na minha sala os projetos não têm que ser desenvolvidos por todas as crianças, quando são, é porque todas querem, foi o que aconteceu com os materiais de desperdício em que todos quiseram colaborar, ainda que produzindo e construindo objetos diferentes e acima de tudo, com diferentes intencionalidades.

Agora que referiste a área da arte... este ano dedicaste-te à exploração da nova brochura das artes. É por alguma razão em especial que não lhe chama área das artes?

Não. Este ano decidimos não dar nomes às áreas. Quis experimentar! Fazer de outra forma e então tentei não delimitar muito os espaços, nem nomeá-los, mas as crianças fazem-no! Por exemplo quando vão para a área da arte, dizem que quere ir pintar, ou que querem ir desenhar, ou que querem construir fantoches. Este ano decidimos assim e elas próprias começaram a dar nomes aos espaços, é tudo muito mais vivido e experienciado por elas, e foi isso que aconteceu na área da arte, eu quis que elas conseguissem compreender o que é a arte, sem ser eu a definir o que é arte, também não sei se há definição, mas penso que elas descobriram o que é arte e hoje muitas já sabem o nome de pintores, de compositores, de músicos. Elas conseguem falar dos artistas e conseguem apreciar diferentes áreas da arte. Houve, em tempos, uma criança que me fez uma definição de arte e que ainda hoje guardo comigo porque achei uma coisa deliciosa. A criança estava a pintar e eu perguntei-lhe o que era e ela

respondeu-me que era arte e eu perguntei: “Arte?”, “ Sim, não sabes o que é?” E continuou: “Arte é quando fazemos uma coisa, às vezes não sabemos o que é, mas gostamos muito”.

Voltando ao que estava a dizer, a experiência tem-me ensinado muito e eu gosto de aprender e quero continuar a aprender. Por vezes percebemos que estamos a utilizar as mesmas estratégias há demasiado tempo, fazemos a mesma coisa durante muito tempo, e mesmo quando faço uma avaliação positiva, gosto de mudar e de experimentar coisas novas. Eu sou assim, quer dizer, aprendi a ser assim, a minha experiência profissional tem-me ensinado a ouvir-me a mim mesma e a ouvir os outros. E aqui neste jardim-de-infância eu tenho conseguido isso.

Consideras que os teus registos permitem compreender o papel das crianças na sala?

Eu acho que consigo passar a ideia de que as crianças têm uma ação preponderante na sala, eu acho que sim! Pelo menos eu tento que os registos divulgados permitam ver o papel ativo das crianças na sala, nas nossas decisões, nas atividades, nos projetos, eu acho que consigo. Por exemplo, as notícias, às vezes sou eu que escrevo, elas ditam e eu escrevo, outras vezes são elas que escrevem e são elas que divulgam, mesmo que os registos não se compreendam muito bem, ou mesmo que não se consigam ler, ou que as notícias fiquem todas mal penduradas e quem entra na sala percebe que as crianças tiveram uma ação importante na elaboração das notícias diárias, às vezes até me pedem para “ler” ou pedem às crianças que o façam. Mas as notícias são escritas sempre na voz das crianças, mesmo as que são escritas por mim.

É como o desenrolar dos projetos, sempre que descrevo os processos descrevo-os na voz das crianças de modo a dar-lhes vida, tento colocar mesmo aquilo que elas dizem, às vezes certas experiências, as hipóteses que colocaram, o que disseram, normalmente eu explico, sei lá, por exemplo, hoje descobrimos o que é que os ímanes fazem! Apresento uma explicação mais científica e depois coloco o que elas disseram. Acho que é por aqui que se vê o papel das crianças, tento que quem entra na nossa sala contacte com as suas aprendizagens e as suas atividades.

Gostaria de te colocar uma última questão e que se prende com o desenvolvimento profissional. Já és educadora há muitos anos. Como é que entendes o teu desenvolvimento profissional ao longo da tua carreira?

[Silêncio]

Achas que o processo de divulgação tem influência no seu desenvolvimento profissional? Como?

A partilha, a relação com as famílias, o processo de divulgação obriga-me a investigar mais, a saber mais, a perceber melhor as coisas, a fundamentar melhor a minha maneira de agir e de ser educadora, porque é que faço assim desta forma e não de outra, se resultou, se não resultou, sobretudo ao longo da minha vida profissional tenho tido cada vez mais necessidade de fundamentar as minhas intencionalidades e de as fundamentar às famílias que são também cada vez mais presentes nas nossas vidas mas também mais exigentes. Eu considero que o meu desenvolvimento profissional está intimamente ligado ao meu desenvolvimento pessoal e eu sinto que tenho vindo a alterar a minha maneira de ser, de ser pessoa. Aqui neste jardim-de-infância, a colega, e as outras colegas também, e as famílias têm tido um papel essencial. O meu desenvolvimento profissional melhorou tanto quanto eu fui conseguindo relacionar-me com todos os que me rodeiam. Eu nunca tive muitos problemas de relação, mas o termo relação tem muito de subjetivo, tem várias facetas e aquela relação profissional que tem que existir tenho vindo a melhorá-la, a aperfeiçoá-la, refiro-me à relação com as crianças, com outros profissionais, com as famílias, com a equipa, por tudo isto acho que o meu desenvolvimento tem melhorado na medida em que cada vez mais quero relacionar-me intensamente com todos. Como eu já referi, no início da minha carreira eu sinto que estagnei e aqui aprendi a trabalhar em equipa e o meu desenvolvimento profissional tem sido muito impulsionado por todas as pessoas com quem eu me relaciono diariamente.

O trabalho em equipa tem sido mesmo fundamental, é o motor do meu desenvolvimento profissional, mesmo quando não concordo porque eu posso pensar um pouco de maneira diferente, ou até posso nem pensar de maneira diferente mas defini para aquela ação uma intencionalidade diferente e isso tem que ser respeitado quer por mim, quer por toda a equipa mas é a discussão em torno da ação

que me ajuda a crescer, que me torna naquilo que sou. O significado não é o mais importante, o mais importante, pelo menos para mim, é a reflexão e a discussão que temos em torno dela e as nossas discussões de fim de tarde são muito profícuas, ajudam-me muito a pensar e a repensar a minha ação, a minha prática pedagógica. O caminho que cada uma traça com o seu grupo tem muito a ver com a nossa maneira de ser e de estar mas os nossos caminhos são muitas vezes complementares. O nosso desenvolvimento profissional está interligado ao espaço de reflexão que em equipa fomos construindo.

Nós reunimos com muita frequência em diferentes tipos de reuniões, por exemplo reunimos semanalmente com a equipa da componente de apoio à família, reunimos com outros colegas de outras áreas e esses colegas, pelas questões que colocam e pelas suas diferentes atitudes têm-me ajudado a crescer e eu acho que nós também influenciámos o seu desenvolvimento profissional, hoje sabemos muito mais coisas dos outros ciclos de ensino, mas eles também sabem muito mais do pré-escolar.

Gostaria agora que pensasses um pouco se a tua participação neste projeto de investigação teve alguma influência no teu desenvolvimento profissional.

[Silêncio]

Claro que sim, fez-me pensar acerca da minha forma de agir, da minha forma de divulgar o que se passa. Acho que é notório pelas conversas que fomos mantendo. Hoje sinto muito mais facilidade em falar deste tema do que quando iniciámos este projeto. Hoje tenho mais consciência das minhas opções, porque é que faço desta ou daquela forma, quais são os meus princípios de divulgação. Acho que não tanto no aspeto de alterar a minha prática, mas de facto teve uma forte influência na tomada de consciência das minhas opções relativas à forma como divulgo e porque divulgo o que divulgo, a tua presença e o teu questionamento levou-me a refletir mais e mais, obrigando-me a ver e a rever tudo o que fazemos na sala. Eu cresci muito.

Muito obrigada!

De nada! Eu é que te agradeço o teres vindo para a minha sala.

Entrevista com carácter de maior profundidade

Duração: 51 min.

5 de junho de 2012

Local: EB1/JI do Agrupamento de Escolas B (sala das educadoras)

Educadora de Infância: Catarina

Esta entrevista tem como principal objetivo aprofundar a informação que eu tenho vindo a recolher quer através das observações, quer através das nossas conversas.

Agradeço desde já a tua disponibilidade.

A primeira questão que eu gostava de colocar tem a ver com os teus princípios pedagógicos ao nível da divulgação.

Eu acho que é importante divulgar principalmente tudo o que se relaciona com as OCEPE. Eu tenho tido o cuidado e tenho estado mais atenta aos placares e tento apresentar tudo o que fazemos organizado pelas áreas de conteúdo, porque acho que se divulgar dessa forma é mais fácil perceber todo o trabalho que é desenvolvido a esse nível, porque sei que é através do que divulgo que os pais, as estagiárias e mesmo as crianças se vão apercebendo do que estamos a fazer na sala e na instituição. Eu faço muitos trabalhos com as colegas e isso também tem que ser visível. Tenho o cuidado, não de colocar nos placares tudo igual, mas sim de abranger todas as áreas de conteúdo. Tento que todas as crianças tenham trabalhos expostos, mas de diferentes áreas de conteúdo. Eu não exponho vinte e cinco trabalhos todos iguais, eu exponho os vinte e cinco trabalhos divididos pela totalidade das áreas de conteúdo – da matemática, da linguagem, das ciências, da escrita, das artes mas da área do desenvolvimento pessoal e social é muito difícil e na linguagem oral também tenho muita dificuldade em fazer registos, não tenho tempo e também não tenho os recursos necessários. Por outro lado, também tento dar lugar às crianças, principalmente na sala tento que o espaço seja mesmo delas e tento que elas se revejem no que é divulgado. Muitas vezes são elas próprias que decidem o que querem divulgar e como. Claro que tento sempre que elas justifiquem as suas opções, mas muitas vezes elas colocam nos placares e só depois falamos sobre as suas escolhas e mesmo que eu não concorde muito com elas, é difícil pedir-lhes para retirarem o registo. O que também pode acontecer e acontece é o grupo decidir que aquele registo deve ocupar outro lugar, ou que não deve ser exposto e, mais uma vez, desde que devidamente justificado a criança pode ter que guardar o seu produto.

Depois cá fora das salas os meus critérios e os meus princípios já não são bem os mesmos. Tentamos que no exterior seja visível o nosso trabalho, por isso articulamos sempre com o trabalho que entre todas as salas estamos a desenvolver, tentamos que os placares não se repitam. Às vezes pode acontecer, mas a nossa estratégia é diversificar, eu tenho que ter um papel mais ativo na seleção dos materiais e na forma como organizamos o espaço que temos. Outra diferença entre o que divulgo dentro da sala e o que divulgo cá fora é que na sala divulgo mais para as crianças e no espaço exterior à sala divulgo mais para os pais e para o primeiro ciclo – para as crianças e para as colegas. Principalmente as crianças que estiveram connosco no ano anterior gostam muito de vir ver os trabalhos e por vezes até fazem comparações: “Ah, o ano passado também fizemos isto!” ou “Porque é que não fizemos isto o ano passado?” e eu considero que é muito saudável esta troca de aprendizagens entre os mais velhos e os mais novos e depois as nossas colegas também gostam de vir observar e fazem perguntas, outras vezes até ficam espantadas porque não sabiam que no pré-escolar já se trabalha este ou aquele conteúdo, é também por isso que gosto que as áreas de conteúdo sejam visíveis, assim também ao divulgar valorizamos o nosso trabalho e as colegas reconhecem-no como importante. Os pais também nos valorizam e valorizam o trabalho que desenvolvemos, mas as colegas estão mais por dentro desta temática da educação e querem saber mais, quer dizer, eles todos querem saber, mas querem saber coisas diferentes, abordam-nos de maneira diferente.

Eu recorro muito às OCEPE e desde que as brochuras foram publicadas eu oriento muito do meu trabalho por ali. Não sei se nos placares isso é visível, mas eu tento. Claro que para quem conhece é mais fácil, e as colegas do primeiro ciclo também já as conhecem e algumas até as utilizam nas suas

práticas. Os pais não conhecem mas ao divulgar a informação coloco sempre informação adicional que explica o que está divulgado. Tenho recorrido a muitas formações das brochuras porque as considero um instrumento fundamental, aqui no jardim-de-infância as brochuras são como que um guia do nosso trabalho. É claro que não nos guiamos apenas por elas, mas elas funcionam como nosso fio condutor. Sempre que sai uma nova brochura, analisamos essa brochura e se consideramos que é ela importante para o desenvolvimento do nosso trabalho, implementamos algumas das atividades. Por exemplo, este ano investimos mais na brochura das artes e nas três salas trabalhámos nessa brochura, mas não trabalhámos da mesma maneira, achámos que cada sala deveria trabalhar técnicas diferentes, conteúdos diferentes e, por outro lado, os grupos também são diferentes, mas nós considerámos que devíamos propor trabalhos diferentes. No âmbito da brochura da matemática é onde existe a maior articulação com o primeiro ano, aliás desenvolvemos um projeto com as colegas. Às vezes vinham cá as crianças do primeiro ciclo, outras vezes eramos nós que íamos às salas delas. As professoras já estão a trabalhar com o novo programa da matemática e consideram as brochuras muito úteis no desenvolvimento do seu trabalho.

Na tua sala tens diferentes tipos de registo, com diferentes formas de divulgação. Quais são as tuas finalidades quando selecionas a informação a divulgar e como é que a selecionas?

Estás a referir-te só ao registo gráfico ou também ao escrito?

Estou a referir-me a tudo!

Eu tento divulgar tudo o que se faz aqui no jardim-de-infância para que seja perceptível o dia-a-dia das crianças. Eu tento expor, durante o mês, de todas as vinte e cinco crianças. Das crianças que fazem tudo perfeito e que não têm dificuldades, mas também daquelas que apresentam algumas dificuldades. Tento diversificar nas atividades, por exemplo, não divulgo as pinturas das vinte e cinco crianças. Por exemplo, numa semana tento divulgar registos da área da arte, área da matemática, área da linguagem, área das ciências mas abrangendo todas as crianças, tento fazer sempre assim. Depois na outra semana tento que naquelas áreas os trabalhos divulgados sejam de outras crianças de modo a que no final do mês os trabalhos de cada criança tenham sido divulgados em todas as áreas.

Há pouco falaste que quando divulgas, divulgas para as crianças, para ...

Sim para as crianças, para as famílias, para as colegas do primeiro ciclo, para as estagiárias também. Este ano as estagiárias pediram para divulgar os projetos que desenvolveram de modo a darem a conhecer o que era feito, criei um placar que eram elas que tinham a responsabilidade de organizar e de gerir.

Consideras que com aquilo que divulgas dentro e fora da sala é possível compreender as tuas práticas pedagógicas?

Não, acho que não.

Porquê?

Há poucos placares e estão muito altos principalmente para as crianças. E também não temos outro tipo de expositores, por isso, muitas vezes aproveitamos as mesas e as bancadas para divulgar essencialmente aquilo que elas fazem a três dimensões. Acho que o grupo de crianças tem dificuldade em visualizar o que fez, por outro lado, há certas atividades que são feitas na sala e que não é possível mostrar à família, nem às outras colegas. Por exemplo eu tenho muita dificuldade em registar a linguagem oral. Eu tenho muitos debates na sala, muitos mesmo! E tenho alguma dificuldade em divulgar o que é feito ao nível da linguagem oral. Registrar eu até consigo, porque tenho sempre comigo uma folha de papel e eu consigo registar ali na hora, agora passar esses saberes para os registos é muito difícil e depois nós educadoras temos muitas tarefas para cumprir e nem sempre tenho disponibilidade de tempo para me dedicar aos registos, portanto esse tipo de trabalho nem sempre é visível para o exterior. Outra questão é a fotografia! Eu tiro muitas fotografias, tenho de cada atividade uma pasta de fotografias, ao longo do ano são pastas e pastas de fotografias, agora imprimir é que é mais difícil! Porque não temos impressora na sala, mas mesmo que tivéssemos era muito difícil imprimir tantas fotografias, tenho imensas. Então opto por imprimir apenas algumas, principalmente dos projetos, agora do que é feito no dia-a-dia é muito difícil. No final do ano eu entrego um *CD* com as fotos todas. Em cada reunião final de período também faço uma seleção das fotos de tudo o que aconteceu e

tenho o cuidado de incluir fotos de todas as crianças e nas reuniões de pais projeto um *power point* com um resumo do que fizemos ao longo do tempo e conforme vou passando, vou explicando o que fizemos e o que aprendemos.

Achas, por isso, que as tuas práticas não são visíveis! Importas-te de definires o que entendes por prática pedagógica?

Eu acho que prática pedagógica é tudo o que faço muito guiada pelas crianças, mas também pelas OCEPE e pelas brochuras, agora alguns pais não entendem isso! E eu às vezes nas reuniões sinto-me um bocado em dívida para com os pais porque se falo acerca da matemática, da linguagem, da escrita, os pais acham importante, mas se falo do jogo simbólico, das brincadeiras eles não dão muita importância e eu também não sei muito bem como explicar e como fazer passar a mensagem de que isso é tão ou mais importante que a matemática. Os pais preocupam-se muito com o a-e-i-o-u e com os números.

Eu não sei explicar, eu acho que eles compreendem e aceitam o tipo de trabalho que fazemos, mas muitos o que querem saber é se as crianças aprendem bem, se vão ter sucesso escolar, querem é que as crianças treinem os grafismos e que os façam muito bem. Mas eu entendo que há atividades mais importantes para fazer que apenas treinar os grafismos porque com as atividades que lhes proporcionamos elas através do desenvolvimento de projetos, através da atividade lúdica desenvolvem as competências necessárias a um bom desempenho escolar, naturalmente.

Há pouco referiste que seleccionas os registos, como é que procedes? Se partilhas essa tarefa com alguém, explicita por favor com quem.

Este ano eu faço sozinha, o ano passado eu tinha uma auxiliar que quando estava na sala me apoiava muito quer na seleção, quer na elaboração dos registos, mas a minha auxiliar deste ano não consegue, tem muita dificuldade na escrita e não sabe o que escrever, não posso contar com ela para registar, por essa razão, sou sempre eu que faço os registos. Quando estão cá as estagiárias elas também fazem os registos porque eu posso confiar nelas, eu sei que posso! Posso pedir-lhes que fiquem com um pequeno grupo e que registem, por exemplo ao nível da matemática o que foi feito, observem se há crianças que têm dificuldades, ou não, peço que registem os passos todos. Apesar de ser eu que os seleciono, quando me surgem dúvidas acerca de algumas crianças, discuto com a auxiliar, mas ela não é muito proactiva e portanto torna-se difícil porque, para além do tempo em que estamos na sala com as crianças, resta-me pouco tempo para falarmos e discutirmos o que andamos a fazer. Quando as crianças não estão ela tem sempre outras atividades para fazer. Os registos dos *portfólios* são as crianças que me ajudam a selecionar.

Cada uma seleciona os seus?

Sim, cada uma seleciona os seus.

Com que critérios?

O *portfólio* está dividido, nós temos os trabalhos de que elas gostam mais e depois está dividido pelas áreas de conteúdo. Elas vão selecionando os da matemática, das ciências, pronto, segundo as áreas de conteúdo e é articulado com as minhas observações e com os comentários por parte da criança.

Como é que fazes esses registos? É no final do dia? Como e quando é que os fazes?

Quando tenho tempo é no final do dia, senão faço à sexta-feira. Seleciono pequenos grupos e faço com elas, mas por vezes atrasamo-nos um pouco porque sou sempre eu que faço isso, a minha auxiliar não me apoia, faço sempre sozinha e isso dificulta muito o desenrolar do trabalho. A auxiliar tem mesmo muitas dificuldades. A auxiliar do ano passado já tinha muita experiência e era muito desvolta no apoio que me dava, mas este ano foi para o primeiro ciclo.

Relativamente à divulgação, eu pude observar que recorres a diferentes espaços, dentro da sala, fora da sala. Como é que organizas esses espaços.

O espaço da sala é organizado com o grupo, são as crianças que decidem o que querem divulgar e onde o querem fazer. Só existe uma parede na sala que elas já sabem que aí não podem expor, nem têm

espaço porque é onde estão os mapas do tempo, das atividades, de presenças, Elas já sabem que podem divulgar as atividades, os trabalhos, tudo o que querem. Ali o espaço é delas. Elas é que organizam, por exemplo está ali um placar que elas criaram e que organizaram com os desenhos de que mais gostam e, como acabei de referir, o espaço da sala são elas que organizam e que têm essa responsabilidade. Cá fora, normalmente, é um espaço que é organizado com a equipa, com as três salas. Cada sala sabe quais são os placares onde pode divulgar. Desde que eu vim para cá que a organização é sempre a mesma, é a organização da instituição. É muito difícil porque a minha sala só tem um placar. Tenho que mudar muitas vezes o material a divulgar porque tenho muitas crianças, por isso tento mudar a informação de quinze em quinze dias porque senão depois durante o mês não consigo divulgar os trabalhos das vinte e cinco crianças.

Dentro da sala divulgamos o que fazemos diariamente nas diferentes áreas, mas os trabalhos que são realizados no âmbito de projetos ou de atividades que têm alguma continuidade, esses trabalhos são divulgados no espaço comum às três salas. Logo no início do ano discutimos estas regras para que elas saibam o que é que podem divulgar dentro da sala e o que é que podem selecionar para divulgar fora da sala.

Consideras que a forma como te organizas permite o acesso à informação de todas as pessoas?

Acho que as crianças têm algumas dificuldades em ver porque os placares estão muito altos, mas acho que todas as pessoas que vêm ao jardim-de-infância conseguem ver e ler o que é divulgado, ainda que eu considere que temos pouco espaço, organizo-o de modo a que todos consigam ler o que é divulgado. Também acho que a forma como está organizado permite chegar a toda a informação, por exemplo, às vezes as crianças marcam a sua presença no quadro de presenças ainda na companhia dos pais, é uma maneira de os pais também participarem e facilita a separação logo pela manhã.

Tens alguma informação que seja restrita a algum grupo de parceiros?

Tenho, na sala tenho um placar que tem informação de carácter administrativo, onde coloco os mapas de presenças, os medicamentos, ... essa informação é mesmo só minha e da auxiliar, mas os pais se quiserem podem ler, está num espaço acessível a todos os adultos.

Para além do que referiste e do que é visível que tens nos placares, nas mesas com algumas construções... utilizas outros meios de comunicação para os pais, para as crianças, ... Temos um blogue onde coloco o máximo de fotografias e de textos. É um blogue apenas do jardim-de-infância, não é do agrupamento nem da escola e sou eu a colega Sara que o dinamizamos. Tudo o que é projetos vai para o blogue, temos como critério que tudo o que é feito pelas três salas em comum nós publicamos no blogue. O blogue é do jardim e infância pelo que não identificamos as salas, nem as crianças, aliás temos o cuidado de não colocarmos visíveis os rostos das crianças para preservar a sua identidade. Cada sala coloca um projeto, por exemplo, se a Sara publicou o projeto um, eu vou publicar o projeto dois que é para não haver sobreposição de projetos. A colega da outra sala não faz publicação, sempre que quer colocar alguma informação pede a uma de nós. Por vezes também colocamos informação relacionada com os nossos projetos de articulação com o primeiro ciclo pois nós fazemos muitas atividades em conjunto.

Como é gerida a informação institucional ao nível do agrupamento?

A informação chega-nos essencialmente através da coordenadora da escola, tudo o que é informação pedagógica é através dela. Temos a regra no nosso agrupamento que toda a informação a nível institucional tem que chegar aos pais sempre por escrito. Quando é uma comunicação individual eu posso escrevê-la e peço à auxiliar para a entregar, ou então entrego-a eu. Se sou eu a comunicar aos pais, normalmente falo oralmente com eles.

Consideras que quando divulgas consegues transmitir os processos de aprendizagem?

Não, porque eu apenas consigo divulgar os produtos finais, como não posso recorrer muito às fotografias é difícil divulgar os processos. No entanto, eu acho aqueles pais que contactam diariamente connosco conseguem compreender os processos porque a divulgação não se faz apenas com o que está exposto, eu considero que a melhor forma de divulgar todo o trabalho, ou seja, os processos, é através dos contactos informais diários que mantemos, é quando os pais entram e nos questionam

acerca do que hoje a sala tem de novo, agora aqueles pais que não entram, que só trazem as crianças de manhã e que vêm sempre com pressa, a esses eu acho que não consigo divulgar os processos, quer dizer eu explico-os nas reuniões através das imagens que insiro nos *power points*, mas acho que não é suficiente. Eu tenho alguns pais que quando chegam de manhã perguntam-me como foi feita a atividade do dia anterior porque as crianças vão para casa falar e os pais querem saber mais. São pais interessados e pais que querem compreender tudo. Eu acho que esses pais conhecem os processos.

Os pais, alguns pais, questionam-nos acerca das aprendizagens e muitas das questões surgem das anotações que eles leem nos meus registos. Eu faço anotações escritas e divulgo-as e acho que essas anotações, para os mais atentos, permitem identificar as dificuldades e as aprendizagens. Aqui o *portfólio* é muito importante, porque se compararmos as observações que eu faço em outubro com as observações que são feitas agora, dá um panorama do desenvolvimento de cada uma das crianças e até do grupo em geral.

No fim do ano, quando faço a avaliação final com os pais também falamos das aprendizagens das crianças e nessa altura todos têm, de alguma forma, contacto com os registos e para alguns deles é o tempo que têm para me questionar acerca do que as crianças aprenderam. É muito frequente perguntarem coisas acerca de registos que foram divulgados ao longo do ano, mas que não tiveram a oportunidade ou a coragem para conversar comigo acerca deles. Com os pais das crianças que têm dificuldades reúno várias vezes ao longo do ano, ou seja, reúno sempre que uma das partes sente necessidade, mas é mais comum ser eu a solicitar as reuniões.

Consideras que os registos da tua sala dão a conhecer o projeto curricular de grupo?

Eu acho que ... como é que hei-de explicar?! Acho que os registos dão a conhecer o que fazemos e por isso, acho que os registos dão a conhecer o projeto curricular de grupo, mas o da escola não consigo porque ele é muito abrangente, é da escola toda e algumas das atividades não são visíveis, só as posso dar a conhecer aos pais nessas reuniões porque muitas decorrem no nosso dia-a-dia e dentro da nossa rotina através de conversas que mantemos, ou quando as crianças comentam em casa, muitas vezes eles nem sabem que decorreu, depois é como já disse, como expomos muito poucos registos fotográficos os pais nem sempre sabem que fizemos esta ou aquela atividade. No final do ano sim, no final do ano entrego um *CD* e aí estão todos os registos fotográficos.

Quando retiras os registos, e já disseste que os retiras de quinze em quinze dias, o que lhes fazes?

Guardo, guardo muitos registos na sala. Umás vezes voltamos a trabalhar neles, outras servem apenas para realizar a avaliação essencialmente do grande grupo, outras vezes ainda, servem para no final do ano conseguir fazer como que uma cronologia do que fomos fazendo e como. Tenho vários livros na sala que são construídos a partir desses registos e que contam os processos vividos, é como se fosse a história delas e a história daqueles projetos, daquelas aprendizagens. Os outros trabalhos ficam guardados em dois sítios, os *portfólios* das crianças e as capas grandes, no final do ano letivo é que não os posso guardar, não temos espaço. Portanto, os registos individuais as crianças levam-nos todos para as suas casas.

Quando os retiras realizas alguma avaliação dos registos?

Eu faço uma avaliação dos registos de três em três meses, porque não tenho tempo para fazer semanalmente ou mensalmente, não tenho mesmo tempo.

E nessa avaliação, quais são as tuas preocupações?

Eu faço a avaliação do grupo com grupo de crianças e depois faço também a minha avaliação. Quer dizer eu faço uma avaliação mas é geral, não faço propriamente uma avaliação do que está exposto. Com as crianças eu tento avaliar o que se fez e depois no meu dossier de educadora, eu faço a minha avaliação e é aí que tento perceber se devia ter investido mais numa ou noutra área, porque é que fiz tantas atividades desta ou daquela área de conteúdo, o que é que me faltou para atingir determinados objetivos, porque é que aquela criança que necessitava mais do meu apoio, não o teve, o que é que falhou!

Importaste de voltar a falar um pouco sobre o espaço? Consideras que o espaço arquitetónico condiciona, de alguma forma - positiva ou negativa - os teus modos de divulgação?

Como eu já referi, os placares condicionam, principalmente para as crianças e também acho que o hall de entrada condiciona um pouco a nossa divulgação porque praticamente temos só os cabides e uns placares muito altos. Quando quero divulgar materiais a três dimensões é muito complicado, por exemplo, agora para ter ali expostas as construções das crianças tive que tirar da minha sala as mesas da área do faz de conta o que condiciona a atividade das crianças porque agora na sala não têm apoio naquela área. Faz muita falta outro tipo de expositores, uns cavaletes, umas bancadas porque não conseguimos expor a diversidade de materiais que vão sendo construídos. Mesmo os livros grandes que eu tive expostos com os projetos que desenvolvemos, estavam sempre a cair porque eu não tinha um sítio apropriado para os colocar. Apenas temos as prateleiras das mochilas em cima dos cabides, mas depois os livros estavam sempre a cair. Nos precisávamos mesmo de outro tipo de expositores para podermos divulgar condignamente.

Achas que quem entra na tua sala, consegue compreender o papel que tu atribuis às crianças?

Eu acho que sim. Por exemplo, o mapa das tarefas mostra bem que as crianças têm um papel ativo e não é necessário estar na sala para ver isso, eu acho que o mapa o demonstra muito bem. Eu acho que quem entra na sala percebe que em vários momentos do dia as crianças têm uma intervenção muito ativa. Também são perceptíveis, nem sempre, mas muitas vezes são, as atividades que desenvolvem, por exemplo, como hoje que as construções ficaram no chão para que as crianças mostrassem no grande grupo, ora quem ali entrar consegue compreender que aquelas produções artísticas são fruto do trabalho de toda a manhã. Por norma, as crianças registam no papel as construções que realizaram e depois estes tipos de construções ficam no chão dois ou três dias e percebe-se o processo da sua construção. Se formos para a área das ciências vemos que há bichos-da-seda e vários animais e vemos que também lá estão os registos, portanto, eu acho que dá para perceber o tipo de trabalho, o tipo de aprendizagens que elas fazem na sala.

E achas que também é visível o papel dos adultos?

Penso que sim, penso que também dá para compreender. Eu acho que nós temos papéis diferentes na sala e as crianças e os pais sabem muito bem distinguir o meu papel do da auxiliar e, sabes, na divulgação acho que acontece o mesmo.~

Mas achas que é possível compreender esses papéis através dos registos?

Acho que sim, pelos desafios que promovemos dentro da sala, acho que sim. Temos as tabelas, temos os registos escritos, temos os livros, temos os desenhos e as pinturas, temos as construções, sei lá temos uma imensidade de produções realizadas pelas crianças, pelas crianças e pelos adultos e, claro, também temos registos elaborados só pelos adultos. Alguns dos registos interessam só às crianças, outros são dos adultos e para os adultos, mas a maioria interessa a todos, por isso acho que sim! Nos contactos diários os pais falam com uma ou com outra, em função das questões que querem abordar, se são questões de cumprimento de horários, de medicação, de saber como se têm comportado, tanto falam com uma como com outra, agora se querem falar das aprendizagens ou dos registos que divulgámos, aí procuram-me essencialmente a mim. Muitas vezes querem falar acerca de um desenho, por exemplo, aqueles trabalhos que estão lá fora que foram realizados no âmbito de jogos da matemática, aí eles procuram-me e querem saber como o filho fez, o que fez, o que aprendeu.

Quem são os autores dos teus registos? Quem é que os elabora?

Os registos divulgados são elaborados principalmente pelas crianças e alguns são os encarregados de educação, porque eu tenho muitos trabalhos feitos pelos pais porque eu tenho um grupo que se as crianças estão a trabalhar alguns conceitos, alguns conteúdos na escola e se vão falar para casa, vêm logo perguntar “Se estão a trabalhar isto é preciso alguma coisa? É preciso algum livro?”. Tenho aqui umas quatro ou cinco encarregadas de educação que colaboram muito e que pesquisam logo, por vezes fazem alguns trabalhos e as crianças depois apresentam e por isso tenho muitos trabalhos feitos pelos pais ou em colaboração com os pais. Esses trabalhos elaborados em conjunto com os pais eu depois

divulgo na sala, é sempre a criança que faz esse trabalho, a responsabilidade da divulgação dos trabalhos realizados com os pais é da criança. Se ela precisa da ajuda, convida-os para virem consigo e depois de terem feito a apresentação ao grupo, o material é divulgado no placar à entrada da sala para que todas as pessoas possam ver. Eu costumo fazer uma avaliação do trabalho e alguns pais também dedicam algum tempo a ler e a avaliar o trabalho que está divulgado. É interessante que quando divulgámos os trabalhos do livro “O João e o Pé de Feijão” uma mãe que é docente disse-me que alguns dos conteúdos que tínhamos abordado, ela também vai abordar no próximo ano letivo, porque para o ano vai ficar com as crianças de primeiro ano. Ela já esteve a ler o programa e disse-me que há muitos conteúdos que ela vai ter que abordar que são semelhantes aos que eu abordo. A maioria dos pais não consegue fazer este tipo de leitura dos registos. Esta mãe até fez uma avaliação muito interessante porque me disse que acha que a maioria dos pais não se apercebe da preparação que as crianças levam aqui do jardim-de-infância. E depois ainda me disse: “Eu sei que nenhum destes trabalhos é do meu filho, mas vocês têm aqui um trabalho que só quem sabe, quem conhece as crianças, é que consegue compreender todos os passos necessários para se fazer estas aprendizagens”. Essa mãe é professora, mas algumas das outras mães sem formação na área da educação também nos valorizam, também reconhecem as aprendizagens das crianças. Este é um aspeto muito importante nas nossas práticas pois quando valorizam o nosso trabalho, sentimos realmente que estamos a conseguir transmitir aquilo que fazemos e aquilo que as crianças fazem. A divulgação assume particular importância pois é através dela que os outros conhecem o que se faz. Quando os pais nos dão os parabéns, e mesmo quando reclamam de alguma coisa, sabemos que estão interessados no que se passa aqui no jardim-de-infância. Eu assumo que nem sempre faço bem, mas quando faço e valorizam o que faço, sinto-me realizada. Eu acho que nós, os portugueses, não temos muito o hábito de valorizar os outros, nem sempre sabemos como demonstrar aos outros aquilo que sentimos, mas quando isso acontece, e aqui acontece algumas vezes, eu sinto que estão a reconhecer a importância do trabalho em jardim-de-infância e isso é o mais importante. Claro que a nível pessoal também é muito importante, mas eu estou aqui pelas crianças e isso é que conta!

Retomando, também temos muitos avós e aí nota-se algumas diferenças. Os avós ficam muito espantados por as crianças já conseguirem fazer tantas coisas, porque achavam que elas não tinham capacidades, nem competências para as fazerem. Eu estou a lembrar-me da avó de umas meninas da minha sala que esteve numa atividade na sala e que depois me disse: “Eu nunca pensei que as minhas netas fossem capazes de fazer tantas coisas diferentes. Eu pensava que elas só faziam desenhos”. É por isto que eu acho que os dias especiais são muito importantes. As famílias entram nas salas e compreendem de outra forma o que é a vida no jardim-de-infância, aprendem a conhecer as nossas rotinas. Nós temos muitos dias de interação com as famílias em que elas podem vir à sala, dia da mãe, dia do pai, semana da leitura, semana da cor, eu considero que é uma excelente forma de divulgação e temos tido muita adesão. Eu acho que a minha sala é aquela em que os pais mais aderem a atividades e é também aquela em que os pais vêm mais à sala, porque eu tenho muitos pais novos que nunca andaram no pré-escolar e que fazem aqui atividades que nunca tinham feito e que não tinham consciência do que se poderia fazer. Achavam que era comer, desenhar e brincar nas áreas. E com a abertura da sala aos pais, eles contactam com muita coisa nova, muita coisa diferente, porque nós com esses pais não fazemos só desenhos e pinturas, nós fazemos trabalhos a nível da linguagem oral e escrita, consciência fonológica, divisão silábica, jogos de matemática e portanto eles tiveram a noção quer do que é esperado, quer das atividades que as crianças desenvolvem diariamente.

Desenvolvemos algumas atividades muito interessantes com as colegas do primeiro ciclo e com os padrinhos das crianças. Elas vieram às nossas salas e nós fomos às delas – contámos histórias, fizemos sombras chinesas, apresentámos e desenvolvemos várias técnicas. Ao longo do ano vamos desenvolvendo algumas atividades de intercâmbio.

A realidade da nossa escola é que a maioria das crianças fica nesta escola no primeiro ciclo e portanto já conhecem bem o espaço por isso é que quase todos os dias temos visitas de crianças da escola, umas vêm porque já cá andaram, outras vêm pela curiosidade de ver o que é que há nas salas e passam cá muito tempo, principalmente nos intervalos. Sempre que temos as semanas temáticas a decorrer o número de visitas aumenta.

Gostava que me falasses um pouco sobre outra temática. Consideras que todos os processos de divulgação têm influência no teu desenvolvimento profissional?

Têm, eu acho que têm bastante, eu acho que como educadora tenho crescido bastante, não só com toda a formação que tenho realizado, como com todo o material que tem sido publicado. Eu tento ler, tento estar sempre atualizada e depois experimento com o grupo de crianças, eu tento não estagnar, tento ao máximo crescer com o que me rodeia e eu acho que trabalhar em equipa é essencial, nós crescemos muito com a partilha entre nós, se eu tenho uma dúvida eu posso discutir esse assunto com a colega e eu acho isso essencial. Saber partilhar é saber ouvir, não é fechar-me numa concha.

Neste jardim-de-infância eu tenho crescido imenso, já passei por muitas escolas e efetivamente nesta equipa tenho crescido muito pessoal e profissionalmente. Nós ajudamo-nos mutuamente e isso reflete-se nas nossas práticas. Agora que falas sobre a divulgação, eu acho que não temos muita consciência de que discutimos os processos de divulgação, mas nós analisamos os nossos registos em conjunto e muitas das decisões são decisões partilhadas, por isso, na realidade, posso afirmar que o processo de análise dos registos e da forma como divulgamos têm tido um papel crucial no meu desenvolvimento profissional, aliás é através dessa análise e dessa discussão que analisamos as nossas práticas, a nossa forma de ser educadora e é também através da análise dos registos que discutimos e analisamos as aprendizagens das crianças e até das suas dificuldades. Acho que nunca tinha tomado muita consciência desse aspeto, mas acho que funciona assim mesmo.

Acho também que a tua presença tem contribuído para uma maior preocupação da nossa parte em divulgarmos verdadeiramente as aprendizagens das crianças, não sei se conseguimos fazer-lo muito bem, mas sei que discutimos com muita frequência como devemos divulgar o trabalho que aqui se desenvolve. Houve alguns aspetos que mudámos mesmo, por exemplo, eu tenho a preocupação de renovar os materiais com mais frequência do que aquela que tinha no ano anterior, mas eu acho que isso é positivo, também é por isso que eu aceito participar neste tipo de investigações, nós aprendemos sempre. A tua presença deixou-nos alerta para a divulgação, porque muitas vezes nós vamos deixando passar por falta de tempo, mas a tua presença deixou-me mais consciente para os processos de divulgação e tentei aprofundar mais esta temática e acho que estou mais organizada, acho que consigo divulgar com mais clareza, tento não divulgar demasiada informação para não baralhar quem lê o que fazemos.

Muito obrigada pela tua colaboração, eu depois devolvo-te a transcrição da nossa conversa.

Sabes, foi mesmo muito importante participar e partilhar contigo as minhas práticas. Eu acho que hoje sou uma educadora mais consciente do meu papel. Muitas vezes nós não temos tempo para discutir, para analisar as nossas práticas e nas conversas que fomos mantendo eu acho que fui tornando mais claro o que faço e acho que tanto ganhei eu, como ganharam as crianças e as famílias, porque, se faço melhor, então todos ganhámos. Quer dizer, eu não sei se faço melhor, pelo menos faço de maneira diferente com o objetivo de fazer melhor. Um aspeto muito interessante foi ficar cada vez mais desperta pela divulgação e tenho a certeza que no meu futuro profissional serei uma educadora muito atenta ao modo como divulgo o que fazemos!

Uma vez mais obrigada!

Entrevista com carácter de maior profundidade

Duração: 53 min.

11 de junho de 2012

Local: EB1/JI do Agrupamento de Escolas C (sala de reuniões)

Educadora de Infância: Cristina

Esta entrevista tem como objetivo complementar toda a informação recolhida até ao momento. Não se pretende, de todo, comparar as repostas, mas sim clarificar alguns pontos.

A primeira questão que gostava que clarificasses são os teus princípios pedagógicos ao nível da divulgação. O que é que pretendes com a divulgação?

De uma forma geral o que se divulga na sala é gerido pelas crianças, porque elas próprias podem colocar e retirar informação, depois existe a outra questão que são as famílias. Eu acho que acima de tudo a divulgação é o canal privilegiado de comunicação entre todos, as crianças, os adultos da sala e das outras salas, as famílias. Aqui o que se pretende é divulgar, é dar a conhecer o que vamos fazendo, a importância que cada situação, cada atividade, cada projeto tem no processo de aprendizagem. Normalmente o processo é gerido por mim e também pela auxiliar, mas por exemplo, mudar um placar é uma coisa que eu gosto, mas a auxiliar também tem autonomia para o fazer. Eu acho que aquilo que nós divulgamos nos placares ajuda a descobrir e até compreender o que se faz na sala.

Achas que quem entra na tua sala compreende o tipo de trabalho que é realizado?

Eu acho que sim, até porque ainda há bem pouco tempo uma colega me disse que quando se chega à minha sala se percebe o que eu faço com as crianças. Perguntei porquê e ela respondeu-me: “Então, tu tens as conversas das crianças, tens trabalhos feitos por elas, tens textos escritos por elas, tens fotografias delas e das atividades”, por isso considero que esta é a melhor forma de divulgar o que fazemos, eu tento divulgar tanto, dessa forma o trabalho está lá. As aprendizagens estão lá. Por exemplo, se eu vou aos correios com elas, eu acho que é importante registar essa atividade através de uma descrição do que fizemos, bem como da avaliação que fazemos em grande grupo. Eu converso com elas e é o registo dessa conversa que divulgo na sala.

Às vezes é difícil gerir o espaço visual da sala, quer em termos estéticos, quer em quantidade de informação, porque já me tenho deparado com informação que não é muito importante divulgar, mas que para as crianças é. Então tenho que saber gerir toda a informação e tenho que negociar com elas o que é que pode ficar e o que é se pode tirar, por vezes, a negociação passa por encontrar o “melhor” espaço na sala para divulgar aquela informação, aquele desenho ou aquela construção, acabamos por ter que encontrar prioridades. Para mim é importante que a informação se possa ler. Em termos visuais e estéticos a informação tem que permitir compreender o que fazemos e às vezes tenho que mesmo que permitir que elas exponham produções livres, que não são de um projeto específico, mas que para as crianças que as produziram são muito importantes e eu considero que, por si só, já é significativo que as queiram divulgar. É por esta razão que encontras, na minha sala, muitas produções individuais ou de pequenos grupos, é assim que eu entendo a minha postura na sala, é assim que eu entendo que devo agir.

Pegando agora no que acabaste de referir, importas-te de falar um pouco sobre o que entendes por prática pedagógica?

Eu acho que a prática pedagógica é dar espaço a cada criança, onde cada uma tem oportunidade de decidir o que pode e quer fazer, claro que sempre respeitando o outro e respeitando as regras da sala. A prática pedagógica na minha sala centra-se muito no papel das crianças, no pesquisar, no procurar, no perceber as necessidades e as potencialidades das crianças e, claro dos adultos também. Tento que as crianças vão o mais longe possível nas suas aprendizagens e nos seus conhecimentos. Já

me aconteceu várias vezes com este grupo, serem elas a lançarem as ideias e depois eu incluo na minha planificação e avaliação, passando a fazer parte do meu projeto de grupo. De facto a minha prática é muito guiada pelas crianças e por vezes eu sinto necessidade de parar e de reunir com elas de modo a refletirmos sobre o que andamos a fazer, eu sei que tenho essa dificuldade, ou seja, na minha sala acontecem muitas coisas ao mesmo tempo e por vezes eu tenho medo que entre tudo um pouco em roda livre e por isso é que é necessário uma gestão afinada dos projetos. Se reparares, de facto a divulgação fala por elas, pelas crianças, a sala é delas, mas de facto eu ajudo-as muito na gestão do espaço e na organização do que acontece e do que se divulga.

No fundo o que fazemos é criar algumas regras quanto à divulgação porque nem tudo pode estar exposto ao mesmo tempo, temos que criar condições para que o espaço de divulgação possa ser lido por todos, mas por todos mesmo, e estou a referir-me àqueles que não passam o dia na sala e que são essencialmente as famílias, as crianças têm que perceber que quem chega à nossa sala tem que compreender o que lá se passa e isso só conseguimos se tivermos o espaço organizado e se ao divulgarmos respeitarmos alguns princípios básicos da comunicação, temos que criar condições para que todos leiam a informação, mas acima de tudo temos que criar condições para que todos queiram ler, porque se está tudo uma confusão ninguém se interessa e nós queremos que vejam o que fazemos, queremos que leiam o que escrevemos e, se possível, gostaríamos de conversar sobre o que divulgamos, mas com estas famílias sinto que ainda estou um pouco longe disso, nem todas as famílias vêm ao jardim-de-infância e as que vêm, a maior parte das vezes vêm com pressa, apesar delas olharem e até lerem o que está exposto, no dia-a-dia conversamos pouco sobre o que divulgamos.

Consideras que, nos processos de divulgação, é possível compreender o papel do adulto e das crianças na sala?

Eu acho que sim, porque, na minha sala não está tudo muito organizadinho, a organização da minha sala depende dos projetos que surgem e a divulgação depende também muito da vontade que temos de destacar mais um ou outro projeto, ou até mesmo um acontecimento, sim, porque não divulgamos apenas projetos ou atividades, podemos simplesmente divulgar uma novidade, sei lá, de uma mãe que está grávida. Na minha sala todos os dias, podemos mudar quer a sala, quer aquilo que divulgamos, quem entra aqui no jardim-de-infância descobre que a cada dia tudo muda! Eu acho que se percebe que as crianças desenvolvem muitos projetos ao mesmo tempo, acho que se percebe que aquilo que se divulga é muito diverso, e também acho que se percebe que é muito diverso o que as crianças fazem, que as crianças não fazem todas as mesmas produções, que há muita coisa a acontecer ao mesmo tempo e como o espaço é de todos, as crianças sabem que podem colocar e retirar os seus trabalhos, as suas coisas “preciosas”, por exemplo, um desenho que fizeram em casa e que querem oferecer à sala.

É muito interessante perceber que as crianças gostam mesmo de expor, elas sentem-se importantes em participar na divulgação e em poder exposto o que fizeram e quando os pais não entram na sala, são as próprias crianças que os chamam para lerem o que lá colocaram, elas gostam muito que os pais dediquem alguma atenção ao que fizeram e são muito reivindicativas, mesmo quando não são os pais a virem buscá-las, é por isso que temos muitos avós na sala.

Houve atividades que fizemos este ano que chamaram muito as famílias para dentro do nosso espaço e não apenas o espaço da sala porque também divulgámos fora da sala de atividades. Por exemplo, trabalhámos muito sobre as características de cada criança, coisas boas de cada uma de nós e isso foi uma atividade que “prende” muito as crianças e que as fez querer que as famílias entrassem. Às vezes também temos que compreender o grupo e propor atividades com que se identifiquem para que tenham vontade de mostrar e de falar sobre o que fizeram.

Na tua sala existe muita divulgação que não passa apenas pelo desenho. Tens muitas construções, muito texto, ...

Ah! Eu faço questão. Vejo as crianças com tanto entusiasmo a construir que depois acho que não as devem destruir, quanto mais não seja, ficam na sala dois ou três dias e depois entretanto têm que dar lugar a outras, mas habitualmente tenho sempre na sala trabalhos tridimensionais, porque, lá está, elas constroem imenso e temos que dar relevo a essa área do seu desenvolvimento, é nisso que eu acredito, mesmo que para tal seja necessário ter a sala “desarrumada”, é por isso que eu digo que se vê bem o

papel da criança na sala e os conteúdos que vamos trabalhando. Claro que nem todos têm essa percepção, mas nós temos, não é?

Pegando agora nos conteúdos que abordas, gostava que me falasses das brochuras do pré-escolar.

As brochuras ajudam-me muito, eu vou lá inspirar-me para o desenvolvimento do meu trabalho. Têm sido excelentes instrumentos de trabalho, assim como as OCEPE e até as metas de aprendizagem, mas eu não sou muito agarrada a esse documentos, gosto muito de seguir as crianças e como tal esses instrumentos são em si mesmo guias para o nosso trabalho e no dia-a-dia recorro a eles como uma forma de suporte das minhas propostas. As brochuras são muito interessantes e ajudam-me a dar resposta aos interesses e às necessidades das crianças e são um excelente instrumento teórico que ajudam a fundamentar as minhas práticas, as minhas ações e principalmente ajudam-me a fazer opções. Elas ajudam-me a estar mais próxima das crianças e ajudam-me a crescer enquanto profissional.

Já compreendi. Mudando um pouco de assunto, gostaria que me falasses agora da dinâmica, da organização da divulgação. Tens tempos definidos? Como fazes?

Eu não tenho tempos definidos, até porque isso não se coaduna com as minhas práticas. A informação fica o tempo que consideramos necessário, não há tempos preestabelecidos, a mudança de registos ocorre de forma natural. Retiramos ou colocamos informação sempre que sentimos que aquela informação já não faz sentido ou quando necessitamos de espaço. A organização e a seleção do que divulgamos eu também faço com as crianças de uma forma natural, ela acontece naturalmente em função do que acontece. Este ano na minha sala aconteceram muitos, mas muitos teatros e é por isso que temos vindo a explorar conceitos que são relevantes quando se monta um espetáculo de teatro, por exemplo o texto tem que ser escrito para sabermos o que vamos fazer. Quando se representa tem que se olhar para o público, não podemos estar de costas. Isto para te explicar que apesar das regras terem sido instituídas naturalmente, ao longo do ano, sentimos a necessidade de ir explicitando algumas e de lhes dar visibilidade. Apesar do exemplo que acabo de referir não ser especificamente sobre regras da sala, entendo que é uma forma de dar a conhecer o trabalho que fazemos. A divulgação é para mim muito importante e tem-me acompanhado ao longo da minha profissão, desde a minha formação inicial à educadora que hoje sou. Eu ainda me lembro, porque há coisas que nós nunca esquecemos, que na formação inicial eu tive uma professora que sempre dizia temos que mostrar tudo talvez seja por isso que eu acho que nas nossas salas devem existir muitos cartazes, muito texto, muitos placares com informação organizada e isto foi algo que eu nunca esqueci e portanto, esta tua investigação também me veio lembrar aspetos importantes da profissão que por vezes parecem estar esquecidos. Divulgar faz parte de mim, acho que faz parte de qualquer educadora é como se ato estivesse agarrado a nós, mesmo quando não temos essa consciência ele acompanha-nos. Todos os dias da nossa vida, porque já reparaste? Nós não vivemos sem a divulgação e todos os dias crescemos com ela, quer dizer quando divulgamos temos que analisar o que fizemos, não é? E é por isso que eu acho que divulgar é crescer e ajudar a crescer. É por esta razão que eu escrevo muito, na sala existe muita informação escrita que tenta espelhar o trabalho que as crianças e nós fazemos. Eu escrevo imenso, escrevo o que elas dizem, mas também escrevo sobre o que observo. É tanta informação que nem sempre consigo divulgar tudo o que escrevo e as crianças também escrevem, claro que escrevem como sabem e por vezes sem ser com a escrita convencional.

E o registo fotográfico, recorres a ele?

Eu considero-o muito interessante, mas recorro muito pouco a ele devido às nossas dificuldades financeiras.

Como é que tu dás conta do processo?

Penso que eu dou conta dos processos vividos com tudo aquilo que divulgo e com tudo aquilo que permito que elas vão divulgando porque nós divulgamos tudo, as dúvidas que surgem, tudo o que descobrimos e o que queremos descobrir, o que sabemos e o que queremos saber, tudo o que fazemos. Ou eu ou elas escrevemos as perguntas e as respostas que encontramos. Eu tenho o cuidado de divulgar tudo isso e penso que desse modo dou conta dos processos que vivemos aqui no jardim-de-infância. Por exemplo no desenvolvimento dos projetos acontece muitas vezes as conversas surgirem em cascata e eu escrevo-as e divulgo-as de modo a que quem lê perceba como começou aquele projeto.

Normalmente eu guardo todos os materiais que estiveram expostos porque assim fico com as memórias daquele ano e fico também com um pouco das crianças, e a verdade é que todos os anos os novos grupos gostam de ler o que andámos a fazer. É a história do grupo. Talvez seja por isso que eu tenho alguma dificuldade em me desfazer dos registos porque eles podem vir a ser ainda necessários e podem mesmo vir a ser muito úteis no desenvolvimento de alguns projetos.

Na tua sala e na instituição existem outros meios de comunicação e de divulgação que não apenas estes que são visíveis no espaço físico?

Neste agrupamento não existe praticamente nada, existia no início, mas depois não teve continuidade. Surgiu a ideia de um jornal da sala, mas este ainda está para ser fotocopiado. Tem muito pouca informação elaborada por mim, tem algumas coisas mais interessantes mas... o que lá está foi essencialmente escrito pelas crianças.

E a informação institucional como é que é divulgada?

A informação institucional chega do agrupamento em fotocópias e em papel timbrado com o logotipo do Ministério da Educação e nós enviamos aos pais, mas deixa-me dizer-te o que eu sinto e o que eu sinto é que os recados têm que chegar um bocadinho ao coração do outro lado.

Existe algum placar específico para a informação institucional?

Existe um placar onde são colocados os instrumentos mais administrativos, as informações das matrículas, nova legislação, tudo mais formal. Entre nós docentes a informação chega essencialmente por *email*, a coordenadora da escola envia muita informação por *email*. A divulgação das ações de formação, de possíveis visitas de estudo, de exposições, mesmo os dados que são necessários para as reuniões chegam-nos por *email* e a educadora que é a representante do pré-escolar também nos envia muita informação que nos apoia. Há mesmo muita informação que é divulgada via *email*.

Consideras que consegues dar conta das aprendizagens das crianças através da divulgação?

Eu não tenho essa como a principal preocupação quando divulgo, as aprendizagens estão intrínsecas ao trabalho que desenvolvemos, portanto, quando divulgo o que se faz, divulgo as aprendizagens das crianças. Claro que ao escrever sobre o que se passa, escrevo sobre as aprendizagens, essa é uma preocupação que está no cerne da nossa profissão. Quando divulgo, divulgo o que elas aprendem, mas acho que não tenho a preocupação de evidenciar o tipo de aprendizagens, parece-me que quem lê tem acesso às aprendizagens, mas elas não estão lá escritas com a designação da aprendizagem em si, estão implícitas no que divulgo. Se calhar deviam estar explícitas, mas a minha forma de trabalhar tem sido esta e acho que quem entra na sala consegue compreender o que se faz e o que se aprende aqui no jardim-de-infância. Existe uma ficha de avaliação das aprendizagens que eu tenho que preencher e que discuto com os pais, aí, mais formalmente fazemos a avaliação e os pais ficam a par das aprendizagens realizadas.

E quanto ao teu projeto curricular. Achas que é visível?

Nunca pensei nisso muito claramente, em muitos aspetos acho que não. Mas não consigo responder-te a essa questão. Quer dizer se considerarmos que conversar com as famílias é uma forma de divulgação, então acho que consigo divulgar o projeto curricular de grupo. Essa é uma área a que dou primazia e onde invisto muito de mim. Eu passo algum tempo com os familiares para explicar o projeto porque na primeira reunião de pais apresento o projeto, mas de facto, os pais pouco assimilam porque é muita informação e depois tenho sempre o cuidado de lhes explicar porque me faz confusão que eles não compreendam o que se passa.

Cada uma das crianças tem um *portfólio* que dá conta de algum desenvolvimento do trabalho, assim como dá conta de algumas das muitas aprendizagens que aqui acontecem. Depois cada criança tem uma capa que tem muito material, se pegarmos nas capas temos acesso às experiências que as crianças foram realizando e acho que o *portfólio* ajuda-nos a perceber a evolução e o desenvolvimento de cada criança e permite compreender algumas experiências mais significativas e alguns dos produtos realizados.

Quais são os teus critérios na construção do *portfólio*?

Normalmente o *portfólio* integra os trabalhos que elas consideram mais significativos. Eu seleciono os trabalhos com elas, mas alguns também sou eu que os seleciono. Há uma coisa que tenho sempre muita atenção, é com as datas, eu tenho essa preocupação porque lá está, quero que dê conta da evolução e o tempo aqui é fundamental. Eu tento que o *portfólio* dê conta do trabalho realizado ao longo dos meses. No início de cada *portfólio* eu escrevo um texto acerca do grupo e da importância da educação e depois os registos estão organizados por datas.

Na tua sala existem espaços específicos para a divulgação?

Não. Podemos divulgar em qualquer espaço mas respeitando as regras da boa comunicação. Como já referi, tudo tem que dar a possibilidade de ser lido.

Eu tenho algumas frases espalhadas pela sala que considero serem um aconchego essencialmente para o adulto, tenho o cuidado de ter frases significativas para as nossas práticas, por exemplo, o respeito pelo outro.

Eu gostava de ter outro tipo de organização, nomeadamente ao nível dos placares da sala porque estes condicionam a forma como divulgamos. Não temos falta de placares, mas precisava de ter outro tipo de espaços de divulgação para os materiais diferentes como as construções.

Consideras que o trabalho em equipa influencia os modos de divulgação. De que forma?

Claro que sim, quanto mais implicada a auxiliar está, mais me apoia e esta auxiliar é muito boa nisso, mas muitas vezes age de uma forma que eu considero incorreta, por exemplo escreve nos desenhos das crianças e eu já lhe disse para não o fazer e muito menos com caneta, no mínimo escrevia com lápis pois se um dia a criança quiser utilizar aquele desenho ele não está escrito por nós.

A auxiliar também assume a responsabilidade de gerir a informação, mas sempre respeitando a negociação e a decisão do que se pode retirar e do que se pode expor. A gestão da divulgação, como já te referi é da minha responsabilidade e das crianças. Acima de tudo pretendo que cada um tenha consciência que nem tudo se pode divulgar e que para que se divulgue temos que compreender o que queremos transmitir aos outros e temos que respeitar o espaço que temos. Efetivamente não temos muito espaço e é por essa razão que divulgamos até nas costas dos móveis porque também são espaços que estão ao alcance da visão delas e que, por essa via são mais facilmente lidas por elas. Por essa razão é que nos móveis a informação destina-se essencialmente às crianças e não tanto aos adultos.

Tens por hábito avaliar o que divulgas?

Claro que avalio, mas é uma avaliação muito informal. Quando decidimos o que divulgamos estamos a avaliar, quando decidimos o que já se pode retirar estamos a avaliar, quando discutimos e analisamos os registos estamos a avaliar, por isso é que considero que avalio o que divulgo, não faço uma avaliação mais formal. Quando avalio as crianças, tento rentabilizar sempre estes momentos, mas também não os explícito.

Gostava de te colocar uma última questão que está relacionada com o teu desenvolvimento profissional. Como é que o entendes?

Eu sei que estamos sempre em desenvolvimento, claro que umas vezes de uma forma mais consciente do que de outra e a minha participação revelou-se um desafio que me conduziu a novos desafios. Acho que nunca tinha pensado de uma forma tão organizada nestes aspetos da divulgação. Claro que cada vez me torno mais exigente comigo mesma e a dada altura dou comigo a procurar novas formas de agir e de estar com as crianças. Preocupo-me muito com as crianças e com a relação que estabeleço com elas, cada vez vamos mudando mais, tudo muda e nós temos que nos adaptar e temos que aprender a viver de maneira diferente. Acho que o meu desenvolvimento profissional passa por aí, por procurar cada vez ser melhor, ser cada vez mais humana, respeitando toda a legislação e tudo o que muda em termos organizacionais, mas acima de tudo tenho investido na minha relação com as crianças e com os adultos, principalmente com a auxiliar e as famílias, tenho investido muito nesta relação.

O maior desafio que levo desta participação prende-se essencialmente com o tentar perceber se estou a ser a educadora que quero ser e se ao divulgar consigo transmitir a todos os que me rodeiam a paixão que sinto pela educação. A minha passagem por diferentes contextos influenciou e influencia

em muito a minha maneira de ser educadora, mas a minha participação em contextos não formais de educação teve muita influência no meu desenvolvimento profissional e ajudou-me a ser a educadora que hoje sou.

Obrigada pela nossa conversa.

De nada, foi um prazer!

Entrevista com carácter de maior profundidade

Duração: 1h 22min.

4 de junho de 2011

Local: EB1/JI do Agrupamento de Escolas A (sala das educadoras)

Educadora de Infância: Inês

Esta entrevista tem como objetivo aprofundar algumas questões que já abordámos ao longo das nossas conversas e das observações que fui realizando.

Não se trata de encontrar contradições, mas sim para complementar todas as informações que recolhi até ao momento.

Como deves calcular eu não recolhi material para esta nossa conversa.

Não é necessário, trata-se de conversarmos uma vez mais acerca dos processos de registo e de divulgação que tu utilizas.

Eu converso contigo com todo o prazer, só tenho pena de estar um pouco cansada e de não me sentir nos meus melhores dias e o cansaço físico por vezes perturba o nosso modo de pensar! Vou-te pedir um pouco de paciência, mas é só isso.

Não te preocupes, se for necessário voltamos atrás. O guião que eu construí é isso mesmo, um guião que ajuda a traçar a nossa conversa.

Vamos lá então!

Uma das questões que ficou por clarificar é acerca dos teus princípios pedagógicos, não nas práticas pedagógicas, mas no processo de registo e de divulgação. Quais são os teus princípios quando registas e quando divulgas?

Queres saber mais propriamente que preocupações é eu tenho quando registo e quando divulgo, seja para quem for, não é? – O que é que eu procuro? Procuo transmitir e procuro comunicar aquilo que eu penso que é importante na educação, aquilo que eu acho que as crianças devem aprender e aquilo que eu acho que é significativo para elas. Tento realmente com o que exponho, que comunico, que divulgo, que esteja sempre subjacente aquilo em que eu acredito relativamente à educação. Vou dar-te um exemplo sobre o que estamos agora a aprender sobre os dinossauros, porque fomos ver uma exposição dos dinossauros com o nosso agrupamento e estamos agora a investigar esses animais. Quando eu comunico e quando eu exponho sobre isso, o que eu quero que seja divulgado e, portanto, que fique ali claro, é o modo como eu acredito que as crianças aprendem sobre as coisas, sejam os dinossauros ou qualquer outro assunto, então coloco lá as conceções que as crianças tinham acerca dos dinossauros, o que elas já sabem, o que nós pretendemos com aquela visita, que áreas de conhecimento é que estão ali em causa, porque é que é importante que as crianças aprendam sobre aquele assunto, como é que elas aprendem, como é que elas podem aprender. Implicar também os recursos que podemos ter, portanto, implicar as famílias é fundamental, pedir ajuda a quem nós achamos que nos pode ajudar, portanto, tentar de alguma forma comunicar aos outros tudo aquilo que está envolvido no que estamos a aprender, como é que aprendemos. Tento fazer isso!

Preocupo-me com o processo. Não me preocupo realmente em colocar só os desenhos finais, ou as pinturas, ou as construções das crianças sobre os dinossauros, mas complementar isso ou ilustrar isso de modo a clarificar como é que aquilo foi sendo feito e porque é que aquilo é importante e muito sempre pondo os registos de como é que as crianças entendem o que fizeram, eu escrevo muito e exponho tudo o que escrevo e também as conceções que as crianças têm do tema, das questões que estamos a tratar e a abordar.

Não sei se te respondi, mas...

Sim, sim, tu já disseste que aquilo que pretendes é transmitir o processo de construção do conhecimento, o processo das aprendizagens.

É, e eu acho que tento mesmo, às vezes não tão consciente quanto isso, mas tento sempre divulgar o processo.

Quando dizes não tão consciente, o que queres dizer?

Não sei, como acabei de dizer, tento sempre divulgar o processo, mas acho que já divulgo sem ter que pensar muito, a divulgação está implícita nas minhas rotinas diárias, já faz parte da organização do meu trabalho, percebes? Claro que eu tenho consciência do que faço e porque faço, mas na rotina do dia-a-dia a divulgação acontece sem pensar, já está tão interiorizada que ela simplesmente acontece! Faz parte de nós enquanto educadoras, aliás faz parte da formação profissional de qualquer educadora.

Divulgo sempre o que fazemos, divulgo porque ao divulgar estou a transmitir aos outros o que fazemos, estou a mostrar o que aprendemos, no fundo estou a divulgar uma parte da vida no jardim-de-infância. Acho que é por isso que divulgo, para contar aos outros as nossas vivências, as nossas conquistas, as nossas aprendizagens. Eu digo nossas porque me incluo, eu estou sempre a aprender com as crianças e com a auxiliar e acho que com elas é recíproco, por isso, aqui no jardim-de-infância todos aprendemos com todos. Pode parecer um chavão, mas eu sinto que é mesmo assim, sinto que todos aprendemos, até os pais aprendem quando leem o que nós divulgamos. Mesmo as nossas colegas do primeiro ciclo quando cá veem ver e quando participamos em atividades conjuntas também aprendem, por isso é que eu acho que todos aprendemos com o que se divulga!

O facto de participares neste estudo teve alguma influência na tua conceção de registo e de divulgação?

Acho que sim, a tua presença e a minha participação tornou o modo como desenvolvo os processos de divulgação um pouquinho mais consciente em mim. Acho que sempre que conversámos tornei-me um pouco mais consciente de todos os processos, acho que é fácil compreender que agora todos os processos estão mais conscientes. Falar sobre a divulgação e pensar sobre isto ajudou-me. Eu já tinha pensado porque é que ponho os registos na parede e como é que os ponho. Agora com esta investigação eu acho que tornei o processo mais consciente, mais cuidadoso. Não fiz muitas alterações, mas ficou muito mais claro para mim todo o processo e sinto-me muito orgulhosa porque sinto que ao analisares as minhas práticas valorizas a profissão das educadoras de infância.

Achas que teve alguma influência em ti, enquanto pessoa e enquanto profissional, o pensares sobre os registos e até mesmo o participares neste estudo?

Eu acho que influenciou muito, para já eu lembro-me perfeitamente bem quando tu falaste a primeira vez do trabalho e do objetivo do trabalho, achei muito interessante porque acho que é um tema muito pertinente na nossa área e considero também que tem uma dose muito grande de criatividade, entre aspas, percebes? Esta é uma área transversal do trabalho de qualquer educador independentemente da forma como se trabalha, do contexto onde se trabalha, das crianças que integram os grupos, das famílias, das colegas. Todas as educadoras divulgam de alguma forma o que se faz no jardim-de-infância. Mas não é normal ver estas questões serem abordadas em investigações, pois não? Não se costuma abordar as questões da educação pré-escolar por aí – as exposições dos trabalhos, o que nós comunicamos, o que nos divulgamos. Acho que é muito interessante o quanto isso pode ter de significativo, do que é o trabalho da educadora de infância, do que é o trabalho no pré-escolar, achei isso muito interessante e muito importante para esta área específica da educação, logo por aí fez-me também pensar no trabalho sobre esta perspetiva que não tinha ainda, pensado tao claramente, se bem que eu acho que, como já referi, isto está implícito no meu desempenho profissional.

Ao longo das conversas, mais ou menos informais, que fomos mantendo durante estes dois anos referiste que tens vindo a crescer! Ou seja, os teus registos não têm sido sempre assim ao longo da tua profissão.

Não mesmo e essa é a prova de que eu tenho mesmo pensado sobre os processos de divulgação e não foi apenas agora com a participação no teu trabalho de investigação, porque realmente não divulgo mesmo nada da mesma forma. Fui mudando muito e continuo a mudar, vou sempre tentando

encontrar formas de divulgar melhor, pelo menos quando decido mudar é porque acho que é para melhor. Às vezes o processo até não se revela melhor e eu volto a fazer como fazia, é muito um processo de experimentação, de tentativa e erro, mas é assim que eu cresço como profissional, é assim que eu aprendo e que ganho defesas para enfrentar todos os novos desafios que a cada ano se me colocam. Tudo gira à volta da minha experiência, eu dou-lhe muito valor, porque acredito que, tal como as crianças, eu aprendo com e pela experiência e neste campo a minha experiência pessoal assume um papel preponderante. A experiência dos outros, especialmente da minha colega também me ensina, mas a minha é realmente mais preponderante. Acho que este meu crescimento está muito ligado à minha necessidade de explicitar os processos das coisas, tenho sempre que ir trabalhando, nunca é a mesma coisa, não é? Os processos não são sempre os mesmos, a maneira como nós abordamos as questões e portanto, vou sempre ter que encontrar estratégias diferentes e depois também procuro não ser repetitiva e não fazer sempre da mesma forma porque eu acho que isso também é importante.

E a tua sala é a prova dessa diversidade. Ainda há pouco no teu discurso referiste-te a desenhos, pinturas, construções. É uma preocupação tua divulgares diferentes tipos de produções das crianças?

Sim, sim. Eu acho que isso é muito importante porque acho que é muito importante as crianças fazerem coisas diferentes ao longo do seu percurso, quer diário, quer de permanência no jardim-de-infância e depois é igualmente importante validá-las de igual forma. Eu acho que há um pouquinho a tendência das educadoras só divulgarem os desenhos ou as pinturas e não dar tanta importância a outro tipo de produções que as crianças também fazem e que são igualmente importantes, não é? As construções em três dimensões é algo que eu acho que é muito importante divulgar, os trabalhos com as massas, os trabalhos em barro, ... é muito interessante, fizemos agora um trabalho com os audiovisuais para ver a parte da gravação de voz, o trabalho de voz. Tento sempre que possível, variar e dar a conhecer os diferentes tipos de trabalhos como forma de aprender, sim porque tudo se resume a dar a conhecer como as crianças aprendem e o que aprendem.

Quando referes a importância do processo, identificas algumas estratégias que tenhas encontrado para dar conta do processo?

Eu acho que como utilizo muito os registos escritos e fotográficos, utilizo-os muito e sempre que possível, infelizmente por questões mais práticas do ponto de vista monetário e financeiro aqui da escola não o utilizamos tanto quanto queríamos mas o registo fotográfico eu acho que é espetacular para dar conta do processo para além do escrito, por isso tento utilizá-lo ao máximo, depois também como te disse estou a iniciar-me no processo de gravação da voz, da oralidade das crianças que eu acho que é muito interessante para o processo de aprendizagem delas, mas também pode vir a funcionar como de divulgação. Estou a tentar lembrar-me de alguma estratégia específica que dê conta do processo, mas acho que é muito a complementaridade do registo escrito e do fotográfico com as produções das crianças. Eu recorro muito ao registo fotográfico porque permite a visualização de todo o processo e eu valorizo muito este recurso porque acredito que uma imagem vale mais que cem palavras e as imagens são muito, muito importantes para mim.

Inês, no teu dia-a-dia, tens falado das crianças, já falaste das famílias, mas quando divulgas, aquilo que selecionas para divulgar, como fazes? Para além de pensares como é que divulgas, como decides o que divulgas e para quem é que divulgas?

Não se destina apenas a um dos intervenientes, destina-se aos pais, às famílias, destina-se às crianças e destina-se também a nós. Penso que todos os registos se destinam a quem vem de fora mas também para nós que cá estamos e aqui acho importante realçar o papel da auxiliar. O que quero realçar é que também me preocupo em divulgar para ela, para que conheça tudo o que se faz. Ela está comigo, mas nem sempre participa em tudo, por isso a divulgação ajuda-me a manter-nos unidas e a fazermos um trabalho coerente. Assim podemos observar o que todas as crianças fizeram, porque muitas vezes os espaços de divulgação e os materiais que divulgamos permitem avaliar as práticas que desenvolvemos, permitem avaliar o processo de aprendizagem das crianças e também permitem avaliar a nossa intervenção, não é? Por isso, divulgar é mais uma forma de avaliar as nossas práticas, e se todos participarem, a avaliação torna-se muito mais rica.

Quando falas em autoavaliação, referes-te...

Minha, minha e também das crianças. Aliás eu faço muito isso com elas, avaliamos muito do que fizemos através daquilo que divulgámos, faço isso frequentemente. Relativamente aos critérios que uso na seleção dos trabalhos, isso depende. Depende daquilo que eu quero, mais uma vez o que eu tenho como objetivo e como meta é que os trabalhos, os diferentes trabalhos clarifiquem o processo, não é? Portanto, nunca é a mesma coisa. Depende. Depois não tenho a preocupação de divulgar, num trabalho, num tema, num projeto, todos os trabalhos de todas as crianças. Todos iguais, não! Depende. Claro que tenho a preocupação de divulgar materiais de todas as crianças. Tento que esses materiais estejam dispersos por todos os espaços, para que quem circula pelos diferentes espaços possa aceder ao nosso trabalho e não apenas a uma parte. Tenho a preocupação que nos diferentes espaços de divulgação existam trabalhos de todas as crianças, tenho essa preocupação. Mas depende, de umas crianças seleciono uns materiais de outras crianças seleciono outros, portanto, não são todos do mesmo projeto ou da mesma atividade. Tento organizar a divulgação em torno do que foi mais significativo e mais representativo das aprendizagens do grupo que desenvolveu aquele projeto, aquela atividade, a seleção tem a ver com isso: dos diferentes trabalhos que elas fazem aqueles que eu considero que são mais representativos do que quisemos aprender e do que aprendemos, é sempre por aí a seleção. O objetivo da divulgação é sempre esse, que elas representem, que ilustrem aquilo que foi mais significativo da aprendizagem e isso não tem nada a ver com aquele que está mais bonito ou mais bem feito, o desenho mais bem pintadinho ou o recorte melhor, a construção mais bonita. Tem a ver com outras questões que eu considero mais importantes nos processos de aprendizagem, por exemplo, estou a lembrar-me quando trabalhámos as questões da família – na construção da família, quem era a família, o agregado familiar das crianças. Nessa altura divulguei trabalhos construídos com peças de lego, representações em três dimensões feitas com barro, e outros materiais com que elas representavam as famílias. Eu fiz várias exposições para todos verem – nós, os professores que entravam, as famílias, e dei destaque ao que algumas crianças fizeram, porque algumas famílias ainda estavam representadas de uma forma completamente básica, ainda como se fossem realizadas por crianças de dois ou três anos, porque tenho crianças com algumas dificuldades nessa área e que nessa altura tinham ainda muitas dificuldades, mas como elas ganharam ali competências a nível de representação que não eram capazes, eu fiz questão de as divulgar e, portanto, a decisão do que é que exponho não é fácil e obedece a alguns critérios. Eu explico. Quando decido o que divulgo, organizo a divulgação recorrendo à voz das crianças para explicar o que aconteceu, o que representa e o que a criança já é capaz de fazer: Por exemplo, selecionei uns desenhos da mãe com os sapatos calçados porque até aqui aquela criança nem sequer era capaz de fazer os pés, ou por exemplo, o desenho daquela criança que já conseguiu desenhar as orelhas que noutros desenhos não tinha conseguido. Estes exemplos servem para eu explicar que os produtos que são divulgados não têm a ver com os melhores e os mais bonitos, têm a ver sim com ganhos e aprendizagens que se revelaram muito significativas para uma ou outra criança e que depois devem ser partilhadas com os outros porque assim conseguem perceber que aquela criança já é capaz, já cresceu, que foi um ganho, é um bocadinho por aí. Esta partilha por todos, com todos e para todos obviamente valoriza as crianças e os processos de aprendizagens.

Inês, quando selecionas, dispões de vários espaços.

Sim, sim.

Esses espaços destinam-se a públicos diferenciados? De que critérios te socorres?

Sim, na sala e cá fora divulgo com diferentes critérios. Quando divulgo cá fora, e normalmente cá fora, aqui no nosso contexto, organizo a informação em função do que combinamos em equipa. Coordenamos entre nós e divulgamos os projetos vividos em conjunto e que são de todos, por isso temos outro tipo de critérios e de objetivos. São coisas mais gerais que nós temos que ter em atenção, temos que divulgar de forma mais explícita o grande objetivo daquele registo, já não é lugar para divulgar aprendizagens particulares, individualizadas, essas divulgamos, na sala que é um espaço que apesar de ser mais restrito, também pode ser visitado e também é para outros.

Os trabalhos que divulgamos no exterior da sala, aqui no polivalente, nós sentimos, eu e a outra educadora, que é mais para o público, para as pessoas que entram e que saem diariamente daqui e tentamos que sejam registos que chamem mais a atenção, tentamos que sejam registos mais apelativos

para que as pessoas olhem e fiquem minimamente sensíveis àquilo que nós estamos a vivenciar e a viver na altura e é isso que nós queremos é que realmente as pessoas olhem e compreendam o que as crianças aprendem. Há realmente uma preocupação um bocadinho diferente.

Uma das coisas que eu observei na tua sala é que fazes a receção e a entrega das crianças no início e no fim do dia, dentro da tua sala.

Sim, é uma estratégia.

Porque razão recorres a esta estratégia? Quem a definiu? É uma regra do agrupamento?

Não. Fomos nós as duas [educadoras] que decidimos porque achamos que é assim que deve ser feita, porque é mais familiar e é também uma estratégia para que as famílias entrem nas salas e eu acho que nem faz sentido ser feito de outra forma. Os pais entram na sala e eu tenho a preocupação de ir à porta recebê-los, gosto de o fazer! Quando as crianças terminam às três horas e eu tenho que as ter preparadas porque metade do grupo, ou quase metade do grupo sai a essa hora e a outra metade continuará com atividades de prolongamento, eu levanto-me para receber os pais e na maior parte das vezes alguns entram para ver o que está na sala. Os pais observam, alguns claro! Porque a realidade de muitos é que têm mesmo que ir embora porque têm hora marcada, mas depois há aqueles que vêm com alguma disponibilidade e esses sim, esses gostam de entrar. Entram e veem e ficam um bocadinho a conversar e quase sempre surge um diálogo entre nós. Mas o que que te queria dizer é que eu fui descobrindo que olhando para as nossas práticas e para as nossas experiências podemos refletir e perceber se o que andamos a fazer e como andamos a fazer estava ou não muito correto. Percebi que eu não estava muito próxima dos pais e acho que me sinto muito melhor e acho muito mais correto esta postura que é, eu até aqui há um tempo ficava na roda, os pais chegavam às três horas e eu ficava na roda com as crianças, isto porque eu pensava: “Bom pode ser que os pais venham até ao pé de nós!” e normalmente até era a auxiliar que se levantava e que os recebia e que dava algum recado e eu quis experimentar outra forma porque às duas por três dava comigo também a levantar-me e depois já não sabia se havia de me levantar, se havia de me sentar e a auxiliar também não sabia muito bem. Então eu decidi refletir acerca disso com a auxiliar e aqui há uns anos atrás decidimos que íamos fazer ao contrário, às três horas a auxiliar é que fica na roda e eu é que me levanto e recebo os pais e, sem dúvida que fez toda a diferença, faz muita diferença. Sinto muito mais abertura dos pais, os pais muito mais facilmente conversam e entram na sala e é muito diferente. Para alguns pais é mesmo o que faz a diferença.

Refletires com a auxiliar é uma prática comum?

Sim. Com esta auxiliar eu tenho a prática de refletir e de decidir em conjunto. Sabes eu também fui aprendendo com a minha experiência a valorizar o pessoal auxiliar porque acho que se as valorizarmos elas colaboram de um forma diferente e as nossas práticas são melhores. Lá está, mais uma vez foi a experiência que me ensinou!

Os pais questionam-vos acerca do que vai acontecendo?

Não sei se os pais questionam, acho que não, acho que os pais conversam. Ainda não cheguei a esse patamar, eu acho que era importante chegar, mas acho que até aqui ainda não consegui que eles me questionem, eles conversam sobre o que veem, fazem alguns comentários, dizem frequentemente, agora por causa dos dinossauros: “Estes dinossauros não param, ainda ontem à noite tive que estar na internet à procura de um nome científico qualquer do dinossauro e o que é que o dinossauro comia e como é que era a pele”, os pais falam, comentam, participam, mas não avançam mais do que isso. Não sei se a culpa será minha, eu sei que estou sempre disponível para as famílias, mas ... talvez noutros contextos os pais questionem, mas aqui ainda não consigo que o façam. Lá chegarei, espero!

Em relação aos registos, penso que vocês têm um blogue....

Exatamente, agora temos um blogue. Tentámos fazer um blogue só nosso, mas depois não funcionou porque não temos aqui internet, mas de qualquer maneira temos o blogue aqui da localidade que se chama “Era uma vez no [nome da localidade]” e que abrange todas as escolas aqui da zona, portanto não é só para nós e sistematicamente vai sendo atualizado com notícias nossas e das outras colegas.

Quem é o responsável pela atualização?

A colega coordenadora do estabelecimento é que faz a atualização e a gestão do blogue, ela é uma pessoa muito correta e muito prestável, nós enviamos uma notícia e logo nesse dia ela faz a sua publicação e tem resultado e os pais consultam, isso foi divulgado pelos pais e eu sei que os pais consultam porque eles muitas vezes comentam coisas que só quem viu o blogue pode saber.

Vocês definiram alguns critérios para que haja algum equilíbrio entre as notícias das diferentes escolas?

Não chegámos ainda a essa situação, também se fores consultar o blogue constatas que a maior parte das notícias são nossas aqui do jardim-de-infância porque as colegas do primeiro ciclo não divulgam assim tanto o trabalho e acabamos nós por ter mais material para divulgar, mas ... acho que foi uma solução equilibrada, o blogue não está a representar, não representa, nem de perto, nem de longe o trabalho que aqui fazemos no jardim-de-infância, não é nada disso. Vão aparecendo notícias de situações que vão acontecendo aqui, de situações significativas, mas que não é o trabalho que nós aqui desenvolvemos, mas é um começo e mais uma forma de divulgar.

Ao longo das minhas observações constatei que em alguns placares tens o cuidado de apresentar as experiências científicas, o trabalho ao nível da linguagem escrita e oral. Em que medida é que as brochuras de apoio às OCEPE têm influência nas tuas práticas?

Estes documentos têm sido instrumentos fundamentais nas minhas práticas. Este ano a brochura das artes no jardim-de-infância tem sido um instrumento fundamental. Aliás este ano eu e a outra educadora tivemos mesmo essa intenção. Foi uma forma que nós encontrámos até de conhecer melhor e de aprender mais acerca precisamente das artes que era algo que nós não trabalhávamos muito sistematicamente, não estávamos a fazer abordagem sistemática nas nossas práticas e decidimos que iríamos experimentar este ano. E é isso que temos feito. Neste contexto as artes surgiram de uma forma mais explícita nas nossas salas, o palco, por exemplo, o termos arranjado um palco tem a ver com esse trabalho, a questão das pinturas, o estarem na área das artes os principais pintores e as reproduções das principais pinturas e obras que trabalhamos e vivemos e que discutimos com as crianças tem a ver com todo o trabalho desenvolvido em torno das brochuras das artes. As outras brochuras como a matemática, a linguagem também estão presentes nas várias situações que vão acontecendo e que vamos divulgando, por exemplo, os diferentes gráficos, as diferentes abordagens do sentido de número são questões que estão presentes nas brochuras e que nós integramos nas nossas práticas e que por isso tentamos que sejam bastante visíveis e reconhecíveis por quem lê os registos.

As brochuras vieram ajudar muito na concretização das nossas práticas, das nossas intencionalidades, têm sido excelentes recursos para nós, excelentes, sentimo-nos muito mais seguras, eu acho que vamos ali buscar alguma segurança através dos princípios teóricos que estão lá subjacentes que nos dão suporte, que sistematizam as nossas práticas, ajudam a criar um princípio, um meio e um fim, dá-nos muito mais segurança. E conseguimos uma coisa que eu tinha alguma receio e penso que, isto é a prova que se nós fizermos isso isto realmente não acontece, que é não transformarmos as brochuras num manual qualquer em que nós vemos ali um receituário, não tem nada a ver! Depende muito obviamente do olhar que nós temos sobre o documento que estamos a trabalhar.

Aliás nós nas duas salas trabalhamos as mesmas brochuras e nas tuas observações deves ter visto que os trabalhos realizados com as crianças, para os mesmos conteúdos, são bastante diferentes, ambas abordamos os conteúdos das brochuras, mas adaptando-os aos grupos que temos. A forma como utilizamos na sala é completamente diferente, temos a preocupação de abordar os diferentes tipos de conteúdos respeitando os princípios teóricos subjacentes, mas isso resulta numa tipologia de trabalho idêntica mas, em muitas circunstâncias, resulta em produtos completamente diferentes, o que é bom, não é?

Mudando um pouco de assunto. Fala-me da divulgação institucional que existe ao nível do agrupamento.

Sim, claro, temos o site do agrupamento onde estão acessíveis os projetos principais que estão a ser vividos nos vários equipamentos do agrupamento, não há especificamente informação sobre o pré-escolar, sobre primeiro ciclo, sobre o segundo ciclo, o que é divulgado são os grandes acontecimentos

do agrupamento. Depois também tem informação de caráter administrativo como sejam as matrículas e as renovações de matrículas, o calendário letivo, o regulamento, enfim toda a informação legal, mas alguma dessa informação também nos é entregue pela direção do agrupamento para que seja entregue às famílias e até para que seja divulgada localmente.

A informação que é enviada aos pais é sempre enviada por nós. Nós temos muita autonomia nos recados que elaboramos e na informação do jardim-de-infância que enviamos. Existe informação que é geral a todos os equipamentos do pré-escolar e é esse tipo de informação que vem da direção do agrupamento. Muita desta informação chega-nos por *email*. Acho que é a forma mais comum de comunicarmos entre todos e a informação institucional que se dirige a nós vem, quase sempre, se não sempre mesmo, por *email*. Mas aqui nós aqui no jardim-de-infância não conseguimos lê-los essencialmente por duas razões. Uma vez porque não temos internet, outras vezes, e estas são a maioria, porque não temos tempo. Enquanto cá estamos depois das crianças saírem existe muito para fazer. Queres ver? Eu sou coordenadora do departamento de educação pré-escolar e tenho imensas tarefas para gerir, para além de imensas reuniões, tenho imensos papéis para tratar. Por isso a maior parte das vezes apenas quando chego a casa é que leio os *email's* e dou-lhes resposta ou então reencaminho-os para outras colegas. O nosso papel de educadores nunca termina quando as crianças saem é como nos centros comerciais, quando todos saímos entra a brigada da limpeza, da segurança, da jardinagem, sei lá. Aqui é exatamente o mesmo, quando as crianças saem, algumas ficam na CAF, e nós ficamos a gerir tudo para que no próximo dia possamos retomar o trabalho pedagógico com elas.

A nível de tesouraria é que temos muito pouca autonomia, porque é muito complicado, não temos autonomia financeira, por exemplo, agora precisamos urgentemente de comprar umas cartolinas e é muito complicado seguir todas as regras, ter que preencher todos os impressos, e depois primeiro que autorizem, primeiro que desbloqueiem a autorização para irmos buscar à papelaria x, levam mesmo muito tempo, há muita burocracia e por isso temos que com meses de antecedência saber o que necessitamos e nem sempre é possível prever tudo, porque é impossível, por mais esforço que se faça, há sempre coisas que nos escapam e não conseguimos calcular tudo, e isso dá-nos cabo da cabeça, perdemos muita da nossa energia com estes processos burocráticos.

Mesmo assim pedimos algum apoio aos pais, mas tentamos não os sobrecarregar porque têm muitas carências e nós informamos a direção e, nesse sentido, não nos colocam qualquer tipo de entrave. Claro que temos muito cuidado com aquilo que pedimos aos pais. Portanto, para te responder, relativamente às informações institucionais nós temos total liberdade e autonomia para enviarmos informação diretamente aos pais dos projetos que vamos desenvolvendo, nem sequer somos obrigadas a utilizar papel timbrado. Felizmente continuamos a conseguir comunicar diretamente com as famílias o que não acontece em todos os agrupamentos, mas no nosso esta é uma realidade. É por esta razão que nós continuamos a ter as bolsas dos recados, onde nós colocamos os recados e a informação para os pais, já que nós não conseguimos estar com os pais individualmente ao mesmo tempo e todos os dias e depois temos crianças que ficam cá e vão saindo até às seis e meia e nós não vemos esses pais todos os dias e, para controlo nosso, há informações que nós temos que ter a certeza que chegam aos pais e nós queremos ter a certeza disso e aquela é uma forma segura de termos a certeza que aquela informação vai chegar.

Há pouco era para te ter feito uma pergunta, mas depois esqueci-me. Nos teus *portfólios*, o ano passado tinhas determinados critérios, este ano mantiveste-os?

Mantive-os, mas este ano os meus *portfólios* estão muito É assim, se o ano passado e durante muito tempo ainda não consegui encontrar o modo que eu acho que é o correto, um modo de construir os *portfólios* que me satisfizesse, este ano então está completamente pela rua das amarguras como se costuma dizer e isso tem a ver com aquilo que eu já falei, tem a ver com a minha disponibilidade, porque a construção de um *portfólio* exige muita disponibilidade do educador. Mesmo muita! Necessita de tempo, mesmo muito tempo e este ano devido a uma série de questões pessoais não tenho conseguido realmente ter esse tempo e depois eu não faço as coisas só por fazer, não coloco materiais só para encher e portanto os *portfólios* andam ali muito trémulos, tivemos à pouco tempo reunião de pais e eu fiquei muito triste porque era uma coisa que eu gostava de ter, que eu tinha planeado falar muito deles, ou seja, eu tinha planeado organizar a reunião através dos *portfólios* e não consegui fazer isso, desisti, porque na estavam organizados de modo a que isso fosse possível,

portanto, fiquei cheia de pena e nem referi os *portfólios* porque me sinto mal, sinto um peso grande em mim. Mas eu não posso dramatizar e eu tenho que seguir em frente. Os *portfólios* estão aqui, os critérios são os mesmos, nem tive tempo de lhes mexer, continuaram os mesmos, as crianças continuaram a selecionar alguns trabalhos que são escolha delas, em que eu tentei que fosse a parte delas e depois temos as minhas escolhas e não fui mais além disso e não tive tempo de fazer os tratamentos que eu gostava de fazer, gostava mesmo muito, mas não tive hipótese.

Nos teus placares, aquilo que divulgas, como selecionas a informação que divulgas?

Eu acho que divulgo a informação que ao longo do ano vai surgindo. Depois existem atividades que se repetem ao longo do ano e não estou sempre a divulga-las, mas tento que os pais e todos os que aqui entram, e são muitas pessoas, através da informação e da divulgação saibam tudo o que se passa no jardim-de-infância. Eu tento, através de diferentes registos dar a conhecer o que fazemos, por exemplo, o mapa de atividades é uma forma de comunicar. Os pais ao lerem o mapa sabem quais foram as escolhas das crianças livremente, os pais foram informados como este mapa funciona e está ali explícito o trabalho desenvolvido e quais foram as escolhas dos filhos deles ao longo da semana, quais são as preferências deles nas escolhas das atividades. Outro exemplo são as notícias diárias, por isso, todos os dias os pais sabem o que é que nós fizemos na sala e sabem através de uma reflexão que as crianças fazem no final do dia sobre o que querem colocar naquele dia como importante. É uma decisão do grupo, é sempre o grupo que decide o que é que é importante, aliás é mesma essa a proposta: “O que é que hoje vamos pôr nas notícias?”, “O que é que aconteceu na nossa sala?”. Escrevemos as notícias para os pais verem, para as pessoas verem e para nós vermos também. É uma forma de sabermos sempre tudo. Ao escrevermos ficamos com a memória do grupo, naquelas folhas escrevemos a vida da nossa sala! E é muito interessante porque os pais leem mesmo e quando os pais se esquecem, as crianças fazem questão de lembrar: “Ainda não leste a notícia! Vem ler as notícias!” Os pais leem mesmo!

E as crianças da outra sala, também leem as vossas notícias?

Não, acho que não, elas não leem as nossas notícias, nem nós vamos ler as notícias delas e se calhar... não pensei ainda nisso, estou a pensar agora pela primeira vez. Porque será que nós não temos essa iniciativa? Porque será que isso não acontece? Provavelmente porque nós acabamos por saber o que se passa na outra sala, pois trabalhamos muito as mesmas temáticas, as crianças e nós acabamos sempre por saber o que andam a trabalhar e não há muito a necessidade de perguntar porque sabemos o que é que lá se passa. As crianças partilham muito as suas vivências e nós também, porque nós trabalhamos muito em equipa entre os adultos, mas as crianças também. Elas vêm muitas vezes à nossa sala e nós vamos à delas mostrar o que estamos a fazer, por exemplo quando trabalhámos o corpo humano os produtos andaram de sala em sala, nós sabíamos ... Aliás construímos coisas diferentes, na nossa sala construímos um boneco grande em três dimensões “Um B.” que tinha caracterizado como é que é o nosso corpo por fora e por dentro com os principais órgãos e aquele B. andou de visita para cá e para lá e na outra sala também construíram outra coisa que nós andámos a visitar, portanto, eu acho que é por isso que elas não têm muita necessidade de ir ler as notícias.

Deixa-me agarrar nesse exemplo. Esse é um processo que as famílias têm conhecimento?

Sim, claro. Isso é fácil aqui de acontecer, porque há pais que têm sempre ou primos ou sobrinhos ou amigos numa e noutra sala e eles acabam por saber o que há numa sala e o que há noutra.

Penso que já falámos sobre isto, mas gostaria que explicitasses a periodicidade com que alteras a informação que divulgas.

É assim, eu não tenho a periodicidade pré definida, os registos mantêm-se enquanto o processo acontece, não estão sempre os mesmos registos, um projeto tem várias fases e durante um projeto há vários trabalhos que se vão divulgando, que se vão pondo e tirando, por isso a periodicidade é mesmo aquela que é suficiente, às vezes quando as coisas estão feitas e nós achamos que devemos comunicar, que devemos apresentar, então se não houver espaço retira-se a que lá está para colocarmos essa nova e é engraçado porque, eu acho que também já te disse isso, eu não gosto, não me sinto bem, tem a ver com a minha maneira de ser educadora, não deve haver demasiada informação, muita coisa ao mesmo tempo, não devemos encher demasiado as paredes, não é? Não convivo bem com isso, como não

quero as paredes demasiado cheias, pomos e tiramos mais vezes porque vai faltando espaço, existe espaço lá em cima, mas como não gosto de colocar muita coisa lá em cima porque está muito alto e as crianças não conseguem ler bem, então tenho que fazer uma boa gestão do espaço para estar tudo ao alcance delas. Acontece muitas vezes as crianças pedirem para colocar alguma informação e nós decidimos em conjunto “Precisamos de pôr isto e então como é que fazemos?”, “O que é que vamos retirar para pôr isto?” Discutimos e analisamos em conjunto como devemos organizar o espaço para que tudo seja legível por todos e elas já conseguem, por iniciativa própria, fazer uma gestão da divulgação, claro que solicitam muito apoio: “Inês, agora onde é que vamos pôr isto? Vamos tirar este?”.

E a auxiliar participa nesses processos?

Ah! Sim! Sempre, sempre! Sempre mesmo! A auxiliar é muito ativa e muito adequada nestes processos, ela já conhece muito bem a minha forma de trabalhar, aquilo que eu defendo, já sabe ao que dou mais importância e mais valor. Considero que trabalhar com a mesma equipa durante algum tempo tem esta mais valia, de irmos construindo o nosso modo de sermos educadoras com as nossas auxiliares e eu sinto isso aqui neste jardim-de-infância, tem sido muito gratificante.

Quando decides retirar a informação, o que lhe fazes?

É outra questão que temos que resolver. Os registos de grupo, as informações diárias, o nosso jornal diário encontrámos uma solução que eu acho que é muito interessante. Todos os dias há uma folha que sai e é uma folha ainda grandinha onde nós registamos as notícias do dia e então arranjámos uma caixa grande onde colocamos as folhas organizadas, estão agarradas com umas molas grandes por meses. Esses registos estão arrumados na nossa sala na área da biblioteca e estão ao dispor das crianças, por isso também servem para consulta, como meio de revisão do que aconteceu e às vezes até a nós nos ajuda a lembrar em que dia é que fizemos determinada atividade ou em que dia é que aconteceu determinada situação, ajuda-nos o lembrar o que fizemos e como fizemos. É interessante que as crianças recorrem às notícias e leem-nas com muita frequência.

É interessante que as crianças consultem uma vez que os registos são essencialmente registos escritos.

Sim, os registos que eu faço são essencialmente registos escritos e elas adoram lê-los e utilizam isso muito para tentar saber, só através da escrita, o que aconteceu e fazem quase disso um jogo de ler o que lá está escrito e muitas vezes conseguem mesmo saber o que lá está escrito. Claro que é mais fácil porque o projeto foi vivenciado por elas e elas lembram-se das letras e muitas já fazem leitura global e portanto já conseguem ler. Por exemplo, já conseguem muito bem identificar as datas. A utilização destes registos compilados tem muitas potencialidades no trabalho das questões da emergência da escrita e da leitura nas crianças. Elas gostam e utilizam muito a compilação dos registos que elas construíram. Com outros tipos de registos temos por vezes um problema porque quando são produtos grandes nós não temos espaço onde colocar tudo, normalmente quando são registos que são delas, retiram-se da exposição e são guardados nas capas ou nos *portfólios*, aqueles que são produtos fruto de uma reflexão de grupo, usamos um pouco o mesmo processo, vamos agrupando com algumas molas e durante algum tempo é guardado num sítio que elas já sabem. Uma vez ficam na despensa e quando por alguma razão necessitamos daqueles produtos, vamos busca-los novamente para a sala e depois também há alguns que divulgamos no vestiário. É esse o processo, antes de ir para a despensa, alguns vão para o vestiário e isso implica negociar com elas o que querem divulgar ali porque não faz sentido colocar lá todos os materiais que já expusemos na sala. É muito interessante essa questão da negociação com elas, saber o que é que é importante colocar no vestiário porque surgiu há poucos meses algo que ainda não tinha acontecido, as crianças consideraram que tinham de ter mais pinturas expostas mas não temos na sala espaço para colocar as pinturas porque ocupam muito espaço. Elas gostavam de ter as pinturas que fazem espontaneamente expostas e então encontrámos uma estratégia: todas as semanas, à segunda-feira, há uma exposição das pinturas da semana, o grupo elege quais são as pinturas que querem divulgar e para que todas as crianças possam expor as suas pinturas, fizemos uma escala em que todas são contempladas e portanto todas as semanas divulgamos as pinturas no espaço d’“As pinturas da semana” e elas ficaram muito contentes com esta estratégia porque assim têm espaço para mostrar as suas pinturas, isto para te dizer que faltam espaços de divulgação mas como queremos divulgar o que fazemos, temos que saber encontrar novas formas de o fazer, sem ficar demasiado em

cima uns dos outros, sem significado e sem sentido estético, por isso temos que discutir como é que vamos divulgar os trabalhos e como é que vamos dinamizar os diferentes espaços.

Portanto, periodicidade na gestão da informação eu não tenho, vamos mudando conforme as situações e as atividades vão ocorrendo, depois também há projetos que ficam mais tempo outros que ficam menos tempo e isso muitas vezes também depende do tempo em que o projeto se desenvolve.

Fazes algum tipo de avaliação dos registos que divulgas e que tens expostos?

Formalmente não faço, quer dizer, do ponto de vista formal acho que não, mas eu acho que quando estou a expor os registos, já estou a avaliar. O próprio ato de os divulgar é porque os selecionei e isso já é um ato de avaliação, avalio eu e avaliamos todos em conjunto quando são escritos em conjunto, porque nem todos são escritos em conjunto há alguns que são individuais é o caso dos *portfólios* que são individuais mas que em si mesmos são instrumentos de avaliação e estes sim são instrumentos mais formais de poder fazer avaliação dos registos com as crianças, ao fim e ao cabo o que se pretende é que esteja ali espelhado a evolução e o desenvolvimento das aprendizagens das crianças.

Há pouco referiste que a auxiliar participa sempre. Como acontece o processo de gestão dos placares? Ela tem autonomia para fazer sozinha? Como é que é?

Há sempre uma negociação comigo, ela não põe e tira os materiais sem conversar comigo, de uma forma geral as decisões do que se divulga são realizadas em grupo e por isso ela sabe quais é que pode retirar e quais é que não pode.

Uma das questões que aparece na literatura é a falta de tempo que as educadoras têm. Não existe um espaço de tempo entre a execução e a divulgação e portanto a reflexão acontece ali na ação.

Exatamente.

Portanto quando estás a divulgar não tens tempo para a reflexão. Falas-me um pouco deste processo?

Eu fico muitas vezes na sala após as crianças terem saído para elaborar os registos e faço muitas coisas em casa, porque aqui no jardim-de-infância tenho sempre muito para fazer e também tenho muitas vezes que ir para a sede para tratar de burocracias, muitas burocracias. Como estava a dizer, muitos registos são realizados em casa, é muito trabalho de casa, porque existe aquele registo que é feito ali logo na altura e que é exposto, mas há aquele também em que eu sinto que deve ser mais pensado e portanto esse registo é trabalhado já sem as crianças e porque é mais pensado, é mais elaborado, necessito de mais tempo, um tempo de reflexão, um tempo de pensar como aconteceu e porque aconteceu.

Esse registo é para ti, são reflexões tuas, faz parte do teu *dossier* de educadora ou é para divulgar no espaço...

As duas coisas, também são para divulgar, para expor. São também para mim, são informações para o meu projeto curricular de grupo e que eu tenho no meu *dossier* e onde faço as minhas planificações e avaliações diárias e semanais. Esses registos são pensados por mim sem as crianças. Há registos que eu não faço logo, levo para casa ou faço no final da tarde sozinha porque sinto essa necessidade porque, por vezes, sinto que não tenho capacidade logo na altura de registar tudo e necessito ter consciência realmente de tudo o que aconteceu e de tudo o que elas disseram, ou seja, sinto necessidade de perceber o que é que é realmente importante para divulgar e portanto necessito desse tempo, de refletir sobre aquilo e registar, é claro que registo de outra maneira e depois antes de ser divulgado nos placares leio e apresento ao grupo para que as crianças digam se o registo corresponde ao que estivemos a conversar. Apresento-lhes o texto final para que elas se pronunciem e se me esqueço de alguma coisa, dizem logo: “Esqueceste-te disto, tens que pôr isto ou aquilo”.

Gostaria agora que referisses o que entendes por prática pedagógica. E a outra questão que está interligada é saber se consideras se o que divulgas dá a conhecer as tuas práticas.

Eu acho que sim. Eu acho que prática pedagógica é aquilo que eu faço. É a minha ação com as crianças, com as famílias, com a equipa. É literalmente tudo aquilo que eu faço dentro e fora da sala, antes, durante e depois das crianças saírem e, portanto a organização do espaço e da exposição daquilo que se faz acaba por mostrar o que acontece, na maior parte das vezes, quando olho para aqueles registos vejo a nossa ação e é isso que eu quero. Espero que os outros também consigam ver. Quando as pessoas olham para o que divulgo eu quero que vejam que aquele é o meu trabalho porque ali está refletido aquilo que eu faço com as crianças e também um bocadinho daquilo que eu sou, porque a gente é aquilo que faz e faz aquilo que é e portanto, eu acho que o que eu pretendo é que consigam ler a minha prática pedagógica e também quero transmitir que tudo aquilo que eu faço é a minha prática pedagógica, enquanto eu estou em ação e também quando não estou, quando estou a planear, quando estou a refletir, quando estou a preparar materiais, quando estou a pensar no trabalho, isso também faz parte da minha prática. A minha prática não é só o agir, não é só o tempo em que estou a desenvolver com as crianças uma atividade, a minha prática é muito mais do que isso, a minha prática engloba toda a reflexão, todas as minhas intencionalidades, toda a discussão e negociação com as crianças, com a auxiliar, com a minha colega, tudo isso é que é a minha prática.

Achas que é possível conhecer o teu projeto curricular de grupo através do que divulgas?

Eu acho que sim, porque o modo como a sala e como o espaço está organizado reflete qual é a metodologia que eu utilizo, que prioridades tenho, o que é que eu valorizo mais ou menos, o modo como interajo com as situações e com as crianças, eu acho que está lá explícito. Quem estiver desperto para isso, quem tiver esse olhar ... eu acho que sim, porque eu acho que na sala não me limito somente a colocar ali uma coleção de trabalhos que as crianças fazem, não é uma coleção de trabalhos! É muito mais do que isso! O modo como a sala está dividida, o sítio onde eu coloco os materiais e a informação, as letras que eu utilizo ou não utilizo, os desenhos que divulgo ou que não divulgo, tudo isso reflete o meu projeto curricular. Claro que para o compreender tem que se acompanhar o trabalho ao longo de todo o ano, se entras apenas uma vez não consegues ter uma perceção exata do que acontece, mas tens logo uma série de indicadores, isso sem dúvida. É engraçado porque, isso tem muito a ver com a nossa experiência, mas eu quando entro numa sala qualquer de uma colega que não conheço de lado nenhum, eu olho para a sala e acho que consigo compreender qual é o projeto de sala que ela tem. Acho que é devido à experiência, o nosso olhar permite-nos compreender que tipo de trabalho é que se desenvolve naquela sala, claro que não fico a saber qual é o projeto, mas fico a par da filosofia educativa presente naquela sala.

Achas que quando se entra na tua sala se consegue perceber qual é o papel das crianças?

Claro, vê-se muito bem qual é o papel das crianças na sala, que ação é que elas têm, qual é a importância delas, qual é o lugar delas na sala, não tenho dúvidas nenhuma disso. Vou dar-te alguns exemplos, o mapa de atividade é muito explícito do lugar delas, porque é mostra as escolhas delas e é a ação delas que guia os nossos dias. Também é visível nas aprendizagens explícitas nos placares, nas paredes, no modo como expomos os materiais e no modo como estão ao dispor e ao alcance de todas as crianças; no modo como escrevo as notícias diárias através da voz das crianças e até os próprios trabalhos das crianças permitem compreender o seu papel na sala. Os produtos que estão divulgados são produtos verdadeiramente feitos por elas, de projetos delas e de coisas delas, não são aprendizagens que quero transmitir e que lhes quero ensinar ou para alguém ver! São verdadeiramente coisas feitas por elas: são as escritas delas, as tentativas delas, os erros delas. Ao divulgar tento mediar entre as dificuldades, os erros e os sucessos para que tudo seja visível sem lesar nenhuma das crianças. Sabes, as crianças estão sempre presentes em tudo o que divulgo, porque no jardim-de-infância são elas que contam!

Qual é o teu papel na divulgação?

Eu tento que os processos sejam explícitos. O meu papel é dar visibilidade à minha forma de trabalhar, à minha maneira de ver a educação, espero que realmente as crianças se revejam ali, pelo que tento ser o mais fiel possível à divulgação do nosso dia-a-dia, tento ser o mais fiel na divulgação das aprendizagens das crianças ao dar visibilidade às suas aprendizagens, às suas dificuldades, ao que nós andamos a fazer, ao que nós andamos a aprender, ao que é importante.

Acho que nós já abordamos a maioria das questões, mas gostaria ainda de colocar mais uma. Ao longo deste processo e depois, como referiste, de teres tomado mais consciência, há algumas coisas que gostarias de ter alterado?

Os processos vão acontecendo, eu não identifico, isto está mal e depois mudo, altero, é fazendo, é vivendo as situações, que vou analisando os processos e que os vou alterando. É por isso que ter em conta a minha experiência é tão importante. Neste momento eu consigo identificar coisas que, nitidamente eu gostava de alterar, uma delas é os *portfólios*. Sem dúvida que, eu acho que é uma parte muito importante do nosso trabalho, da nossa prática e que eu acho que preciso de aprender a fazer melhor e a gerir melhor, outra coisa que eu também acho que preciso de ir mudando e que tenho que ir mudando, e que eu acho que tenho vindo a melhorar, com o que a experiência me vai dizendo, é não ficar demasiado ansiosa por às vezes querer fazer tudo ao mesmo tempo e ter a sensação que elas ficam prejudicadas. É tão rico este caminho e, no entanto, tenho que passar já para outro porque entretanto o tempo e as situações atropelam-se umas às outras e eu penso que tenho que aprender a vivenciar com mais tranquilidade o momento sem me preocupar muito, se estou a fazer tudo bem, se estou a chegar a todas as crianças, se estou a explorar todos os conteúdos exatamente como deve ser, se estou a deixar escapar alguma coisa, eu acho que tenho que ter consciência que estou a deixar escapar coisas e tenho que ter essa consciência de forma tranquila, sem me culpabilizar, eu acho que ainda preciso de trabalhar nesse âmbito, porque todos ganhamos se assim for porque acho que isso me torna mais instável e eu ainda tenho muito esse sentimento de algum fracasso, de não atender a todos e discuto muito sobre isso e converso muitas vezes sobre isso tanto com a auxiliar como com a colega educadora, esta nossa preocupação em querermos fazer muita coisa ao mesmo tempo e realmente as crianças são tão ricas e têm tanta coisa para falar e para dizer e nós queremos explorar tudo com elas que corremos o risco de parecermos umas baratas tontas e não pode ser, nós temos que descontraí-las, tentar encontrar um caminho e, calmamente, sem estarmos muito preocupadas em saber se o próximo passo é aquele ou aquele e é uma roda-viva e eu acho que tenho que aprender a gerir muito melhor este processo e acho que se o conseguirmos, aprendo muito mais, pelo menos aprendo mais profundamente e aprendo com mais tranquilidade.

Mas achas que essa preocupação tem a ver com os registos?

Não, não! Essa parte é tranquila, já faz parte da dinâmica do trabalho em jardim-de-infância. A minha preocupação está centrada nas aprendizagens e nos conteúdos a abordar, porque há tanta coisa para aprender porque as crianças levantam tantos véus, tantas pontas, estás a perceber? É que há tantas pontas levantadas que eu tenho vontade de as agarrar todas, de não as deixar fugir porque é tudo tão rico e depois temos é que ter consciência que não temos tempo, que não há hipótese de fazer tudo e não temos que ter a preocupação de estar constantemente, sempre, sempre, sempre a desafiar, a desafiar, a desafiar, como se o tempo acabasse já hoje, acho que acima de tudo, temos que respeitar o tempo delas e eu tenho que aprender a fazer isso e nesse sentido tenho que aprender a melhorar muito, mas mesmo muito, não tenho que me sentir angustiada por não estar constantemente a desafiar-las e é muito interessante, deixa-me só contar-te mais uma coisa, a última estagiária que cá esteve expressou-me que sentiu, e ela é muito jovem, que é muito importante o tempo das crianças, serem elas próprias, estarem bem, desenvolverem as atividades que foram as escolhas delas de uma forma tranquila, sem nos preocuparmos demasiadamente, e nós temos que estar disponíveis para estar com elas, para as observar, para brincar com elas verdadeiramente sem estarmos sempre obcecadas com este ou aquele projeto, com este ou aquele decreto-lei e a estagiária teve esta perceção o que eu considero muito interessante, foi um aspeto que eu considerarei muito interessante nela foi esta capacidade de análise e de intervenção. Ela por vezes dizia-me: "Inês, eu esta semana vou precisar de tempo para estar com as crianças" e isso foi muito interessante, ela ter esse tipo de consciência porque eu também sinto essa falta e isto é uma chamada de atenção, é uma lição, foi muito bom ouvir isso de alguém que trabalha connosco e que é capaz de intervir. Com a passagem dela pelo jardim-de-infância e pela minha vida, eu refleti e uma vez mais aprendi. Nós estamos sempre a aprender, não é? Mas também acho que para aprendermos temos que estar dispostas a aprender e eu estou sempre disposta a aprender, por isso é que recebo as estagiárias, por isso é que participo em estudos como este. Realmente aprendemos mesmo ao longo de toda a nossa vida!

Ainda relativamente aos *portfólios*, uma coisa que eu já descobri e que sei é que exige uma grande disciplina nossa, a nível de tempo, periodicamente têm que ser trabalhados senão perdemos o fio à

meada e nós não nos podemos esquecer que temos vinte e cinco crianças, são vinte e cinco *portfólios* e portanto, nós temos que encontrar ali um equilíbrio e compreender que não podemos ser demasiado exigentes senão é uma trabalho monstruoso e que nós não conseguimos cumprir, o que não é desejável, ou então também fica uma coisa muito formal e não é isso que se pretende, logo tem que se encontrar um equilíbrio, claro que sem perder de vista qual é o objetivo daquele *portfólio* que é nós termos ali espelhado realmente o desenvolvimento das crianças, as aprendizagens e as dificuldades e depois identificar estratégias para fazer na prática com o envolvimento das crianças, porque é assim que eu também acredito que deve ser feito, exige na prática que, diariamente, temos que ter a certeza que todas as crianças são contempladas e que há espaço para todas de igual forma, não é? E não é nada fácil, eu dou por mim muitas vezes a pensar: “Como é que arranjo tempo este mês, na última semana do mês, para me dedicar aos *portfólios* se todos os dias tenho uma série de coisas a fazer obrigatoriamente?”. Não é possível, não tenho condições e eu não consegui encontrar ainda esse equilíbrio e essa disciplina, mas ainda vou arranjar!

Obrigada por este tempo, foi muito útil.

Entrevista com carácter de maior profundidade

Duração: 1h 47 min.

30 de maio de 2012

Local: EB1/JI do Agrupamento de Escolas B (sala das educadoras)

Educadora de Infância: Sara

O guião tem algumas questões que poderão parecer repetições das conversas e da entrevista que tivemos ao longo das observações. O que pretendo com esta Entrevista com carácter de maior profundidade é clarificar alguns pontos, ideias, situações que não ficaram claras quer nas observações, quer nos registos das nossas conversas. Assim, esta entrevista pretende ser essencialmente de clarificação de todas as minhas anotações. A finalidade é juntar esta informação com a já recolhida anteriormente.

Ah! Queres compreender melhor!

Sim, claro. Tal como anteriormente vou gravar a nossa conversa e depois devolvo-te a informação e tu poderás fazer alterações, correções, justificações, ... Enfim, o que entenderes que deves mudar e acrescentar.

Gostava de iniciar a nossa conversa com a clarificação dos teus princípios pedagógicos. Quando divulgas, aquilo que seleccionas como instrumentos de divulgação, porque princípios te reges?

Normalmente penso sempre no que quero transmitir, tenho que pensar qual é o objetivo daquilo que vou expor ligando-o com o objetivo da sua existência, ou seja, tenho que ligar o objetivo da divulgação dos materiais com o objetivo da sua produção. Porque é que os materiais foram construídos? Como foram construídos? Tem sentido divulgá-los? Porquê? É a todas essas perguntas que tento responder quando seleciono o que divulgo.

Normalmente, eu pretendo mostrar aquilo que estou a trabalhar com as crianças, ou aquilo que as crianças estão a fazer, o que estamos a fazer. Divulgo para tornar visível o que construímos porque considero que o que construímos ajuda a tornar visível o que é o jardim-de-infância: o que é isto do contexto de jardim-de-infância, o que é importante fazer, como fazemos, porque fazemos. Um dos meus princípios é a questão do respeito. Há coisas que acabo por não divulgar porque considero que não devem ser divulgadas.

Importas-te de explicar porquê?

Pelo respeito que tenho pelas crianças. Vou explicar-te com um exemplo: normalmente gosto de divulgar as aprendizagens de todos e uma vez numa proposta de atividade bastante direcionada para poder observar o desenvolvimento das aprendizagens das crianças no domínio do registo gráfico, houve umas crianças que se destacaram muito no trabalho e existiam ali grandes discrepâncias e então achei que não devia divulgar aquelas produções, ou seja, eu decidi não divulgar aqueles registos para não evidenciar as diferenças de algumas crianças, quer pela positiva, quer pela negativa. Este tipo de registos eu coloco no *portfólio* e depois discuto com os pais, mas não divulgo para todos - os adultos e as crianças, não é? Sabes, muitas vezes o meu maior receio é a comparação que os adultos fazem, especialmente as famílias, e eu tento evitar que as crianças comecem logo no jardim-de-infância a ser rotuladas por vezes até a ser discriminadas, alguns pais tiram ilações que não são as corretas e quando eu divulgo os registos sei que nem sempre vou estar a acompanhar quem os lê e os observa. Assim, naquela situação em que estávamos numa fase inicial do ano e onde são muito acentuadas as diferenças de desenvolvimento das crianças, decidi não divulgar nos placares aqueles registos. Por isso considero que é necessário ter em conta quem vai ler os registos pois nem todos irão ler com os mesmos olhos, cada um fará a sua interpretação e esses cuidados cabem-me a mim, sou eu que tenho que gerir a imagem que passo com o que divulgo. É necessário compreender e respeitar o meio em que vivemos, as crianças e as suas famílias.

Este exemplo permite compreender que não te preocupas apenas em respeitar as crianças...

Claro que o respeito por elas é a minha primeira preocupação, mas as famílias são fundamentais e muitas mostram-se muito inseguras com a entrada das crianças para o jardim-de-infância. Quando eu divulgo os registos das crianças tenho o cuidado de não colocar o nome visível, mas quando se observam os registos é fácil perceber se a maior parte das crianças conseguiu, ou não, atingir os objetivos daquela atividade e quando os filhos identificam o seu, por vezes as crianças dizem que não conseguiram (claro que estão a comparar com todos os registos expostos!) e isso provoca alguma ansiedade nos pais e muitas vezes perguntam-me: "Ele diz que não conseguiu, mas eu vejo que muitos dos outros conseguiram". Logo no início do ano eu peço aos pais que não comparem o que é divulgado e exposto no nosso espaço, o que pretendo é expor o que é feito, por isso é que a maioria das vezes eu não divulgo os trabalhos todos iguais. Eu tenho a preocupação de ter trabalhos expostos de todas as crianças, mas não são todos sobre a mesma atividade, ou sobre os mesmos conteúdos. Tento diversificar quer nos tipos de registos, quer no tipo de aprendizagens que realizaram. Por exemplo, se estamos a trabalhar uma história eu posso divulgar um trabalho têxtil, o título do livro escrito por uma criança, o registo gráfico da história, o desenho, enfim desenvolvemos na sala diferentes trabalhos sobre a mesma temática, por isso, quando divulgo, divulgo diferentes produtos de diferentes crianças.

Pretendes, portanto, evitar alguma comparação e divulgar a diversidade!

Sobretudo pretendo dar a conhecer as aprendizagens das crianças e, acima de tudo, pretendo mostrar as várias vertentes das aprendizagens para que quem lê o que foi feito, compreenda o que foi feito, é importante que cada criança veja que as suas produções foram valorizadas, pois todas as crianças têm os seus trabalhos lá expostos, quero que sintam que se valoriza as suas aprendizagens e as suas produções, mas sempre com as devidas reservas a uma comparação, por isso eu não gosto de divulgar o mesmo tipo de registo de todas crianças.

No teu discurso e nas observações que realizei é perceptível que tens critérios para seleccionares os tipos de registos e os locais onde divulgas, dentro da sala, fora da sala! Gostava que explicitasses quais os critérios e as finalidades dos registos a que recorres nos diferentes espaços de divulgação.

Efetivamente eu recorro a diferentes critérios. Para mim o espaço dentro da sala tem especificidades muito diferentes dos espaços comuns. Na sala não faço uma análise tão pormenorizada como faço no exterior onde todas as pessoas passam e ficam a ver. Por exemplo, dentro da sala existe um placar que é das crianças e elas é que escolhem o que vão lá colocar, aí não interfiro e não tenho critérios preestabelecidos, são elas que elegem o que lá querem colocar. Quanto ao restante espaço da sala, tento que dentro da sala exista um certo equilíbrio entre trabalhos escritos, trabalhos de pintura, trabalhos de desenho, de matemática, quero que a sala transmita o que fazemos, portanto, não estou tão preocupada com as comparações porque já não está tão exposto ao exterior, nomeadamente às famílias. As famílias gostam muito de ver o que divulgamos, elas acompanham de perto o desenvolvimento do que divulgamos nos placares, passam algum tempo a lê-los. Veem com muita atenção e muitas vezes questionam-nos acerca dos objetivos daqueles registos. Elas verificam-nos e quando os mudamos elas percebem e nesses dias ficam algum tempo a ver e a falar sobre o que veem. Nós temos vindo a aprender e a equipa até definiu alguns critérios para a divulgação pois como trabalhamos muito em conjunto, consideramos que faz sentido divulgarmos as mesmas atividades, mas tentamos expor materiais diferentes para que os pais não vejam mais do mesmo em todas as salas. Assim tentamos coordenar entre as três salas o que divulgamos, respeitando sempre a liberdade que cada uma das educadoras tem. Um bom exemplo é o dia da mãe em que todas realizámos a mesma atividade e posteriormente decidimos quais as produções que cada uma das salas iria expor nos espaços de divulgação de modo a existir algum equilíbrio. Definimos também como critério divulgar os trabalhos coletivos.

Que mensagem pretendes transmitir com o que divulgas, quem está envolvido na divulgação? A quem se dirigem os registos que são divulgados?

Todos estamos envolvidos, as crianças, as famílias, toda a escola e todas as pessoas que entram na escola, as colegas e os outros professores que aqui vêm ou que por aqui passam. Pretendo divulgar o dia-a-dia, aquilo que estamos a fazer e a aprender, mas acima de tudo como fazemos e como aprendemos.

Achas que ao entrar na instituição e na tua sala é possível compreender o que são as tuas práticas pedagógicas?

Não sei!

O que entendes por prática pedagógica?

Para mim, prática pedagógica, ou melhor referir-me à minha prática pedagógica é o mesmo que me referir ao meu método de trabalho, à minha forma de estar em educação, à forma democrática de estar na sala, ao respeito pelas crianças e pela sua cultura, claro que as famílias também são importantes, mas é com as crianças que eu estou sempre, por isso, nas minhas práticas são elas que mais contam. Não sei se tudo é visível, acho que há muita coisa no jardim-de-infância que não é visível. Nós conseguimos divulgar uma parte do trabalho, mas o jardim-de-infância tem uma parte muito lúdica, muito de jogo que não transparece no papel e que é difícil divulgarmos. Às vezes faço registos de um jogo, mas não consigo que seja totalmente visível, não consigo transmitir as vivências. Claro que aquilo que aprendemos, as regras, quem ganhou, quem perdeu... isso é possível de divulgar, mas a forma como jogámos, o que aprendemos no momento e principalmente a forma como sentimos o que aprendemos não é possível divulgar. A totalidade do trabalho que desenvolvemos não consegue ser visível, mesmo para quem divulga e expõe muito! Mesmo quando recorremos ao contacto permanente com as famílias. É através de muitas conversas que estabeleço que consigo tornar possível a divulgação destes e outros momentos que não consigo expor fisicamente. Por exemplo o *blogue* permite transmitir algumas vivências com o recurso da fotografia e sem gastos adicionais, mas é necessário muito tempo para gerir essa ferramenta e nem sempre o conseguimos, mas mesmo assim, as vivências são quase impossíveis de explicitar.

A minha filosofia de trabalho, centra-se na minha filosofia educativa, nos princípios que defendo, mas não sei se é possível conhecê-la através do que divulgo, provavelmente para colegas mais despertas, colegas que são docentes, ou colegas que me conheçam melhor e que sejam do ramo da educação, não necessariamente do pré-escolar, talvez! Acho que através do que divulgo essas pessoas são capazes de compreender a minha forma de trabalhar e de transmitir o que se passa na sala. Ainda há pouco tempo recebemos a visita de professores estrangeiros e veio com eles uma colega portuguesa que eu não sabia que era educadora e que vinha como tradutora e depois a colega antes de sair falou comigo porque compreendeu que eu trabalho com alguns dos instrumentos do movimento da escola moderna. Talvez para este tipo de pessoas seja possível compreender, mas para os outros acho que não!

Mas achas que as famílias, no dia-a-dia, conseguem compreender o que se passa no espaço do jardim-de-infância?

Claro, eu acho que elas compreendem o que se faz, não sei é se compreendem que intencionalidades estão subjacentes ao que se faz, nem sei se conseguem identificar as competências desenvolvidas. Acho que muitos pais não as conhecem, se calhar nem têm que as conhecer, mas quando divulgo, divulgo no pressuposto de que as conhecem, mas será que conhecem mesmo? Será que não me compete a mim explicitá-las?

Para além dos registos expostos, como é que divulgas as tuas práticas?

Eu recorro às reuniões mas recorro muito mais às conversas informais com as famílias. Esta é a minha maior estratégia. Passa muito por dedicar atenção às famílias. Na primeira reunião de pais eu tento explicar logo qual é a minha forma de estar, aquilo que eu valorizo mais, qual é a minha postura com as crianças, tento desde logo explicitar o que é que eu valorizo mais. Ao longo do dia-a-dia comunicamos de muitas formas, nalgumas situações o olhar funciona como um excelente elemento de comunicação mas a explicitação do que divulgo é muito importante, dedico muito do meu tempo às famílias, falamos do que fizemos mas dou-lhes também espaço para colocarem questões e para falarem

do que se passa fora do espaço do jardim-de-infância, deste modo eu divulgo de forma direta o que fazemos e o que aprendemos e as famílias divulgam também o seu dia-a-dia.

Acho que é na conjugação entre o que se diz e o que se regista que todos os outros que nos rodeiam ficam a conhecer o que se faz com as crianças, claro que aqui as famílias têm um papel muito especial porque é com elas que mais comunico. A negociação de tudo o que acontece na sala advém muito da filosofia educativa que adotei e que é MEM, como sabes. O que eu valorizo mesmo no MEM é a forma democrática de estar na sala e os instrumentos ajudam-me a dar vida àquele modo de estar. Acho que negociar com as crianças é muito importante porque, por exemplo, quando coloco uma questão em grande grupo e todos discutimos o assunto, crio espaços para que encontrarmos uma resolução para o problema e isso só conseguimos se negociarmos o entre todos ou apenas com alguns, depende da situação, como é óbvio.

Podemos voltar um pouco atrás? Gostava que definisses o que entendes por prática pedagógica.

Acho que te respondi, mas a prática pedagógica é a minha forma de estar. A minha prática tem a ver com a minha filosofia, a minha forma de estar em educação está intimamente ligada às minhas intencionalidades. Tento ligar muito os conteúdos à componente lúdica e aos afetos pois acho que o jardim-de-infância tem uma componente educativa muito importante.

Vou tentar ligar o que acabas de referir... Ao longo das minhas observações constatei que os registos que apresentas decorrem das brochuras e das orientações curriculares, tu...

Sim, sim, tenho esses documentos como referência. Desde que surgiram as orientações curriculares, na época houve muita contestação, mas eu sempre fui muito apologista, porque eu acho que nós educadores nunca tivemos receios, porque acho que desde que haja um pouco de consenso todo o educador, todo o docente percebe que jardim-de-infância é jardim-de-infância, é a sua própria especificidade e a escola é a escola. Um não antecipa o outro, não pode! São locais distintos e não pode haver separação. Aliás eu costumo dizer às estagiárias: “se eu me preocupasse com o primeiro ano eu trabalhava muito menos conteúdos, eu não tinha que me preocupar em proporcionar tantas experiências às crianças”. Por exemplo eu tento proporcionar ao máximo experiências com a música e com os instrumentos musicais porque às vezes eu sinto alguma aflição por pensar que para o ano elas não vão trabalhar estas questões e eu quero dar logo esta experiência também, sob pena que não a venham a ter e daí que eu dedique tanto tempo a alguns temas que penso que não serão abordados depois no primeiro ciclo como os pintores, a música... mas acho que não as divulgo muito bem. Eu tenho muita pena que determinadas áreas sejam tão pouco exploradas posteriormente, até porque há aqui crianças com muito potencial e não vão voltar a trabalhar esse potencial em termos oficiais, não quer dizer que não o explorem, é esse bichinho que eu quero lá deixar e que espero que não morra. A minha preocupação é com as aprendizagens que nos acompanham ao longo da vida, por exemplo o saber fazer-se ouvir. Temos que desenvolver a oralidade. O ser cidadão, o respeitar os outros ... O jardim-de-infância tem que lhes permitir, tal como a nós, um desenvolvimento onde possam aprender que se aprende ao longo de toda a vida. Eu aprendo todos os dias e transmito isso às crianças. Acho que a divulgação é muito importante porque ajuda a compreender que aprendemos com tudo o que expomos, aprendemos nós, os adultos, aprendem as crianças e também aprende quem nos visita, não é?

Os níveis de ensinos são diferentes e as OCEPE preservam o espaço do jardim-de-infância, não pretendem antecipar aprendizagens, têm tudo o que é importante e respeitam as práticas e os princípios pelos quais as educadoras se regem. Agora claro que as brochuras nos vieram ajudar muito mais porque existem coisas que eu tinha dúvidas, se podemos ir mais longe, por exemplo se nos domínio da matemática já seria oportuno determinada abordagem e as brochuras permitiram clarificar estas questões porque têm a componente teórica e depois essa componente articula com a componente prática de uma a forma muito clara e muito concreta, permitindo-nos ajustar as nossas práticas aos conhecimentos científicos atuais. O que quero dizer é que as brochuras influenciaram de sobremaneira a sistematização do meu trabalho diário, aprendi muito mais, acho importante referir que eu fiz todas as formações das brochuras promovidas pelo Ministério da Educação porque eu entendo a formação das brochuras como formação contínua, como um complemento à minha formação inicial. Aliás as brochuras do pré-escolar da área da matemática, aqui na nossa escola estão a ser utilizadas pelos

professores do primeiro ciclo, do primeiro ano muitos professores nos têm pedido as brochuras. Eu considero-as um recurso muito válido em termos das estratégias e da componente teórica porque estão redigidas de uma forma muito simples, mas fundamentadas cientificamente. Por isso, considero que me deram alguma segurança no trabalho com as crianças e permitiram-me dar mais atenção a algumas áreas que anteriormente descurava.

Eu sei que és formadora da brochura das ciências experimentais.

Claro que é aquela de que eu gosto mais, porque é uma área a que dou primazia. A última formação que fiz foi das artes. Considero que as brochuras são efetivamente documentos de leitura fácil, mas eu acho que é muito importante a formação, não basta termos acesso aos documentos. Por isso sempre que há formação no âmbito das brochuras eu participo. Sabei há pouco tempo uma sobre o trabalho de projeto que eu ando a ler para ver como é que a posso aproveitar para o desenvolvimento do meu trabalho no jardim-de-infância. Do pouco que já li acho-a muito interessante, mas acho que a formação é fundamental e agora dada a conjuntura política e económica atual acho que não vai haver nada!

A que critérios recorres na seleção das formações que realizas?

Eu escolho as formações em função das necessidades que eu sinto e tento compreender se a formação vai ser um acréscimo, se vai contribuir para o meu desenvolvimento pessoal e profissional, é assim que eu as seleciono. Se é vocacionada para a minha área, para o pré-escolar, até poderá ser outra que não seja, por exemplo neste momento sinto que necessito de uma formação no campo da problemática da educação especial porque sinto que não tive a formação suficiente para poder lidar com todas as situações com que tenho que lidar diariamente, mas o que me ajuda a decidir é precisamente a minha necessidade. Eu tenho elegido as brochuras, enquanto houver lançamento de novas brochuras e houver formação, é nesta área que vou investir, para ter a certeza que aquilo que estou a interpretar relativamente à brochura está correto ou não, quero compreender até onde posso ir e este percurso tem sido muito importante. Tem funcionado como um estímulo para mim enquanto profissional pois revejo-me nas questões que são abordadas e quando estou em formação com um grupo de educadoras sinto que estamos todas a trabalhar para o mesmo e que as minhas questões são partilhadas e sentidas por outras colegas.

Aqui na tua sala, neste espaço é possível observar diferentes tipos de registos. Quais são os critérios que utilizas para selecionar os registos que divulgas. Há pouco referiste que por vezes decides não divulgar determinadas produções. Como é que geres esse processo de decisão? Partilhas ou discutes com alguém as tuas decisões?

Às vezes chamo a minha auxiliar para decidir que registos devo divulgar, porque muitas vezes eu gosto de ouvir a opinião dela porque para mim todos os registos são muito importantes e às vezes ela diz-me: “Oh! Sara, mas este trabalho está tão interessante que é uma pena não o expormos” e eu não tinha visto sobre aquela perspetiva e ajuda-me a ver aquela perspetiva. Acho que é importante que outros também possam ver, eu se calhar estou a ver muito enquadrada numa perspetiva docente e as outras pessoas não estão a vê-los assim e então gosto de ouvir outras opiniões e a da minha auxiliar importa mesmo muito. Nós já trabalhamos juntas há alguns anos e isso faz toda a diferença. Há coisas que não é necessário explicitar que ela já sabe como se faz e porque se faz, ela é mesmo muito importante e muito válida porque ela participa comigo na gestão do grupo e do espaço da sala, ela é parte integrante da equipa e na divulgação ela é efetivamente minha parceira. Mas voltando atrás à tua questão. O meu primeiro critério de seleção é apresentar a diversidade do trabalho que aqui se desenvolve, eu tenho a preocupação de não expor vinte trabalhos iguais. Não gosto! Não gosto! Normalmente escolho o que cada criança consegue realizar melhor. Tenho o cuidado de selecionar de todas as crianças, dando evidência aos seus progressos e às suas conquistas, até podem nem ser os melhores trabalhos do grupo, mas seleciono aqueles que acho que demonstram melhor as suas aprendizagens. Assim seleciono um registo deste projeto, um registo daquela atividade e as próprias crianças também me dizem “Ah, eu gostava que fosse este!”, muitas vezes pedem para alterar as minhas escolhas e justificam “Prefiro este porque é do jogo (por exemplo do jogo de matemática que fizemos), ou da divisão silábica ou de uma experiência, ou prefiro um desenho...” e eu também vou gerindo desta forma: ouvindo-as e respeitando as suas preferências devidamente justificadas, o que acontece quase sempre devido à dinâmica do nosso grupo.

Posso interromper-te? Referiste um ponto que eu acho interessante. Achas que todas as áreas de trabalho que tu tens na tua sala e que tu elegeste como áreas de trabalho na sala são visíveis nos materiais que divulgas?

Há uma área que eu dou extrema importância e que não consigo tornar visível, quer dizer só dentro da sala com o diário de turma, naturalmente, e que é a área da formação pessoal e social. É uma das áreas a que eu dou maior importância, em termos das outras áreas todas, não é? Com as outras áreas não me preocupo tanto porque sei que consigo dar visibilidade e nesta área da formação pessoal e social, como eu gostava de dar visibilidade a esta área que é tão importante, há ali atitudes, eu tenho o diário de turma na sala, há atitudes, há momentos de grande grupo, há registos que eu faço que são tão importantes mas que depois eu não sou capaz de os passar para fora da sala porque não são facilmente entendidos. Por exemplo, uma vez eu tive uma menina a chorar muito porque estava muito triste com a sua atitude porque tinha magoado outra colega e não queria mesmo magoá-la... estava há tanto tempo a tentar ser amiga dela e agora que tinha conseguido ser amiga da M.! Bem foi o descabro e ela disse: “Eu não gostei da minha atitude!” e isto foi uma frase que nós escrevemos no diário e que nós valorizámos muito no grande grupo, até batemos palmas, percebemos o que ela queria dizer, achámos uma atitude fantástica, mas como é que isto se passa cá para fora? Porque esta menina, para mim, esta menina deu um pulo enormíssimo, enormíssimo! Mas como é que eu torno isso visível e compreensível? Não é fácil! Porque eu posso pôr a frase e os pais, no dia do pai ou da mãe ou no dia em que todos os pais estão dentro da sala, até leem o diário, mas não percebem aquilo que nós todos já percebemos porque aquilo foi vivido por todos nós e só nós é que percebemos aquela atitude muito bem. Vou dar-te outro exemplo, a A. nunca quis partilhar nada, ou entrava no teatro que estamos a organizar ou então não partilhava nada! Neste momento ela não entra no teatro mas foi ela que trouxe a cabeleira comprida com a trança e que trouxe o vestido para a menina que vai fazer de Rapunzel. Trouxe tudo! Foi uma atitude que nós hoje tivemos que elogiar. Evidentemente! Esta menina deu um salto em termos de crescimento, em termos de atitude, mas isto não é visível... e é uma coisa que eu valorizo e que depois falo com os pais, com aquela mãe, mas é uma coisa que eu gostaria que fosse visível para as outras pessoas, mas não sei como, porque também não quero penalizar as crianças. Quem lesse poderia pensar que a criança é egoísta e o que eu quero é valorizar a sua atitude da partilha. Não sei como fazer, sinceramente não sei!!

Do que acabaste de referir é perceptível que os teus registos têm públicos diferentes.

Têm! Por exemplo o diário de turma é só para a sala, claro que para as crianças e para os pais, mas os pais quando leem o diário de turma não têm a dimensão toda das situações que originaram aqueles registos.

No espaço exterior da sala coloco trabalhos mais generalistas. Qualquer um pode compreender os registos pois não dependem de situações específicas, dependem sim de uma abordagem dos conteúdos que seleciono como importantes. Por vezes há pais de outras salas com quem eu fui mantendo algum tipo de relação que me questionam, normalmente são pais que também são docentes, e dizem: “Oh Sara, desculpe lá! É interessante, eu vi isto ou aquilo ... como é que fez?” Uma mãe já me veio perguntar uma questão de português, “Acho particularmente isto interessante, porque trabalho com um primeiro ano e no domínio da leitura e da escrita, acho muito interessante!”.

No outro dia, por acaso, as crianças estiveram a pintar com plasticina, elas espalham a plasticina e depois faz um efeito fantástico. Então uma outra mãe, que também é docente, questionou-me acerca dessa técnica porque a acha interessante e quer experimentar, ela queria aplicá-la com um objetivo completamente diferente do meu, então estivemos a conversar e a partilhar. Essas mães têm mais à vontade, há outras mães de outras salas que também perguntam “Sara, acho muito interessante, acha que posso fazer isto com o meu filho?” e eu tento explicar como se faz, mas também explico que devem falar com a educadora dos seus filhos e pedirem a opinião, mas se ela achar importante, acho que pode fazer... mas isto relativamente àquilo que é visível, quer na expressão plástica, quer na língua, quer nas ciências mas na área da formação pessoal e social o que se faz raramente é visível e eu gostaria tanto que os pais se apercebessem do pulo que elas dão nesta área, o que elas crescem em termos de valores, por exemplo, há pais que nos vêm dizer que notam que em poucos meses os filhos deram um pulo enorme em termos de maturidade, de responsabilidade, na forma de estar em casa, mas isto não é

visível para os outros e eu acho que isto é muito importante, acho que é uma área muito importante, acho mesmo!

Para além das áreas de conteúdo também tens as áreas de trabalho na sala. Achas que consegues divulgar as atividades e as aprendizagens que se realizam em todas essas áreas? Achas que quem vê consegue perceber o trabalho desenvolvido nas diferentes áreas de trabalho?

Não, nunca ou muito raramente. Há situações riquíssimas, mas como é as que transmito cá para fora? Se as desenvolver com os grupos, isso sim, porque nós reunimos nos momentos de avaliação com o grande grupo e decidimos o que divulgamos, fazemos o registo e depois divulgamos. Elas já estão habituadas a comunicar oralmente, por exemplo se fizeram uma construção que acham interessante partilhar com o grupo, elas apresentam ao grupo e explicam porque é que a apresentam e eu depois foco os aspetos que considero pertinentes, para além da construção em si. Nestes momentos conseguimos comunicar atitudes, comportamentos e até resultados, mas é sempre com o grupo. Para fora do grupo da sala é muito complicado transmitir e divulgar estas atitudes e comportamentos. Ou seja, eu consigo divulgar as aprendizagens reais em termos de conteúdos formais, mas depois os conteúdos das aprendizagens não formais e que fazem parte da formação ao longo da vida não as consigo expor, são divulgadas sim através das conversas com as crianças e as famílias, das atitudes das crianças em casa, do comportamento no grupo, do cumprimento das regras sociais,

Eu faço muitos registos, escrevo muito ao longo das minhas observações, mas depois é muito difícil organizar todos os registos, eu sou muito organizada, mas não sou assim tão organizada e depois nem sempre consigo. Mas algumas situações eu vou conseguindo, por exemplo, consigo trazer para o exterior algumas construções e outros trabalhos que se fazem nas áreas e depois divulgo-os cá fora. Sempre que coloco materiais novos eu faço um pequeno descritivo do que se trata, mas muitas vezes os registos que eu fiz não são devidamente aproveitados e rentabilizados por falta de tempo e também porque às vezes se perdem as oportunidades, ou seja, ou é naquele dia ou perde algum sentido. Há situações mais fáceis do que outras. Por exemplo no outro dia houve um momento de grupo em que uma criança cedeu continuamente às outras colegas – e é uma criança que não costuma ceder - e ela cedeu várias vezes e consegui fazer a construção com o apoio das colegas e em colaboração com elas muito mais as colegas que ela, mas pela primeira vez isto aconteceu e uma das colegas disse: “A R. hoje concordou e aceitou a nossa opinião”, que é uma coisa que ela tem muita dificuldade em fazer. Mas como é que isso se transmite? Foi uma situação tão válida, tão importante! O que nesta situação tem mais significado são os processos, não é o resultado da construção. E no jardim-de-infância em muito dos processos, na maioria mesmo, não conseguimos que fiquem visíveis....

Na tua prática tu recorres aos *portfólios* para dares conta do processo de aprendizagem e desenvolvimento das crianças. Mesmo aí não o consegues fazer?

Claro porque é mesmo muito difícil, eu tenho muita dificuldade em dar conta dos processos nos *portfólios* porque o que eu tenho para lá colocar são produtos. Faz-me lembrar uma pequenina que rasgou os trabalhos porque não os queria lá porque ela achou que não eram suficientemente bons para estarem no *portfólio* e ela não os queria ali, porque, segundo ela desenhava mal - eram trabalhos logo do início do ano – e portanto rasgou-os.

Claro que os *portfólios* são excelentes instrumentos porque permitem divulgar o desenvolvimento das crianças, por exemplo, a nível gráfico percebe-se que no início o traço é muito incerto, muito impreciso, muito imaturo e no final do *portfólio* já os trabalhos são diferentes isso é visível para as crianças e para nós. Mesmo nos trabalhos que são as crianças que escolhem permitem perceber que houve uma evolução, mas não passa disso. Não se consegue ver o processo, o que foi aquele crescimento, o que está para além do que está registado. Nós devíamos ter outras formas de registar. Eu acredito que o *portfólio* devia ter partes de gravação vídeo e áudio dos discursos dando conta da forma como elas falavam e como falam, momentos de grande e de pequeno grupo gravado mostrando as nossas discussões. Tudo isso devia fazer parte de um *portfólio*, entendo que um *portfólio* devia ser isso. O problema é operacionalizar isso, tornar isto exequível é que é muito difícil.

Explicas-me por favor o processo de construção do *portfólio*. Nas observações constatei que o *portfólio* está na sala ao longo do ano mas, no final do ano o que lhe fazes?

No final do ano cada criança leva o seu *portfólio*. Eu faço uma abordagem com as famílias sobre como deve ser visto e lido o *portfólio*. Faço esta abordagem no final do primeiro período para explicar como está a ser organizado. Depois voltamos a conversar sobre o *portfólio* mais pormenorizadamente no final do ano quando faço a avaliação final. Acho que é importante explicar o tipo de anotações que faço nas costas da folha a lápis. Por exemplo, se teve dificuldades, se foi com o apoio do adulto. Por vezes há produções que em relação à proposta de atividade não estão corretas, mas a criança pensou corretamente, distraiu-se, ou interpretou de outra forma e então eu indico esta situação. No terceiro período faço uma reunião conjunta entre as crianças e os pais para que cada um possa dizer o que mais gostou. Normalmente as crianças elegem aquilo que querem dizer ou de que assunto querem falar e eu depois explico aos pais qual é significado que o *portfólio* tem e que, mais não é do que, dar conta do processo de desenvolvimento e de aprendizagem das crianças, porque por exemplo o que vai na avaliação do final de cada período e que é entregue aos pais, é como a criança está e se eu não explicar o processo de como ela aprendeu, acho que não serve de nada. O que quer dizer é, preocupo-me em discutir e analisar com os pais os processos de construção dos saberes das crianças, mas não me interessa analisar e discutir só o que já sabem, partimos do que sabiam para chegar ao que agora sabem e eu tento fazer isso a partir dos registos que tenho de cada criança e as avaliações individuais permitem-me ter essas conversas com os pais.

Eu quero sempre avaliar o que faço e os processos de divulgação são excelentes processos de avaliação das minhas práticas. Ao conversar com a colega educadora e com os pais acerca do que está divulgado, tenho refletido muito acerca da melhor forma de atuar, acerca da melhor forma de ser educadora e de ser uma boa educadora para as crianças, espero ser significativa e isso exige muito de mim como profissional, mas também como pessoa pois eu sou sempre eu!

Já com a escola, a coisa funciona de maneira diferente. Talvez por serem muitas crianças, não sei, sei é que, no final do ano o que vai para a escola do primeiro ciclo é uma avaliação global e essa avaliação eu realizo-a muito a partir dos registos das crianças, claro que não é só a partir dos registos, como já te expliquei também dou muita importância às atitudes, às dificuldades e às conquistas, à oralidade, à formação pessoal e social, enfim, E isso eu observo diariamente e faço as minhas anotações e é do conjunto de todas as informações que eu consigo fazer a avaliação de cada criança, mas, a escola não quer saber do processo, preocupa-se é com o estado da criança para “entrar” no primeiro ano, esta avaliação é descritiva mas com mais pormenor, tem todos os dados que nós consideramos importantes, além de que quando ficam no nosso agrupamento, nós reunimos com os próprios professores e passamos toda a informação que consideramos pertinente, nessa situação já damos um pouco conta do processo, para além do que vai escrito em termos de competências também falamos da situação emocional de cada criança, da sua situação familiar. Após a última reunião, nós temos uma reunião individual com cada encarregado de educação, normalmente costumam vir o pai e a mãe e aí é individual e é quando eu entrego em mão o *portfólio* e analiso algumas partes que considero mais significativas e nesse momento os pais olham para aquele *portfólio* com outro olhar, com um olhar de compreensão e não apenas de leitura visual. Tento explicitar um pouco o que considero como mais relevante, mas mesmo assim há muita coisa que não consigo explicitar e penso que muitos não compreenderão algumas das minhas observações, das minhas anotações. Não sei!

Fala-me um pouco da gestão do espaço do jardim-de-infância por favor.

Toda a gestão é da nossa responsabilidade, desde que fale com a coordenadora da escola podemos utilizar qualquer espaço, claro que há espaços mais ou menos definidos, mas existe flexibilidade na sua utilização. Por exemplo agora no final do ano estamos a pensar montar uma exposição sobre um projeto dos pintores com uma colega do primeiro ciclo e decidimos que vai ser no ginásio, porque é um espaço de todos. Portanto já reunimos com a colega e já aferimos como vamos fazer. Não temos qualquer restrição na ocupação e na vivência de qualquer espaço da escola, o jardim-de-infância e o primeiro ciclo circulam por todos os espaços, claro que com regras, mas

Para além dos que registos que são visíveis nas paredes, nos móveis, no chão... Recorres a outros tipos de comunicação com os pais, os professores, com a comunidade educativa?

Sim. Nós temos um blogue.

Há informação que tem que ir em formato papel obrigatoriamente, é-nos exigido pelo agrupamento, como por exemplo as autorizações ou informações que tenham que ser registadas. Apesar de sermos nós que as redigimos temos que cumprir com as orientações do agrupamento. Depois existem documentos que vêm diretamente do agrupamento, como por exemplo os documentos de renovação de matrícula. Se for uma autorização nós preenchemos um documento que já é uniformizado para todo o agrupamento, por exemplo uma visita de estudo. O documento que nós preenchemos, qualquer docente do agrupamento preenche. É já um proforma do agrupamento. Tudo o que tem a ver só com a nossa dinâmica do jardim-de-infância, somos nós que fazemos. Decidimos as três educadoras a informação que queremos colocar, como é que vamos solicitar a participação das famílias e somos nós que fazemos, toda a redação depende apenas de nós.

Falaste do blogue. Importas-te de explicitar como funciona?

Nós temos o blogue do jardim-de-infância. E o blogue é organizado consoante vamos podendo. Nem sempre está muito atualizado, vai sendo atualizado conforme podemos pois entendemos que é uma forma de dar visibilidade ao trabalho que se faz.

Quais são os critérios para a publicação da informação no vosso blogue?

Não repetir. Um dos critérios é não repetir a informação. Não queremos que na sala esteja a informação, por exemplo de um jogo ou do pintor, e vamos colocar no blogue a mesma informação. Isso para nós não faz sentido nenhum. Sobretudo pensamos que devem ser projetos comuns, o que ali vamos colocar. Claro que eu tenho a liberdade de colocar um projeto que foi só meu, eu tenho essa liberdade. Até porque nem identificamos os trabalhos por sala, porque não sabemos como se faz. Já tentámos perceber como é que isso funciona, mas não conseguimos identificar, quando publicamos os trabalhos, ainda nunca conseguimos colocar a identificação, mas isso também não é importante, o importante é que o blogue mostre a diversidade de trabalhos, porque o blogue é do jardim-de-infância. Aqui no jardim-de-infância, nós temos como princípio promover o trabalho em equipa e apostámos num trabalho muito coeso de equipa e consideramos que todas as crianças devem viver experiências diversificadas. Aliás foi uma das questões das estagiárias que me disseram “Ah, já percebi, se é para todos temos que planificar para todos!”. Ora se a atividade é para o primeiro ano, temos que ter isso em consideração quando planeamos. Se o projeto é desenvolvido pelas três salas do jardim-de-infância, então temos que ter em consideração que vamos ter 75 crianças envolvidas no projeto. E portanto, nós tentamos colocar no blogue essencialmente os projetos comuns em que todas crianças, de uma forma ou de outra, participam. Se a colega já publicou informação do dia das famílias, então eu já não tenho que publicar. Por isso eu vou publicar informação sobre o livro que trabalhámos para o dia da família e aí complementamos os trabalhos umas das outras. O que pretendemos é não ter muita informação repetida, mas sim informação diversificada e complementar que ajude as famílias a compreender o que se passa dia-a-dia no jardim-de-infância e na escola com as atividades comuns. Deste modo evitamos sobreposição de assuntos que, entre si, não têm uma diferença substancial. E importa também dizer-te que apenas colocamos os trabalhos realizados e algumas fotos da realização desses trabalhos mas as crianças nunca estão visíveis, nunca se consegue identificar a sua cara, claro que elas sabem quem são e os próprios pais também, mas uma pessoa fora deste círculo de pessoas não consegue identificar qualquer criança e esse é um princípio que respeitamos sempre. Até porque eticamente temos esse compromisso.

Voltamos novamente ao espaço físico da sala e do *hall* de entrada. Como é que organizas a informação a divulgar?

Sabes, eu na minha sala sou muito democrática. Apesar de existirem funções muito bem definidas, eu considero que todos podemos opinar e todos podemos decidir. Claro que existem regras, mas já todos as conhecemos e todas as respeitamos, portanto, todos contribuímos para a forma de organizar aquilo que queremos mostrar aos outros.

Quem é que seleciona a informação a divulgar?

A maior responsabilidade é minha, sou eu que seleciono e que organizo a maior parte da exposição, mas muitas vezes a decisão daquilo que divulgamos é discutida com todos.

Podes explicitar?

Aquilo que se divulga resulta do contributo de todos, especialmente da equipa e das crianças, mas as famílias por vezes também ajudam. Depende do que estamos a divulgar. Claro que as crianças têm muito mais peso, também estão sempre connosco e os pais não! Por isso é que ainda temos muitos registos do dia da mãe, porque elas ajudaram-me a seleccioná-los e gostaram tanto de os fazer que eu agora estou com dificuldades em os retirar e eu já estou um bocadinho cansada. Já me apeteceu tirá-los, mas... senti alguma resistência da parte das crianças e tento respeitar os seus gostos e as suas necessidades. Já tentei que os colocassem nos *portfólios*, tentei convencê-las, mas há trabalhos de que gostam particularmente e se lhes dá prazer tenho que respeitar. Muitas vezes em muitos trabalhos pergunto a cada criança a sua opinião porque não dá para divulgar tudo. Há trabalhos que até nem têm interesse serem divulgados lá fora, não têm! Foi mais uma necessidade que eu tive de fazer um diagnóstico, de ver como é que estão as coisas, mas não tem necessidade de passar lá para fora. Uma vez é a criança que decide, outras vezes é o grupo, outras vezes coloco a questão à auxiliar, outras vezes sou eu que decido sozinha e outras vezes discuto com as colegas pois não queremos que no hall de entrada haja muita repetição de trabalhos. Houve uma altura em que verificámos que estava a existir muita repetição de trabalhos, era mais do mesmo. Como desenvolvemos ao mesmo tempo projetos conjuntos, com momentos de intercâmbio entre as turmas e os grupos, os placares acabam por refletir as mesmas atividades e aprendizagens muito semelhantes. [...] Assim decidimos que cada sala apresenta registos diferentes dessas aprendizagens.

A nível da informação institucional de escola e de agrupamento que vos vai chegando em *timings* específicos é redigida por quem?

Normalmente eu sou das primeiras pessoas a receber a informação que chega à escola e que se destina a nós, porque sou coordenadora de departamento de educação pré-escolar. Por exemplo agora foram renovados alguns documentos, eu fiz parte da renovação do projeto curricular de agrupamento e a outra colega do departamento fez parte do grupo do projeto educativo. Em reunião de departamento apresentámos, para ver se as colegas concordavam, com o que era diferente relativamente ao pré-escolar. Agora o documento está finalizado. A primeira pessoa a receber por *email* sou eu. A diretora envia-me e eu reencaminho logo para as colegas. Mesmo agora nos documentos de articulação com o primeiro ano, nós estamos a fazer documentos de articulação em termos de conteúdos curriculares, portanto as professoras de primeiro ano estão a pensar reformular as suas fichas de diagnóstico, estão a ver connosco o que é que é possível aferir logo num primeiro momento e nós temos reunido com as colegas e temos estado a aferir esses documentos com elas. Assim como o documento está finalizado, a coordenadora do primeiro ano já mo enviou ontem e eu já o reencaminhei para as colegas. Como tu sabes hoje nós trabalhamos com muitas colegas de muitas escolas, porque os agrupamentos são cada vez maiores e o conceito de trabalho em rede está cada vez mais presente nas nossas práticas. Claro que acima de tudo, esta é uma forma de informação institucional. Funcionamos institucionalmente desta forma para comunicarmos. É uma forma de enviar tudo a todos, não é propriamente uma forma de construirmos redes de práticas. Acho mesmo que, se falarmos de divulgação, que é o que para aqui nos interessa, nós efetivamente divulgamos, mas apenas divulgamos o que interessa aos adultos. O trabalho eu realizamos com as crianças não é divulgado por *email*, nem mesmo entre as educadoras do mesmo estabelecimento. Isso nós fazemos no nosso dia-a-dia, presencialmente. Nós recebemos e enviamos toda a informação para os docentes por *email*.

Algumas escolas têm o Moodle a funcionar.

Nós temos o Moodle mas não utilizamos entre os docentes, é destinado aos alunos de outros ciclos, mas acho que é utilizado com mais frequência no 2º e no 3º ciclo. Mas temos o site do agrupamento que é onde se pode ler toda a informação necessária que enquadra a educação pré-escolar e todos os outros níveis de ensino do nosso agrupamento. É também aqui que se divulga o jornal com as notícias de todos os jardins-de-infância e de todas as escolas do agrupamento. Normalmente o que é mais específico vem por *email* e os coordenadores têm a responsabilidade de reencaminhar para os seus grupos de docência.

Mudando um pouco de temática, e voltando às crianças e aos modos de divulgação. Consideras que dá a conhecer as aprendizagens que as crianças realizam?

Eu tenho a preocupação de divulgar aos outros que elas vivem aqui experiências, muitas experiências diferentes porque o jardim-de-infância deve proporcionar experiências diferentes, acima

de tudo, experiências lúdicas onde as crianças aprendam com prazer. Portanto se surge o projeto dos pintinhos, o projeto dos pintores, tenho a preocupação de divulgar um pouco de tudo, preocupo-me mais com isso do que com as aprendizagens que acontecem naturalmente neste processo. Há aprendizagem, pois tem que haver aprendizagem, nós temos uma intencionalidade educativa que se foca sempre na aprendizagem das crianças, mas prefiro que quem vê tenha a noção de que tento proporcionar o maior número possível de experiências. Isso para mim é o mais importante. Que percebam que elas estão a ter experiências nos vários domínios, até na música. Em todos os domínios que nós trabalhamos elas estão a fazer aprendizagens, nós promovemos experiências diversificadas e diferentes. Eu acho que o jardim-de-infância é exatamente isso, claro que os pais naturalmente... essa parte é muito fácil, não precisamos de nos preocupar, os pais percebem e identificam muito bem as aprendizagens das crianças, porque os pais também valorizam muito as aprendizagens e dão-nos logo feedback do que as crianças vão aprendendo e muitas vezes questionam-nos acerca do que as crianças contam ou fazem em casa e que é consequência das nossas experiências. Por isso considero que uma das melhores formas de dar a conhecer o que se faz é ter crianças envolvidas, porque sei que são elas que melhor transmitem e dão a conhecer o dia-a-dia e as aprendizagens. O meu objetivo é que as crianças vivam experiências maioritariamente através do jogo porque nos próximos anos, provavelmente, não vão ter oportunidade de viver.

No teu dia-a-dia há uma rotina institucionalizada que tu construístes com as crianças. Achas que os registos permitem perceber essa rotina? Permitem compreender os diferentes tempos?

Não, penso que não! Também porque não tenho tido essa preocupação. Há momentos que não são registáveis, que não são passíveis de divulgação. Refiro-me aos momentos de grande grupo, de planificação, de avaliação, momentos que nós damos tanta importância mas que é difícil dar visibilidade, não têm como ser divulgados, a melhor forma de os divulgar é atribuir-lhes importância e discutir essa importância com todos, com o grupo, com os pais, com a auxiliar. Claro que os pais conhecem a rotina porque eu desde o início que a explico, explico os diferentes momentos de avaliação, de planificação, de brincar, de almoçar, No início do ano os momentos de conversas informais, às vezes de longas conversas, ajudam-me a explicar os nossos dias. Explico-lhes as nossas rotinas para eles perceberem como é que são os horários, o que é importante, que deve haver uma certa pontualidade, embora também se perceba que as crianças nem sempre cheguem logo às 9.00h porque nós estamos num contexto com pais com muitos turnos, é um contexto muito específico e temos todos que ser um pouco flexíveis. Mas eu explico o que acontece, qual é a rotina e a sua importância para que os pais também a consigam entender. Depois também temos dias em que a rotina é completamente aniquilada, porque se cria numa dinâmica diferente. Por exemplo há pouco tempo na semana da leitura, os diferentes grupos foram rodando pelas diferentes salas e a rotina foi completamente alterada, mas isso faz parte do nosso dia-a-dia, temos que ter uma certa regularidade na organização dos tempos, mas também temos que dar espaço à criatividade, à imprevisibilidade para que esta não se torne monótona e isso foi explicado aos pais e não foi através de recados escritos, foi através da observação in loco e de conversas que fomos mantendo.

Tu referiste há pouco que as crianças avaliam e planificam. Não registam?

Os momentos de planificação não são registados! São muito orais e esses eu não registo e portanto, não consigo divulgar. Eu sei que existem instrumentos, mas eu com este grupo não sinto necessidade. Quando são mais novos, sinto, mas com este grupo não. Por exemplo, nós fizemos a planificação para amanhã. Mas ontem surgiu um imprevisto, as crianças pediram e querem se organizar num teatro e portanto tivemos que alterar o que eu tinha planeado e previsto para esta manhã. Então decidimos dedicar um período da manhã para o teatro. Hoje, logo de manhã houve materiais a chegar e eu tenho que ter em conta as propostas das crianças e dar-lhes um espaço para a sua autonomia. Entretanto havia já uma atividade agendada com o grupo de primeiro ano que nos vinha apresentar à biblioteca a história do pé de feijão através da apresentação de *power point* feito pelas crianças. Tivemos que ser flexíveis e reorganizámo-nos e é essencialmente através do que contam em casa que os pais sabem o que se passou. Como já percebeste, é através da oralidade das crianças que muita da divulgação se faz. Mas não é por não ter tempo para registar tudo, é porque acredito que é assim que dever ser e que deve acontecer.

As crianças sabem logo de manhã o que vamos fazer durante o dia, portanto não sinto muita necessidade de escrever o que as crianças vão fazer, a não ser no meu dossier de educadora que é onde guardo toda a informação com as atividades a realizar e realizadas durante os períodos da manhã e da tarde.

Fala-me um pouco sobre esse dossier.

O dossier da educadora é da educadora e está sempre connosco em sala. É e não é um instrumento de divulgação. É porque através dele sabemos tudo o que vai acontecer e o que aconteceu e sabemos também como evoluíram as crianças, mas ao mesmo tempo não é, porque não foi criado com essa intencionalidade. Queremos ter um *dossier* onde, de repente, possamos ver tudo porque tem tudo. Não sei se me fiz compreender. Como te disse é de divulgação, mas não é. Se a direção pedir, nós temos que o entregar. Este ano tivemos uma inspeção que esteve em sala de aula também e pediram-nos os dossiers. Neste dossier temos o projeto curricular com a explicitação de tudo o que se faz, já com as avaliações dos períodos e com toda a documentação geral que, a qualquer momento pode ser consultado, por exemplo, a direção pode pedir para o consultar sempre que queira. Ainda agora pediram o dossier a cada uma de nós para que os inspetores os pudessem consultar e compreender o que andamos a fazer. Mas a direção pode pedi-los por outro motivo qualquer e nós teremos que entregar, ou para avaliação dos docentes, ou porque a direção quer consultar para ver o que se anda a fazer. Mas isto não é muito normal. Geralmente o dossier está connosco na sala e ali fica. Quer dizer por vezes levo-o para as reuniões de departamento e até de estabelecimento, porque está ali tudo, não é? Eu gosto do dossier da educadora porque ajuda a organizar essencialmente o meu trabalho mas também o percurso do grupo de crianças, mas ele exige o dispêndio de muito tempo, existe muita burocracia. Trimestralmente temos que realizar cinco relatórios, muito idênticos entre si, mas são-nos exigidos estes passos todos: Relatório do período letivo; Avaliação do projeto curricular de grupo; Avaliação das atividades/projetos do PAA; Avaliação trimestral do projeto curricular de sala e Avaliação trimestral da CAF. Só os últimos dois é que estão dependentes de impressos do agrupamento. Existe ainda a avaliação trimestral de cada criança que é entregue aos pais numa reunião individual.

As famílias também consultam?

Normalmente não coloco à sua disposição, mas se alguém quiser ver poderá fazê-lo. Os pais sabem que este é um documento que faz parte da minha organização porque logo no início do ano eu mostro o *dossier* e explico como funciona, mas normalmente ninguém se mostra interessado em ler tantos papéis, preferem ver os placares e conversar connosco. Este documento é para utilização interna, mas acima de tudo ele ajuda-me a organizar e a saber o que fizemos e quando o fizemos. A minha colega de sala também o consulta muitas vezes. Claro que uma vez mais é difícil dar conta dos processos. São documentos muito genéricos, planificações, avaliações, relatórios e mais relatórios, mas no fundo acho que no final do ano quando o leio relembro muito do que aqui vivemos e aprendemos. Se calhar tu quando o leres não vais compreender mas eu que vivenciei todas aquelas experiências, eu compreendo e lembro e gosto e o fazer. Gosto mesmo.

Acabaste de falar do projeto curricular do teu grupo. Entendes que aquilo que divulgas vai dando conta do desenvolvimento do projeto?

Não. Eu penso que o que é divulgado dá visibilidade à minha intencionalidade educativa, àquilo que defendo, àquilo que as crianças vão fazendo, às experiências que vou proporcionando às crianças. Consigo divulgar o quanto as experiências são diversificadas, que tipo de aprendizagem fazem, o que estamos a trabalhar também se percebe, claro que apenas aquilo que é possível de perceber como já explicito há pouco. O meu projeto curricular é um mundo, eu tenho lá definido o que tenho como intenção para algumas crianças e isso só é visível ali! Porque no projeto curricular têm que ser perceptíveis as crianças que necessitam de um investimento maior numa ou noutra área, agora os outros pais não necessitam de saber. Os pais da criança sim, e isso está patente no meu projeto curricular. Claro que em cada avaliação de período eu explicito aos pais quais as minhas estratégias e quais as minhas intenções. Portanto, o projeto curricular de grupo tem muito destas informações e das estratégias que eu vou utilizar e muitas das alterações que eu faço em termos de planificação porque

começo a perceber que o grupo não está bem numa determinada área e eu vou ter que a trabalhar mais, vou ter que priorizar ali, vou ter que tomar decisões face ao que tinha planeado inicialmente então o meu projeto refere essa alteração na minha planificação. Mas os pais não sabem, mas eu nas reuniões de avaliação dos períodos explico o meu projeto e o da escola, mas faço-o de uma forma muito genérica porque para os pais o que mais interessa é o que as crianças fizeram e o que aprenderam. É por isso que quando apresento o projeto, levo-o comigo, mas apresento essencialmente as minhas intencionalidades. Eu também gosto de lhes explicar quando as planificações foram alteradas porque isso normalmente acontece quando eu me apercebo que em determinada área, alguns dos conteúdos não foram bem trabalhados.

Como é que organizas a reposição dos registos que divulgas? Quando é que os renovas? Tens critérios pré-estabelecidos? Como fazes?

Os tempos de exposição e de divulgação variam muito. Eu gostaria de os renovar com muito mais frequência do que aquela com que faço. Mas é-me muito difícil porque nós temos milhentas coisas sempre para fazer. Quando eu termino às quinze e trinta e penso vou organizar os placares, nem sempre consigo, chega a ser muito complicado porque surgem outras tarefas para fazer. Normalmente tenho mais preocupação com os registos do hall de entrada do que com os da sala, porque o que é delas é delas e são elas que muitas vezes gerem os placares. Mas esta organização de decidir o que se coloca dentro e fora da sala é difícil. Por vezes elas não querem que eu coloque lá fora, mas também não querem retirar o que está dentro da sala e então tenho que negociar. Às vezes retiro do hall de entrada e elas pedem para voltar a colocar na sala, depende do tipo de trabalho que foi desenvolvido e do envolvimento delas.

No átrio por vezes torna-se difícil porque temos muitos registos e registos diferentes de diferentes salas, então sentimos necessidade de reunir. Nós reunimos muito. Discutimos muitos assuntos entre nós, discutimos e analisamos situações individuais das crianças, mas discutimos acima de tudo o que fazer e como fazer. Planificamos muito em equipa, o atendimento aos encarregados de educação, ... e portanto estamos muitas vezes ocupadas, tem que ser tudo a partir das quinze e trinta e muitas vezes não conseguimos gerir os tempos. Depois ainda existem as outras atividades que temos como as reuniões de departamento, as reuniões de pedagógico, então eu que sou coordenadora de departamento não há reunião em que eu não tenha que participar. Tem sido um ano a correr sempre com reuniões de um lado para o outro e isso acaba por nos retirar muito tempo de organização das atividades. Agora andamos muito aflitas com a organização dos *portfólios* e com a parte final dos *portfólios*, por isso há sempre qualquer coisa que não nos deixa renovar os registos com a frequência que gostaríamos.

O que fazes aos registos quando os retiras?

Normalmente coloco os registos individuais nas gavetas de cada criança. Os registos coletivos, por norma, deixo que sejam as crianças a escolher quem leva para casa, se for um trabalho de pequeno grupo peço a quem participou que decida quem é que leva o trabalho. Às vezes temos livros grandes e painéis gigantes, esses guardamos porque quando temos exposições podemos querer voltar a expô-los, ou reaproveitar para outros trabalhos. Só muito raramente guardamos os trabalhos de ano para ano, mas por vezes isso acontece.

Já falámos sobre os espaços. Como consideras o espaço arquitetónico relativamente a esta temática?

Eu considero que a forma como divulgo está um pouco condicionada pelo espaço físico deste jardim-de-infância. Algumas das salas têm muito pouco espaço para exposição do que construímos. Claro que gostaríamos de ter o dobro do espaço, para nós era muito melhor, mas sobretudo gostaríamos que o espaço de divulgação pudesse estar ao alcance das crianças porque uns estão um pouco altos ou se afasta os móveis e isso também é um risco porque os jogos também têm que estar ao alcance delas. Devíamos ter um espaço que fosse de exposição e em que as paredes estivessem disponíveis para divulgar os trabalhos delas mas não conseguimos! Eu particularmente tenho os espaços muito mais limitados devido aos materiais todos que tenho que ter de apoio à S. [criança com NEE]. São muitos aparelhos que ela tem que utilizar. Como compreendes o espaço é muito limitado e

eu acho que todos os registos deviam estar muito mais baixos, ao nível do olhar da criança do que mais acima como estão. Não quer dizer que elas não façam a leitura, elas fazem-na, mas eu acho que todos deviam estar mais em baixo, por exemplo, no placar das ciências eu noto que elas têm dificuldade em ler o que descobrimos. Não é por isso que deixam de escolher aquela área, mas ...

Achas que o mesmo se passa no espaço exterior?

Claro, tanto no exterior como dentro da sala. Tanto que aquele placar grande e baixo que nós temos no hall de entrada, já o ano passado reparámos, é o placar eleito pelas crianças e é assim porque está adequado ao tamanho delas. É lá que se coloca a exposição de fotografias dos projetos conjuntos porque é o único placar onde elas conseguem mesmo ler, os outros estão todos altos. Quando as crianças estão na fila para ir para o almoço eu observo que elas vão ver as fotografias, todos os dias tocam no que está exposto porque é o único que está ao seu alcance. À exceção deste, todos os placares estão muito altos, até porque têm os cabides que impedem que os placares estejam mais baixos e portanto, nós não temos espaços adequados para a divulgação às crianças. Para as famílias tudo bem, está ótimo. Se reparares aquele placar até bambeia um pouco e não oferece muita segurança, temos que andar sempre a atar os fios para que não caia, mas achamos muito importante por estar mais baixo.

Falas muito das famílias e das crianças. A quem se destinam os registos que divulgas?

Depende, há informação que eu privilegio mais que sejam as crianças a ver. Vou dar-te um exemplo. Na experiência dos ímanes nós colocámos registo ao alcance das crianças com os objetos que atraem e que não atraem presos com Bostik e elas vão lá experimentar. O que eu noto é que quando está junto ao olhar delas, elas vão-se apropriando cada vez mais dos conceitos. Se está ao nível delas, vão comentando e experimentando e vão-nos colocando questões porque a informação continua a estar presente no seu quotidiano e isto é que é importante. Muito mais para as crianças, que para as famílias. Elas necessitam saber o que as crianças andam a fazer e o que estão a aprender, mas chega! Para as crianças não! Elas têm que se apropriar de um conjunto de conceitos que nós queremos que elas se continuem a apropriar e se os registos estiverem ao seu alcance, elas apropriam-se mais facilmente. Se puderem ver, também podem discutir e assim aprender. É por esta razão que quando organizo o espaço tenho em consideração que as crianças possam ler o que lá está, mas infelizmente nesta sala está tudo muito alto, claro que também se apropriam, mas o processo já não é tão natural quanto podia ser e quanto eu gostaria que fosse.

Para além destes registos, tu já me referiste o jornal do agrupamento. Importas-te de me falar um pouco sobre ele?

O jornal é feito na escola sede e tem uma forte ligação aos blogues do jardim-de-infância. É lá que é introduzida a informação. Antigamente dávamos muita importância ao jornal, mas agora deixamos de o fazer porque temos o blogue e os docentes responsáveis pela dinamização do jornal podem ir lá buscar a informação.

Têm algum critério definido acerca da periodicidade do blogue? Como fazem?

Não, o blogue vai sendo construído conforme vamos tendo disponibilidade. Tentamos não deixar arrastar muito porque senão não faz sentido, imagina se vamos colocar informação sobre o dia da família e já passou muito tempo, o que é que tem de oportuno? Nada! Então tentamos não deixar arrastar muito tempo, mas tem muito a ver com a nossa disponibilidade, sem dúvida. A maior parte das vezes colocamos a informação fora da escola, na nossa casa à noite ou aos fins de semana. Mas vamos mantendo porque há projetos que se desenvolvem durante alguns meses como por exemplo o da matemática com o primeiro ano que decorre ao longo do ano. Portanto atualizamos o blogue no primeiro período, depois no segundo e agora atualizamos novamente, ou seja, vai sendo sempre atualizado porque os conteúdos a trabalhar são sempre diferentes.

Ao longo do teu discurso é perceptível que existem vários parceiros importantes neste processo – as crianças, as famílias, a equipa e tu própria. Achas que o papel dos adultos, da equipa é perceptível para os pais?

É! Mas eu só sei o que pensam de nós e o que sabem de nós pelo feedback que os pais me dão quando conversam comigo. Eles percebem perfeitamente o que é importante para mim, o que valorizo

mais. Eles também sabem qual a informação que podem e devem discutir e analisar com a auxiliar e/ou comigo. Pela forma de estar da auxiliar existe uma grande proximidade entre nós, mas se é um assunto que entra mais nas aprendizagens, sei lá, que entra na área pedagógica, ela diz logo aos pais que isso é comigo. E os pais realmente sabem perfeitamente qual é o papel de cada uma de nós.

Claro que este conhecimento que os pais têm de nós não é conseguido só através dos registos expostos, eles têm este conhecimento através da nossa postura, da nossa maneira de ser equipa, da diferenciação de papéis, quer dizer pela diferenciação entre as pessoas, do tempo que passam na sala a olhar e a conversar. Nós somos uma equipa e transmitimos aos pais que podem confiar nas duas ainda que cada uma tenha papéis distintos. Por exemplo, eles abordam-me muito a mim, mais do que à auxiliar, acerca das aprendizagens formais, porque muitos pais estão muito preocupados com a entrada para o primeiro ano, eu não estou muito preocupada com essa etapa, mas os pais estão até porque quando respondem ao questionário inicial de diagnóstico para elaborar o projeto curricular de grupo, de uma forma geral, o que escrevem é que querem que as crianças tenham uma boa preparação para o primeiro ciclo e verifico que as expectativas estão muito centradas nessas aprendizagens. Se eu divulgo atividades que eles consideram que é de preparação para o primeiro ano, normalmente os pais abordam-me no sentido de perceberem como é que o seu filho reagiu àquela atividade, porque para eles aquilo é muito importante. Mas eu estou muito mais preocupada com a questão da oralidade em relação ao percurso de vida de cada uma das crianças, se argumenta. Por exemplo, se não consegue comunicar no grande grupo, para mim é dramático e eu faço um grande investimento nesta área ao longo do ano. O meu grande objetivo é que as crianças consigam dar esse salto, têm que saber argumentar, têm que saber falar, têm que saber queixar-se. Não podem continuar caladas! Para os pais assim que observam uma atividade em que são visíveis as aprendizagens vêm logo falar comigo e querem saber se a criança evoluiu ou não. Mas eu preocupo-me mais em ajudar a criança enfrentar o grande grupo e comunicar no grande grupo, claro que me preocupo com as aprendizagens realizadas, mas interessa-me muito mais a qualidade da comunicação, só que isso não se vê, não é? Eu não consigo registar e comunicar aos pais essas conquistas, consigo mais uma vez mais através da comunicação oral, por isso é que é acho que é tao importante dedicar tempo na relação com os pais. Se pudesse guardar as conversas que tenho diariamente com as crianças, com toda a certeza que o meu trabalho era visível em todas as suas componentes. Claro que isso não acontece, mas tenho a certeza que a maioria das famílias que vem ao jardim-de-infância sabe o que se passa, por isso é que é tão importante nós complementarmos os registos que são divulgados com as conversas diárias e isso eu considero que é muito importante e que faz parte das minhas funções enquanto educadora, aliás faz parte das funções de qualquer educadora.

Eu acho que aquilo que os adultos observam e aquilo que os outros interpretam do que divulgamos por vezes é um pouco diferente quer do que o que se passou e viveu com o grupo, quer do que nos vai na alma, do que o vai na nossa cabeça, mas também é importante que nos digam o que sentem e o que entendem do que observam. Se me fazem questões acerca do que foi aquela atividade, aquele projeto, aquela situação é porque, provavelmente, eu não consegui transmitir muito bem o que aconteceu, então, tento explicar-lhes. Ao longo da minha vida tenho tido sempre o cuidado de explicar aos outros o que divulgo, e o que eu divulgo são as minhas práticas, não é? E eu só consigo explicá-las se refletir sobre elas, porque só assim é que eu evoluo enquanto educadora, só pensando sobre o que fiz é que consigo aprender para melhorar a minha forma de ser educadora.

Eu quando divulgo as atividades desenvolvidas, exponho aquilo que eu acho que foram as atividades. Ou seja, é sempre o meu olhar, o meu entendimento do que aconteceu e eu até posso considerar que está muito bem descrito mas os pais podem não compreender o que foi divulgado.

Mas quando seleccionas uns registos e não outros, a que critérios recorres?

Eu recorro a alguns critérios para selecionar aquilo que divulgo, assim como para organizar os trabalhos, por exemplo, uma criança que tem um desenvolvimento um pouco desfasado dos seus pares, quando eu divulgo os trabalhos, eu só divulgo alguns da mesma situação de aprendizagem, por exemplo uma pintura, se for uma criança que se destaca porque está num nível acima dos seus pares, eu não vou expor o seu trabalho porque ela já não necessita, ela já se evidencia por si só. Se for uma criança que se destaca por estar muito distanciada, num nível inferior ao dos seus pares, eu vou selecionar uma onde ela teve uma concretização melhor. Acho que este critério estimula as crianças e a

sua autoestima e acho que os pais também percebem isso e conseguem compreender que entre o que se divulga existem diferenças, mas tento evidenciar as diferenças pela positiva.

É interessante observar aqui na tua sala a diversidade de registos e de conteúdos que são abordados e eu não sei se tu tens muito essa consciência.

Nós não conseguimos ter a perceção de tudo. Passamos intensamente pelos processos mas acho que descuramos um pouco a avaliação. Não por acharmos que ela não é importante, mas no nosso dia-a-dia temos pouco tempo para pensar sobre estes assuntos, dedicamos muito pouco tempo para pensar sobre estes assuntos e nas reuniões de equipa temos sempre tantas questões para resolver que às vezes as mais importantes e que são as questões pedagógicas, entre elas a avaliação, ficam para segundo plano. Acho que isto tem que se mudado, mas não sei bem como fazer.

Há pouco referiste que não estás muito preocupada com as aprendizagens. Importas-te de explicitar melhor...

De preparação para o primeiro ano, não! Agora com a preparação ao longo da vida, os valores... eu não me centro apenas nas aprendizagens do grafismo, da contagem. Claro que as colegas do primeiro ano estão muito preocupadas com essas aprendizagens mas ... eu preocupo-me com a oralidade, com aquela criança que ainda não consegue falar no grande grupo, porque estas aprendizagens são fundamentais não apenas para um primeiro ano mas para todo um percurso escolar, todo um percurso ao longo da vida, a questão dos valores, a questão de compreender e aceitar a apreciação do outro. Uma criança que consiga perceber o que é o não, que consiga perceber que nem sempre temos sucesso, que consiga enfrentar as suas próprias dificuldades, começa a sentir-se mais forte e isto é extremamente importante não apenas para primeiro ano, mas para o resto da escolaridade, para o resto da sua vida. É nessas aprendizagens que eu acho que temos que ter os maiores cuidados e é a eles que mais me dedico, é importante que a criança se sinta segura, porque eu acho que muito rapidamente vão deixar de sentir segurança. Não é deixar de sentir segurança. Muito depressa elas vão deixar de ter colo, vão deixar de serem cuidadas. E isso preocupa-me muito! Quem está nestes contextos percebe isso e com toda a boa vontade que as colegas têm e com todo o cuidado que as colegas têm, mas depois torna-se difícil porque uma criança tem que ser capaz de, quando se magoar, fazer uma ferida, vir ter com uma auxiliar, procurar ajuda, não ficar aflita, saber resolver as situações. Há coisas que me preocupam muito porque depois quer que todas consigam enfrentar os novos desafios com segurança, por exemplo, quero que todas consigam comer sozinhas, que adquiram hábitos na refeição porque depois vão estar muito mais sozinhos e isso preocupa-me muito e esse tipo de preparação para um primeiro ano, esse sim, esse preocupa-me. Elas têm que ser pessoas fortes, estruturadas, quero que sejam muito fortes, quero que todos os andaimes estejam bem montados para que a construção seja segura, sem problemas de maior. E isto não é assim tão fácil porque vão estar muito mais entregues a si próprias. Eu sei que isto faz parte do crescimento. Não podemos andar com as crianças sempre muito protegidas, realmente têm que passar algumas etapas mais sozinhas. Preocupo-me muito com a autonomia e muitas vezes falo com os pais sobre isso, mas isso também é uma coisa que eu não posso colocar no placar e divulgar, mas falo muito nas reuniões e dou-lhes exemplos para que compreendam que há pequenas atitudes que podem alterar a forma de integração das crianças, por exemplo em vez de subir a rampa para o jardim-de-infância ao colo dos pais, podem vir ao lado dos pais, porque muitas vezes estas crianças ainda vêm ao colo, continuam a beber o biberão de manhã antes de vir para a escola, a dormir com a mãe e com o pai. Tudo isto me incomoda um pouco, porque... é certo que afeto é afeto e colo é colo, mas tudo o que possa atrasar na maturidade, tudo o que possa vir afetar em termos emocionais a criança é preocupante e eu acho que cada vez mais estamos um pouco a ter esta tendência e aqui nós sentimos isso muito, porque muitos destes pais têm os horários desfasados, depois o tipo de atenção passa muito por recompensar as crianças e não é necessário uma criança dormir todos os dias com a mãe, não é benéfico, com certeza, nem para o casamento, nem para a estrutura da criança, nem em termos emocionais para ninguém e nós temos que as deixar crescer. E há aqui pais e mães que resistem um pouco ao crescimento. Todos estes aspetos me preocupam muito mais do que as aprendizagens formais porque acho que se nós estimularmos as crianças, e nós aqui estimulamos muito, em termos de capacidade de raciocínio, de resolução de situações problemáticas, de texto, da oralidade, sei lá, de tantos aspetos fundamentais para o desenvolvimento das crianças, elas vão, no futuro, com toda a certeza, ser pessoas com sucesso.

Muitas vezes o que os pais valorizam são as aprendizagens formais “Então Sara, até dez o meu filho conta bem? Está tudo bem?”. Claro que eu também tenho essa preocupação, eu sei que as orientações curriculares apontam nessa direção e claro que eu estou aqui e trabalho essas competências, mas para mim, essas não são as competências fundamentais, para os pais talvez sejam, mas eu preocupo-me muito mais, porque vejo, por exemplo, que este pai preocupa-se com o dez, todas as competências relacionadas com o dez e acho legítimo que os pais estejam preocupados com essas competências, mas depois descuram outras competências fundamentais como seja a autonomia, a independência. Preocupo-me em fomentar situações onde emocionalmente a criança crie resistência à frustração, onde lide com as suas dificuldades numa série de competências. O meu papel também é o de ajudar essencialmente os pais a compreenderem que esta formação vai influenciar, e muito, as aprendizagens. Acima de tudo pretendo promover situações que lhes permitam contactar com aprendizagens não formais que são tão ou mais importantes que as aprendizagens formais, no seu desenvolvimento e para toda a vida. Nós conseguimos ver a criança mais neste equilíbrio total! Mas os pais aqui preocupam-se muito com as aprendizagens! Muito! Preocupam-se mesmo muito, mas eu acho que damos algumas seguranças aos pais. Penso que conseguimos transmitir que as crianças estão a aprender, que estão a fazer aprendizagens, que está tudo a correr bem, porque os pais não nos pressionam muito, normalmente não nos questionam muito, portanto, é porque essa mensagem, de alguma forma, mais ou menos atualizada com a divulgação que é feita na sala deve estar a ser feita, porque os comentários dos pais revelam que eles têm consciência, pelo menos alguns, do que as crianças vão aprendendo. Acho que se tornou evidente que se os pais nos transmitem estas questões é porque as conhecem. Parece-me que efetivamente eu divulgo as aprendizagens formais nos espaços de divulgação. Acho que não tinha essa consciência, mas agora que refleti sobre isso, ficou claro na minha cabeça que de algum modo eu divulgo as aprendizagens das crianças e os pais têm acesso a elas.

Pegando no que acabaste de falar, gostaria de colocar ainda mais uma questão. Em que medida é que os processos de divulgação têm influência, ou não, no teu desenvolvimento profissional?

Tem tido muita influência! Claro que não me refiro apenas à divulgação dos registos gráficos, escritos ... quando me dirijo aos pais, dirijo-me para divulgar, mas não só. Quando estou com eles tenho que tentar perceber as suas angústias, as suas expectativas. É impossível o meu crescimento pessoal não se ligar ao profissional. Ao nível do que são as atuais exigências, eu tenho agora novos desafios que há vinte e oito anos atrás eu não tinha, nem há dez anos atrás. Estas exigências obrigam-me a contactar com novos públicos, novos parceiros, obrigam-me a pesquisar e a ter que falar com outros e a nível profissional a cada dia que passa eu sinto que tenho que me readaptar às novas questões. Por exemplo eu agora como educadora vou ter que mudar algumas coisas, como mãe também, como pessoa. Porque todas as nossas experiências se refletem na nossa vida pessoal. Por vezes tem que parar tudo no jardim-de-infância. Pára tudo o que se estava a fazer e ficamos ali (em equipa) a discutir imenso tempo! Mas isto tem que ser feito!

Mas o que me perguntaste não era bem isto!

Vou tentar ligar o meu desenvolvimento profissional aos processos de divulgação.

Eu acho que o meu desenvolvimento profissional está ligado a toda a minha experiência como educadora e como pessoa. Por exemplo, quando eu seleciono os trabalhos do que se fez, quando planifico o que fazer estou a desenvolver-me profissionalmente. Nós temos que investigar, temos que pensar, temos que colaborar. O ato de divulgar é em si mesmo um ato de desenvolvimento profissional. Eu quando decido o que vou divulgar, o cuidado que tenho que ter na forma como vou divulgar, a forma como vou escrever, a forma como vou expor, todo este processo me conduz ao crescimento profissional e até a uma certa maturidade do que é que dou mais importância...

O facto de teres participado nesta investigação. O facto de eu ter entrado e saído do espaço... são dois anos de recolha da informação. Consideras que a tua participação nesta investigação teve alguma influência na forma como hoje registas?

Claro que nós quando pensamos que estão outros olhos profissionais a olhar, redobramos a nossa atenção e aguçamos o nosso olhar sobre as nossas práticas. Eu e todas nós aqui no jardim-de-infância, passámos a olhar mais para aquilo que quotidianamente divulgamos. Eu por acaso acho este teu

trabalho de investigação muito interessante e importante. Até aqui não tínhamos dado tanto importância à divulgação como damos agora, isso sem dúvida. Agora damos ainda mais importância! Porque sempre divulgámos, mas agora a nossa atenção foi redobrada e damos-lhe mais atenção! Melhor, agora temos mais consciência. Acho que todo o tempo que passaste aqui e as questões que foste colocando fizeram-nos refletir. Tomámos consciência de que temos que melhorar algumas coisas. Uma das coisas que gostaríamos de melhorar em termos de divulgação é dar visibilidade àquilo que não é visível, às situações de jogo e até de brincadeira livre. O que divulgamos no placar é o resultado final, mas para quem lê não é perceptível o que já foi feito em termos de jogo ou de brincadeiras.

Um aspeto que gostaria que explicitasses tem a ver com o facto de, nos teus modos de divulgação, não encontrar registos fotográficos divulgados. No entanto eu sei, porque observei, que é um recurso a que recorres muito nos *power points*, no *CD* que ofereces às famílias.

Sim, eu dou a um *CD* a cada família com as fotos todas do ano. O *CD* depois é colocado no *portfólio*, mas há pais que preferem que eu coloque na *pen* e isso, para além de facilitar, reduz os custos.

Agora que colocas a questão...

Não sei bem, nunca ponderámos muito essa questão. Nenhuma das três educadoras, por acaso, existe essa tendência. Sabes que imprimir as fotografias não nos fica barato. Eu por acaso agora num trabalho de arte consegui colocar algumas fotos das crianças a realizar as atividades. Há um aspeto importante, quando recorro às fotografias, coloco-as sempre no placar que está ao alcance das crianças.

Achas então que está ligado à questão financeira.

Acho que nós aqui no jardim não damos muita importância à fotografia. Eu normalmente valorizo mais os registos das crianças. A fotografia capta um momento, efetivamente no blogue vê-se o que a criança está a fazer e não apenas o que fez. Mas também acho que não basta para dar conta do processo. Não sei se é assim tão importante. Para elas é! Já percebi que para as crianças é uma coisa que adoram! E que se sentem valorizadas, talvez porque ali na fotografia são elas mesmas, são elas a fazer e na produção está apenas o que elas fizeram. Depois também quando recorremos ao registo fotográfico, temos que ter todos os cuidados. Todas as crianças têm que estar. Se eu coloco os trabalhos delas, elas já sabem que é só de algumas, mas mesmo assim, se for necessário retiro uma produção e coloco outra. Se forem fotografias já não é assim. A fotografia tem que estar tudo de todos porque senão... temos que ter o cuidado de registar de todos, mas realmente não imprimimos muitas fotografias. A questão económica também é aqui importante, é verdade! Mas se calhar como educadoras nós atribuímos essa relevância. Provavelmente, não!

Efetivamente agora que penso, eu quando chego aos outros jardins-de-infância vejo muita exposição de fotografia, mas vejo muitos registos do carnaval e não acho que seja interessante, é uma coisa que não... o que é que nos diz? Às vezes nem foram elas que escolheram os fatos, não sei se será assim tão importante. Agora haverá aqui momentos, há determinadas atividades que são diferentes, por exemplo, a atividade em que as crianças participaram numa gincana com carros a pedais! Nessa situação gostei de ter a exposição! Elas estão tão divertidas nas fotografias. As fotografias falavam por elas, estavam tão divertidas que a exposição mostrou a atividade em si. Era mesmo muito divertido! Acho que isso nós fazemos, relativamente aos outros trabalhos mais rotineiros, não o fazemos. Só mesmo em situações muito específicas, por exemplo, este ano imprimir as fotografias de todo o projeto da matemática: as crianças a saltar, a pular, a fazerem bolinhas... aí sim, aí de conta do processo, porque escrevi as legendas ao lado para que se consigam perceber as noções trabalhadas em cada jogo. Fosse o que fosse. Estava lá ao lado o que se trabalhou e como. E depois vê-se as crianças a realizarem o jogo ou a atividade. No projeto da arte as fotografias também mostram as crianças a pintarem, visualizam-se as várias técnicas, Agora já tivemos um segundo momento da matemática, de língua portuguesa também relativamente ao projeto dos livros conjuntamente com o primeiro ano. Nas fotografias é possível ver crianças do primeiro ano a lerem para as crianças do jardim-de-infância. Acho que fazemos uma ou duas exposições por período, não é uma estratégia frequente. Portanto as exposições não têm apenas fotografias, também divulgamos os registos e os conteúdos abordados.

Na sala apresentamos o *power point* com as situações vividas e com a apresentação dos conteúdos que trabalhamos, mas depois no *portfólio* as famílias vão ver os registos organizados. Por exemplo vão

ver uma ficha com três cubos mais três cubos em cima, claro que vai lá a legendagem, nós temos sempre que fazer a legendagem: Tomar o ponto de vista do outro, ou localizar. Tem a ver com a geometria. Claro que para o pai aquilo não é uma ficha de matemática, os pais ficariam muito mais satisfeitos se vissem uma ficha em que os filhos têm que registar que dois mais dois é igual a quatro ou coisa do género. Mas essas fichas não vão no *portfólio*, não vão porque não as fazem. Porque o tipo de registo que nós fazemos depois de uma situação de jogo é simples, mas significativo para a criança, mas para o pai não vai ser nada visível. Claro que vai lá estar o enunciado, mas se calhar, o pai não vai conseguir interpretá-lo nem compreender a importância que teve e vai ver o quê no desenho da criança? - Folhas de um lado, bolinhas do outro, carrinhos do outro ... num trabalho de matemática pode nem sequer ver os números, agora, se tiver três carrinhos e o número três, talvez os pais já percebam. Mas os pais não vão ver isso. Mas efetivamente elas tiveram a fazer contagens e nós só quisemos... qual foi o nosso objetivo? Como é que a criança representa na folha de papel, ou perante uma situação que estratégia utilizou na folha? Como é que ela a representa? O nosso objetivo é diferente. Claro que para o pai esta estratégia também não vai ser totalmente visível, mas nós nas reuniões alertamos para este facto, ou seja, explicitamos que não vão ter um *portfólio* com fichas, vão ter produtos realizados a partir de situações que proporcionamos, são momentos de representação que têm um grande significado para a criança.

Sara muito obrigada pela entrevista e pelo tempo que disponibilizaste a toda a minha investigação.

De nada, dispõe sempre, eu estou sempre disposta a aprender e volto a dizer-te, aprendi muito contigo, as tuas vindas ao jardim-de-infância levantavam-me sempre novas questões! Eu aprendi muito, agora vamos ver se eu consigo ser melhor educadora do que sou. Espero que sim!

Apêndice 11

Grelhas de análise de conteúdo das entrevistas

TEMA: Concepções de divulgação		
Categorias de análise	Subcategorias de análise	Exemplos de asserções das entrevistadas
Princípios	Centralidade das crianças	<i>eu recorro à voz das crianças através dos meus escritos, no fundo eu escrevo a ação pela voz das crianças e claro pela minha também, porque eu também dou a minha contribuição, eu também estou lá, naquilo que vivemos e por fim naquilo que escrevo (EI Inês, EE)</i>
	Organização da informação	<i>a forma como se expõe, em termos do sentido estético, torna o espaço em que nos encontramos mais agradável e isso também é importante, porque ajuda a desenvolver essa competência a que as crianças são até bastante sensíveis (EI Anita, EE).</i>
	Visibilidade das práticas pedagógicas	<i>contar aos outros o que fazemos e o que sentimos [...] no fundo a sala funciona como um espelho, um espelho do nosso trabalho, das nossas relações, das nossas recordações e dos nossos bons momentos! [...] refiro-me às crianças e a nós adultos, porque nós também fazemos muitas coisas e essas coisas para nós são importantes (EI Cristina, EE).</i>
Finalidades	Avaliação das práticas pedagógicas	<i>antes de divulgar, discutimos o que queremos que os outros vejam e é com base nessa discussão que decidimos o que vamos divulgar e de quem são os trabalhos a divulgar (EI Catarina, EE).</i>
	Explicitação dos processos de aprendizagem	<i>dar a conhecer as aprendizagens das crianças e, acima de tudo, pretendo mostrar as várias vertentes das aprendizagens para que quem lê o que foi feito, compreenda o que foi feito (EI Sara, EP).</i>
	Guardar memória	<i>Tenho alguma dificuldade em me desfazer dos registos porque eles podem vir a ser ainda necessários e podem mesmo vir a ser muito úteis no desenvolvimento de alguns projetos (EI Cristina, EP).</i>
	Valorização pessoal e profissional	<i>para mim é importante que valorizem o que fazemos, ao valorizarem o nosso trabalho, também me sinto valorizada, competente com o que faço [...] é muito importante ouvir os outros, saber o que pensam de mim, do meu trabalho! (EI Anita, EP).</i>

TEMA: Parcerias no âmbito dos processos de divulgação		
Categorias de análise	Subcategorias de análise	Exemplos de asserções das entrevistas
Modalidades de parceria	Divulgar com a comunidade educativa	<i>Aquilo que se divulga resulta do contributo de todos, especialmente da equipa e das crianças, mas as famílias por vezes também ajudam</i> (EI Sara, EP).
	Divulgar para a comunidade educativa	<i>quando digo todos refiro-me às crianças, às colegas, às famílias, a todas as pessoas que por aqui passam todos os dias</i> (EI Catarina, EE).

TEMA: Estratégias e meios de divulgação		
Categorias de análise	Subcategorias de análise	Exemplos de asserções das entrevistas
Espaços de divulgação	Princípios organizativos dos espaços de divulgação	<i>como e onde podemos expor, em colaboração com o grupo decidimos onde podemos colocar os nossos trabalhos. A organização de todo o espaço é negociado por nós e aqui inclui-se o espaço de exposição dos materiais</i> (EI Inês, EE).
	Tipos de espaços	<i>divulgamos nas paredes, no teto, nas mesas, no chão, nos móveis e em tudo o que tu vês em teu redor</i> (EI Cristina, EE).
Tipos de registo	Registos escritos	<i>escrevemos quase tudo o que se expõe na sala e elas [as crianças] cada vez são mais competentes nessa área, aliás são mais competentes que eu e ajudam-me muito. Eu escrevo e elas copiam e é também uma forma de desenvolver alguns dos conceitos de literacia delas</i> (EI Anita, EE).
	Registos pictográficos	<i>Se observares bem os nossos móveis estão relacionados com as áreas que exploramos. O que ali está pendurado não é apenas para decoração, eu tenho como objetivo que ao olharem, ao observarem o que ali está pendurado as pessoas tomem contacto e percebam algumas das aprendizagens que o grupo vai realizando. Por exemplo, a capacidade de inventar</i> (EI Cristina, EE).
	Portfólios	<i>o meu grande objetivo ao construir os portfólios é divulgar aos pais o que se fez ao longo do ano, mas acima de tudo, tentar dar forma às aprendizagens das crianças porque algumas, muitas das atividades que desenvolvemos apenas são visíveis no portfólio e eu quero muito que os pais as vejam e tenho conhecimento delas, por isso é que também escrevo, não coloco apenas os trabalhos das crianças.</i> <i>Eu acho que, para além das aprendizagens, também é possível os pais compreenderem o que fomos fazendo, os projetos que fomos desenvolvendo, de alguma maneira, estão lá. Parece-me que o que não é muito visível é a mudança de estratégias que</i>

		<i>vamos tendo ao longo do ano, ou seja, o portfólio mostra os trabalhos finais, é como os arquitetos, as plantas apenas mostram as telas finais e até à sua conclusão existiram muitas outras mas que não se vêm no final (EI Anita, EP).</i>
	TIC	<i>quero que todos os parceiros entrem na nossa instituição e as novas tecnologias deixam-nos entrar virtualmente, portanto considero as TIC como mais uma forma diferente, mas importante de divulgar o que fazemos (EI Inês, EE).</i>
	Dossier das educadoras	<i>é da educadora e está sempre connosco em sala. É e não é um instrumento de divulgação. É porque através dele sabemos tudo o que vai acontecer e o que aconteceu e sabemos também como evoluíram as crianças, mas ao mesmo tempo não é, porque não foi criado com essa intencionalidade. Queremos ter um dossier onde, de repente, possamos ver tudo porque tem tudo (EI Sara, EP).</i>
Modalidades de divulgação	Explicitação do dia-a-dia	<i>ao longo do dia-a-dia comunicamos de muitas formas, nalgumas situações o olhar funciona como um excelente elemento de comunicação mas a explicitação do que divulgo é muito importante, dedico muito do meu tempo às famílias, falamos do que fizemos mas dou-lhes também espaço para colocarem questões e para falarem do que se passa fora do espaço do jardim-de-infância, deste modo eu divulgo de forma direta o que fazemos e o que aprendemos e as famílias divulgam também o seu dia-a-dia (EI Sara, EP).</i>
	Avaliação das modalidades de divulgação	<i>umas vezes avalio sozinha, outras avalio com as crianças ou com a auxiliar e [...] até os pais participam [...]. Somos nós que mais refletimos sobre o que divulgamos, muitas vezes damos por nós a discutir com as crianças o que fizeram e por vezes até vamos chamar as colegas da sala ao lado para que elas possam partilhar aqueles momentos connosco e que possam ver o quanto elas são competentes! (EE).</i>

TEMA: Divulgação e desenvolvimento profissional		
Categorias de análise	Subcategorias de análise	Exemplos de asserções das entrevistas
Concepções de desenvolvimento profissional	Princípios da prática pedagógica	<i>é na articulação de todos os meus princípios que eu construo a minha prática e que depois penso sobre ela e que defino o meu projeto curricular com as crianças, [...] depois cruço também com as coisas que eu vou aprendendo e sabendo o que anda a ser produzido pelo mundo fora, as novas teorias educativas, o que se vai investigando e publicando, tento portanto estar a par das novas informações e depois vou cruzando com aquilo que é mais institucional, com o projeto educativo do agrupamento que também se deve cruzar com o meu, [...] com o da colega que trabalha aqui comigo e com quem desenvolvo muito trabalho em parceria (EI Inês, EE).</i>
	Aprender com e pela experiência	<i>o desenvolvimento profissional está ligado a toda a minha experiência como educadora e como pessoa (EI Sara, EP).</i>
	Aprender ao longo da vida	<i>muito importante e tem-me acompanhado ao longo da minha profissão, desde a minha formação inicial à educadora que hoje sou. [...] acho que nas nossas salas devem existir muitos cartazes, muito texto, muitos placares com informação organizada [...] Divulgar faz parte de mim, acho que faz parte de qualquer educadora é como se ato estivesse agarrado a nós, mesmo quando não temos essa consciência ele acompanha-nos. Todos os dias da nossa vida, [...] Nós não vivemos sem a divulgação e todos os dias crescemos com ela, [...] divulgar é crescer e ajudar a crescer (EI Cristina, EP).</i>

Apêndice 12

Caracterização das equipas pedagógicas: educadoras de infância e assistentes operacionais

EDUCADORAS DE INFÂNCIA

Sala e nome fictícios	<p>EB1/JI AE A Sala 1 - EI Anita; Sala 2 - EI Inês</p> <p>EB1/JI AE B Sala 3 – EI Sara; Sala 4 - EI Catarina</p> <p>EB1/JI AE C Sala 5 - EI Cristina</p>
Idade	<p>EB1/JI AE A 53 Anos - EI Anita; 52 Anos - EI Inês</p> <p>EB1/JI AE B 49 Anos - EI Sara; 43 Anos - EI Catarina</p> <p>EB1/JI AE C 45 Anos - EI Cristina</p>
Habilitações académicas	<p>EB1/JI AE A EI Anita Bacharelato em Educação de Infância Complemento de formação – Área de especialização: Educação de Infância</p> <p>EI Inês Bacharelato em Educação de Infância Complemento de formação – Área de especialização: 1ª Infância</p> <p>EB1/JI AE B EI Sara Bacharelato em Educação de Infância Complemento de formação – Área de especialização: 1ª Infância</p> <p>EI Catarina Licenciatura em Educação de Infância</p> <p>EB1/JI AE C EI Cristina Bacharelato em Educação de Infância Diploma de Estudos Especializados, na área da gestão Pedagógica e Administração Mestrado em Estudos sobre as Mulheres</p>

Outras qualificações relevantes para a função educativa

EB1/JI AE A, B e C

Outra formação/habilitações certificadas

EB1/JI AE A

EI Anita

-Tecnologias de informação e comunicação em ambientes de Educação de Infância

- Operacionalização das OCEPE no âmbito da Matemática e da Linguagem Oral e abordagem à escrita

- Despertar para a ciência - atividades dos 3 aos 6 anos

EI Inês

- Projeto Desenvolvendo a Qualidade em Parcerias - Formação de Formadores

Novembro de 2010 a Fevereiro de 2011 - 108 horas

- Ensino e Aprendizagem com TIC na Educação Pré-escolar e 1º ciclo do Ensino Básico

Outubro de 2010 - 15horas

- Participação nos Encontros mensais do Grupo de Trabalho da APEI sobre avaliação na Educação de Infância - Ano letivo 2009/2010

- Despertar para a Ciência – Atividades dos 3 aos 6 anos – Formação de Educadores

Abril e Maio de 2010 – 30 horas

- À Descoberta da Beira-mar - Maio 2010 – 7horas

- Operacionalização das OCEPE no âmbito da operacionalização das OCEPE no âmbito da matemática e da linguagem oral e abordagem à escrita - Março a Maio de 2008 – 50horas

- A Função de coordenação do Processo de Avaliação do Desempenho Docente - Junho de 2008 – 15horas

- Avaliação do Desempenho Docente e Supervisão Pedagógica - Julho de 2008 – 22,5horas

- As Dinâmicas Organizacionais da Escola e o Modelo de Avaliação do Desempenho Docente - Setembro de 2008 – 15horas

EB1/JI AE B

EI Sara

2011- Formação de Formadores – Desenvolvendo a Qualidade em Parcerias promovida pela DGIDC – ESE.

2010 - Ensino e aprendizagem com TIC na educação pré-escolar e 1º ciclo do ensino básico.

2008 – Oficina de Formação de Formadores “Despertar para a Ciência - atividades dos 3 aos 6 anos” promovida pela Direcção - Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular, com a duração de 15 horas presenciais, acrescidas de 15 horas de trabalho autónomo em regime intensivo – Aveiro;

2008 - “Operacionalização das OCEPE no âmbito da Matemática e da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita” promovida pela Direcção - Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular com a duração de 25 horas presenciais, acrescidas de 25 horas de trabalho autónomo - Escola Superior de Educação de Setúbal;

2007- “ A Utilização das TIC nos Processos de Ensino – Aprendizagem” com a duração de 25 horas presenciais, acrescidas de 25 horas de trabalho autónomo - CFAE S. Sebastião;

2003 – “ Oficinas de Matemática” com a duração de 25 horas presenciais - CFAE Montijo e Alcochete;

1999 – “ As Áreas de Conteúdo das Orientações Curriculares para a Educação Pré – Escolar ” com a duração de 50 horas

1998 – “ Orientações Curriculares para a Educação Pré – Escolar, com a duração de 38 horas - CFEB1/JI AE Arrábida;

1998 – “A Educação Estética e a Expressão Plástica no Jardim de Infância” num total de 25 horas. – Centro de Formação da APEI;

1996 -“Iniciação às Metodologias e Técnicas de Trabalho na Escola Moderna”, com a carga horária de 20 horas;

EI Catarina

- Tecnologias de informação e comunicação em ambientes de Educação de Infância

- Formação de Formadores – Desenvolvendo a Qualidade em Parcerias (Projeto DQP).

- Operacionalização das OCEPE no âmbito da Matemática e da Linguagem Oral e abordagem à escrita

- Despertar para a ciência - atividades dos 3 aos 6 anos

EB1/JI AE C

EI Cristina

Formação no MEM núcleo de Setúbal desde 2006: oficina; estágio e grupo cooperativo - conselho de grupo; participação em sábados Pedagógicos e congresso em Lisboa e Porto

Formação sobre matemática - APEI

Gestão das emoções em contexto educativo - Centro de Formação das escolas da Moita

Participação no Encontro - Educadores pela Paz

Anos de serviço na área da educação

EB1/JI AE A

30 Anos - EI Anita; 30 Anos - EI Inês

EB1/JI AE B

26 Anos - EI Sara; 22 anos - EI Catarina

EB1/JI AE C

25 Anos - EI Cristina

Anos de serviço no estabelecimento	<p>EB1/JI AE A 10 Anos - EI Anita, 10 Anos - EI Inês</p> <p>EB1/JI AE B 5 Anos - EI Sara; 3 anos - EI Catarina</p> <p>EB1/JI AE C 5 Anos - EI Cristina</p>
Anos de serviço na área da educação pré-escolar por sector	<p>EB1/JI AE A EI Anita Rede pública – 15 anos Rede solidária – 15 anos Nota: De 1998-2002 4 anos exerceu funções nos apoios educativos EI Inês Rede pública – 23 anos Rede solidária – 7 anos</p> <p>EB1/JI AE B EI Sara Rede pública – 25 anos Rede solidária – 1 ano Nota: Durante 10 anos desenvolveu a sua atividade numa IPSS em destacamento EI Catarina Rede pública – 11 anos Rede solidária – 8 anos Exerceu funções 2 anos em Creche e 1 ano em ATL</p> <p>EB1/JI AE C EI Cristina Rede pública – 13 anos Rede solidária – 12 anos Exerceu funções 7 anos no Instituto das Comunidades Educativas como Coordenadora de projetos de Educação de Infância Itinerante; Projeto das Escolas Rurais e Toxicodependência</p>
Funções desempenhadas	<p>EB1/JI AE A EI Anita Educadora de infância titular do grupo de 25 crianças Representante do Pré-Escolar no Conselho Geral do Agrupamento</p> <p>EI Inês Educadora de infância titular do grupo de 25 crianças Coordenadora do Departamento do Pré-Escolar no agrupamento</p> <p>EB1/JI AE B</p>

	<p>EI Sara</p> <p>Educadora de infância titular do grupo de 20 crianças</p> <p>Coordenadora do Departamento do Pré-Escolar no agrupamento</p> <p>EI Catarina</p> <p>Educadora de infância responsável por um grupo de 20 crianças</p> <p>Como não pertença ao quadro de escola QE, ou seja, porque pertença ao Quadro de Zona Pedagógica QZP não posso assumir nenhum cargo de gestão pedagógica no agrupamento. No entanto, quando existem reuniões sobrepostas sou eu que substituo a colega que é titular.</p> <p>EB1/JI AE C</p> <p>EI Cristina</p> <p>Educadora de infância titular de grupo</p>
<p>Componente não-letiva</p> <p>Como é utilizada</p>	<p>EB1/JI AE A</p> <p>EI Anita</p> <p>2 Horas semanais</p> <p>Conversa de explicitação: <i>As horas não letivas semanais são utilizadas, à 2ª feira, no trabalho com as assistentes operacionais que desempenham funções na componente de apoio à família: planificação e avaliação do trabalho a desenvolver.</i></p> <p>EI Inês</p> <p>2 Horas semanais</p> <p>Conversa de explicitação: Diariamente a educadora permanece no estabelecimento cerca de duas horas 15:00-17:30 para elaborar alguns registos, para planificar com a outra educadora do estabelecimento e com a assistente operacional da sua sala, planificando e avaliando o trabalho a desenvolver com as crianças, para preparar material para o desenvolvimento das atividades, pesquisa na internet, ... para atualizar os registos das paredes, dos portfólios, ...</p> <p>EB1/JI AE B</p> <p>EI Sara</p> <p>Conversa de explicitação: A CAF é supervisionada pela equipa do pré-escolar – a planificação e a avaliação é da responsabilidade da equipa.</p> <p>A educadora está dispensada de assegurar a componente não letiva devido ao facto de exercer funções de coordenação do departamento de Pré-Escolar no agrupamento, no entanto, com frequência permanece no estabelecimento cerca de duas horas 15:00-17:00 para supervisão da componente de apoio à família; reunir com técnicos e encarregados de educação das crianças; para reunir com as assistentes operacionais e ainda reunir com a coordenadora de estabelecimento.</p> <p>Para além destas reuniões, participa nas reuniões de conselho pedagógico, da Comissão de Avaliação de Desempenho Docente CCAD e nas reuniões de articulação curricular, coordena as reuniões de departamento.</p> <p>EI Catarina</p> <p>Conversa de explicitação: Diariamente permanece no estabelecimento cerca de duas horas 15:30-17:30 para receber as famílias que não podem vir no horário de atendimento; para mudar os placares, organizar os trabalhos que realizamos ao longo do dia, para organizar os <i>Portfólios</i>, para organizar a sala para as atividades a desenvolver no dia seguinte, aproveita ainda para</p>

	organizar os registos das observações, ... EB1/JI AE C EI Cristina 2 Horas semanais – 4ª feira das 15:30 às 17:30. É utilizada na organização de documentos, na realização de reuniões, na elaboração de atas.
Horário da componente letiva	EB1/JI AE A Período da manhã: 9:00 – 12:00 Período da tarde: 13:00 – 15:00 EB1/JI AE B e C Período da manhã: 9:00 – 12:00 Período da tarde: 13:30 – 15:30
Horário da componente de apoio à família	EB1/JI AE A 8:30 – 9:00 - Acolhimento 12:00 – 13:00 – Almoços 15:00 – 18.30: – Desenvolvimento de atividades EB1/JI AE B 8:15 – 9:00 - Acolhimento 12:00 – 13:30 – Almoços 15:30 – 18.30: – Desenvolvimento de atividades
Data de recolha da informação	EB1/JI AE A EI Anita - 22 de março de 2011 EI Inês - 22 de março de 2011 EB1/JI AE B EI Sara - 1 de abril de 2011 EI Catarina - 29 de março de 2011 EB1/JI AE C EI Cristina - 22 de abril de 2011
Técnica de recolha da informação	EB1/JI AE A EI Anita - Entrevista / conversa informal EI Inês - Entrevista / conversa informal EB1/JI AE B EI Sara - Entrevista / conversa informal EI Catarina - Entrevista / conversa informal EB1/JI AE C EI Cristina - Entrevista / conversa informal
Duração	EB1/JI AE A EI Anita - 30 min EI Inês - 30 min EB1/JI AE B EI Sara - 30 min EI Catarina - 30 min EB1/JI AE C EI Cristina - 30 min

ASSITENTES OPERACIONAIS

Sala e nome fictícios	<p>EB1/JI AE A Sala 1 – AO Maria (Autarquia); Sala 2 – AO Aurora (Autarquia)</p> <p>EB1/JI AE B Sala 3 – AO Marinela (Autarquia); Sala 4 – AO Bernardete (Ministério da Educação) / AO Filipa (Autarquia)</p> <p>EB1/JI AE C Sala 5 – AO Isabel (Autarquia)</p>
Idade	<p>EB1/JI AE A 29 Anos - AO Maria; 51 Anos - AO Aurora</p> <p>EB1/JI AE B 47 Anos - AO Marinela; 45 Anos - AO Bernardete / 27 Anos AO - Filipa</p> <p>EB1/JI AE C 40 Anos - AO Isabel</p>
Habilitações académicas	<p>EB1/JI AE A AO Maria 12º Ano AO Aurora 12º Ano</p> <p>EB1/JI AE B AO Marinela 11º Ano AO Bernardete 12º ano</p> <p>AO Filipa 12º ano</p> <p>EB1/JI AE C AO Isabel 12º Ano</p>
Outras qualificações relevantes para a função educativa	<p>EB1/JI AE A AO Maria Curso profissional de Técnica da ação educativa AO Aurora</p> <p>Formações no âmbito das funções que tem desempenhado nas diferentes instituições - realizadas por diferentes instituições, IPSS e Câmara Municipal de Setúbal CMS</p> <p>EB1/JI AE B</p>

	<p>AO Marinela</p> <p>Formações no âmbito das funções que tem desempenhado nas diferentes instituições – promovidas pelas entidades empregadoras. Refere que “nem sempre são as que mais necessitamos</p> <p>AO Bernardete</p> <p>Formações no âmbito das funções que tem desempenhado nas diferentes instituições - realizadas pelo agrupamento de escolas Ministério da Educação - como só existe uma assistente operacional a exercer funções na educação pré-escolar, a formação realizada não é específica para esta área, normalmente, integra as formações destinadas ao grupo de assistente operacionais do ensino básico 1º e 2º ciclos</p> <p>EB1/JI AE C</p> <p>AO Isabel</p> <p>Está a frequentar a Licenciatura em Educação Básica para ingressar no Mestrado em Educação Pré-Escolar</p>
Outra formação/habilitações certificadas	<p>EB1/JI AE A e B</p> <p>----</p> <p>EB1/JI AE C</p> <p>AO Isabel</p> <p>Formações no âmbito das funções que tem desempenhado nas diferentes instituições – promovidas pela autarquia: Socorrismo, Organização escolar, Jogos – formações na área da educação desenvolvidas durante o período das férias de Verão</p>
Anos de serviço na área da educação	<p>EB1/JI AE A</p> <p>9 Anos - AO Maria; 27 Anos - AO Aurora</p> <p>EB1/JI AE B</p> <p>27 Anos - AO Marinela; 22 anos - AO Bernardete / 2 anos - AO Filipa</p> <p>EB1/JI AE C</p> <p>9 Anos AO Isabel</p>
Anos de serviço no estabelecimento	<p>EB1/JI AE A</p> <p>6 Anos - AO Maria, 6 Anos - AO Aurora</p> <p>EB1/JI AE B</p> <p>4 Anos - AO Marinela; 21 anos - AO Bernardete / 1 ano - AO Filipa</p> <p>EB1/JI AE C</p> <p>1 Ano - AO Isabel</p>
Anos de serviço na área da educação pré-escolar por sector	<p>EB1/JI AE A</p> <p>AO Maria</p> <p>Rede pública – 6 anos</p> <p>Rede solidária – 3 anos</p> <p>Nota: Apoio a crianças com Necessidade Educativas Especiais</p>

AO Aurora
Rede pública – 10 anos
Rede solidária – 17 anos
Exerceu funções 3 anos em Creche

EB1/JI AE B

AO Marinela
Rede pública – 14 anos
Rede solidária – 13 anos

Nota: Durante 1 ano desenvolveu a sua atividade em Creche

AO Bernardete
Rede pública – 21 anos
Rede solidária – 1 anos

Exerceu funções em Creche

AO Filipa
Rede pública: 2 anos

EB1/JI AE C

AO Isabel
Rede pública – 9 anos

**Funções
desempenhadas**

EB1/JI AE A

AO Maria
Conversa de explicitação:
Limpar o espaço da sala
Apoiar o desenvolvimento do trabalho com as crianças em colaboração com a educadora
Apoiar nos momentos de higiene, almoços, lanches
Apoiar o tempo de recreio
Trabalhar em equipa
Desenvolver atividades com as crianças

AO Aurora
Conversa de explicitação:
Limpar o espaço da sala
Apoiar o desenvolvimento do trabalho com as crianças em colaboração com a educadora
Apoiar nos momentos de higiene, almoços, lanches
Apoiar o tempo de recreio
Trabalhar em equipa
Desenvolver atividades com as crianças

EB1/JI AE B

AO Marinela
Conversa de explicitação:
Limpar o espaço da sala
Apoiar a educadora no desenvolvimento das atividades de sala durante o tempo letivo
Apoiar nos momentos de almoços
Organização da sala
Rever materiais e assegurar que estão em boas condições de utilização e de

segurança para as crianças afiar lápis, ver se os jogos estão completos, ...
Participar em reuniões informais, quase diárias, com a educadora da sala
Reuniões formais, de quinze em quinze dias, com as três educadoras do estabelecimento:

- Análise de situações
- Propostas de atividades

AO Bernardete

Conversa de explicitação:

Limpar o espaço da sala

Apoiar a educadora no desenvolvimento de projetos de sala com as crianças

Apoiar nos momentos de almoços

Reuniões informais, quase diárias, com a educadora da sala

Reuniões formais, de quinze em quinze dias, com as três educadoras do estabelecimento para apresentação das planificação, para obtermos informações sobre as saídas a realizar, para sabermos quais as atividades. Se quisermos podemos dar a nossa opinião, estas reuniões são essencialmente para sabermos o que vai acontecer.

AO Filipa

Conversa de explicitação:

Limpar a sala

Apoiar a educadora no desenvolvimento das atividades do grupo

Apoiar os almoços

Organizar a sala

Participar em reuniões

EB1/JI AE C

AO Isabel

Conversa de explicitação:

Limpar e organizar a sala de atividades

Apoiar a educadora no desenvolvimento das atividades de sala durante o tempo letivo

Apoiar nos momentos de almoços

Observações

EB1/JI AE A

AO Aurora

Conversa de explicitação:

A minha experiência neste estabelecimento tem sido marcante na minha experiência de vida profissional – se um dia escrevesse um livro, este período da minha vida entraria com toda a certeza nas minhas memórias. Tenho aprendido muito sobre a autonomia das crianças, a responsabilidade. Trabalhar com esta educadora tem-me permitido crescer!

EB1/JI AE B

AO Marinela

Conversa de explicitação:

Por vezes proponho desafios porque existe uma grande abertura, por parte da educadora da sala, para eu propor e para intervir. Considero que existe cumplicidade e respeito naquilo que é a posição da auxiliar e da educadora de infância, dentro da sala, com as famílias e com as crianças. Normalmente estou atenta aos pormenores e depois discuto-os com a educadora e isso faz com que a nossa cumplicidade esteja cada vez mais forte.

	<p>Gosto muito de estar aqui! Existe um grande respeito, o tempo de escuta quer às crianças, quer a mim própria é muito importante para mim, faz-me sentir valorizada.</p> <p>AO Bernardete Conversa de explicitação: Não existe discriminação entre as funções do pessoal auxiliar e das educadoras de infância. Se a minha opinião for relevante, assumem-na como importante. A gestão dos placares é realizada pelas educadoras de infância, pode acontecer ser eu, mas são situações muito raras. Considero que é assim que acontece por uma questão de organização do trabalho uma vez que a educadora organiza os placares depois das horas não letivas e é quando eu estou a limpar a sala.</p>
Data de recolha da informação	<p>EB1/JI AE A AO Maria - 3 de novembro de 2011 AO Aurora - 22 de março de 2011</p> <p>EB1/JI AE B AO Marinela - 1 de abril de 2011 AO Bernardete - 1 de abril de 2011 AO Filipa - 10 de novembro de 2011</p> <p>EB1/JI AE C AO Isabel – 22 de abril de 2011</p>
Técnica de recolha da informação	<p>EB1/JI AE A AO Maria - Conversa Informal AO Aurora - Conversa Informal</p> <p>EB1/JI AE B AO Marinela - Conversa informal AO Bernardete - Conversa Informal AO Filipa - Conversa Informal</p> <p>EB1/JI AE C AO Isabel - Conversa Informal</p>
Duração	<p>EB1/JI AE A AO Maria - 25 min AO Aurora - 25 min</p> <p>EB1/JI AE B AO Marinela - 15 min AO Bernardete - 15 min AO Filipa - 15 min</p> <p>EB1/JI AE C AO Isabel - 25 min</p>

Apêndice 13

Páginas constituintes dos *sites* dos AE A, B e C

Páginas constituintes do *síte* do AE A

Gestão e Administração - Conselho Geral; Direção; Conselho Pedagógico; Conselho Administrativo

Estrutura e Orientação Educativa - Departamentos Curriculares; Diretores de Turma; Conselho de Representantes dos EE; Associação dos Delegados de Turma.

Documentos orientadores - Regulamento Interno; Projeto Educativo; Plano Anual de Atividades; Projeto Curricular do Agrupamento; Avaliação de Desempenho Docente; Estatuto do aluno

Visita virtual à escola sede

Contactos – Escola sede: telefone, fax e *email*

Professores – Reuniões; Formação; Avaliação de desempenho (o acesso aos conteúdos destas páginas requer validação)

Alunos – Provas finais; Matrículas; Matriz de exames; Desporto escolar; Visitas de estudo; Avaliações turmas e horários; Manuais escolares; Testes intermédios – em cada uma destas páginas estão publicadas a calendarização das provas e as informações necessárias ao seu desenvolvimento, bem como as notas por período letivo.

Agrupamento – Estão identificadas as seis escolas do agrupamento

Matrículas – informações necessárias ao processo de matrícula dos alunos

Serviços – Serviços administrativos (o acesso aos conteúdos destas páginas requer validação); ASE - impressos a serem utilizados; Educação Especial o acesso aos conteúdos destas páginas requer validação); EPIS – esta associação definiu sua missão principal a educação fazendo da promoção da inclusão social em Portugal o seu principal objetivo. Neste sentido desenvolve ações nas escolas do AE A; SPO o acesso aos conteúdos destas páginas requer validação).

Ligações úteis: Moodle do agrupamento; GAVE – Exames e provas; CRIA AE A – Centro de recursos integrados da escola sede do AE A; Ementa semanal; ME; LER+ - PNL; TIC Setúbal – Centro de Recursos para a Educação Especial; DRELVT; ANQEP; DGAE; Fotos do projeto "Setúbal Mais Bonita"

Notícias - Alunos da turma 3ªA da Escola 2 foram ao mercado; Contrato para horário do grupo 200 (História e Geografia de Portugal) a concurso de escola; Natal na Escola 3; Atividade "cantar as janeiras"; Escola Sede participa em torneio de xadrez; Nota Informativa Avaliação de Desempenho Docente e Requerimento para recuperação da classificação obtida nas aulas assistidas nos ciclos anteriores; Feira de cores e sabores de Natal (Exemplos de algumas notícias publicadas nos anos letivos 2010-2011, 2011-2012 – estes exemplos foram retirados do separador Arquivo).

Fonte: *Síte* do AE A (Consultados a 11 de abril de 2014)

Páginas constituintes do *site* do AE B

Sobre... - Breve apresentação do AE B desde a constituição

Órgãos – Conselho Geral; Comissão perante do Conselho Geral; Direção; Conselho Pedagógico; Coordenação de Estabelecimento

Agrupamento – Identificação e descrição de todas as escolas que constituem o AE B

Projetos – Plano de Matemática; Ler+; Projeto Português Língua Não Materna. (Exemplos de alguns publicados nos anos letivos 2010-2011, 2011-2012 – estes exemplos foram retirados do separador Arquivo).

Associação de Pais – Não existe nenhuma publicação.

Comunicação – Galeria de imagens; Jornal e Rádio.

Parcerias – Estão identificadas as Principais Parcerias - Câmara Municipal de Setúbal; Associação de Pais; Fundação Luís Figo; Ciência Viva; Autoridade para as Condições de Trabalho; IIEFP de Setúbal; Centro Jovem Tabor; ESE de Setúbal; Faculdade Católica; Faculdade de Ciências e Tecnologia (Exemplos de algumas parceiras publicadas nos anos letivos 2010-2011, 2011-2012 – estes exemplos foram retirados do separador Arquivo).

Contactos – Estão identificados os contactos via telefone, faz e *email* apenas da escola sede.

Notícias (Notícias recentes) - Corta-Mato; Novidades do PNL; Momentos com a autora E. Projeto Escola Eletrão; Centenário da República; Lista de colocação de alunos; Caça aos asteroides; Ano Internacional da Química; Plano de melhoria; Visita da presidente da CMS (Exemplos de algumas notícias publicadas nos anos letivos 2010-2011, 2011-2012 – estes exemplos foram retirados do separador Arquivo).

Docentes (Área de Educadores) – Departamentos (estão identificados os nomes dos coordenadores de cada um dos sete departamentos); Educação Especial (estão identificados os serviços de educação especial; o SPO (serviço de psicologia e orientação) com a identificação dos serviços prestados e das modalidades de Educação e Formação do ensino secundário); Comissão de Coordenação de Avaliação de Desempenho; Coordenadores de Projetos/Serviços – Exemplos de alguns projetos referidos – Educação para a Saúde; Laboratório de Línguas; Desporto escolar; Página Web; Identificação dos representantes dos grupos de recrutamento dos grupos, do coordenador dos Diretores de Turma e do coordenador da Autoavaliação; Ofertas educativas – seriação de concursos e horários atribuídos; Plataforma Moodle; Ordens de serviço/Notas informativas; Legislação – Ligações do Portal da Educação para consulta de legislação; Direção de turma – 2º ciclo, 3º ciclo, Secundário, CEF/PIEF.

Alunos (Área de alunos) – Horários; Avaliação de alunos; Ofertas educativas para alunos; Atividades; Ementa/refeitório; Descargas; Jogos – esta informação destina-se aos alunos a partir do 5º ano.

Documentos (Documentação diversa) – Direção de turma; Pré-escolar; Primeiro ciclo; 2º e 3º ciclo; Outros documentos.

Serviços (Escola Sede) – SEAE; Serviços administrativos; SASE; Reprografia; Papelaria; Ementa/Refeitório; Bar.

Descargas (Modelos) – Direção de turma; Exercício da docência; Serviços administrativos; Avaliação de desempenho.

Biblioteca escolar – Estão identificados os BE/CRES do AE B e projetos que já decorreram e os que se encontram a decorrer.

Informações gerais - Avaliação dos alunos (consulta das notas por período letivo); Desenvolvimento do plano de melhoria; Concursos e Ofertas Educativas para docentes; Avaliação de Desempenho; Ementa semanal; Manuais escolares; Ordens de serviço – Notas informativas; Legislação; Galeria de fotos.

Fonte: *Site* do AE B (Consultados a 11 de abril de 2014)

Páginas constituintes do *site* do AE C

Apresentação... - Breve apresentação da localidade, da freguesia, do agrupamento e da escola sede

Notícias em destaque – Oferta de escola; Semana da leitura; Formação de docentes; Ajuda o Dia internacional das crianças vítimas de agressão; Informação aos EE – devolução de manuais escolares – alunos com ASE (Exemplos de algumas notícias publicadas nos anos letivos 2010-2011, 2011-2012 – estes exemplos foram retirados do separador Arquivo).

Oferta formativa – Cursos científicos-humanísticos; Cursos Profissionais e CEF

Organização

Órgãos – Em cada um dos seguintes órgãos estão identificados os membros que os compõem bem como os regulamentos que os regem: Conselho Geral; Administração e Gestão; Conselho Administrativo; Conselho Pedagógico; Departamentos (seis departamentos); Associação de Pais (está publicado um *link* que remete para a página da associação); Associação de Estudantes; Organigrama

SPO - O que é o SPO; Principais competências; Quem pode recorrer; Contactos.

Observatório de Qualidade – Estão publicados os relatórios do observatório.

Formação interna – Publicação de ações de formação para docentes e assistentes

Avaliação interna e Avaliação externa – Na avaliação interna estão publicadas as estatísticas por ciclo de ensino e na avaliação externa não existe nenhuma publicação.

Projetos/Atividades – Projeto Green Cork; TecMat - As Tecnologias na Aprendizagem da Matemática e das Ciências Experimentais; 14ª Edição da Semana da Física - Instituto Superior Técnico de Lisboa; Exposição fotográfica, DIA "Girls in ICT" - Dia Internacional das Jovens nas Tecnologias de Informação e Comunicação; Projeto Eco-Escolas (Exemplos de alguns publicados nos anos letivos 2010-2011, 2011-2012 – estes exemplos foram retirados do separador Arquivo).

Documentos - Documentos Internos: Regime de Funcionamento do AE C por ano letivo (Critérios para a constituição das turmas, distribuição do serviço docente, elaboração e organização dos horários das crianças, alunos e docentes); Projeto Educativo do Agrupamento 2012-2015; Regulamento Interno do AE A; Projetos Curriculares das Escolas do AE C; Modelos/Impressos (Visitas de estudo); Legislação - Cursos Científico-Humanísticos; Cursos Profissionais; Cursos Educação e Formação; Critérios de Avaliação: Pré-Escolar; 1º Ciclo do Ensino Básico; 2º Ciclo do Ensino Básico; 3º Ciclo do Ensino Básico; Percurso Curricular Alternativo do 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico; Ensino Secundário.

Informações gerais – Exames; Manuais Escolares; Calendário Escolar; Horários; Diretores de Curso; Diretores de Turma; Equipa PTE; Gabinete de Apoio ao Aluno; Serviços-Horários.

Ligações úteis – Moodle da nossa escola; Blog da BE; Jornal da escola; BE's do agrupamento; PESES; Eco-Escolas; Desporto escolar; Clube da Proteção Civil; Secção Europeia de Língua Francesa; Ementa da Semana

Fonte: *Site* do AE C (Consultados a 11 de abril de 2014)